PAMELLA KAREN COSTA DO NASCIMENTO

CATÁLOGO DE ESPÉCIES FLORESTAIS DA MATA CILIAR DO RIO ACRE

RIO BRANCO
2019

PAMELLA KAREN COSTA DO NASCIMENTO

CATÁLOGO DE ESPÉCIES FLORESTAIS DA MATA CILIAR DO RIO ACRE

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia Florestal, Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, como parte das exigências para obtenção do título de Engenheira Florestal.

Orientador: MSc. Raul Vargas Torrico

RIO BRANCO
2019

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

N244c Nascimento, Pamella Karen Costa do, 1995-
Catálogo de espécies florestais da mata ciliar do Rio Acre / Pamella Karen Costa do Nascimento; orientador: Msc. Raul Vargas Torrico. – 2019.
248 f.: il.; 30 cm.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Curso de Engenharia Florestal. Rio Branco, 2019.
Inclui referências bibliográficas e anexos.

1. Amazônia. 2. Mata ciliar. 3. Rio Acre. I. Torrico, Raul Vargas, (orientador). II. Título.

CDD: 631

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA NATUREZA
GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL

Defesa de Monografia

Ata 417/2019

Aos vinte e sete dias do mês de junho do ano de dois mil e dezenove, nas dependências do Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, Campus Rio Branco, realizou-se a Defesa de Monografia, intitulada **"CATÁLOGO DE ESPÉCIES FLORESTAIS DA MATA CILIAR DO RIO ACRE"**, perante a Banca Examinadora composta por **Luís Augusto Mesquita de Azevedo (Primeiro Examinador), Ecio Rodrigues da Silva (Segundo Examinador) e Raul Vargas Torrico (Terceiro Examinador e Orientador)**, conforme estabelecido no regulamento do Curso, que deliberou pela aprovação da acadêmica, **Pamella Karen Costa do Nascimento**, com nota 10 (Dez).

Luís Augusto Mesquita de Azevedo
Engenheiro Florestal, Prof. Dr. CCBN/UFAC
(Primeiro Examinador)

Ecio Rodrigues da Silva
Engenheiro Florestal, Prof. Dr. CCBN/UFAC
(Segundo Examinador)

Raul Vargas Torrico
Engenheiro Agrônomo, M.Sc. / IMC
(Terceiro Examinador e Orientador)

Rio Branco-AC, 27 de junho de 2019.

À Deus, por me manter firme, e
aos meus pais, pelo enorme apoio
e auxílio durante essa caminhada.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus por ser essencial em minha vida.

Aos meus pais Angelita Augusta C. do Nascimento e Antonio Rodrigues do Nascimento, por cuidarem de mim lá de Sena Madureira (minha cidade natal) e por terem me sustentando de todas as formas. Obrigada pelo esforço, paciência e apoio imensurável durante essa trajetória na minha graduação.

Ás minhas queridas amigas Larissa Matos e Rayelle Bona, que vieram de Sena Madureira comigo, tornando-se minha família por um tempo. Obrigada pelos conselhos e pelos anos de amizade meninas.

Ao INCRA, com ênfase ao setor de Titulação (SR-14), por ter sido a minha segunda casa no período em que estagiei lá e aos amigos que fiz naquela autarquia, Marta Ribeiro, Andressa Thays, Dilma Gomes, Antonio Marreiros, além das chefes Lúcia Ávila e Francisca Holanda. Vocês me ajudaram muito no meu crescimento pessoal. Obrigada!

Ao IMC e seus colaboradores, pelos desafios proporcionados durante o período do também estágio.

Aos meus amigos de caminhada Mª Thaismara, Gleison Rafael, Laira Gadelha, Luciana Martellet, Roberta Rocha, Nataly Hara, Melrili Souza, entre outros, pela companhia e por serem bons amigos.

Ao meu orientador, Raul Vargas Torrico, pelas devidas orientações, cruciais para a conclusão deste trabalho.

Ao professor Ecio Rodrigues, pelo apoio e incentivo para a realização desse trabalho.

Ao Projeto Ciliar Só-Rio Acre, por permitir que eu contribuísse um pouco através do meu trabalho de conclusão de curso nesse projeto tão importante para o Acre.

À Engenharia Florestal, pela oportunidade. Aos professores, pelos conhecimentos transmitidos em suas disciplinas.

Enfim, a todos aqueles que entraram e saíram da minha vida durante esse percurso e que colaboraram direta ou indiretamente na realização desse sonho, só tenho a agradecer.

“Ninguém conhece as suas próprias capacidades enquanto não as colocar à prova".

Públio Siro

RESUMO

O rio Acre vem sofrendo modificações em sua margem, em maior ou menor grau nos municípios de Assis Brasil, Brasiléia, Epitaciolândia, Xapurí, Capixaba, Senador Guiomard, Rio Branco e Porto Acre. Contribuir para reverter o quadro de degradação da mata ciliar e rio é o propósito primordial e o que justificou esse estudo, que catalogou e descreveu coeficientes técnicos visando a produção de sementes para 85 espécies florestais nativas da mata ciliar do rio Acre, afim de subsidiar projetos de restauração florestal. O acervo literário e fotográfico utilizado para o cumprimento do propósito do trabalho, incluiu livros e manuais técnicos, além da confecção de mapas de distribuição das espécies, por meio do software Qgis 3.4. Os resultados principais apontaram que dentre as 90 espécies, 46 apresentaram todas as informações propostas, correspondendo a 51,1% do catálogo, enquanto que 39 espécies apresentaram somente parte das informações necessárias, sendo necessário buscar dados adicionais sobre o gênero botânico e similaridade. Essas correspondem a 43,3% do catálogo. Outras 5 espécies restantes, não apresentaram quaisquer informações suficientes na literatura, tanto para a espécie, quanto para o seu gênero e foram excluídas do catálogo. As dificuldades encontradas no levantamento de informações botânicas sobre as espécies demonstram a carência de estudos relacionados à catalogação e descrição das espécies, com potencial para produção de sementes e restauração da mata ciliar.

Palavras chave: Amazônia, Mata ciliar, Rio Acre, Produção de Sementes.

ABSTRACT

The Acre River has undergone changes in its margin, to a greater or lesser extent in the municipalities of Assis Brasil, Brasiléia, Epitaciolândia, Xapurí, Capixaba, Senador Guiomard, Rio Branco and Porto Acre. Contributing to the reversal of the degradation of riparian forest and river is the primary purpose and justification of this study, which cataloged and described technical coefficients for the production of seeds for 85 native forest species of the Acre river ciliary to support projects of forest restoration. The literary and photographic collection used to fulfill the purpose of the work included books and technical manuals, as well as the preparation of distribution maps of the species, using Qgis 3.4 software. The main results indicated that among the 90 species, 46 presented all the information proposed, corresponding to 51.1% of the catalog, while 39 species presented only part of the necessary information, being necessary to seek additional data about the botanical genus and similarity. These correspond to 43.3% of the catalog. Another 5 remaining species did not present sufficient information in the literature, both for the species and for its genus and were excluded from the catalog. The difficulties encountered in the collection of botanical information on the species show the lack of studies related to the cataloging and description of the species, with potential for seed production and restoration of the riparian forest.

Key words: Amazon, Riparian Forest, Acre River, Seed Production.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Trecho crítico para restauração florestal em Assis Brasil..... 42
FIGURA 2: Trecho crítico para restauração florestal em Brasiléia..... 43
FIGURA 3: Trecho crítico para restauração florestal em Capixaba..... 44
FIGURA 4: Trecho crítico para restauração florestal em Epitaciolândia..... 46
FIGURA 5: Trecho crítico para restauração florestal em Porto Acre..... 47
FIGURA 6: Trecho crítico para restauração florestal em Xapuri..... 48
FIGURA 7: Trecho crítico para restauração florestal em Rio Branco e Senador Guiomard..... 50
FIGURA 8: Árvore de *A.giganteum*..... 63
FIGURA 9: Pseudofruto de *A. giganteum*..... 63
FIGURA 10: Castanha de *A. giganteum*..... 63
FIGURA 11: Flor de *A. giganteum*..... 63
FIGURA 12: Ramos de *A. giganteum*..... 64
FIGURA 13: Exsicata das folhas e frutos de *A. giganteum*..... 64
FIGURA 14: Localização do *A. giganteum* no Estado do Acre..... 64
FIGURA 15: Árvore de *A. lecointei*..... 65
FIGURA 16: Fruto de *Astronium* sp..... 65
FIGURA 17: Semente de *Astronium* sp..... 65
FIGURA 18: Inflorescência de *Astronium* sp..... 65
FIGURA 19: Muda de *A. lecointei*..... 66
FIGURA 20: Exsicata das folhas de *A. lecointei*..... 66
FIGURA 21: Localização do *A. lecointei* no Estado do Acre..... 66
FIGURA 22: Árvore de *S. lutea*..... 67
FIGURA 23: Frutos de *S. lutea*..... 67
FIGURA 24: Sementes de *S. lutea*..... 67
FIGURA 25: Inflorescência de *S. lutea*..... 67
FIGURA 26: Ramo com folhas e inflorescência de *S. lutea*..... 68
FIGURA 27: Exsicata das folhas de *S. lutea*..... 68
FIGURA 28: Localização da *S. lutea* no Estado do Acre..... 68
FIGURA 29: Árvore de *S. mombin*..... 69
FIGURA 30: Frutos de *S. mombin*..... 69

FIGURA 31: Sementes de *S. mombin*..... 69
FIGURA 32: Inflorescência de *S. mombin*..... 69
FIGURA 33: Ramos com frutos de *S. mombin*..... 70
FIGURA 34: Exsicata das folhas e inflorescência de *S. mombin*..... 70
FIGURA 35: Localização da *S. mombin* no Estado do Acre..... 70
FIGURA 36: Árvore de *Spondias* sp..... 71
FIGURA 37: Fruto de S. *testudinis*..... 71
FIGURA 38: Semente de *Spondias* sp..... 71
FIGURA 39: Inflorescência de *Spondias* sp..... 71
FIGURA 40: Muda de *Spondias* sp..... 72
FIGURA 41: Exsicata das folhas de S. *testudinis*..... 72
FIGURA 42: Localização da S. *testudinis* no Estado do Acre..... 72
FIGURA 43: Árvore de *T. guianensis*..... 73
FIGURA 44: Frutos de *T. guianensis*..... 73
FIGURA 45: Sementes de *T. guianensis.*..... 73
FIGURA 46: Inflorescência de *T. guianensis*..... 73
FIGURA 47: Ramo de *T. guianensis*..... 74
FIGURA 48: Exsicata das folhas e inflorescência de *T. guianensis*..... 74
FIGURA 49: Localização da *T. guianensis* no Estado do Acre..... 74
FIGURA 50: Árvore de *Rollinia* sp..... 75
FIGURA 51: Frutos de *A. exsucca*..... 75
FIGURA 52: Sementes de Rollinia sp..... 75
FIGURA 53: Flor de *A. exsucca*..... 75
FIGURA 54: Ramos com folhas de *A. exsucca*..... 76
FIGURA 55: Exsicata das folhas e flores de *R. exsucca*..... 76
FIGURA 56: Localização da *R. exsucca* no Estado do Acre..... 76
FIGURA 57: Árvore de *A. parvifolium*..... 77
FIGURA 58: Frutos de *A. parvifolium.*..... 77
FIGURA 59: Semente de *A. vargasii*..... 77
FIGURA 60: Inflorescência de *A. parvifolium*..... 77
FIGURA 61: Ramo com folhas, frutos e sementes de *A. parvifolium*..... 78
FIGURA 62: Exsicata das folhas e inflorescência de *A. vargasii*..... 78
FIGURA 63: Localização da *A. vargasii* no Estado do Acre..... 78

FIGURA 64: Árvore de *Tabernaemontana* sp..... 79
FIGURA 65: Fruto de *Tabernaemontana* sp..... 79
FIGURA 66 Sementes de *Tabernaemontana* sp..... 79
FIGURA 67: Flor de *T. siphilitica*..... 79
FIGURA 68: Folhas de *T. siphilitica*..... 80
FIGURA 69: Exsicata das folhas e sementes de *T. siphilitica*..... 80
FIGURA 70: Localização do *Tabernaemontana* sp. no Estado do Acre..... 80
FIGURA 71: Arvore de *D. morototoni*..... 81
FIGURA 72: Frutos de *D. morototoni*..... 81
FIGURA 73: Sementes de *D. morototoni*..... 81
FIGURA 74: Inflorescência de *D. morototoni*..... 81
FIGURA 75: Ramo de *D. morototoni*..... 82
FIGURA 76: Exsicata das folhas e inflorescência de *D. morototoni*..... 82
FIGURA 77: Localização do *D. morototoni* no Estado do Acre..... 82
FIGURA 78: Palmeira de *A. murumuru*..... 83
FIGURA 79: Cacho com frutos de *A. murumuru*..... 83
FIGURA 80: Semente de *A. murumuru*..... 83
FIGURA 81: Inflorescência de *A. murumuru*..... 83
FIGURA 82: Muda de *A. murumuru*..... 84
FIGURA 83: Exsicata da folha de *A. murumuru*..... 84
FIGURA 84: Localização do *A. murumuru* no Estado do Acre..... 84
FIGURA 85: Palmeira de *A. butyracea*..... 85
FIGURA 86: Fruto de *A. butyracea*..... 85
FIGURA 87: Semente de *A. butyracea*..... 85
FIGURA 88: Inflorescência de *A. butyracea*..... 85
FIGURA 89: Produção de mudas de *A. butyracea*..... 86
FIGURA 90: Exsicata das folhas de *A. butyracea*..... 86
FIGURA 91: Localização da *A. butyraceae* no Estado do Acre..... 86
FIGURA 92: Palmeira de *A. phalerata*..... 87
FIGURA 93: Frutos de *A. phalerata*..... 87
FIGURA 94: Sementes após escarificação de *A. phalerata*..... 87
FIGURA 95: Inflorescência de *Attalea* sp..... 87
FIGURA 96: Produção de mudas de *A. phalerata*..... 88

FIGURA 97: Exsicata da folha de *A. phalerata*..... 88
FIGURA 98: Localização da *A. phalerata* no Estado do Acre..... 88
FIGURA 99: Palmeiras de *C. prunifera*..... 89
FIGURA 100: Frutos de *C. prunifera*..... 89
FIGURA 101: Sementes de *C. prunifera*..... 89
FIGURA 102: Inflorescência de *C. prunifera*..... 89
FIGURA 103: Produção de mudas de *C. prunifera*..... 90
FIGURA 104: Exsicata da folha e sementes de *C. prunifera*..... 90
FIGURA 105: Localização da *C. prunifera* no Estado do Acre..... 90
FIGURA 106: Palmeira de *E. precatoria*..... 91
FIGURA 107: Frutos de *E. precatoria*..... 91
FIGURA 108: Sementes de *E. precatoria*..... 91
FIGURA 109: Inflorescência de *E. precatoria*..... 91
FIGURA 110: Muda de *E. precatoria*..... 92
FIGURA 111: Exsicata da folha e frutos de *E. precatoria*..... 92
FIGURA 112: Localização da *E. precatoria* no Estado do Acre..... 92
FIGURA 113: Palmeira de *M. maripa*..... 93
FIGURA 114: Frutos de *M. maripa*..... 93
FIGURA 115: Sementes de *M. maripa*..... 93
FIGURA 116: Inflorescência de *M. maripa*..... 93
FIGURA 117: Folha de *M. maripa*..... 94
FIGURA 118: Exsicata da inflorescência de *M. maripa*..... 94
FIGURA 119: Localização da *M. maripa* no Estado do Acre..... 94
FIGURA 120: Palmeira de *P. macrocarpa*..... 95
FIGURA 121: Frutos de *P. macrocarpa*..... 95
FIGURA 122: Sementes de *P. macrocarpa*..... 95
FIGURA 123: Inflorescência de *P. macrocarpa*..... 95
FIGURA 124: Muda de *P. macrocarpa*..... 96
FIGURA 125: Exsicata da folha de *P. macrocarpa*..... 96
FIGURA 126: Localização do *P. macrocarpa* no Estado do Acre..... 96
FIGURA 127: Palmeira de *S. exorrhiza*..... 97
FIGURA 128: Frutos de *S. exorrhiza*..... 97
FIGURA 129: Sementes de *S. exorrhiza*..... 97

FIGURA 130: Inflorescência de *S. exorrhiza*..... 97
FIGURA 131: Muda de *S. exorrhiza*..... 98
FIGURA 132: Exsicata da folha de *S. exorrhiza*..... 98
FIGURA 133: Localização da *S. exorrhiza* no Estado do Acre..... 98
FIGURA 134: Árvore de *T. heptaphylla*..... 99
FIGURA 135: Frutos de *T. heptaphylla*..... 99
FIGURA 136: Sementes de *T. heptaphylla*..... 99
FIGURA 137: Flores de *T. heptaphylla*..... 99
FIGURA 138: Folhas de *T. heptaphylla*..... 100
FIGURA 139: Exsicata das folhas e flores e *T. heptaphylla*..... 100
FIGURA 140: Localização da *T. heptaphylla* no Estado do Acre..... 100
FIGURA 141: Árvore de *C. pentandra*..... 101
FIGURA 142: Frutos de *C. pentandra*..... 101
FIGURA 143: Sementes de *C. pentandra*..... 101
FIGURA 144: Inflorescência de *C. pentandra*..... 101
FIGURA 145: Produção de mudas de *C. pentandra*..... 102
FIGURA 146: Exsicata das folhas e inflorescência de *C. pentandra*..... 102
FIGURA 147: Localização da *C. pentandra* no Estado do Acre..... 102
FIGURA 147: Árvore de *C. samauma*..... 103
FIGURA 149: Frutos de *C. samauma*..... 103
FIGURA 150: Sementes de *C. samauma*..... 103
FIGURA 151: Flor de *C. samauma*..... 103
FIGURA 152: Galho de *Ceiba* sp. com frutos..... 104
FIGURA 153: Exsicata das folhas e flores de *C. samauma*..... 104
FIGURA 154: Localização da *C. samauma* no Estado do Acre..... 104
FIGURA 155: Árvore de *O. pyramidale*..... 105
FIGURA 156: Frutos de *O. pyramidale*..... 105
FIGURA 157: Sementes de *O. pyramidale*..... 105
FIGURA 158: Flor de *O. pyramidale*..... 105
FIGURA 159: Produção de mudas de *O. pyramidale*..... 106
FIGURA 160: Exsicata da folha e fruto de *O. pyramidale*..... 106
FIGURA 161: Localização da *O. pyramidale* no Estado do Acre..... 106
FIGURA 162: Árvore de *C. alliodora*..... 107

FIGURA 163: Frutos de *C. alliodora*..... 107
FIGURA 164: Sementes de *C. alliodora*..... 107
FIGURA 165: Inflorescência de *C. alliodora*..... 107
FIGURA 166: Produção de mudas de *C. alliodora*..... 108
FIGURA 167: Exsicata das folhas e inflorescência de *C. alliodora*..... 108
FIGURA 168: Localização da *C. alliodora* no Estado do Acre..... 108
FIGURA 169: Árvore de *Bauhinia* sp..... 109
FIGURA 170: Frutos de *Bauhinia* sp..... 109
FIGURA 171: Sementes de *Bauhinia* sp..... 109
FIGURA 172: Flor de *Bauhinia* sp..... 109
FIGURA 173: Ramo de *B. acreana*..... 110
FIGURA 174: Exsicata das folhas e flores de *Bauhinia* sp..... 110
FIGURA 175: Localização da *Bauhinia sp.* no Estado do Acre..... 110
FIGURA 176: Árvore de *Copaifera* sp..... 111
FIGURA 177: Frutos em diferentes estágios de maturação de *C. multijuga*..... 111
FIGURA 178: Sementes de *C. multijuga*..... 111
FIGURA 179: Inflorescência de *Copaifera* sp..... 111
FIGURA 180: Muda de *C. multijuga*..... 112
FIGURA 181: Exsicata das folhas de *C. multijuga*..... 112
FIGURA 182: Localização da *C. multijuga* no Estado do Acre..... 112
FIGURA 183: Árvore de *Hymenaea* sp..... 113
FIGURA 184: Frutos de *Hymenaea* sp..... 113
FIGURA 185: Sementes de *Hymenaea* sp..... 113
FIGURA 186: Flor de *H. oblongifolia*..... 113
FIGURA 187: Plântula de *Hymenaea* sp..... 114
FIGURA 188: Exsicata das folhas de *H. oblongifolia*..... 114
FIGURA 189: Localização da *H. oblongifolia* no Estado do Acre..... 114
FIGURA 190: Árvore de *S. amazonicum*..... 115
FIGURA 191: Fruto verde de *S. amazonicum*..... 115
FIGURA 192: Sementes de *S. amazonicum*..... 115
FIGURA 193: Inflorescência de *S. amazonicum*..... 115
FIGURA 194: Produção de mudas de *S. amazonicum*..... 116
FIGURA 195: Exsicata das folhas de *S. amazonicum*..... 116

FIGURA 196: Localização da *S. amazonicum* no Estado do Acre..... 116
FIGURA 197: Planta de *C. microcarpa*..... 117
FIGURA 198: Frutos de *Carica* sp..... 117
FIGURA 199: Sementes de *Carica* sp..... 117
FIGURA 200: Flor de *C. microcarpa*..... 117
FIGURA 201: Detalhe da folha de *Carica* sp..... 118
FIGURA 202: Exsicata das folhas de *C. microcarpa*..... 118
FIGURA 203: Localização da *C. microcarpa* no Estado do Acre..... 118
FIGURA 204: Árvore de *C. leucocoma*..... 119
FIGURA 205: Infrutescência de *Cecropia* sp..... 119
FIGURA 206: Sementes de *Cecropia* sp..... 119
FIGURA 207: Ramo com inflorescência de *Cecropia* sp..... 119
FIGURA 208: Folha de *Cecropia* sp..... 120
FIGURA 209: Exsicata das folhas e infrutescência de *C. leucocoma*..... 120
FIGURA 210: Localização da *C. leucoma* no Estado do Acre..... 120
FIGURA 211: Árvore de *C. sciadophylla*..... 121
FIGURA 212: Infrutescência de *C. sciadophylla*..... 121
FIGURA 213: Sementes de *C. sciadophylla*..... 121
FIGURA 214: Ramo com inflorescência de *C. sciadophylla*..... 121
FIGURA 215: Folha de *C. sciadophylla*..... 122
FIGURA 216: Exsicata das folhas de *C. sciadophylla*..... 122
FIGURA 217: Localização da *C. sciadophylla* no Estado do Acre..... 122
FIGURA 218: Árvore de *P. guianensis*..... 123
FIGURA 219: Frutos de *P. guianensis*..... 123
FIGURA 220: Sementes de *P. guianensis*..... 123
FIGURA 221: Ramo com inflorescência de *P. guianensis*..... 123
FIGURA 222: Muda de *P. guianensis*..... 124
FIGURA 223: Exsicata das folhas de *P. guianensis*..... 124
FIGURA 224: Localização da *P. guianensis* no Estado do Acre..... 124
FIGURA 225: Árvore de *Hirtella* sp..... 125
FIGURA 226: Frutos de *H. excelsa*..... 125
FIGURA 227: Sementes de *Hirtella* sp..... 125
FIGURA 228: Exsicata da inflorescência de *H. excelsa*..... 125

FIGURA 229: Ramo com folhas e inflorescência de *H. excelsa*..... 126
FIGURA 230: Exsicata das folhas e inflorescência de *H. excelsa*..... 126
FIGURA 231: Localização da *H. excelsa* no Estado do Acre..... 126
FIGURA 232: Árvore de *T. dichotoma*..... 127
FIGURA 233: Frutos de *T. dichotoma*..... 127
FIGURA 234: Sementes de *T. dichotoma*..... 127
FIGURA 235: Ramo com inflorescência de *T. dichotoma*..... 127
FIGURA 236: Plântula de *Terminalia* sp..... 128
FIGURA 237: Exsicata das folhas e fruto de *T. dichotoma*..... 128
FIGURA 238: Localização da *Terminalia* sp. no Estado do Acre..... 128
FIGURA 239: Plantio de *H. brasiliensis*..... 129
FIGURA 240: Fruto de *H. brasiliensis*..... 129
FIGURA 241: Sementes de *H. brasiliensis*..... 129
FIGURA 242: Inflorescência de *H. brasiliensis*..... 129
FIGURA 243: Produção de mudas de *H. brasiliensis*..... 130
FIGURA 244: Exsicata das folhas de *H. brasiliensis*..... 130
FIGURA 245: Localização da *H. brasiliensis* no Estado do Acre..... 130
FIGURA 246: Árvore de *H. crepitans*..... 131
FIGURA 247: Fruto de *H. crepitans*..... 131
FIGURA 248: Sementes de *H. crepitans*..... 131
FIGURA 249: Inflorescência de *H. crepitans*..... 131
FIGURA 250: Folhas de *H. crepitans*..... 132
FIGURA 251: Exsicata das folhas de *H. crepitans*..... 132
FIGURA 252: Localização da *H. crepitans* no Estado do Acre..... 132
FIGURA 253: Árvore de *Sapium* sp..... 133
FIGURA 254: Frutos de *S. marmieri*..... 133
FIGURA 255: Sementes de *Sapium* sp..... 133
FIGURA 256: Inflorescência de *Sapium* sp..... 133
FIGURA 257: Ramo com folhas de *Sapium* sp..... 134
FIGURA 258: Exsicata das folhas de *S. marmieri*..... 134
FIGURA 259: Localização do *S. marmieri* no Estado do Acre..... 134
FIGURA 260: Árvore de *Sapium* sp..... 135
FIGURA 261: Frutos de *S. glandulosum*..... 135

FIGURA 262: Sementes de *S. glandulosum*..... 135
FIGURA 263: Inflorescência de *S. glandulosum*..... 135
FIGURA 264: Folhas e frutos de *S. glandulosum*..... 136
FIGURA 265: Exsicata das folhas de *S. glandulosum*..... 136
FIGURA 266: Localização do *S. glandulosum* no Estado do Acre..... 136
FIGURA 267: Árvore de *A. grandiflora*..... 137
FIGURA 268: Frutos de *A. grandiflora*..... 137
FIGURA 269: Sementes de *A. grandiflora*..... 137
FIGURA 270: Flores de *A. grandiflora*..... 137
FIGURA 271: Folhas e flores imaturas de *A. grandiflora*..... 138
FIGURA 272: Exsicata das folhas e flores de *A. grandiflora*..... 138
FIGURA 273: Localização da *A. grandiflora* no Estado do Acre..... 138
FIGURA 274: Árvore de *D. odorata*..... 139
FIGURA 275: Frutos de *D. odorata*..... 139
FIGURA 276: Sementes de *D. odorata*..... 139
FIGURA 277: Flor de *D. odorata*..... 139
FIGURA 278: Produção de mudas de *D. odorata*..... 140
FIGURA 279: Exsicata das folhas de *D. odorata*..... 140
FIGURA 280: Localização do *D. odorata* no Estado do Acre..... 140
FIGURA 281: Árvore de *E. mulungu*..... 141
FIGURA 282: Frutos de *E. mulungu*..... 141
FIGURA 283: Sementes de *E. mulungu*..... 141
FIGURA 284: Flor de *E. mulungu*..... 141
FIGURA 285: Ramo com folhas de *E. mulungu*..... 142
FIGURA 286: Exsicata das folhas e flores e *E. mulungu*..... 142
FIGURA 287: Localização do *E. mulungu* no Estado do Acre..... 142
FIGURA 288: Árvore de *Ormosia* sp..... 143
FIGURA 289: Frutos de *O. amazonica*..... 143
FIGURA 290: Sementes de *O. amazonica*..... 143
FIGURA 291: Inflorescência de *Ormosia* sp..... 143
FIGURA 292: Ramo com folhas de *O. amazonica*..... 144
FIGURA 293: Exsicata das folhas de *O. amazonica*..... 144
FIGURA 294: Localização da *Ormosia* sp. no Estado do Acre..... 144

FIGURA 295: Árvore de *Pterocarpus* sp..... 145
FIGURA 296: Frutos de *P. rohrii*..... 145
FIGURA 297: Sementes de *P. rohrii*..... 145
FIGURA 298: Inflorescência de *P. rohrii*..... 145
FIGURA 299: Ramo de folhas (face adaxial e abaxial) de *P. rohrii*..... 146
FIGURA 300: Exsicata das folhas de *P. rohrii*..... 146
FIGURA 301: Localização da *P. rohrii*. no Estado do Acre..... 146
FIGURA 302: Árvore de *A. acreana*..... 147
FIGURA 303: Frutos de *A. acreana*..... 147
FIGURA 304: Sementes de *A. acreana*..... 147
FIGURA 305: Inflorescência de *Amburana* sp..... 147
FIGURA 306: Ramo de folhas de *Amburana* sp..... 148
FIGURA 307: Exsicata das folhas de *A. acreana*..... 148
FIGURA 308: Localização da *T. acreana* no Estado do Acre..... 148
FIGURA 309: Árvore de *Banara* sp..... 149
FIGURA 310: Frutos de *B. nítida*..... 149
FIGURA 311: Sementes de *Banara* sp..... 149
FIGURA 312: Inflorescência de *B. nítida*..... 149
FIGURA 313: Folhas de *Banara* sp..... 150
FIGURA 314: Exsicata das folhas de *B. nítida*..... 150
FIGURA 315: Localização da *B. nítida* no Estado do Acre..... 150
FIGURA 316: Árvore de *C. gossypiosperma*..... 151
FIGURA 317: Frutos de *C. gossypiosperma*..... 151
FIGURA 318: Sementes de *C. gossypiosperma*..... 151
FIGURA 319: Inflorescência de *C. gossypiosperma*..... 151
FIGURA 320: Ramos de folhas de *C. gossypiosperma*..... 152
FIGURA 321: Exsicata das folhas de *C. gossypiosperma*..... 152
FIGURA 322: Localização da *C. gossypiosperma* no Estado do Acre..... 152
FIGURA 323: Árvore jovem de *L. procera*..... 153
FIGURA 324: Fruto de *L. procera*..... 153
FIGURA 325: Semente seca de *L. procera*..... 153
FIGURA 326: Inflorescência de *L. procera*..... 153
FIGURA 327: Plântula de *L. procera*..... 154

FIGURA 328: Exsicata das folhas de *L. procera*..... 154
FIGURA 329: Localização da *L. procera* no Estado do Acre..... 154
FIGURA 330: Árvore de *Ocotea* sp..... 155
FIGURA 331: Frutos de *Ocotea* sp..... 155
FIGURA 332: Sementes de *Ocotea* sp..... 155
FIGURA 333: Inflorescência de *Ocotea* sp..... 155
FIGURA 334: Folhas e tronco de *O. myriantha*..... 156
FIGURA 335: Exsicata das folhas e frutos de *O. myriantha*..... 156
FIGURA 336: Localização da *O. myriantha* no Estado do Acre..... 156
FIGURA 337: Árvore de *O. odorífera*..... 157
FIGURA 338: Frutos de *O. odorífera*..... 157
FIGURA 339: Sementes de *O. odorífera*..... 157
FIGURA 340: Ramo com inflorescência de *O. odorífera*..... 157
FIGURA 341: Folhagem de *O. odorífera*..... 158
FIGURA 342: Exsicata das folhas de *O. odorífera*..... 158
FIGURA 343: Localização da *O. odorífera* no Estado do Acre..... 158
FIGURA 344: Árvore de *Couratari* sp..... 159
FIGURA 345: Fruto de *C. macrosperma*..... 159
FIGURA 346: Semente de *C. macrosperma*..... 159
FIGURA 347: Flor de *C. macrosperma*..... 159
FIGURA 348: Folhas de *C. macrosperma*..... 160
FIGURA 349: Exsicata das folhas e flores de *C. macrosperma*..... 160
FIGURA 350: Localização do *C. macrosperma* no Estado do Acre..... 160
FIGURA 351: Árvore de *C. guianensis*..... 161
FIGURA 352: Frutos de *C. guianensis*..... 161
FIGURA 353: Sementes de *C. guianensis*..... 161
FIGURA 354: Flor de *C. guianensis*..... 161
FIGURA 355: Folhas de *C. guianensis*..... 162
FIGURA 356: Exsicata das folhas e flores de *C. guianensis*..... 162
FIGURA 357: Localização da *C. guianensis* no Estado do Acre..... 162
FIGURA 358: Árvore de *Eschweilera* sp..... 163
FIGURA 359: Frutos de *Eschweilera* sp..... 163
FIGURA 360: Sementes de *Eschweilera* sp..... 163

FIGURA 361: Flores de *Eschweilera* sp..... 163
FIGURA 362: Folhas de *Eschweilera* sp..... 164
FIGURA 363: Exsicata das folhas e fruto de *E. odora*..... 164
FIGURA 364: Localização da *E. odora* no Estado do Acre..... 164
FIGURA 365: Árvore de *C. guianensis*..... 165
FIGURA 366: Frutos de *C. guianensis*..... 165
FIGURA 367: Sementes de *C. guianensis*..... 165
FIGURA 368: Flores de *C. guianensis*..... 165
FIGURA 369: Produção de mudas de *C. guianensis*..... 166
FIGURA 370: Exsicata das folhas e fruto de *C. guianensis*..... 166
FIGURA 371: Localização da *C. guianensis* no Estado do Acre..... 166
FIGURA 372: Árvore de *C. odorata*..... 167
FIGURA 373: Frutos de *C. odorata*..... 167
FIGURA 374: Sementes de *C. odorata*..... 167
FIGURA 375: Flores de *C. odorata*..... 167
FIGURA 376: Muda de *C. odorata*..... 168
FIGURA 377: Exsicata das folhas e frutos de *C. odorata*..... 168
FIGURA 378: Localização da *C. odorata* no Estado do Acre..... 168
FIGURA 379: Árvore de *Guarea* sp..... 169
FIGURA 380: Frutos de *G. guidonia*..... 169
FIGURA 381: Sementes de *G. guidonia*..... 169
FIGURA 382: Inflorescência de *G. guidonia*..... 169
FIGURA 383: Ramo de *G. guidonia* com folhas e frutos..... 170
FIGURA 384: Exsicata das folhas e inflorescência de *G. guidonia*..... 170
FIGURA 385: Localização da *Guarea* sp. no Estado do Acre..... 170
FIGURA 386: Árvore de *A. polyphylla*..... 171
FIGURA 387: Frutos de *A. polyphylla*..... 171
FIGURA 388: Sementes de *A. polyphylla*..... 171
FIGURA 389: Flores de *A. polyphylla*..... 171
FIGURA 390: Ramo com folhas de *A. polyphylla*..... 172
FIGURA 391: Exsicata das folhas e inflorescência de *A. polyphylla*..... 172
FIGURA 392: Localização da *A. polyphylla* no Estado do Acre..... 172
FIGURA 393: Árvore de *A. farnesiana*..... 173

FIGURA 394: Frutos de *A. farnesiana*..... 173
FIGURA 395: Sementes de *A. farnesiana*..... 173
FIGURA 396: Flores de *A. farnesiana*..... 173
FIGURA 397: Detalhe do ramo espinhento com folhas de *A. farnesiana*..... 174
FIGURA 398: Exsicata das folhas e fruto de *A. farnesiana*..... 174
FIGURA 399: Localização da *Acacia* sp no Estado do Acre..... 174
FIGURA 400: Árvore de *A. inundata*..... 175
FIGURA 401: Frutos de *A. inundata*..... 175
FIGURA 402: Semente de *A. inundata*..... 175
FIGURA 403: Ramo com flores de *A. inundata*..... 175
FIGURA 404: Ramo com folhas de *A. inundata*..... 176
FIGURA 405: Exsicata das folhas e inflorescência de *A. inundata*..... 176
FIGURA 406: Localização da *Albizia* sp. no Estado do Acre..... 176
FIGURA 407: Árvore de *I capitata*..... 177
FIGURA 408: Frutos de *I capitata*..... 177
FIGURA 409: Sementes de *I capitata*..... 177
FIGURA 410: Ramo com flores de *I capitata*..... 177
FIGURA 411: Ramo com folhas jovens de *I capitata*..... 178
FIGURA 412: Exsicata das folhas de *I capitata*..... 178
FIGURA 413: Localização do *Inga* sp1. no Estado do Acre..... 178
FIGURA 414: Àrvore de *Parkia* sp..... 179
FIGURA 415: Frutos de *Parkia* sp..... 179
FIGURA 416: Sementes de *Parkia* sp..... 179
FIGURA 417: Ramo com flores de *P. velutina*..... 179
FIGURA 418: Ramo com folhas de *Parkia* sp..... 180
FIGURA 419: Exsicata das folhas de *P. velutina*..... 180
FIGURA 420: Localização da *P. velutina* no Estado do Acre..... 180
FIGURA 421: Árvore de *Brosimum* sp..... 181
FIGURA 422: Frutos de *Brosimum* sp..... 181
FIGURA 423: Sementes de *Brosimum* sp..... 181
FIGURA 424: Ramo com flores de *B. acutifolium*..... 181
FIGURA 425: Folhas de *B. acutifolium*..... 182
FIGURA 426: Exsicata das folhas de *B. acutifolium*..... 182

FIGURA 427: Localização do *B. acutifolium*. no Estado do Acre..... 182
FIGURA 428: Árvore de *B. alicastrum*..... 183
FIGURA 429: Frutos e sementes de *B. alicastrum*..... 183
FIGURA 430: Flores de *B. alicastrum*..... 183
FIGURA 431: Plântula de *B. alicastrum*..... 184
FIGURA 432: Exsicata das folhas de *B. alicastrum*..... 184
FIGURA 433: Localização do *B. alicastrum* no Estado do Acre..... 184
FIGURA 434: Árvore de *B. rubescens*..... 185
FIGURA 435: Frutos de *B. rubescens*..... 185
FIGURA 436: Sementes de *B. rubescens*..... 185
FIGURA 437: Flores de *Brosimum* sp..... 185
FIGURA 438: Folhas e frutos imaturos de *B. rubescens*..... 186
FIGURA 439: Exsicata das folhas de *B. rubescens*..... 186
FIGURA 440: Localização do *B. rubescens* no Estado do Acre..... 186
FIGURA 441: Árvore de *Brosimum* sp..... 187
FIGURA 442: Fruto imaturo de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense*..... 187
FIGURA 443: Semente de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense*..... 187
FIGURA 444: Flores de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense*..... 187
FIGURA 445: Ramo com folhas e flores masculinas de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense*..... 188
FIGURA 446: Exsicata das folhas e frutos de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense*... 188
FIGURA 447: Localização do *B. alicastrum* subsp. *bolivarense* no Estado do Acre..... 188
FIGURA 448: Árvore de *Ficus* sp..... 189
FIGURA 449: Infrutescências de *F. albert-smithii*..... 189
FIGURA 450: Sementes de *Ficus* sp..... 189
FIGURA 451: Inflorescências do tipo sicônio de *Ficus* sp..... 189
FIGURA 452: Ramos com folhas e infrutescências de *F. albert-smithii*..... 190
FIGURA 453: Exsicata das folhas de *F. albert-smithii*..... 190
FIGURA 454: Localização do *F. albert-smithii* no Estado do Acre..... 190
FIGURA 455: Árvore de *Ficus* sp..... 191
FIGURA 456: Infrutescências de *Ficus* sp..... 191
FIGURA 457: Sementes de *Ficus* sp..... 191

FIGURA 458: Inflorescências do tipo sicônio de *Ficus* sp..... 191
FIGURA 459: Folhas de *Ficus* sp..... 192
FIGURA 460: Exsicata das folhas e infrutescências de *F. gameleira*..... 192
FIGURA 461: Localização do *F. gameleira* no Estado do Acre..... 192
FIGURA 462: Árvore de *F. clusiifolia*..... 193
FIGURA 463: Frutos de *F. clusiifolia*..... 193
FIGURA 464: Sementes de *F. clusiifolia*..... 193
FIGURA 465: Inflorescências do tipo sicônio de *F. clusiifolia*..... 193
FIGURA 466: Folhas de *F. clusiifolia*..... 194
FIGURA 467: Exsicata das folhas e infrutescência de *F. clusiifolia*..... 194
FIGURA 468: Localização do *F. clusiifolia* no Estado do Acre..... 194
FIGURA 469: Árvore de *F. gomelleira*..... 194
FIGURA 470: Infrutescências de *F. gomelleira*..... 195
FIGURA 471: Sementes de *F. gomelleira*..... 195
FIGURA 472: Inflorescências do tipo sicônio de *F. gomelleira*..... 195
FIGURA 473: Folhas de *F. gomelleira*..... 196
FIGURA 474: Exsicata das folhas de *F. gomelleira*..... 196
FIGURA 475: Localização do *F. gomelleira* no Estado do Acre..... 196
FIGURA 476: Árvore de *F. enormis*..... 197
FIGURA 477: Infrutescências de *F. enormis*..... 197
FIGURA 478: Sementes de *F. enormis*..... 197
FIGURA 479: Inflorescências do tipo sicônio de *F. enormis*..... 197
FIGURA 480: Brotação de *F. enormis* em árvore..... 198
FIGURA 481: Exsicata das folhas de *F. enormis*..... 198
FIGURA 482: Localização do *F. enormis* no Estado do Acre..... 198
FIGURA 483: Árvore de *M. tinctoria*..... 199
FIGURA 484: Fruto de *M. tinctoria*..... 199
FIGURA 485: Sementes de *M. tinctoria*..... 199
FIGURA 486: Inflorescência de *M. tinctoria*..... 199
FIGURA 487: Muda de *M. tinctoria*..... 200
FIGURA 488: Exsicata das folhas de *M. tinctoria*..... 200
FIGURA 489: Localização da *M. tinctoria* no Estado do Acre..... 200
FIGURA 490: Árvore de *Pseudolmedia* sp..... 201

FIGURA 491: Frutos de *P. macrophylla*..... 201
FIGURA 492: Sementes de *P. macrophylla*..... 201
FIGURA 493: Inflorescência masculina de *Pseudolmedia* sp..... 201
FIGURA 494: Ramo de *P. macrophylla*..... 202
FIGURA 495: Exsicata das folhas de *P. macrophylla*..... 202
FIGURA 496: Localização da *P. macrophylla* no Estado do Acre..... 202
FIGURA 497: Árvore de *V. pavonis*..... 203
FIGURA 498: Fruto de *Virola* sp..... 203
FIGURA 499: Sementes de *V. pavonis*..... 203
FIGURA 500: Inflorescência de *V. pavonis*..... 203
FIGURA 501: Folhas de *V. pavonis*..... 204
FIGURA 502: Exsicata das folhas de *V. pavonis*..... 204
FIGURA 503: Localização da *V. pavonis* no Estado do Acre..... 204
FIGURA 504: Árvore de *E. stipitata*..... 205
FIGURA 505: Frutos de *E. stipitata*..... 205
FIGURA 506: Sementes de *E. stipitata*..... 205
FIGURA 507: Inflorescência de *E. stipitata*..... 205
FIGURA 508: Plântula de *E. stipitata*..... 206
FIGURA 509: Exsicata das folhas de *E. stipitata*..... 206
FIGURA 510: Localização da *E. stipitata* no Estado do Acre..... 206
FIGURA 511: Árvore de *G. intergrifolia*..... 207
FIGURA 512: Frutos de *G. intergrifolia*..... 207
FIGURA 513: Sementes de *G. intergrifolia*..... 207
FIGURA 514: Inflorescência de *G. intergrifolia*..... 207
FIGURA 515: Ramo de *G. intergrifolia*..... 208
FIGURA 516: Exsicata das folhas e inflorescência de *G. gozarema*..... 208
FIGURA 517: Localização da *G. gozarema* no Estado do Acre..... 208
FIGURA 518: Árvore de *T. americana*..... 209
FIGURA 519: Frutos de *T. americana*..... 209
FIGURA 520: Sementes de *T. americana*..... 209
FIGURA 521: Inflorescência feminina de *T. americana*..... 209
FIGURA 522: Ramo com folhas de *T. americana*..... 210
FIGURA 523: Exsicata das folhas de *T. americana*..... 210

FIGURA 524: Localização da *Triplaris* sp. no Estado do Acre..... 210
FIGURA 525: Árvore de *C. glandulosa*..... 211
FIGURA 526: Frutos de *C. glandulosa*..... 211
FIGURA 527: Sementes de *C. glandulosa*..... 211
FIGURA 528: Inflorescência de *C. glandulosa*..... 211
FIGURA 529: Muda de *C. glandulosa*..... 212
FIGURA 530: Exsicata das folhas de *C. glandulosa*..... 212
FIGURA 531: Localização da *C. acreana* no Estado do Acre..... 212
FIGURA 532: Árvore de *A. floribunda*..... 213
FIGURA 533: Frutos de *A. floribunda*..... 213
FIGURA 534: Sementes de *A. floribunda*..... 213
FIGURA 535: Inflorescências de *A. floribunda*..... 213
FIGURA 536: Ramos de *A. floribunda*..... 214
FIGURA 537: Exsicata das folhas e inflorescência de *A. floribunda*..... 214
FIGURA 538: Localização da *Alseis* sp. no Estado do Acre..... 214
FIGURA 539: Árvore de *C. spruceanum*..... 215
FIGURA 540: Frutos de *C. spruceanum*..... 215
FIGURA 541: Sementes de *C. spruceanum*..... 215
FIGURA 542: Inflorescência de *C. spruceanum*..... 215
FIGURA 543: Muda de *C. spruceanum*..... 216
FIGURA 544: Exsicata das folhas e inflorescência de *C. spruceanum*..... 216
FIGURA 545: Localização da *C. spruceanum* no Estado do Acre..... 216
FIGURA 546: Árvore de *G. americana*..... 217
FIGURA 547: Fruto de *G. americana*..... 217
FIGURA 548 Sementes de *G. americana*..... 217
FIGURA 549: Flores de *G. americana*..... 217
FIGURA 550: Muda de *G. americana*..... 218
FIGURA 551: Exsicata das folhas e flores de *G. americana*..... 218
FIGURA 552: Localização da *G. americana* no Estado do Acre..... 218
FIGURA 553: Árvore de *Z. rhoifolium*..... 219
FIGURA 554: Frutos de *Z. rhoifolium*..... 219
FIGURA 555: Sementes de *Z. rhoifolium*..... 219
FIGURA 556: Inflorescência de *Z. rhoifolium*..... 219

FIGURA 557: Ramo com folhas e frutos imaturos de *Z. rhoifolium*..... 220
FIGURA 558: Exsicata das folhas e frutos de *Z. rhoifolium*..... 220
FIGURA 559: Localização da *Z. rhoifolium* no Estado do Acre..... 220
FIGURA 560: Árvore de *Micropholis* sp..... 221
FIGURA 561: Fruto de *M. cylindrocarpa*..... 221
FIGURA 562: Sementes de *Micropholis* sp..... 221
FIGURA 563: Inflorescência de *Micropholis* sp..... 221
FIGURA 564: Ramo com folhas e inflorescência de *Micropholis* sp..... 222
FIGURA 565: Exsicata das folhas de *M. cylindrocarpa*..... 222
FIGURA 566: Localização da *M. cylindrocarpa* no Estado do Acre..... 222
FIGURA 567: Árvore de *P. caimito*..... 223
FIGURA 568: Fruto de *P. caimito*..... 223
FIGURA 569: Sementes de *P. caimito*..... 223
FIGURA 570: Inflorescência de *P. caimito*..... 223
FIGURA 571: Muda de *P. caimito*..... 224
FIGURA 572: Exsicata das folhas e inflorescência de *P. caimito*..... 224
FIGURA 573: Localização da *Pouteria* sp no Estado do Acre..... 224
FIGURA 574: Árvore de *S. amara*..... 225
FIGURA 575: Frutos de *S. amara*..... 225
FIGURA 576: Sementes de *S. amara*..... 225
FIGURA 577: Inflorescência de *S. amara*..... 225
FIGURA 578: Ramo de *S. amara*..... 226
FIGURA 579: Exsicata das folhas e frutos de *S. amara*..... 226
FIGURA 580: Localização da *S. amara* no Estado do Acre..... 226
FIGURA 581: Árvore de *G. ulmifolia*..... 227
FIGURA 582: Frutos de *G. ulmifolia*..... 227
FIGURA 583: Sementes de *G. ulmifolia*..... 227
FIGURA 584: Inflorescência de *G. ulmifolia*..... 227
FIGURA 585: Muda de *G. ulmifolia*..... 228
FIGURA 586: Exsicata das folhas de *G. ulmifolia*..... 228
FIGURA 587: Localização da *G. ulmifolia* no Estado do Acre..... 228
FIGURA 588: Árvore de *Sterculia* sp..... 229
FIGURA 589: Frutos de *Sterculia* sp..... 229

FIGURA 590: Sementes de *Sterculia* sp..... 229
FIGURA 591: Inflorescência de *S. pruriens*..... 229
FIGURA 592: Ramo de *S. pruriens*..... 230
FIGURA 593: Exsicata das folhas de *S. pruriens*..... 230
FIGURA 594: Localização da *S. pruriens* no Estado do Acre..... 230
FIGURA 595: Árvore de *A. echinata*..... 231
FIGURA 596: Fruto de *A. echinata*..... 231
FIGURA 597: Sementes de *Apeiba* sp..... 231
FIGURA 598: Flor de *A. echinata*..... 231
FIGURA 599: Detalhe da folha de *A. echinata*..... 232
FIGURA 600: Exsicata das folhas de *A. echinata*..... 232
FIGURA 601: Localização da *A. echinata* no Estado do Acre..... 232

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Distribuição das 90 espécies florestais da mata ciliar do rio Acre por família.....54

TABELA 2: Produtos acadêmicos publicados pelo projeto Ciliar Só-Rio Acre, até o ano de 2019. 56

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A: Lista de espécies florestais da mata ciliar da bacia do rio Acre.....248

LISTA DE SIGLAS

ANA	–	Agência Nacional de águas
APP	–	Área de Preservação Permanente
CHB	–	Comitê de Bacias Hidrográficas
CNPq	–	Conselho Nacional de Pesquisa
CNRH	–	Conselho Nacional de Recursos Hídricos
CONAMA	–	Conselho Nacional do Meio Ambiente
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPE	–	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IVI	–	Índice de Valor de Importância
PERH	–	Política Estadual de Recursos Hídricos
PRODES	–	Projeto de Monitoramento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite
UFAC	–	Universidade Federal do Acre
UFRRJ	–	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNESP	–	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 34
2. REVISÃO DE LITERATURA 37
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE BACIAS HIDROGRÁFICAS 37
2.2. AFLUENTES DO RIO ACRE 40
2.3. MUNICÍPIOS CORTADOS PELO RIO ACRE 40
2.3.1. Assis Brasil 41
2.3.2. Brasiléia 42
2.3.3. Capixaba 43
2.3.4. Epitaciolândia 45
2.3.5. Porto Acre 46
2.3.6. Xapuri 47
2.3.7. Rio Branco 48
2.3.8. Senador Guiomard 49
2.4. MATAS CILIARES: OS CÍLIOS PROTETORES DAS ÁGUAS 50
2.5. IMPORTÂNCIA DOS CATÁLOGOS BOTÂNICOS 52
2.6. PROJETO CILIAR SÓ-RIO ACRE 55
3. DETALHAMENTO DAS INFORMAÇÕES INCLUÍDAS NO CATÁLOGO 59
3.1. TAXONOMIA 59
3.2. DESCRIÇÃO E BIOLOGIA REPRODUTIVA 59
3.3. INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA 60
3.4. DISTRIBUIÇÃO 60
3.5. ESPÉCIES DESCRITAS NO CATÁLOGO 60
4. RESULTADOS 62
CAJUÍ – *Anacardium giganteum* Hancock 63
MUIRACATIARA – *Astronium lecointei* Ducke. 65
CAJÁ – *Spondias lutea* L. 67
TAPEREBÁ – *Spondias mombin* L. 69
CAJARANA – *Spondias testudinis* Mitchell & Daly 71
PAU-POMBO – *Tapirira guianensis* Aubl. 73
ATA-BRAVA – *Rollinia exsucca* (Dun.) DC., *Annona exsucca* 75
AMARELÃO – *Aspidosperma vargasii* A. DC., *Aspidosperma parvifolium* 77
GRÃO-DE-GALO – *Tabernaemontana* sp., *Tabernaemontana siphilitica* 79
MOROTOTÓ – *Didymopanax morototoni* Dcne et Planch. 81

MURMURU – *Astrocaryum murumuru* Mart. 83
JACI – *Attalea butyracea* (Mutis ex. L. F.) Gaertn. 85
OURICURÍ – *Attalea phalerata* Mart. Ex Spreng 87
CARNAUBINHA – *Copernicia prunifera* (Miller.) H. E. Moore 89
AÇAÍ-SOLTEIRO – *Euterpe precatoria* M. 91
INAJÁ – *Maximiliana maripa* (Aubl.) Drude 93
JARINA – *Phytelephas macrocarpa* Ruiz et Pav. 95
PAXIÚBINHA – *Socratea exorrhiza* Mart. 97
IPÊ-ROXO – *Tabebuia heptaphylla, Handroanthus heptaphyllus* 99
SAMAÚMA-ROSA – *Ceiba pentandra* (L.) Gaertn. 101
SAMAÚMA-PRETA – *Ceiba samauma* (Mart.) K. Schum. 103
ALGODOEIRO – *Ochroma pyramidale* Urb. 105
FREIJÓ – *Cordia alliodora* (R. F.) Chaw. 107
CAPA-BODE – *Bauhinia* sp.; *Bauhinia acreana* 109
COPAÍBA-PRETA – *Copaifera multijuga* Hayne. 111
JUTAÍ – *Hymenaea oblongifolia* Hub. 113
PARICÁ – *Schizolobium amazonicum* Hub. 115
MAMUÍ – *Carica microcarpa* (Jacq.), *Vasconcellea microcarpa* 117
EMBAÚBA-BRANCA – *Cecropia leucocoma* Miq. 119
EMBAÚBA-VERMELHA – *Cecropia sciadophylla* Mart. 121
EMBAÚBA-TOREM – *Pourouma* sp. *Pourouma guianensis* 123
CARIPÉ – *Hirtella* sp., *Hirtella excelsa* standl. 125
MIRINDIBA-BRANCA – *Terminalia* sp., *Terminalia dichotoma* G. Mey. 127
SERINGUEIRA – *Hevea brasiliensis* Muell. Arg. 129
AÇACÚ – *Hura crepitans* L. 131
BURRA-LEITEIRA– *Sapium marmieri* Hub. 133
SERINGARANA– *Sapium* sp. *Sapium glandulosum* (L.) Morong 135
MELANCIEIRA– *Alexa grandiflora* Ducke. 137
CUMARÚ-FERRO – *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd. 139
MULUNGU-DE-CAPOEIRA – *Erythrina mulungu* Mart. ex Benth. 141
FEIJÃO-BRAVO – *Ormosia* sp. *Ormosia amazonica* Ducke. 143
PAU-SANGUE – *Pterocarpus rohrii* Vahl. 145
CEREJEIRA – *Torresea acreana* Ducke., *Amburana acreana* 147
CABELO-DE-COTIA – *Banara nítida* Spruce ex Benth. 149
LARANJINHA – *Casearia gossypiosperma* Briq. 151

PAU-JACARÉ – *Laetia procera* (Poepp.) Eichl. 153
LOURO-ABACATE – *Ocotea myriantha* (Meisn.) Mez. 155
LOURO-CHEIROSO – *Ocotea odorífera* (Vell.) Rohwer 157
TAUARI – *Couratari macrosperma* A. C. Sm. 159
ENGANA-MACACO – *Couroupita guianensis* Aubl. 161
CASTANHARANA – *Eschweilera odora* Ruiz et Pav. 163
ANDIROBA – *Carapa guianensis* Aubl. 165
CEDRO-ROSA – *Cedrela odorata* L. 167
JITÓ – *Guarea* sp., *Guarea guidonia* (L.) 169
QUARI-QUARA-BOLIVIANA – *Acacia polyphylla* A. DC. 171
ESPINHEIRO – *Acacia* sp., *Acacia farnesiana* (L.) Willd. 173
FAVEIRA-AMARELA – *Albizia* sp., *Albizia inundata* (Mart.) 175
INGÁ-FERRO – *Inga* sp1., *Inga capitata* Desv. 177
ANGICO-PÉ-DE-ARARA – *Parkia velutina* Benoist 179
MURURÉ – *Brosimum acutifolium* Hub. 181
INHARÉ – *Brosimum alicastrum* Sw. 183
PAMA-VERMELHA – *Brosimum* sp., *Brosimum rubescens* Taub. 185
MANITÊ – *Brosimum uleanum*, *Brosimum alicastrum* subsp*. bolivarense* 187
APUÍ-AMARELO – *Ficus frondosa* S. Moore, *Ficus albert-smithii* Standl. 189
GAMELINHA – *Ficus gameleira* Standl*., Ficus christianii* Carauta 191
APUÍ-VERMELHO – *Ficus* sp1., *Ficus clusiifolia* Schott ex Spreng. 193
GAMELEIRA – *Ficus* sp2., *Ficus gomelleira* Gard. 195
GAMELEIRA-DURA – *Ficus* sp3., *Ficus enormis* (Mart. Ex Miq.) 197
TATAJUBA – *Maclura tinctoria* (L.) D. Don ex Steud. 199
PAMA-AMARELA – *Pseudolmedia murure*, *Pseudolmedia macrophylla* 201
UCUÚBA – *Virola pavonis* A. C. Sm. 203
ARAÇÁ – *Eugenia* sp., *Eugenia stipitata* McVaugh 205
PAU-ALHO – *Gallesia gorazema* Moq., *Gallesia intergrifolia* 207
TAXI-DO-BAIXO – *Triplaris* sp., *Triplaris americana* Cham. 209
CAPOEIRO – *Colubrina acreana*, *Colubrina glandulosa* Perk. 211
QUARI-QUARA-BRANCA – *Alseis* sp., *Alseis floribunda* Schott 213
MULATEIRO – *Calycophyllum spruceanum* Benth. 215
JENIPAPO – *Genipa americana* L. 217
LIMÃOZINHO – *Zanthoxylum rhoifolium* Lam. 219
ABIÚ-LETRA – *Micropholis cylindrocarpa* (Poepp. & Endl.) Pierre 221

ABIÚ-ROSA – *Pouteria* sp3*., Pouteria caimito* (Ruiz & Pav.) Radlk.....223
MARUPÁ-PRETO – *Simarouba amara* Aubl.....225
MUTAMBA – *Guazuma* sp., *Guazuma ulmifolia* Lam. 227
XIXÁ – *Sterculia pruriens* Aubl.....229
PENTE-DE-MACACO – *Apeiba echinata* Gaertn. 231
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 233
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 234
7. APÊNDICES.....248

1. INTRODUÇÃO

O Brasil dispõe de uma biodiversidade inigualável, cercado por diversas espécies vegetais e animais, muitas já catalogadas e outras para serem descobertas. Isso se explica pelo fato de que o país detém a maior floresta tropical do mundo, a floresta Amazônica, que cobre 4.196.943 km^2 do território nacional equivalente a 49,3%.

A despeito de sua importância para o planeta, todavia, todos os anos o país perde área expressiva de florestas por desmatamento para ocupação pela pecuária extensiva de gado.

Para se ter uma ideia, segundo o levantamento de 2018 publicado pelo Monitoramento da Cobertura e Uso do Solo do Brasil realizado pelo IBGE, o Brasil desmatou 7,5% de suas florestas nativas nos últimos 17 anos. No caso específico da Amazônia não é diferente.

O aumento na taxa de desmatamento das florestas amazônicas para o período entre agosto de 2017 a julho de 2018, segundo o INPE, foi de 14%. Somente no Acre a ampliação chegou a absurdos 83%.

Mais perigoso ainda é a destruição de florestas especiais, aquelas localizadas em Áreas de Preservação Permanente (APP), Reserva Legal e Unidades de Conservação.

É nesse contexto que se insere o presente documento de monografia. Partindo do significado das matas ciliares, uma formação florestal inserida na classificação de APP pelo Código Florestal, e assumindo como área de estudo o rio Acre, discute-se a diversidade florestal existente em sua composição florística.

Acontece que por definição, as matas ciliares são as florestas que ocupam às margens de rios, igarapés, lagos e olhos d´água, fornecendo uma série de serviços relacionados à vazão e qualidade da água.

Quando se fala nos serviços prestados pela mata ciliar, usualmente se menciona somente a prevenção de assoreamento e desbarrancamento. Todavia, algumas pesquisas demonstram a estreita relação existente entre a quantidade de biomassa florestal presente na mata ciliar e o equilíbrio hidrológico dos rios (RODRIGUES; PAIVA, 2018).

Apesar de sua relevância para com os cursos d'água e mesmo sendo protegidas por legislação ambiental específica, em especial nas três versões do Código Florestal (1934, 1965 e 2012), estas florestas especiais foram e continuam sendo alteradas, principalmente por atividades antrópicas, como atividades agropecuárias (na maioria criação de gado), no qual são apontadas como as principais causas da fragmentação florestal e degradação dos ecossistemas associados às bacias hidrográficas (PAINE; RIBIC, 2002).

No Acre a situação não é diferente. Seus maiores problemas ambientais são o desmatamento e as queimadas, que são realizadas para a instalação da pecuária extensiva (RODRIGUES et al., 2013).

Nesse contexto, o desmatamento se destaca, como o mais grave problema das bacias hidrográficas da região. Com a ausência da barreira fornecida pela mata ciliar, todos os anos o rio recebe toneladas de areia, terra preta e barro, um volume que não tem vazão suficiente para transportar, terminando assim no fundo do leito, causando o que os técnicos chamam de assoreamento (RODRIGUES; PAIVA, 2018). Esse assoreamento torna ainda mais difícil a navegação e o tratamento da água para o abastecimento urbano (RODRIGUES et al., 2013).

O rio Acre, localizado na porção Sul-Ocidental da Amazônia brasileira é um exemplo claro de bacia hidrográfica que a anos vem sendo palco de intensas modificações em sua estrutura socioeconômica e ambiental (LATUF, 2011).

Segundo Arcos et al., (2012, p. 623), "O rio Acre apresenta um perfil longitudinal complexo predominando o percurso meandrante, embora possua alguns trechos consideráveis de forma retilínea". Além do mais, possui característica marcante por ser transfronteiriça, tendo terras localizadas além das fronteiras Brasileiras, em territórios da Bolívia e Peru, bem como fazendo divisas com o estado do Amazonas (LATUF, 2011).

Uma vez que o rio Acre atravessa oito municípios em território acreano: Assis Brasil, Brasiléia, Epitaciolândia, Xapurí, Vila Capixaba, Senador Guiomard, Rio Branco e Porto Acre, sua conservação para o abastecimento urbano residencial e industrial se reveste em prioridade de política pública (RODRIGUES et al., 2013).

No total, habitam as oito cidades abastecidas pelo rio Acre 523.919 habitantes, representando mais de 60% da população acreana (ACRE, 2017).

Contribuir para reverter o quadro de degradação da mata ciliar no rio Acre é o propósito primordial que justificou a elaboração dessa monografia.

Ocorre que, com 48% de desmatamento registrado na faixa de 100 metros de largura de mata ciliar em todo seu trajeto (AZEVEDO, 2019) o rio Acre demanda projetos de restauração florestal em um total aproximado de 6.065,8 hectares.

Porém, para que seja possível a implementação de projetos que foquem na restauração florestal dos trechos degradados da mata ciliar da bacia do rio Acre torna-se imprescindível a identificação botânica e a descrição das espécies florestais, endêmicas da mata ciliar, com maior Índice de Valor de Importância (IVI) e, portanto, adequadas para o cultivo restaurador dos fragmentos remanescentes das margens deste rio.

Inserido no conjunto de produtos acadêmicos elaborados no âmbito do projeto Ciliar Só-Rio Acre, que contou com recursos do CNPq da ordem de 200 mil reais, esse estudo catalogou um total de 90 espécies florestais nativas da mata ciliar do rio Acre.

Espera-se que com a catalogação seja possível trazer à tona os problemas da supressão desse tipo de vegetação, bem como a opção de reverter esse quadro, que é a conversão das margens degradadas do rio ao ecossistema florestal original, além contribuir no alcance de um dos principais objetivos do Ciliar Só-Rio que foi definir as espécies florestais nativas com maior IVI da mata ciliar dos 8 (oito) municípios acreanos que podem ser empregadas para a restauração dos fragmentos degradados ao longo bacia hidrográfica (RODRIGUES et al., 2013).

Várias linhas de pesquisa foram sugeridas pelo Ciliar Só-Rio e ajudaram a identificar previamente espécies de maior ocorrência na mata ciliar do rio Acre, como o estudo conduzido por Farias (2011), que inventariou a mata ciliar, bem como o estudo realizado por Lima (2011), que descreveu a fenologia de várias espécies florestais.

As informações contidas neste trabalho, tem como objetivo, subsidiar os gestores dos 8 municípios cortados pelo rio Acre na elaboração de projetos de restauração florestal, através dos seguintes estudos:

I - Catalogação de 90 espécies florestais nativas da mata ciliar do rio Acre, com maior Índice de Valor de Importância (IVI-Mata ciliar) e;

II - Descrição de coeficientes técnicos visando a produção de sementes e mudas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Tendo em vista que no próximo capítulo são apresentadas informações botânicas e sobre a produção de sementes e mudas para as 90 espécies florestais indicadas para emprego em projetos de restauração florestal da mata ciliar do rio Acre, a presente revisão de literatura procurou focar nos seguintes temas:

(a) contextualização sobre bacias hidrográficas;

(b) afluentes do rio Acre;

(c) municípios cortados pelo rio Acre;

(d) matas ciliares: os cílios protetores das águas;

(e) importância dos Catálogos Botânicos; e,

(f) projeto Ciliar Só-Rio Acre.

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE BACIAS HIDROGRÁFICAS

Não há dúvida científica acerca dos excessos cometidos pela humanidade no século XX em relação a exploração em massa dos recursos naturais, com o intuito de alimentar a atividade econômica da época, o que resultou na deterioração da atmosfera, oceanos, cobertura dos solos, sistema climático, da fauna e flora e consequentemente das bacias hidrográficas (ARAÚJO et al., 2009).

Logo, a história da evolução da civilização poderia ser escrita a partir da aflição épica do homem com a água (FRANK 1955, apud LIMA 2008).

Lima (2008, p. 29) afirma que:

> A água na Terra é, a um só tempo, vulgar e vital, rara e ubíqua, útil e destrutiva. Suas propriedades químicas e físicas conferem-lhe características importantes como: material básico para as células vivas; agente de limpeza e de nutrição; solvente universal; mobilidade excepcional; meio de transporte; reguladora das trocas de energia na biosfera; moderadora do clima; agente erosivo e destruidor.

Com o decorrer dos anos e apoiados, principalmente, na evolução de técnicas e no desenvolvimento de novos métodos, o homem delimitou territorialmente a

observação e a compreensão quanto a dinâmica hídrica, utilizando o conceito de bacia hidrográfica (LATUF, 2011).

Uma bacia hidrográfica abrange toda a área de captação natural da água da chuva, propiciando assim o escoamento superficial para o canal principal e seus tributários. O limite superior de uma bacia hidrográfica é o divisor de águas, e a delimitação inferior é a saída da bacia, denominada exutório (LIMA, 2008).

Para Brigante e Espíndola (2003), a bacia fundamenta-se no resultado da interação da água e de outros recursos naturais como material de origem, topografia, vegetação e clima.

É por intermédio das bacias hidrográficas que se realizam os balanços de entrada proveniente da chuva e saída de água através do exutório, permitindo que sejam delineadas bacias e sub-bacias, cuja interconexão se dá pelos sistemas hídricos (PORTO; PORTO, 2008).

Assim, é evidente que a gestão das bacias hidrográficas, assume crescente relevância no Brasil à proporção que aumentam os efeitos da degradação ambiental com relação a disponibilidade de recursos hídricos (JACOBI; FRACALANZA, 2005).

Não à toa que A Constituição Federal brasileira de 1988 definiu as águas como bens de uso comum e alterou o domínio das águas do território nacional, anteriormente definida pelo Código de Águas, Decreto nº 24.643, de 10 de julho de1934 (BRASIL, 1988).

Em seu art. 26, inciso I, o princípio constitucional considerou como bens dos Estados “as águas superficiais ou subterrâneas, fluentes, emergentes e em depósito, ressalvadas, neste caso, na forma da lei, as decorrentes de obras da União” (BRASIL, 1988). No entanto, era evidente a carência de novos delineamentos na gestão e regulação dos recursos hídricos naquela época.

Nesse contexto, em 1997, foi aprovada a Lei nº 9.433, que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos*,* que determina que o gerenciamento de recursos hídricos deve ser realizado de forma descentralizada, participativa e integrada, assim como o espaço geográfico de atuação para as agências e comitês de bacias hidrográficas (CBHs) (BRASIL, 1997), que, segundo Pereira et al., (2018), são os principais órgãos estatais responsáveis por planejar, executar e financiar programas que envolvam o uso da água dentro de cada bacia.

No período preparatório para a Conferência da ONU conhecida como Rio-92, a gestão dos recursos hídricos por meio da bacia hidrográfica deve ser integrada

envolvendo os aspectos físicos, sociais, econômicos e ambientais (PORTO; PORTO, 2008).

Posteriormente, em 2001, foi criada a Agência Nacional de Águas (ANA), com o objetivo de complementar a organização institucional da gestão de recursos hídricos do país (PORTO; PORTO, 2008). Instituída pela Lei nº 9.984/2000, a ANA é uma autarquia especial vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, com autonomia técnica, administrativa e financeira para regularizar a implementação, operacionalização, o controle e a avaliação dos instrumentos de gestão criados pela Política Nacional de Recursos Hídricos.

Três anos mais tarde na condição de um dos últimos estados brasileiros o Acre, aprovou a Lei nº 1.500, instituindo a Política Estadual de Recursos Hídricos (PERH), que determina “a água como um bem de domínio público, essencial à vida, com disponibilidade limitada e dotada de valor econômico, social e ecológico”, estabelecendo, ainda, no mesmo artigo, parágrafo 2º “a bacia hidrográfica como unidade física e territorial de planejamento e gerenciamento” (ACRE, 2003).

Sobre a qualidade da água a resolução 357 de 2005 do Conama estabelece em seu art. 38, inciso II que:

> Nas bacias hidrográficas em que a condição de qualidade dos corpos de água esteja em desacordo com os usos preponderantes pretendidos, deverão ser estabelecidas metas obrigatórias, intermediárias e final, de melhoria da qualidade da água para efetivação dos respectivos enquadramentos, excetuados nos parâmetros que excedam aos limites devido às condições naturais (BRASIL, 2005).

Desse modo, é perceptível as inúmeras leis e resoluções aprovadas - a nível nacional e subnacional - a partir do reconhecimento sobre a importância da água, bem como o reconhecimento de que no bioma amazônico se encontra o maior potencial hidrológico do país e que a conservação da floresta implica em impactos diretos nos recursos hídricos, o que demanda inúmeros estudos destinados a compreender a dinâmica das bacias hidrográficas, analises de seu ciclo hidrológico, topografia e, em especial como tratado nessa monografia, a influência da mata ciliar.

2.2. AFLUENTES DO RIO ACRE

No Acre, mesmo em nossos dias, independentemente das conquistas aéreas e rodoviárias, tem-se na sua rede hidrográfica a força maior de comunicação e de transporte no interior da floresta (RANZI, 2008).

A hidrografia presente no território acreano se caracteriza pela proximidade com a região das nascentes e cabeceiras. Essa extensa rede hidrográfica apresenta rios fluindo tanto no sentido sudoeste, quanto nordeste, tendo como principais características o paralelismo, além de mudanças de direção dos seus cursos e a rede de drenagem bem distribuída (ACRE, 2006).

Em seu trajeto, o rio Acre define as fronteiras entre Brasil, Bolívia e Peru, cobrindo uma área aproximada de 35.967,5 km2, dos quais 87,5% pertencem ao território brasileiro (87,6% pertencente ao Acre e 12,4% ao Amazonas), restando assim 7,1% ao Peru e 5,4% à Bolívia (LATUF, 2011).

De acordo com Oliveira (2013), este é a principal fonte de abastecimento da população, como também das principais atividades produtivas em 10 (dez) dos 22 (vinte e dois) municípios que formam o território acreano.

Seus principais afluentes, se encontram na margem direita, o rio Xapuri, com área física estimada em 5.948 km² e o Riozinho do Rôla, com área física estimada de 7.606 km² (ACRE, 2006).

Além disso, o rio Acre deságua no rio Purus, em sua foz, na cidade amazonense de Boca do Acre/AM (LATUF, 2011), fazendo parte também desta bacia o rio Iaco, parte brasileira do rio Abunã, este último pertencente à bacia do rio Madeira (FARIAS, 2011).

2.3. MUNICÍPIOS CORTADOS PELO RIO ACRE

O território acreano possui papel expressivo na história da região Amazônica durante a expansão da economia da borracha no fim do século XIX pelo potencial de riqueza natural dos rios acreanos e pela qualidade e produtividade dos seringais existentes em seu território (ACRE, 2006).

Atualmente, o território acreano encontra-se dividido cinco regiões político administrativas: Alto Acre, Baixo Acre, Purus, Tarauacá/Envira e Juruá. Tal divisão segue a distribuição das bacias hidrográficas enquanto unidade de planejamento (ACRE, 2006).

De acordo com Rodrigues et al., (2013), da nascente para a foz o rio Acre atravessa: Assis Brasil (em que o rio é o divisor físico da fronteira com a cidade de Inãpari, no Peru), Brasileia (no qual o rio também é um divisor físico com a capital de Pando, vulgo Cobija), além de Epitaciolândia, Xapuri Capixaba, Senador Guiomard, Rio Branco e Porto Acre.

As características e condição da mata ciliar em cada uma dessas cidades, são discutidas abaixo e utilizam como referência principal Rodrigues et al., (2013).

2.3.1. Assis Brasil

O município de Assis Brasil possui uma população estimada em 7.300 habitantes em 2018 (IBGE, 2017) e uma área territorial de 497.417,50 hectares, ocupando 3,03% da área estadual (ACRE, 2017).

A sede do município se encontra na margem esquerda do Rio Acre e limita-se ao norte, com o município de Sena Madureira; ao sul com o Peru e a Bolívia; a leste, com o município de Brasiléia e a oeste, com o Peru (ACRE, 2008).

Distando 340,9 km da capital Rio Branco, Assis Brasil desflorestou 5,40%, sendo o sétimo município com uma das menores taxas de desmatamento do Acre (PRODES/INPE, 2017).

Com mais de 90% de todo trecho que foi mapeado como área de influência direta da mata ciliar conservados, Assis Brasil é, de longe, a cidade onde o desmatamento pode ser considerado sob controle. O trecho crítico localizado à jusante da área urbana do município no interior do Projeto de Assentamento Paraguassú, área sob a responsabilidade do Incra, possui extensão total de 56 hectares (RODRIGUES et al., 2011).

Atuar nesse projeto de assentamento no sentido de estimular a restauração da mata ciliar em todo trecho do rio, deveria ser assumido como prioridade para as

instituições envolvidas com o assentamento como o Incra e a gestão municipal (RODRIGUES et al., 2011).

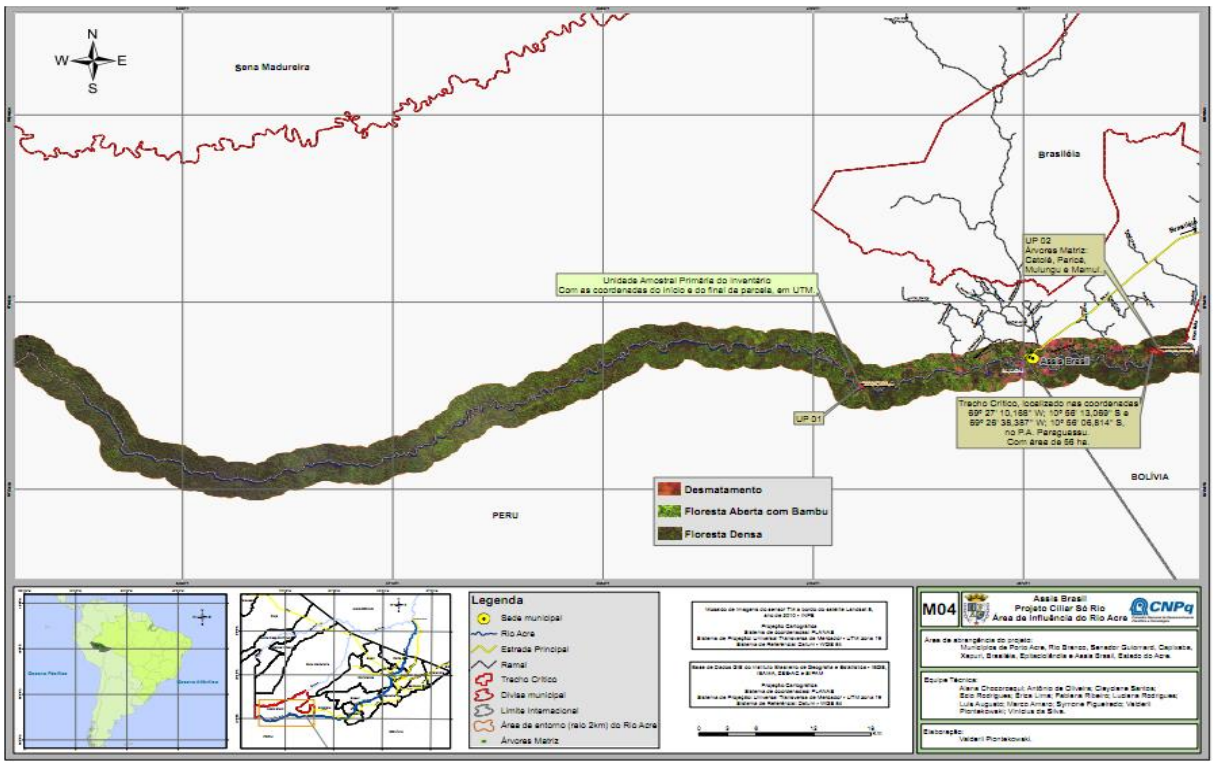


FIGURA 1: Trecho crítico para restauração florestal em Assis Brasil.
Fonte: PIONTEKOWSKI (2011).

2.3.2. Brasiléia

Brasiléia detém uma área territorial de 391.650,20 hectares, ocupando 2,39% do Estado (ACRE, 2017) e possui uma população estimada em 2018 em 25.848 habitantes (IBGE, 2017).

Brasiléia limita-se ao norte e a leste, com o município de Xapuri; ao sul com a Bolívia; a oeste com o município de Assis Brasil; a noroeste, com o município de Sena Madureira e a sudeste, com o município de Epitaciolândia (ACRE, 2008).

O município possui 230 km de distância rodoviária da capital do Estado (ACRE, 2017) e segundo o projeto PRODES/INPE (2017), Brasiléia desflorestou em torno de 34,89%, tornando-se o oitavo município que mais desmatou naquele ano.

Sob maior ocupação antrópica, a área de influência da mata ciliar está comprometida pelo desmatamento em mais de 50%. A porção crítica selecionada para a restauração florestal possui 268 hectares e embora esteja localizada à montante da

área urbana do município sofre sua influência, já que está inserida no perímetro de expansão urbana (RODRIGUES et al., 2011).

A maior parte do desmatamento se localiza na margem esquerda do rio, já que a margem direita pertence à Bolívia. A mata ciliar sofreu maior conversão em pastagem no estrato florestal de floresta densa; a floresta aberta ocorre associada com bambu, ou taboca, sendo que ocupa mais de 60% da área de influência (RODRIGUES et al., 2011).

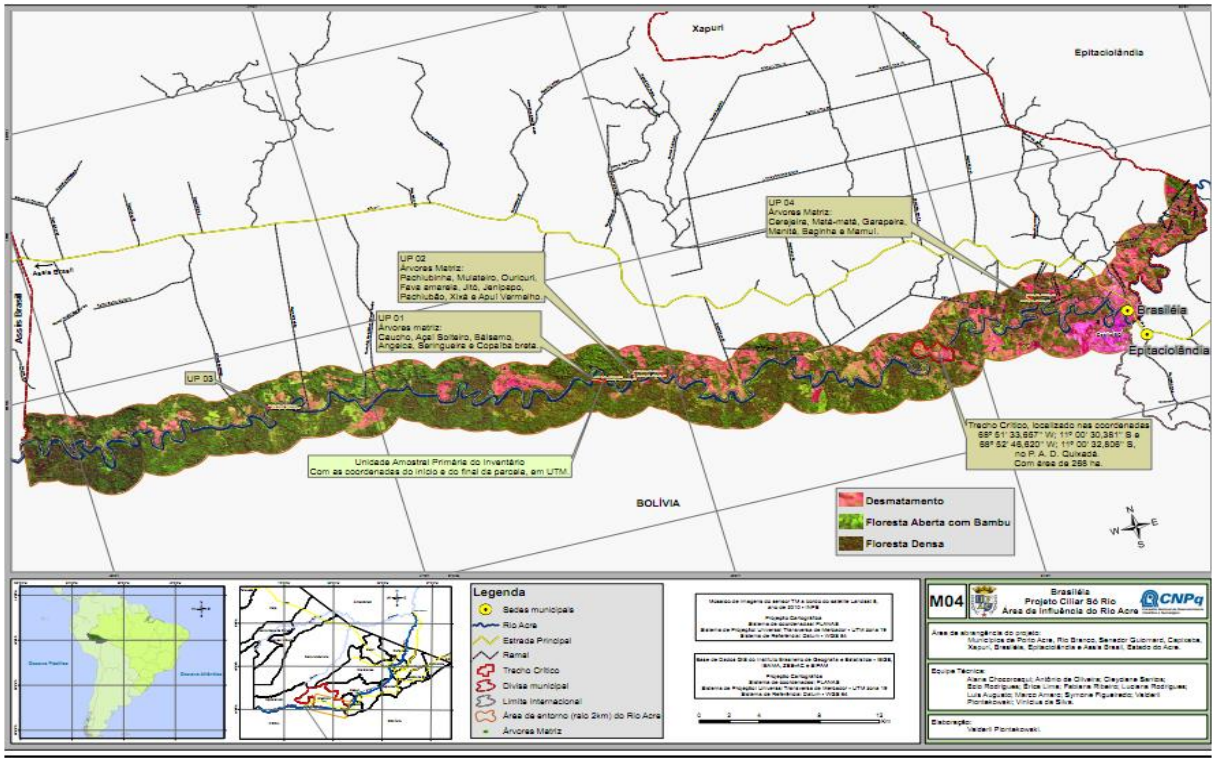


FIGURA 2: Trecho crítico para restauração florestal em Brasiléia.
Fonte: PIONTEKOWSKI (2011).

2.3.3. Capixaba

O município de Capixaba dispõe de uma área territorial de 170.257,70 hectares, ocupando somente 1,04% do Estado do Acre (ACRE, 2017) e possui uma população estimada no ano de 2018 em 11.456 habitantes (IBGE, 2017).

Capixaba limita-se ao norte e nordeste com o município de Rio Branco; ao sul, com a Bolívia; a leste, com o município de Plácido de Castro e a Bolívia e a oeste, com a município de Xapuri (ACRE, 2008).

O município possui uma distância rodoviária de Rio Branco de 80,4 km (ACRE, 2017) e desflorestou no ano de 2017 em torno de 52,17%, sendo, portanto, o quarto município que mais desmatou no Estado no referente ano (PRODES/INPE, 2017).

Em torno de 20% da área de influência da mata ciliar foram desmatados, o que pode ser explicado pelo afastamento do traçado do rio em relação à BR 317. Enquanto em Xapuri, Epitaciolândia e Brasiléia, o leito do rio se aproxima da BR, em capixaba ele se distancia, a não ser na área do cultivo da cana, que vai da BR 317 até a margem do rio (RODRIGUES et al., 2011).

O trecho crítico selecionado nesse município e extenso, totalizando 557 hectares, sendo que se encontra integralmente inserido na região de influência da cana-de-açúcar (RODRIGUES et al., 2011).

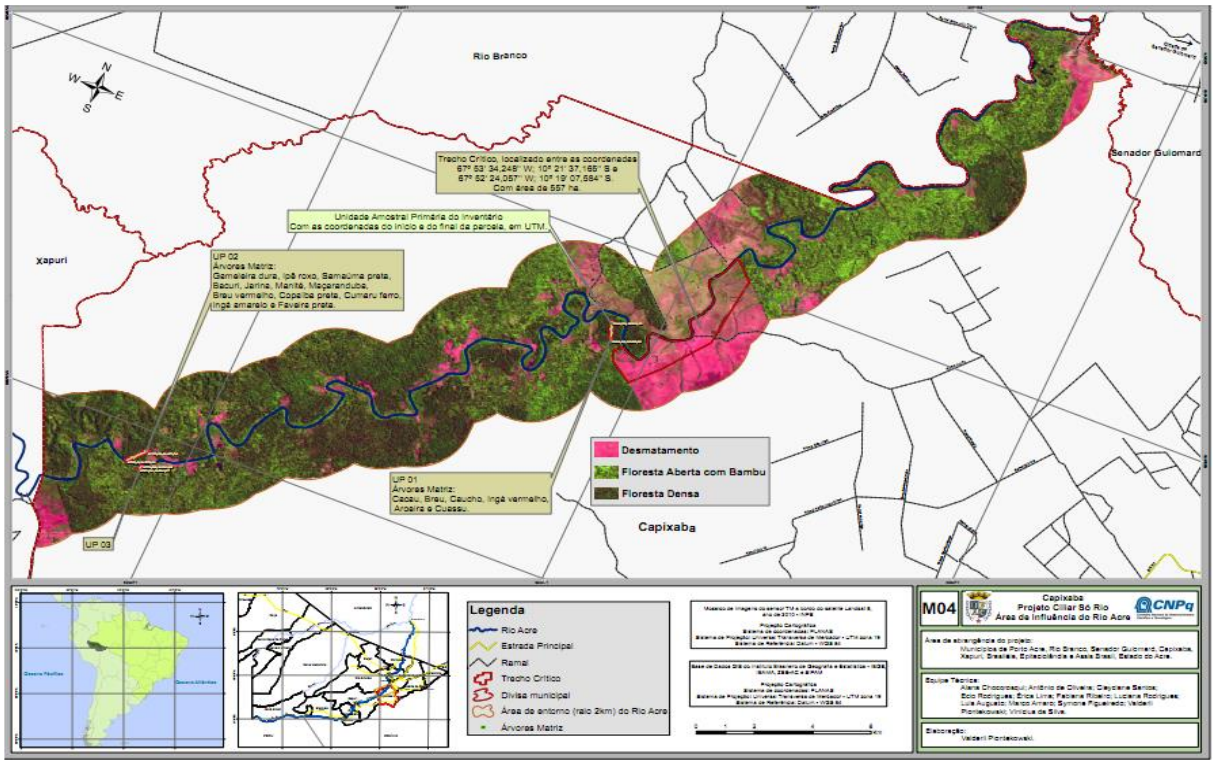


FIGURA 3: Trecho crítico para restauração florestal em Capixaba.
Fonte: PIONTEKOWSKI (2011).

2.3.4. Epitaciolândia

Epitaciolândia detém uma área territorial de 165.476,80 hectares, ocupando 1,01% da área do Estado (ACRE, 2017) e possui uma população estimada no ano de 2018 em 18.122 habitantes (IBGE, 2017).

Epitaciolândia abriga marcos de fronteira que foram estabelecidos para esclarecer os limites com a Bolívia, posterior aos combates sangrentos da Revolução Acreana nas margens do Igarapé Bahia (ACRE, 2008).

O município limita-se ao norte, com o município de Xapuri; ao sul e a leste, com a Bolívia e a oeste, com o município de Brasiléia (ACRE, 2008) e possui uma distância rodoviária da capital Rio Branco de 228,9 km (ACRE, 2017).

De acordo com o projeto PRODES/INPE (2017), Epitaciolândia desflorestou cerca de 51,98%, tornando-se o quinto município que mais desmatou no ano de referência.

Mais de 80% da área de influência da mata ciliar do rio Acre foram convertidos em pastagens no município de Epitaciolândia – o que o torna prioridade para ações de restauração florestal. Entre os municípios abrangidos pelo Ciliar Só-Rio, Epitaciolândia é o mais afetado pelo desmatamento (RODRIGUES et al., 2011).

O trecho crítico para a restauração florestal possui 193 hectares e está localizado bem à jusante da área urbana do município, próximo da divisa com o município vizinho de Capixaba. Apresentando predominância do estrato florestal no qual a floresta aberta surge associada à taboca, o trecho crítico está situado integralmente no perímetro da resex Chico Mendes, circunstância que confere ainda mais urgência às imprescindíveis ações de restauração florestal (RODRIGUES et al., 2011).

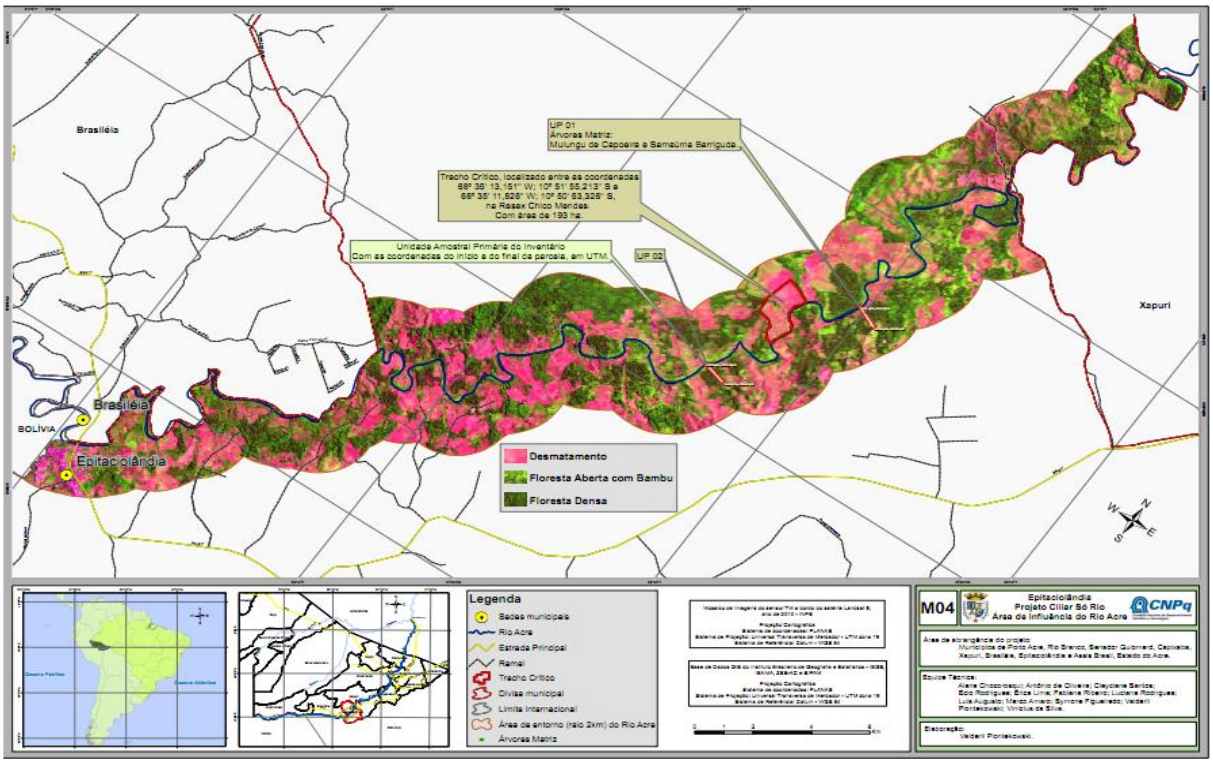


FIGURA 4: Trecho crítico para restauração florestal em Epitaciolândia.
Fonte: PIONTEKOWSKI (2011).

2.3.5. Porto Acre

Porto Acre possui uma área territorial de 260.487,50 hectares, ocupando 1,59% do Estado do Acre (ACRE, 2017) e uma população estimada no ano de 2018 em 18.180 habitantes (IBGE, 2017).

Porto Acre limita-se ao norte, com o Estado do Amazonas; ao sul, com os municípios de Bujari e Rio Branco; a leste com o município de Senador Guiomard e a oeste, com o município de Bujari (ACRE, 2008).

O município em questão, possui uma distância rodoviária da capital de 62 km da capital Rio Branco (ACRE, 2017) e conforme dados do projeto PRODES/INPE (2017), desflorestou 49,46%, estando na sexta colocação dos municípios acreanos que mais desmataram no ano citado.

O trecho crítico para a restauração florestal possui 117 hectares e está localizado bem à montante da área urbana do município (RODRIGUES et al., 2011).

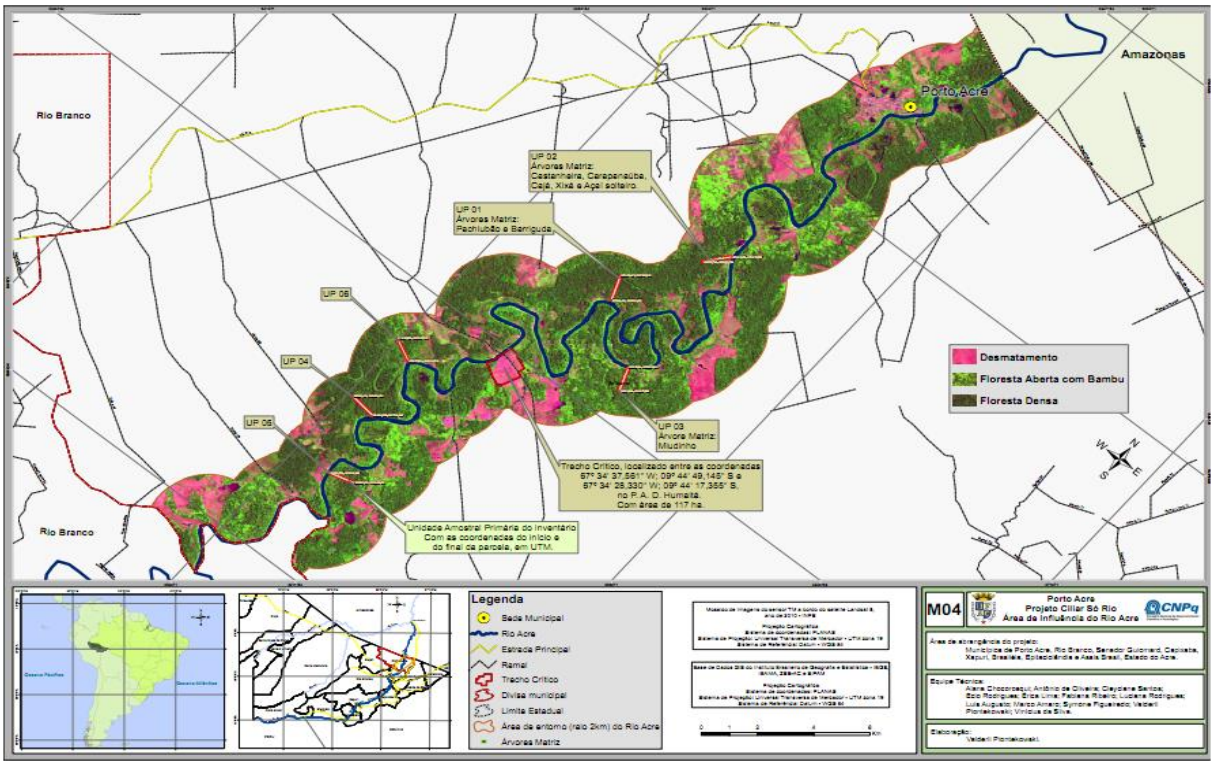


FIGURA 5: Trecho crítico para restauração florestal em Porto Acre.
Fonte: PIONTEKOWSKI (2011).

2.3.6. Xapuri

Xapuri detêm uma área territorial de 534.746,80 hectares, ocupando cerca de 3,26% do Estado (ACRE, 2017) e possui uma população estimada no ano de 2018 em 19.048 habitantes (IBGE, 2017).

O município de Xapuri limita-se ao norte com a capital Rio Branco; ao sul com o município de Epitaciolândia; a leste, com o município de Capixaba; a oeste, com o município de Sena Madureira e a sudoeste, com o município de Brasiléia (ACRE, 2008).

O município possui uma distância rodoviária da capital do Estado de 184,7 km (ACRE, 2017), e desflorestou cerca de 25,51%, sendo, portanto, o décimo município que mais desmatou no Estado no referido ano (PRODES/INPE, 2017).

Entre 40% a 50% da área de influência da mata ciliar foram desmatados no trecho do rio que atravessa o município (RODRIGUES et al., 2011).

Mesmo bastante afastado da área urbana, à jusante, o trecho crítico selecionado em Xapuri, com um total de 202 hectares, apresenta os estratos florestais de floresta aberta associada à taboca e floresta densa. Aliás, na área onde se situa o

município, a floresta densa tem maior predominância do que na região ocupada pelas cabeceiras do rio (RODRIGUES et al., 2011).

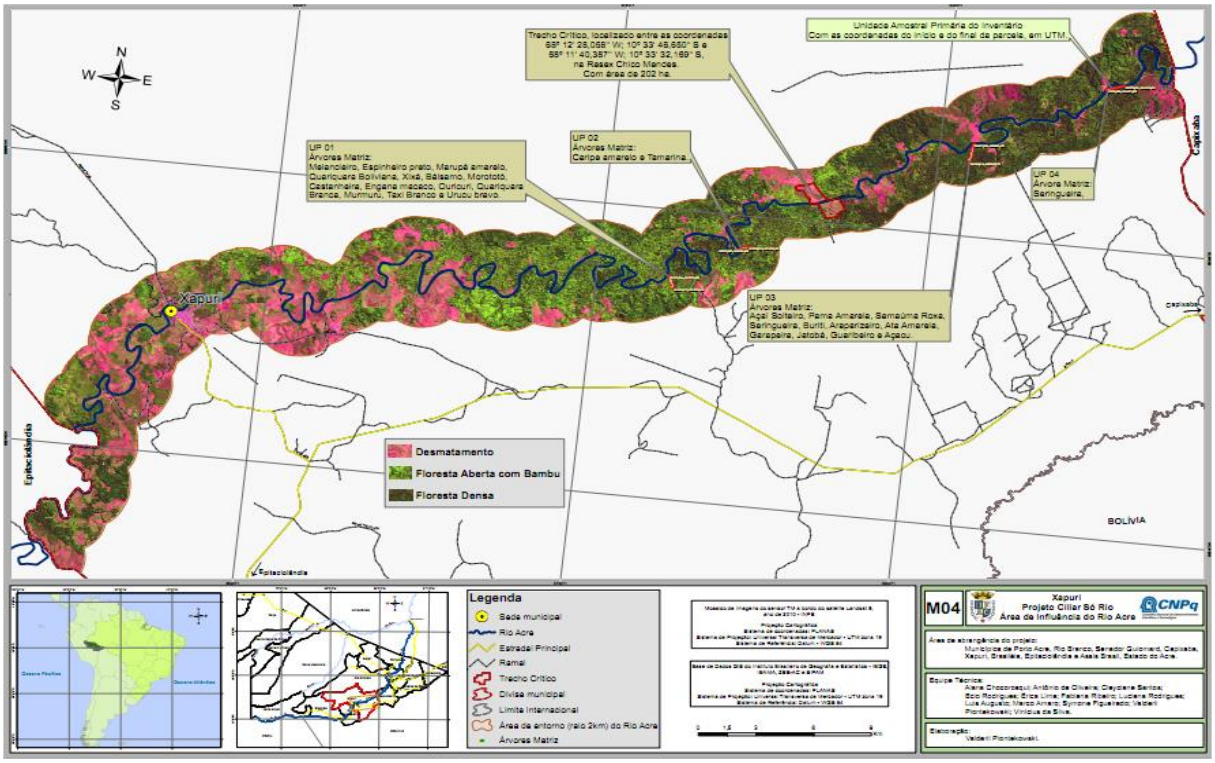


FIGURA 6: Trecho crítico para restauração florestal em Xapuri.
Fonte: PIONTEKOWSKI (2011).

2.3.7. Rio Branco

A capital acreana possui uma população estimada em 2018 em 401.155 habitantes (IBGE, 2017) e detém uma área territorial de 883.552,00 hectares, ocupando assim 5,38% do Estado (ACRE, 2017).

Rio Branco limita-se ao norte, com os municípios de Bujarí e Porto Acre; ao sul com os municípios de Senador Guiomard e a oeste, com o município de Sena Madureira (ACRE, 2008).

Para mais, segundo dados do projeto PRODES/INPE (2017), a capital desflorestou cerca de 30,32%, estando, portanto, na nona posição das cidades que mais desmataram no Acre, no ano em questão.

2.3.8. Senador Guiomard

Senador Guiomard possui uma área territorial de 232.145,40 hectares, ocupando apenas 1,41% do Estado do Acre (ACRE, 2017) e possui uma população estimada em 2018 em 22.810 habitantes IBGE, 2017).

Senador Guiomard limita-se ao norte, com o Estado do Amazonas; ao sul e a oeste, com o município de Rio Branco; a leste, com o município de Plácido de Castro e a nordeste, com o município de Acrelândia (ACRE, 2008).

O município possui uma distância rodoviária da capital do Estado de 24 km (ACRE, 2017) e desflorestou no ano de 2017, 71,99%, ficando assim na segunda posição dos municípios que mais desmataram naquele ano (PRODES/INPE, 2017).

No caso, tanto Rio Branco, quanto Senador Guiomard – em face do reduzido trecho de mata ciliar presente nesses municípios -, as amostras do inventário florestal foram plotadas sobre apenas um mapa. A região abrangida pelas duas cidades é a que apresenta maior densidade demográfica em todo o percurso do rio, e, por conseguinte, a que está sujeira a maior pressão antrópica. Elevada densidade demográfica implica em taxas elevadas de desmatamentos, que nesses municípios chegam a alcançar 70% de toda a área de influência da mata ciliar (RODRIGUES et al., 2011).

Assim, foram mapeados dois trechos críticos, um em cada cidade. O trecho crítico de 44 hectares selecionado em Senador Guiomard, devido ao afastamento do rio em relação à BR e ao fato de que o centro urbano se localiza às margens da rodovia, não recebe qualquer tipo de influência da área urbana. Já o trecho crítico assinalado em Rio Branco, que mede 146 hectares, está localizado à jusante do centro urbano e recebe sua influência direita. Nessa região, volta a predominar o estrato florestal no qual a floresta aberta se associa à taboca, cobrindo mais de 80% de toda a mata ciliar (RODRIGUES et al., 2011).

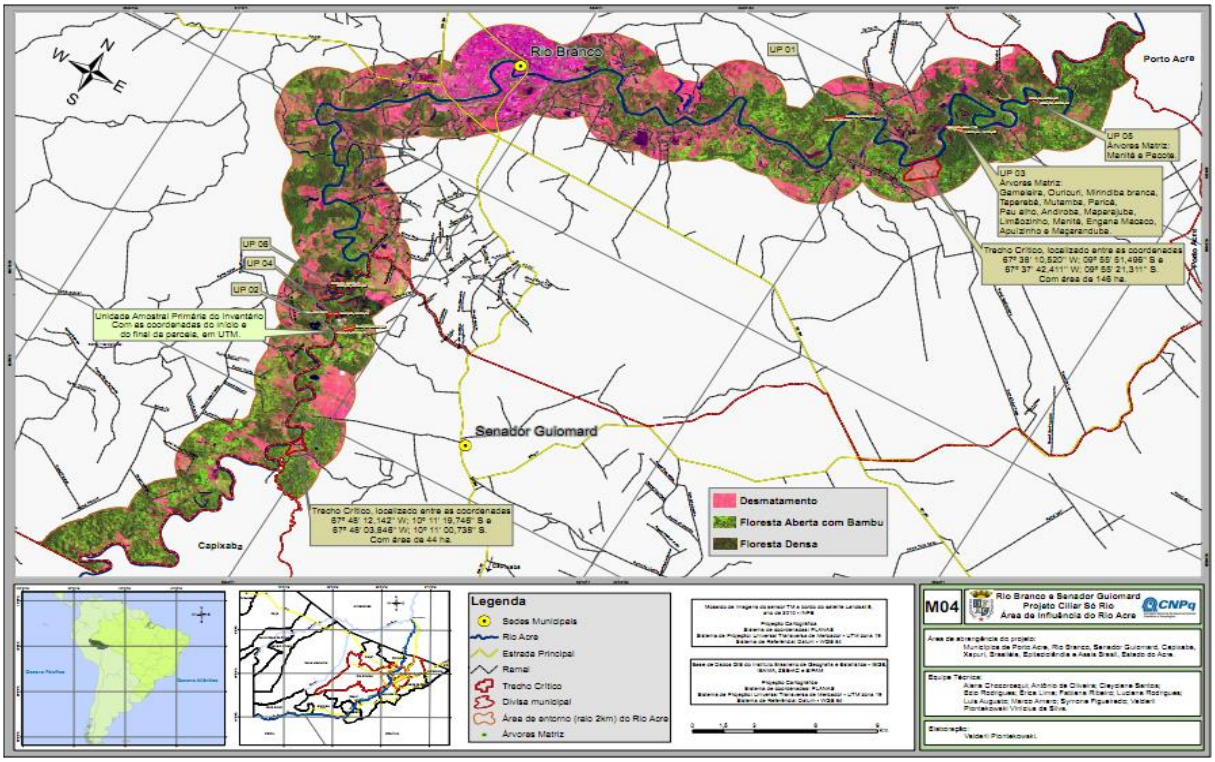


FIGURA 7: Trecho crítico para restauração florestal em Rio Branco e Senador Guiomard.

Fonte: PIONTEKOWSKI (2011).

2.4. MATAS CILIARES: OS CÍLIOS PROTETORES DAS ÁGUAS

Para Kuntschik et al., (2014, p. 13):

> As matas que recobrem as margens dos rios e de suas nascentes recebem o nome popular de matas ciliares. Esse nome surgiu da comparação entre a proteção dos cílios aos olhos e o papel protetor das matas quanto aos corpos d'água.

Ribeiro e Walter (2001, p. 36), definem mata ciliar como "a vegetação florestal que acompanha as margens dos rios de médio e grande porte [...]".

As matas ciliares, também conhecidas como formações florestais ribeirinhas, matas de galeria, florestas ciliares e matas ripárias, estão presentes em todos os biomas brasileiros e assim, pode-se deduzir a infinidade de espécies que a compõem (KUNTSCHIK et al., 2014).

Essas formações são essenciais ao equilíbrio ambiental, representando, uma preocupação central para o desenvolvimento sustentável. Logo, a sua remoção,

segundo Sampaio (2016), favorece o processo de erosão do solo e, portanto, o assoreamento dos corpos d'águas.

Tal erosão, de acordo com Teixeira et al., (2014, p. 6) "é aquela que destrói as margens dos rios, desempenhando importante papel no aumento da largura do canal".

Outro fato preocupante é a perda da resiliência de rios que foram submetidos a um processo longo e consecutivo de degradação. Ou seja, devido às ações antrópicas, o rio acaba perdendo a capacidade de assimilar e reagir a flutuações extremas de vazão (RODRIGUES; PAIVA, 2018).

Desse modo, a formação de barreira para impedir o assoreamento e demais mazelas, melhorando a quantidade e a qualidade da água que flui no rio, é uma das funções mais significativas exercidas pelas florestas presentes na mata ciliar, mas não a única (RODRIGUES; PAIVA, 2018).

Similarmente aos demais ecossistemas naturais, as matas ciliares prestam uma infinidade de serviços ecossistêmicos, podendo-se citar: a purificação da água; a regulação do clima; o controle de cheias e enchentes (KUNTSCHIK et al., 2014), a estabilidade das margens e barrancos de cursos d'água; sombra, abrigo e alimentação para diversas espécies animais, como peixes e outros componentes da fauna aquática; a manutenção da qualidade da água; o fornecimento de matéria orgânica; e substrato de fixação de algas (ARAÚJO, 2008).

Alguns estudos também indicam que essas matas retêm parte da carga de poluentes químicos, como agrotóxicos, evitando a contaminação de rios e córregos (KUNTSCHIK et al., 2014). Além disso, essas zonas têm sido consideradas como corredores ecológicos extremamente importantes para o fluxo de fauna, como também para a dispersão vegetal (NIN et al., 2007).

O termo "mata ciliar" se refere a toda formação florestal ocorrente em margem de cursos d'água, constituindo as APPs (Áreas de Preservação Permanente) e não é à toa que as funções desse tipo de vegetação estão protegidas numa série de dispositivos legais.

O Código Florestal (lei nº 12.651/2012) estabelece no art. 3º, inciso II, que APP consiste em:

> "Área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humana" (BRASIL, 2012).

A lei estabelece ainda, limites rígidos de largura para as faixas de vegetação marginal de cursos d'água, com base na largura dos corpos d'água e no tamanho da propriedade, isto é, no número de módulos fiscais (BRASIL, 2012).

Embora a proteção das matas ciliares esteja prevista em lei, estas, estão sendo eliminadas constantemente e sua degradação se deve a sua inserção no contexto do uso e de ocupação do solo, sendo o resultado da expansão desordenada das fronteiras agrícolas (MARTINS, 2001 apud CECONI et al., 2018).

Os dados mais recentes do PRODES/INPE confirmam esse fato, indicando que aproximadamente 34,2% da bacia do rio Acre ou o equivalente a 971,7 mil hectares já foram desmatados. Tal percentual é superior quando comparado ao do desmatamento do estado (13,7%).

Além disso, segundo o estudo de Azevedo (2019) sobre a "Comparação da evolução do desmatamento no Estado do Acre, na Bacia, no Buffer das Florestas Aluviais e na Área de Preservação Permanente do rio Acre, no Período de 1997 a 2017", quando considerada a área limitada pelo *buffer* de 2000 metros para cada margem do rio Acre (177,8 mil hectares) e pela APP, com *buffer* de 100 metros para cada margem (12,6 mil hectares), os percentuais de área desmatada foram de 44,8% e 48%, respectivamente.

2.5. IMPORTÂNCIA DOS CATÁLOGOS BOTÂNICOS

Como mencionado antes, o Brasil dispõe de uma das maiores biodiversidades do planeta, comportando cerca de 40 mil espécies de plantas (18 mil endêmicas), o que representa aproximadamente 10% da flora mundial (FORZZA et al. 2012).

Dentre os diversos tipos fitofisionômicos, as matas ciliares constituem a interface entre os ecossistemas terrestre e aquático (CHAPLA et al., 2011). Essas matas diferenciam-se das formações adjacentes pela estrutura, em geral, mais densa e mais alta em virtude principalmente da associação com o curso d'água (RIBEIRO; WALTER 1998, apud BATTILANI et al., 2005).

Como as margens dos rios são periodicamente submetidas às cheias, isso as torna um conjunto de ambientes muito variados. Em condições tão distintas, a vegetação encontrada nessas zonas é incrivelmente diversificada e por essa razão, a

fauna associada a esses ambientes também é muito rica em espécies (KUNTSCHIK et al., 2014).

Para a conservação das espécies, a precisão no processo de identificação é imprescindível, levando em conta que em muitos casos, pode ocorrer exploração de uma espécie rara ou em via de extinção, podendo haver uma outra capaz de originar um produto de qualidade similar, a qual poderia ser utilizada em substituição, preservando, portanto, a espécie ameaçada (MARTINS-DA-SILVA et al., 2003).

Sendo assim, é indiscutível que a utilização unicamente da nomenclatura vernacular, durante as transações comerciais de espécies florestais pode ocasionar impactos financeiros negativos (MARTINS-DA-SILVA et al., 2003).

Um exemplo dessa problemática no qual pode-se citar é o caso do “tauari”, nome que representa popularmente algumas espécies da família Lecythidaceae, ou até mesmo de diferentes gêneros. Por se tratarem de diferentes gêneros, as propriedades físicas e mecânicas da madeira, os dados tecnológicos, secagem, trabalhabilidade, durabilidade, rendimento na serraria e o seu uso podem ser diferentes, pois são referentes à espécie. Desse modo, o produto pode não fornecer a qualidade esperada e como resultado, ocasionará a diminuição do preço ou a perda do mercado durante a comercialização (MARTINS-DA-SILVA et al., 2003).

Assim, na Amazônia e em outras regiões tropicais, não há outras possibilidades de identificar a diversidade regional se não for por meio da literatura e da comparação com o material existente nas coleções científicas (MARTINS-DA-SILVA et al., 2003).

As coleções botânicas se fazem necessárias para o estudo da diversidade, documentando a existência de espécies em um determinado tempo e espaço, registrando elementos da flora em áreas preservadas e áreas perturbadas, sendo indispensáveis em pesquisas taxonômicas e filogenéticas e essenciais na identificação das espécies (BARBOSA; PEIXOTO, 2003).

Portanto, para o devido manejo da diversidade de uma região – no caso desse estudo da mata ciliar do rio Acre -, os estudos mais aprofundados no sentido de identificar as espécies e conhecer a estrutura da vegetação local, tornam-se cruciais, levando em conta que estes seriam a base para a definição de projetos de manejo e conservação de fragmentos remanescentes (FELFILI et al., 1993 apud SOUZA, 2016).

O Inventário Florestal realizado com recursos do CNPq e por meio do Projeto Ciliar Só-Rio Acre, detalhado a seguir, possibilitaram selecionar um conjunto de 90 espécies florestais, que são apresentadas no formato de Catálogo Botânico no

próximo capítulo. Na tabela 1 abaixo pode-se observar a distribuição por família botânica das 90 espécies nativas da mata ciliar do rio Acre.

TABELA 1: Distribuição das 90 espécies florestais da mata ciliar do rio Acre por família.

FAMÍLIA BOTÂNICA	QUANTIDADE DE ESPÉCIES	PARTICIPAÇÃO RELATIVA (%)
Anacardiaceae	6	6,66
Annonaceae	2	2,22
Apocynaceae	2	2,22
Araliaceae	1	1,11
Arecaceae	8	8,88
Bignoniaceae	1	1,11
Bombacaceae	3	3,33
Boraginaceae	1	1,11
Caesalpiniaceae	4	4,44
Caricaceae	1	1,11
Cecropiaceae	3	3,33
Chrysobalanaceae	1	1,11
Combretaceae	1	1,11
Euphorbiaceae	4	4,44
Fabaceae	6	6,66
Flacourticeae	3	3,33
Lauraceae	2	2,22
Lecythidaceae	3	3,33
Meliaceae	3	3,33
Mimosaceae	6	6,66
Moraceae	12	13,33
Myristicaceae	1	1,11
Myrtaceae	1	1,11
Nyctaginaceae	1	1,11
Phytolacaceae	1	1,11
Polygonaceae	1	1,11

Rhamnaceae	1	1,11
Rubiaceae	3	3,33
Rutaceae	1	1,11
Sapotaceae	2	2,22
Simaroubaceae	1	1,11
Sterculiaceae	2	2,22
Tiliaceae	1	1,11
Urticaceae	1	1,11
TOTAL	90	100

Fonte: NASCIMENTO (2019).

2.6. PROJETO CILIAR SÓ-RIO ACRE

É notável que os indicadores de ação antrópica na bacia hidrográfica do rio Acre são os mais graves entre todas as bacias hidrográficas que cortam o Estado do Acre (RODRIGUES et al., 2013).

Com isso, o projeto Ciliar Só-Rio Acre assumiu como premissa a reconversão das margens dos rios ao ecossistema florestal original, através de um processo interativo com o produtor, e este pressupõe o plantio de espécies nativas ou não, de seu interesse (RODRIGUES et al., 2013). Para tal, foi necessário a realização de pesquisas distintas e ao final, os resultados encontrados permitiram a confecção de unidades demonstrativas de restauração florestal da mata ciliar do Rio Acre (OLIVEIRA, 2013).

O projeto foi aprovado em 2008, no entanto, só teve início no ano seguinte, quando foi realizada a então reunião denominada “reunião de tiro”, com uma pequena equipe de pesquisadores, formada por um representante de cada uma das três instituições envolvidas na execução do projeto, sendo elas a Universidade Federal do Acre (UFAC); Universidade Estadual Paulista (UNESP); e Associação Andiroba (RODRIGUES et al., 2013).

A parte inicial do projeto consistiu no mapeamento de uma faixa marginal ao eixo de 2 km de largura, em cada margem do rio e produziu-se um mapa de toda a área, contendo os oito municípios abrangidos pelo projeto, além de mapas complementares para cada cidade abastecida pelo rio, que ajudaram a fornecer

informações acerca de três grupos de variáveis fundamentais para a execução do projeto, como o desmatamento existente na mata ciliar; a tipologia florestal predominante tanto na mata ciliar antrópica exercida pela área de influência direta; e tendência da pressão antrópica exercida pela área de influência sobre a mata ciliar em localidade específica (RODRIGUES et al., 2013).

De acordo com Rodrigues et al. (2013), as inovações tecnológicas obtidas no projeto foram: o cálculo de *IVI-Mata Ciliar*, no qual se chegou a uma lista de 20 espécies prioritárias para a restauração florestal em cada um dos oito municípios; a *largura técnica da mata ciliar*, que visou a elaboração de uma metodologia para calcular larguras de APP ou mata ciliar; e o *Programa de Extensão Florestal*, realizado para os vereadores, os quais ficaram com responsabilidades caso medidas não fossem tomadas.

A tabela 2 demonstra os produtos acadêmicos oriundos do projeto, até o momento.

TABELA 2: Produtos acadêmicos publicados pelo projeto Ciliar Só-Rio Acre, até o ano de 2019.

TIPO	TÍTULO	AUTORES	DATAS
Monografia Defendida na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ	Inventário florestal da mata ciliar do rio Acre nos municípios de Xapuri e Capixaba	Júlio Cesar Negreiros de Moraes e Hugo Barbosa Amorim	2010
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Inventário Florestal da mata ciliar do Rio Acre: De Porto Acre a Assis Brasil	Moema S. Farias, Ecio Rodrigues e Luís Cláudio de Oliveira	2011
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Fenologia de espécies florestais com maior IVI-mata ciliar em Rio Branco e Epitaciolândia, AC	Érica Lima e Ecio Rodrigues	2011

Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Estimativa de Biomassa e Carbono de Porto Acre, Ac	Fabiana Campos e Marco Amaro	2011
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Extensão florestal para revegetalização da mata ciliar do Rio Acre	Alana F. Chocorosqui e Ecio Rodrigues	2012
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Estimativa de estoque de madeira, biomassa e carbono na vegetação ciliar do Rio Acre em Xapuri, AC	Rutynei de Paula Lima e Marco Antonio Amaro	2013
Livro	Ciliar Só-Rio: Mata Ciliar no Rio Acre	Ecio Rodrigues, Marco Amaro e outros	2013
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Largura Técnica da mata ciliar do rio Acre em seu trecho acreano	Antonio Talysson Ecio Rodrigues	2013
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Produção de sementes de espécies da mata ciliar: jaci (*Attalea butyracea*) e ouricuri (*Attalea phalerata*)	Karina costa da Frota e Écio Rodrigues	2013
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Catálogo de espécies florestais com maior IVI da mata ciliar do Rio Acre - município de Xapuri – Acre.	Adriana Ketyllem Cavalcante Acácio Kauffmann e Ecio Rodrigues	2014
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Catálogo de espécies florestais com maior IVI da mata ciliar do Rio Acre - município Capixaba – Acre - Brasil.	Bairo Guedes Costa e Ecio Rodrigues	2014
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Qualidade da água do rio Acre no trecho urbano do município de Rio Branco: fatores físicos e químicos	Victor Carlos Domingos Neto, Ecio Rodrigues	2014

Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Metodologias de inventário florestal em mata ciliar no acre	Elaine De Fátima Dutra Pereira, Ecio Rodrigues	2014
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Metodologia de inventário florestal em mata ciliar de igarapés no Acre	Timóteo Paladino Do Nascimento, Ecio Rodrigues	2015
Monografia defendida na Universidade Federal do Acre - UFAC	Catálogo de espécies florestais classificados pelo Índice de Valor de Importância da mata ciliar na Estação Ecológica do rio Acre – Assis Brasil – Acre - Brasil	Jak Soreane Farias de Moraes	2016
Tese de doutorado defendida na Universidade de Brasília	Composição Florística e Fitossociológica das Florestas da Bacia do Rio Acre e indicação de espécies nativas para restauração	Luiz Augusto Mesquita de Azevedo	2019
BLOG DO PROJETO	http://ciliarsorioacre.blogspot.com/	Alana Chocorosqui	2019

Fonte: Adaptado a partir de FARIAS (2011) pela autora.

3. DETALHAMENTO DAS INFORMAÇÕES INCLUÍDAS NO CATÁLOGO

3.1. TAXONOMIA

As espécies apresentadas nesse catálogo fazem parte da divisão Angiosperma ou Magnoliofita, que compreende plantas que se caracterizam pela presença de flores e de frutos que envolvem a semente. Essa divisão representa o grupo mais diversificado e evoluído entre os vegetais superiores, possuindo cerca de 300.000 espécies.

Assim sendo, nesse item são apresentadas quatro classificações relacionadas à taxonomia das espécies, quais sejam: classe, ordem, família e nome comum. Tais informações, foram obtidas por meio da página The Plant List.

3.2. DESCRIÇÃO E BIOLOGIA REPRODUTIVA

As informações acerca da descrição da espécie, assim como sua biologia reprodutiva foram levantadas mediante pesquisas na literatura, utilizando as plataformas Reflora (herbário virtual), The Plant List e principalmente por meio de livros, como:

a) Espécies Arbóreas Brasileiras, de Paulo Ernani Ramalho Carvalho, Embrapa Vol. 1;

b) Árvores Brasileiras: manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas nativas Brasileiras, de Lorenzi (1992, 2000 e 2009), Vol. 1, 2 e 3, respectivamente e;

c) Plantas da Amazônia: 450 espécies de uso geral, de Viana et al., (2011).

Na descrição, foram apresentadas cinco características para cada espécie, tais como:

a) Altura da árvore;

b) Espessura do tronco;

c) Aparência da casca;

d) Flor;

e) Fruto.

Quanto ao item biologia reprodutiva, foram apresentadas oito informações:

a) Época de floração;

b) Época de amadurecimento dos frutos;

c) Tipo de dispersão;

d) Semente/kg;

e) Germinação (%);

f) Preparo das mudas;

g) Emergência das plântulas e;

h) Plantio em local definitivo.

3.3. INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

Nesse item, são apresentadas algumas informações ecológicas relevantes, como amostragem e tolerância a luz, além dos possíveis produtos oriundos da espécie.

3.4. DISTRIBUIÇÃO

As informações sobre a distribuição de cada espécie na mata ciliar do rio Acre, foram obtidas no livro publicado Ciliar Só-Rio: Mata Ciliar no Rio Acre, de Rodrigues et al., (2013), e sua distribuição no território brasileiro, por meio da página Reflora (Flora do Brasil 2020).

O mapa de distribuição foi processado pela própria autora, no software QGIS 3.4, através de *shapefiles* do território acreano, como o do rio Acre, disponibilizados pelo acervo do IBGE.

3.5. ESPÉCIES DESCRITAS NO CATÁLOGO

Foi utilizado como base o estudo realizado por Farias (2011) e o livro Ciliar Só-Rio: Mata ciliar no Rio Acre, de Rodrigues et al., (2013), que catalogaram as 20

espécies florestais com maior Índice de Valor de Importância (IVI) para os oito municípios acreanos, o que resultou em um total de 160 indivíduos, inseridos em 90 espécies, como demonstra o apêndice A.

4. RESULTADOS

CAJUÍ – *Anacardium giganteum* Hancock

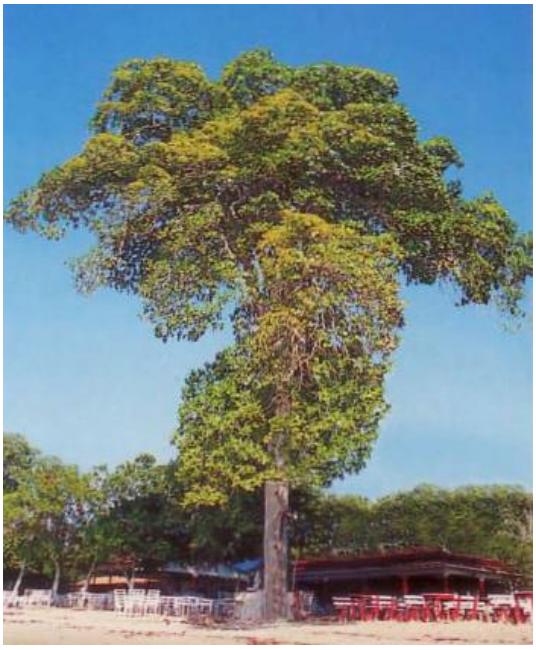


FIGURA 8: árvore de *A. giganteum*. Fonte: LORENZI (2000).

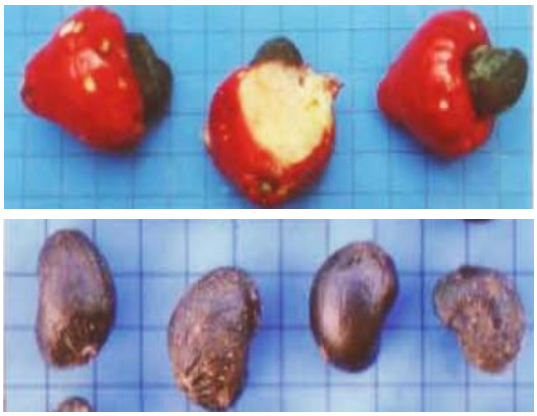


FIGURA 9 E 10: pseudofrutos e castanhas de *A. giganteum*. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 11: flor de *A. giganteum*. Fonte: EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Anacardiaceae
Nome comum	Cajuí, cajuaçu, caju-da-mata, cajueiro-da-mata, caju-brabo

DESCRIÇÃO

Altura	25 a 30 metros
Tronco	50 a 90 centímetros
Casca	Cinza, levemente lisa
Flor	Róseo-clara e vermelha, perfumada
Fruto	Castanha com parte suculenta, que é comestível

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a novembro
Frutos maduros	Dezembro a abril
Dispersão	Ornitocórica (aves)
Semente/kg	350 unidades
Germinação	80%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes em sacos individuais de polietileno, com substrato arenoso fino enriquecido com matéria orgânica e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	13 a 31 dias
Plantio definitivo	Muda superior a 30 centímetros



FIGURA 12: ramos de *A. giganteum*. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 13: exsicata das folhas e frutos de *A. giganteum*. Fonte: REFLORA (2019).

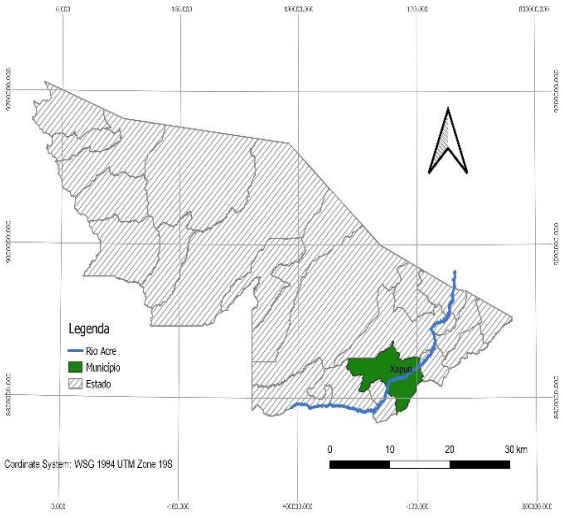


FIGURA 14: localização do *A. giganteum* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie semidecídua e mesófita, de floresta clímax, que apresenta frequência elevada e descontínua, sendo tolerante a sombra em todo o seu ciclo de vida.

O fruto castanha deve ser colhida, de preferência, na árvore antes da queda.

Sabe-se que se propaga somente pela semente e esta, deve ser tratada de maneira semelhante ao caju-comum, para eliminar os inibidores de germinação, consistindo em deixa-las em repouso dentro da água durante 48 horas, trocando a água a cada 8 horas,

A castanha é considerada mais saborosa que a do caju, as flores são melíferas. A parte suculenta do fruto tem sabor agridoce e agradável, muito apreciado e comercializado em feiras na Amazônia, consumido na forma de suco e doces caseiros. As folhas são usadas para chás e banhos contra dor de cabeça e infecção.

A árvore cresce bem em áreas abertas e pode ser indicada para reflorestamentos.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Estado do Acre, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Xapuri (Figura 14).

MUIRACATIARA – *Astronium lecointei* Ducke.



FIGURA 15: árvore de *A. lecointei*. Fonte: IPT (1989).



FIGURA 16 E 17: fruto e semente de *Astronium* sp. Fonte: DISCOVER LIFE (2006).



FIGURA 18: inflorescência de *Astronium* sp. Fonte: DISCOVEER LIFE (2006).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Anacardiaceae
Nome comum	Muiracatiara, aderno-preto, aroeira, aroeirão, maracatiara

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 45 metros
Tronco	60 a 80 centímetros
Casca	Acinzentada; as placas quebram-se, deixando manchas amarelas ao longo do tronco, mas sem depressões
Flor	Amarela
Fruto	Bagas cilíndricas, elipsoides e marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Outubro a novembro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	1.300 unidades
Mudas	Dispor as sementes (frutos) logo que colhidas, em canteiros à pleno sol, com substrato arenoso enriquecido com matéria orgânica e irrigar diariamente
Germinação	80%
Emergência das plântulas	8 a 12 dias
Plantio definitivo	Muda superior a 30 cm



FIGURA 19: muda de *A. lecointei*. Fonte: LOPES (20-?).



FIGURA 20: exsicata das folhas de *A. lecointei*. Fonte: REFLORA (2019).

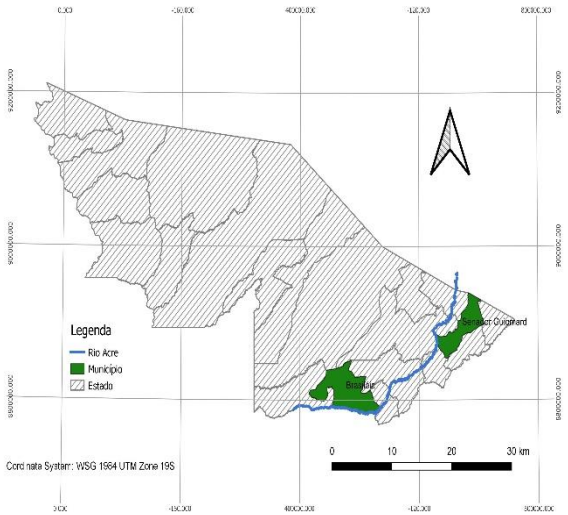


FIGURA 21: localização do *A. lecointei* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

Planta decídua, heliófita e pioneira, que produz anualmente grande quantidade de sementes facilmente disseminadas pelo vento.

Os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore logo quando iniciarem a queda espontânea.

Como são leves e facilmente levados pelo vento, devem ter sua inflorescência cortada em dias de vento. Em seguida, é importante deixá-los secar ao sol, para facilitar a remoção das sépalas que ficam aderentes aos frutos, que podem ser removidas pelo esfregaço manual, liberando os frutos.

A madeira é própria para construção civil e naval, marcenaria, confecção de dormentes, corrimãos, balaústres, mancais, esteios, rodas hidráulicas e portas de fino acabamento. A árvore é muito útil para o paisagismo e arborização de parques e grandes jardins, tendo como único inconveniente a perda de flores durante o inverno.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Brasiléia e Senador Guiomard (Figura 21).

CAJÁ – *Spondias lutea* L.



FIGURA 22: árvore de *S. lutea*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 23 E 24: frutos e sementes de *S. lutea*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 25: inflorescência de *S. lutea*. Fonte: SACRAMENTO (2009).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Anacardiaceae
Nome comum	Cajá, acajá, cajazeiro, cajá-pequeno, cajá-mirim

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 25 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Fissurada, rugosa, acinzentada
Flor	Amarela-clara, perfumada
Fruto	Drupa, casca fina e amarela

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a dezembro
Frutos maduros	Outubro a janeiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	225 unidades
Germinação	67% a 71%
Mudas	Após quebra de dormência, dispor até duas sementes em sacos de polietileno com substrato organo-arenoso, em ambiente semi-sombreado, cobrindo-as com 1 cm de substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	20 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 a 6 meses



FIGURA 26: ramo com folhas e inflorescência de *S. lutea*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 27: exsicata das folhas de *S. lutea* L. Fonte: REFLORA (2019).

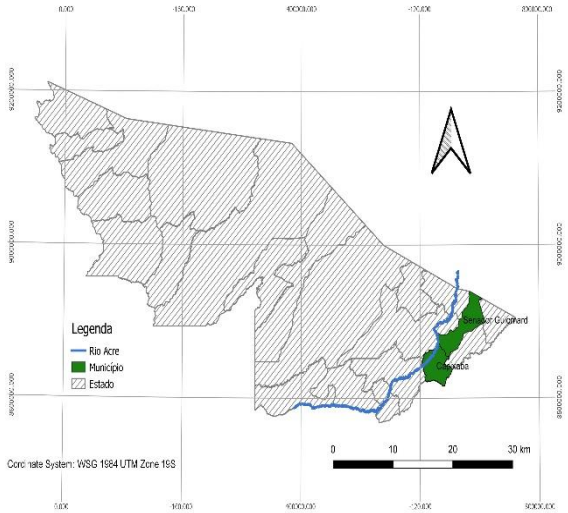


FIGURA 28: localização da *S. lutea* L. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É perenifólia ou semidecídua e heliófita. As sementes germinam à sombra, mas as plântulas necessitam de sol pleno ou quase pleno para seu desenvolvimento. A espécie é sinônimo da *S. mombin.*

Para obtenção das sementes, deve-se recolher os frutos no chão, após sua queda da árvore.

As sementes possuem dormência, e para superá-la, deve-se realizar escarificação química com ácido sulfúrico a 65-66%, por 30 e 60 minutos.

Suas flores são melíferas. Seus frutos são comestíveis e muito apreciados pelas populações do Norte do país, sendo amplamente utilizados na confecção de suco, néctares, sorvetes, geleias, vinhos e licores.

A árvore é muito cultivada nos Estados do Norte e sua madeira é própria para marcenaria e carpintaria, muito empregada na construção de pequenas embarcações.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie é bem disseminada em todo o território brasileiro, com exceção dos Estados da região Sul, como Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Capixaba e Senador Guiomard (Figura 28).

TAPEREBÁ – *Spondias mombin* L.

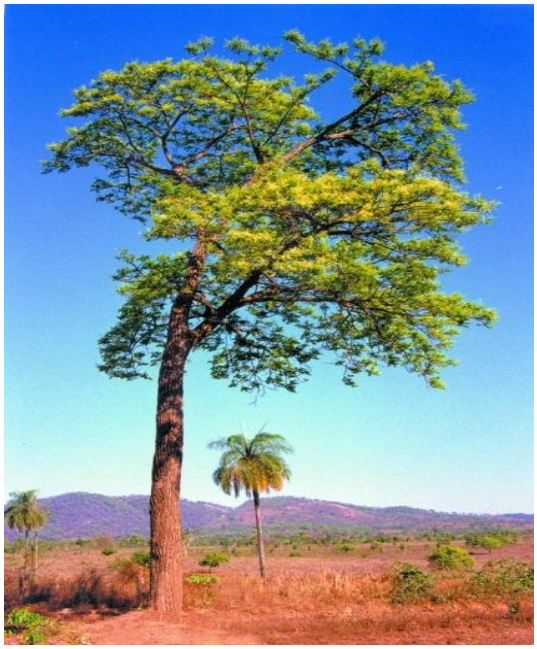


FIGURA 29: árvore de *S. mombin*. Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2008).





FIGURA 30 E 31: frutos e sementes de *S. mombin*. Fonte: SMITHSONIAN TROPICAL RESEARCH INSTITUTE (20-?); NASCIMENTO (2011).



FIGURA 32: inflorescência de *S. mombin*. Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2017).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Anacardiaceae
Nome comum	Taperebá, cajazeiro, acaiamirí, cajarana, acajaíba.

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 25 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Rugosa, castanho a cinza-claro
Flor	Amarela-clara, perfumada
Fruto	Drupa, casca fina e amarelo

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a dezembro
Frutos maduros	Outubro a janeiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	225 unidades
Germinação	67% a 71%
Mudas	Após quebra de dormência, dispor até duas sementes em sacos de polietileno com substrato organo-arenoso, em ambiente semi-sombreado, cobrindo-as com 1 cm de substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	20 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 a 6 meses



FIGURA 33: ramos com frutos de *S. mombin*. Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (1991).



FIGURA 34: exsicata das folhas e inflorescência de *S. mombin*. Foto: REFLORA (2019).

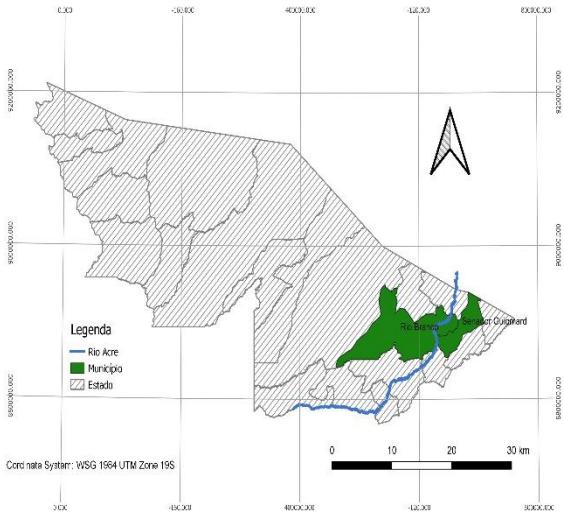


FIGURA 35: localização da *S. mombin* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma planta perenifólia e heliófita, que produz anualmente grande quantidade de sementes, disseminadas pela fauna.

Para obtenção de sementes, deve-se recolher os frutos no chão, após sua queda da árvore.

As sementes possuem dormência, e para superá-la, deve-se realizar escarificação química com ácido sulfúrico a 65-66%, por 30 e 60 minutos.

Suas flores são melíferas. Seu fruto comestível é considerado uma boa fonte de pró-vitamina A, superior ao caju, a goiaba, mamão e a manga Bourbon. A casca do tronco pode ser usada na confecção de artesanato, como amuletos, imagens, carimbos e outros objetos.

A planta também é indicada para o tratamento de infecções genitais, asma e transtornos dermatológicos e apresenta potencial para uso como cerca viva.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie é bem disseminada em todo o território brasileiro, com exceção dos Estados da região Sul, como Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Rio Branco e Senador Guiomard (Figura 35).

CAJARANA – *Spondias testudinis* Mitchell & Daly



FIGURA 36: árvore de *Spondias* sp. Fonte: FLORESTA ÁGUA DO NORTE (20-?).





FIGURA 37 E 38: fruto de *S. testudinis* e semente de *Spondias* sp. Fonte: NOVELLI (2015); BATISTA et al., (2015).



FIGURA 39: inflorescência de *Spondias* sp. Fonte: RCPOL (2016).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Anacardiaceae
Nome comum	Cajarana, cajarana-de-anta, cajá-de-jaboti, cajarana-da-mata

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 38 metros
Tronco	35 a 65 centímetros
Casca	Espessa, cinza-amarronzada
Flor	Amarela-clara
Fruto	Drupa, laranja a marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a outubro
Frutos maduros	Fevereiro a junho
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	225 unidades
Germinação	67% a 71%
Mudas	Após quebra de dormência, dispor até duas sementes em sacos de polietileno com substrato organo-arenoso, em ambiente semi-sombreado, cobrindo-as com 1 cm de substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	20 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 a 6 meses



FIGURA 40: muda de *Spondias* sp. Fonte: SOUZA & ROCHA (2009).



FIGURA 41: exsicata das folhas de *S. testudinis*. Foto: REFLORA (2019).

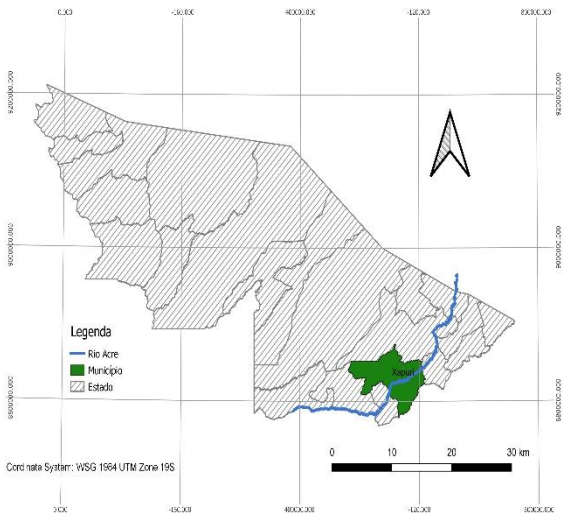


FIGURA 42: localização da *S. testudinis* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

Assim como as demais espécies do gênero *Spondias*, é perenifólia e heliófita, que produz anualmente grande quantidade de sementes, disseminadas pela fauna.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos da árvore, quando iniciarem a queda espontânea, ou recolhidos no chão após a queda.

Uma alternativa para tornar a germinação das sementes mais uniforme é armazená-las por pelo menos um ano. Para otimizar ainda mais a germinação, recomenda-se a retirada de parte do endocarpo com um canivete, em sua porção mais larga (distal).

Suas flores são melíferas. Seus frutos são comestíveis e podem ser utilizados na confecção de suco, néctares, sorvetes, geleias.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre somente no Estado do Acre e na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Xapuri (Figura 42).

PAU-POMBO – *Tapirira guianensis* Aubl.

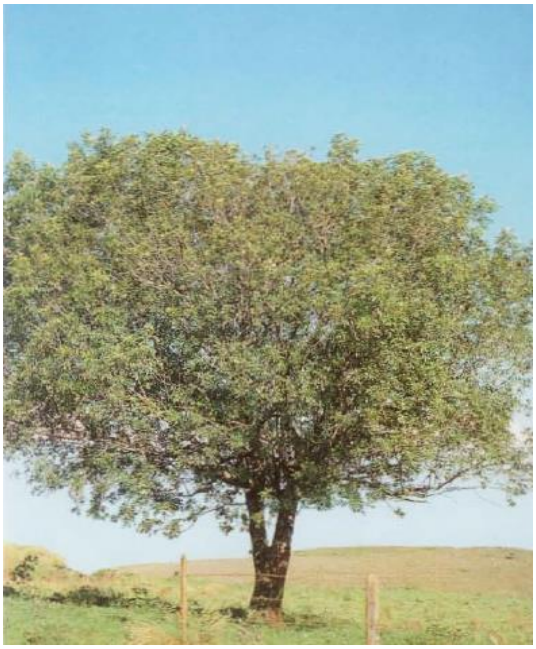


FIGURA 43: árvore de *T. guianensis*. Fonte: LORENZI (1992).





FIGURA 44 E 45: frutos e sementes de *T. guianensis*. Fonte: LEÃO (2015); LORENZI (1992).



FIGURA 46: inflorescência de *T. guianensis*. Fonte: LEÃO (2015).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Anacardiaceae
Nome comum	Pau-pombo, tapiriri. Tapirirá, coipiúva, guapiruba

DESCRIÇÃO

Altura	8 a 14 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Fissurada, acinzentada
Flor	Amarela-clara, perfumada
Fruto	Drupa, elipsoide, roxo-escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Janeiro a março
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	20.700 unidades
Germinação	60% a 100%
Mudas	Dispor as sementes ou frutos, logo que colhidos, sem nenhum tratamento, em canteiros semi-sombreados com substrato organo-argiloso. Cobrir as sementes com uma camada de 0,5 cm de substrato peneirado e irrigar duas vezes por dia
Emergência das plântulas	15 a 30 dias
Plantio definitivo	Mudas com 4 a 5 meses



FIGURA 47: ramo de *T. guianensis*. Fonte: ÁRVORES DO BRASIL (20-?).



FIGURA 48: exsicata das folhas e inflorescência de *T. guianensis*. Fonte: REFLORA (2019).

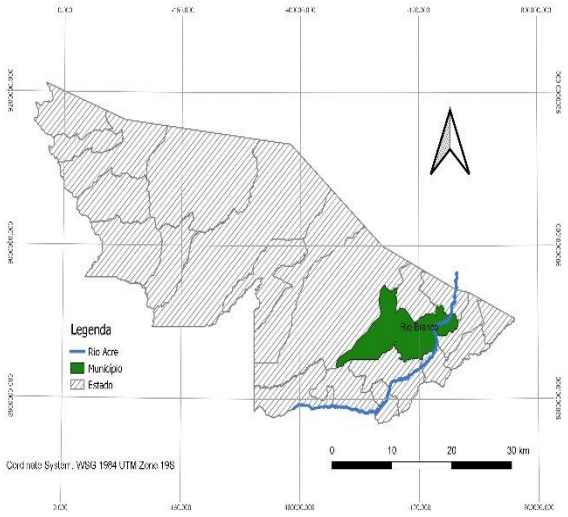


FIGURA 49: localização da *T. guianensis* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie perenifólia e heliófita, que produz grande quantidade de sementes viáveis, disseminadas pela fauna. Suas flores são melíferas. Os frutos devem ser recolhidos quando iniciar a queda espontânea, onde devem ser despolpados manualmente e lavados em água corrente, dentro de uma peneira, para em seguida, secá-los à sombra.

Embora não seja necessário, o despolpamento eleva a taxa de germinação, além de diminuir o tempo desta. Outro método utilizado é a extração do pericarpo.

Os frutos possuem casca facilmente rompível, com polpa translúcida branca, de sabor muito doce e agradável. Sua madeira é empregada na confecção de brinquedos, embalagens, entalhes e caixotaria leve, entre outros usos.

A casca e as folhas, quando em decocção, são empregadas na medicina popular no tratamento de dermatoses, doenças da pele causadas por produtos químicos e em infusão, para sífilis. Tem efeito depurativo.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre em todo o território brasileiro, com exceção do Estado de Rio Grande do Sul.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Rio Branco (Figura 49).

ATA-BRAVA – *Rollinia exsucca* (Dun.) DC., *Annona exsucca*



FIGURA 50: árvore de *Rollinia* sp. Fonte: LORENZI (2000).





FIGURA 51 E 52: frutos de *A. exsucca* e sementes de *Rollinia* sp. Fonte: COLECIONANDO FRUTAS (20-?); LORENZI (2000).



FIGURA 53: flor de *A. exsucca*. Fonte: GOMES (2017).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Magnoliales
Família	Annonaceae
Nome comum	Ata-brava, beribarana, embira, embira-bobó, biribá-bravo

DESCRIÇÃO

Altura	4 a 7 metros
Tronco	10 a 20 centímetros
Casca	Estriada, cinza a marrom clara
Flor	Amarela a esverdeada
Fruto	Infrutescência sincarpo, casca áspera, amarelo

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a novembro
Frutos maduros	Novembro a maio
Dispersão	Autocórica e zoocórica
Semente/kg	3.400 unidades
Germinação	60% a 80%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros, ou de 3 a 4 sementes em recipientes individuais, com substrato organo-arenoso, em local semi-sombreado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	40 a 90 dias
Plantio definitivo	Mudas com 30 a 40 centímetros



FIGURA 54: ramo com folhas de *A. exsucca*. Fonte: CARDOSO (2018).



FIGURA 55: exsicata das folhas e flores de *R. exsucca*. Fonte: REFLORA (2019).

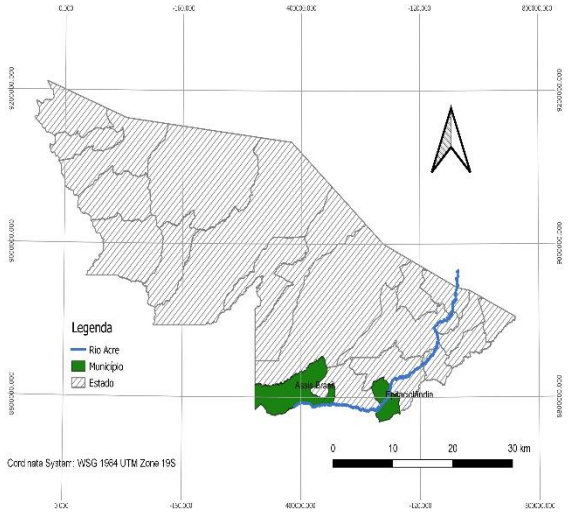


FIGURA 56: localização da *R. exsucca* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, característica da mata de terra firme da Amazônia Ocidental, ocorrendo em florestas secundárias, terras cultivadas ou abandonadas. A espécie é sinônimo de *Annona exsucca*.

Para obtenção de sementes, os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore quando iniciarem a maturação, perceptível pela coloração amarelada dos frutos. Em seguida, devem ser abertos manualmente e suas sementes removidas e lavadas com água corrente.

Os frutos, de polpa amarela, além de alimentar a fauna, podem ser consumidos tanto *in natura,* quanto por meio de pratos doces e salgados, aceitando combinações com molhos de carnes e sopas. A árvore pode ser utilizada na arborização urbana de praças e áreas verdes. Também é indicada em plantios para recomposição florestal de áreas degradadas, bem como em APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil e Epitaciolândia (Figura 56).

AMARELÃO – *Aspidosperma vargasii* A. DC., *Aspidosperma parvifolium*



FIGURA 57: árvore de *A. parvifolium*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 58 E 59: frutos de *A. parvifolium* e semente de *A. vargasii*. Fonte: LORENZI (1992); CASTELLO (2018).



FIGURA 60: inflorescência de *A. parvifolium*. Fonte: GENTRY (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Gentianales
Família	Apocynaceae
Nome comum	Amarelão, guatambu-oliva, guatambu-branco, tambu, pequiá-marfim

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 30 metros
Tronco	40 a 100 centímetros
Casca	Espessa, fissurada, cinza-clara
Flor	Verde-amarelada
Fruto	Seco, deiscente, marrom-claro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a novembro
Frutos maduros	Julho a novembro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	5.000 unidades
Germinação	60%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso, cobri-las com uma leve camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	15 a 35 dias
Plantio definitivo	Mudas com 5 a 6 meses



FIGURA 61: ramo com folhas, frutos e sementes de *A. parvifolium*. Fonte: LOPES (2012).



FIGURA 62: exsicata das folhas e inflorescência de *A. vargasii*. Fonte: REFLORA (2019).

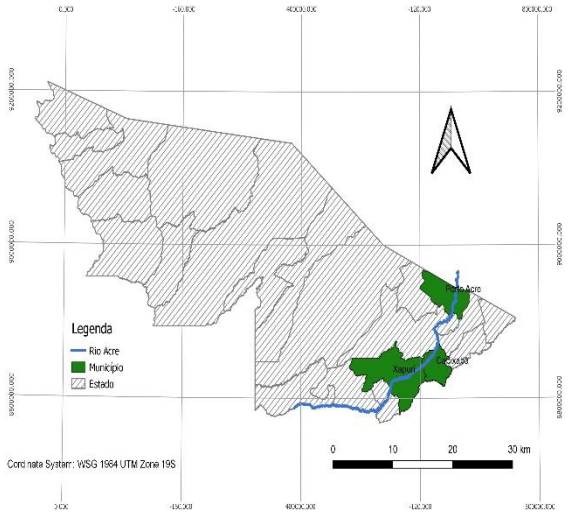


FIGURA 63: localização da *A. vargasii* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, característica de floresta pluvial da encosta Atlântica, ocorrendo tanto no interior da floresta primária densa, como em formações secundárias. A espécie é sinônimo de *Aspidosperma parvifolium*.

Para a obtenção das sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore, quando iniciarem a abertura espontânea e em seguida, leva-los ao sol para completarem a abertura e liberação das sementes.

As sementes não possuem dormência, dispensando assim qualquer tratamento pré-germinativo.

A madeira é muito utilizada em construção civil, como vigas, caibros, ripas, tacos para assoalhos, peças torneadas, formas para calçados, cabos de ferramentas, além de ser usada em construção naval e em marcenaria, principalmente para obras expostas. Ademais, a árvore é ornamental, podendo ser no paisagismo urbano.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre somente nos Estados do Acre e Amazonas.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Capixaba, Porto Acre e Xapuri (Figura 63).

GRÃO-DE-GALO – *Tabernaemontana* sp., *Tabernaemontana siphilitica*



FIGURA 64: árvore de *Tabernaemontana* sp. Fonte: LORENZI (2009).





FIGURA 65 E 66: fruto e sementes de *Tabernaemontana* sp. Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2007); LORENZI (2009).



FIGURA 67: flor de *T. siphilitica*. Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2008).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Gentianales
Família	Apocynaceae
Nome comum	Grão-de-galo

DESCRIÇÃO

Altura	4 a 9 metros
Tronco	20 a 30 centímetros
Casca	Levemente fissurada, verde-acinzentada, latescente
Flor	Branca a branca-púrpura
Fruto	Ovóide, estreito, deiscente, amarelo a marrom-alaranjado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Abril a maio
Frutos maduros	Janeiro a abril
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	5.200 unidades
Germinação	30% a 70%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros semi-sombreados, com substrato organo-arenoso, cobrindo-as com uma camada do mesmo substrato, com espessura igual à sua altura e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	30 a 40 dias
Plantio definitivo	Não se tem informação



FIGURA 68: folhas de *T. siphilitica*. Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2006).



FIGURA 69: exsicata das folhas e sementes de *T. siphilitica*. Fonte: REFLORA (2019).

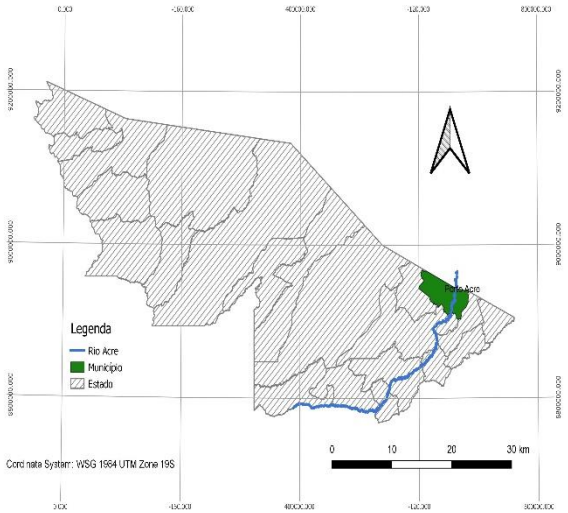


FIGURA 70: localização do *Tabernaemontana* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, que ocorre em mata ciliares, em zonas periodicamente alagadas, Floresta de Terra Firme e Estacional Semidecidual.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea e em seguida, devem ser deixados ao sol para completar a abertura, facilitando assim a remoção manual das sementes, não havendo necessidade de retirar o arilo envolvente, apenas secá-lo um pouco

As informações sobre a etnobotânica da espécie são escassas, no entanto, seus frutos fazem parte da alimentação da fauna e a espécie *T. solanifolia* (mesmo gênero botânico), que ocorre na mata pluvial Atlântica, possui madeira com propriedades baixas, sendo indicada apenas para caixotaria. A árvore, de rápido crescimento, é indicada para recuperação de áreas degradadas, bem como APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Roraima e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Porto Acre (Figura 70).

MOROTOTÓ – *Didymopanax morototoni* Dcne et Planch.



FIGURA 71: árvore de *D. morototoni*. Fonte: LORENZI (1992).



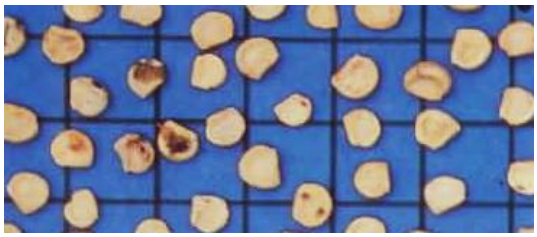


FIGURA 72 E 73: frutos e sementes de *D. morototoni*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 74: inflorescência de *D. morototoni*. Fonte: LORENZI (1992).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Umbelales
Família	Araliaceae
Nome comum	Morototó, mandioqueiro, pau-mandioca, caixeta, marupá

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	60 a 90 centímetros
Casca	Acinzentada, com presença de látex pegajoso quase transparente
Flor	Amarela
Fruto	Drupa, carnosa, roxo-escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Março a maio
Frutos maduros	Agosto a outubro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	70.400 unidades
Germinação	60% a 66%
Mudas	Após colhidas da árvore, lavar as sementes em água destilada ou a mistura água e álcool por 45 minutos e dispor as mesmas para germinar em canteiros sombreados, contendo substrato peneirado e irrigar 2 vezes por dia
Emergência das plântulas	60 a 100 dias
Plantio definitivo	Muda superior a 20 cm



FIGURA 75: ramo de *D. morototoni*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 76: exsicata das folhas e inflorescência de *D. morototoni*. Fonte: REFLORA (2019).

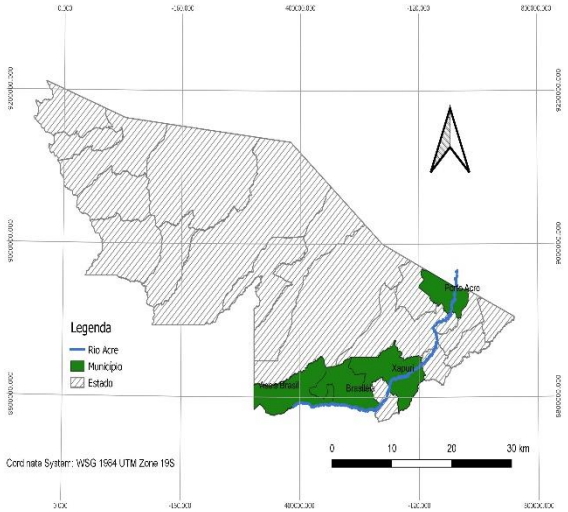


FIGURA 77: localização do *D. morototoni* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie perenifólia e heliófita, indiferente às condições físicas do solo. Desenvolve-se em matas pouco densas e em formações secundárias. Os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore, quando adquirirem coloração roxa-escura.

Apesar de produzir frutos abundantes todos os anos, a densidade da espécie nas florestas é baixa, devido a problemas relacionados com o embrião ou a dormência tegumentar.

A lavagem em água destilada e a mistura álcool e água por 45 minutos são eficazes no processo de germinação da espécie em 60 e 66%, respectivamente.

A madeira é empregada em contraplacados, compensados, esculturas, molduras e marcenaria em geral. A árvore pode ser empregada no paisagismo e arborização de praças e jardins e como planta secundária de rápido crescimento, produtora de frutos consumidos pela fauna, é recomendável para adensamento e recomposição de matas degradadas e áreas de preservação permanente.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie é disseminada em todos os Estados do território brasileiro.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil, Brasiléia, Porto Acre e Xapuri (Figura 77).

MURMURU – *Astrocaryum murumuru* Mart.



FIGURA 78: palmeira de *A. murumuru*. Fonte: ROSE SEMENTES (20-?).





FIGURA 79 E 80: cacho com frutos e semente de *A. murumuru*. Fonte: BEZERRA (2012).



FIGURA 81: inflorescência de *A. murumuru*. Fonte: BEZERRA (2012).

TAXONOMIA

Classe	Liliopsida
Ordem	Arecales
Família	Arecaceae
Nome comum	Murmuru, murumuru, muru-muru, murumuru-da-várzea

DESCRIÇÃO

Altura	1,5 a 15 metros
Tronco	10 a 30 centímetros
Casca	Recoberta de espinhos pretos
Flor	Disposta em cachos, amarela a amarela-alaranjada
Fruto	Obovóides, castanho-avermelhado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Maio a dezembro
Frutos maduros	Julho a dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	50 unidades
Germinação	70%
Mudas	Quebrar o endocarpo para extrair a semente e mantê-la imersa em água morna, com troca diária da mesma. Após isso, dispor as sementes em canteiros semi-sombreados, com substrato peneirado e irrigar 2 vezes por dia
Emergência das plântulas	51 a 219 dias
Plantio definitivo	Plântulas com 4 a 5 folhas



FIGURA 82: muda de *A. murumuru.* Fonte: PALMPEDIA (2012).



FIGURA 83: exsicata da folha de *A. murumuru.* Fonte: REFLORA (2019).

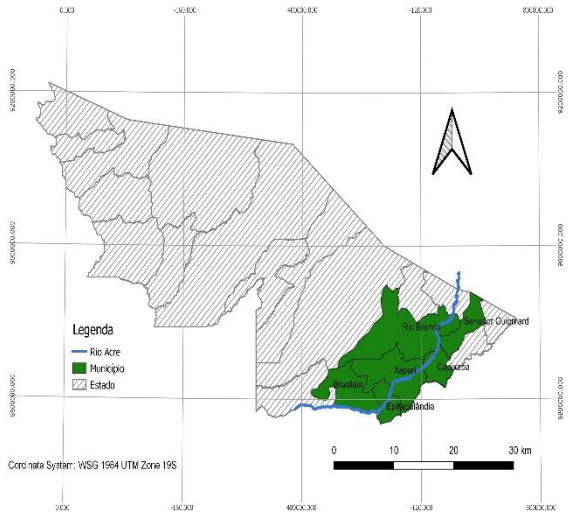


FIGURA 84: localização do *A. murumuru* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É pioneira em florestas de várzea e de leito de rio, que são inundadas no período de cheias que, no caso do Acre, acontecem de janeiro a abril.

A germinação e crescimento são lentos. Para acelerar a germinação recomenda-se a quebra do endocarpo para extração da semente e mantê-la imersa em água quente ou morna por duas a três semanas.

Os frutos são importantes como fonte de alimentação para a fauna, por estarem disponíveis quando os frutos de outras espécies escasseiam.

O óleo da amêndoa é usado na culinária, como óleo para cozinhar. A gordura não difere muito da gordura de coco. Tal característica a tornam bastante indicada na confecção de gorduras comestíveis, como substituta da manteiga de cacau para a fabricação de chocolates. Das folhas extraem-se fibras para a confecção de sacolas, mantas e redes de dormir e usadas também para cobertura de casas. Os troncos podem ser usados na construção. O óleo das sementes pode ser usado em loções, condicionadores de cabelo e outros cosméticos.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre em todos os estados amazônicos.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Brasiléia, Capixaba, Epitaciolândia, Rio Branco, Senador Guiomard e Xapuri (Figura 84).

JACI – *Attalea butyracea* (Mutis ex. L. F.) Gaertn.



FIGURA 85: palmeira de *A. butyracea*. Fonte: STARR (2009).





FIGURA 86 E 87: fruto e semente de *A. butyracea*. Fonte: COSTA (2014); FROTA (2013).



FIGURA 88: inflorescência de *A. butyracea*. Fonte: COSTA (2014).

TAXONOMIA

Classe	Liliopsida
Ordem	Arecales
Família	Arecaceae
Nome comum	Jaci, aricuri, uricuri shapaja, conta

DESCRIÇÃO

Altura	8 a 18 metros
Tronco	45 a 90 centímetros
Casca	Acinzentada, com folhas velhas persistentes
Flor	Disposta em espiral, amarela a creme
Fruto	Ovóide, epicarpo liso castanho-desbotado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Junho a setembro
Frutos maduros	Junho
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	88 unidades
Germinação	13%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes para germinar em sacos de polietileno contendo substrato peneirado e irrigar 2 vezes por dia
Emergência das plântulas	30 dias
Plantio definitivo	Muda com 2 meses



FIGURA 89: produção de mudas de *A. butyracea.* FROTA (2013).



FIGURA 90: exsicata das folhas de *A. butyracea.* Fonte: REFLORA (2019).

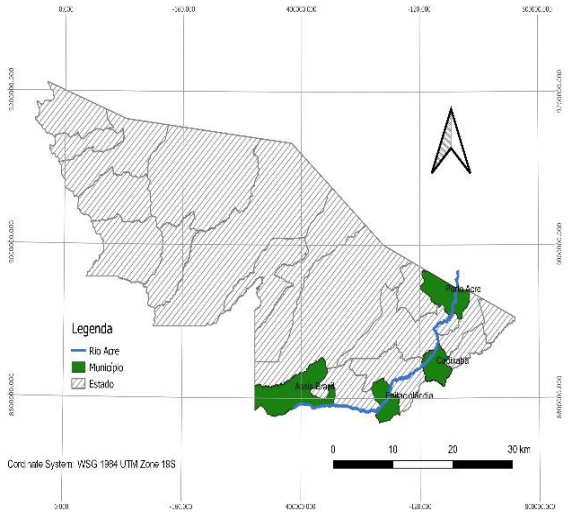


FIGURA 91: localização da *A. butyraceae* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma palmeira encontrada em vários tipos florestais, de terras baixas à altitudes superiores a 1000 m nos Andes, tais como florestas de terra firme, bosque primário, sobre solos argilosos, em planície inundável e várzea.

A germinação é lenta e é necessário tratamento de quebra de dormência, como a escarificação mecânica ou a imersão em água quente para retirada da polpa.

Os frutos, bem como de outras palmeiras, são importantes como fonte de alimentação para a fauna.

O fruto pode ser utilizado como alimento humano, tanto o mesocarpo quanto a castanha e o óleo extraído deles. O óleo possui ainda aplicações cosméticas. As folhas fornecem material para cestaria, além de ser usado para cobertura de casas e o estipe pode ser utilizado em construções. Possui potencial para o uso no paisagismo.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre somente nos Estados do Acre e Amazonas.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil, Capixaba, Epitaciolândia e Porto Acre (Figura 91).

OURICURÍ – *Attalea phalerata* Mart. Ex Spreng



FIGURA 92: palmeira de *A. phalerata*. Fonte: DAVIDSON (2013).





FIGURA 93 E 94: frutos e sementes após escarificação de *A. phalerata*. Fonte: PALMPEDIA (20-?); FROTA (2013).



FIGURA 95: inflorescência de *Attalea sp.* Fonte: OLDCROOKEDJAW (2013).

TAXONOMIA

Classe	Liliopsida
Ordem	Arecales
Família	Arecaceae
Nome comum	Ouricurí, uacuri, acuri, coqueiro-acuri, urucuruzeiro

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 15 metros
Tronco	70 a 80 centímetros
Casca	Acinzentada, com folhas velhas persistentes
Flor	Dispota em espiral, amarelada a creme
Fruto	Ovóide, castanho-desbotado, epicarpo liso

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Janeiro a maio
Frutos maduros	Outubro a dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	88 unidades
Germinação	58%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes para germinar em sacos de polietileno contendo substrato peneirado e irrigar 2 vezes por dia
Emergência das plântulas	30 dias
Plantio definitivo	Muda com 60 dias



FIGURA 96: produção de mudas de *A. phalerata.* RECANTO DAS PALMEIRAS (2013).



FIGURA 97: exsicata da folha de *A. phalerata.* Fonte: REFLORA (2019).

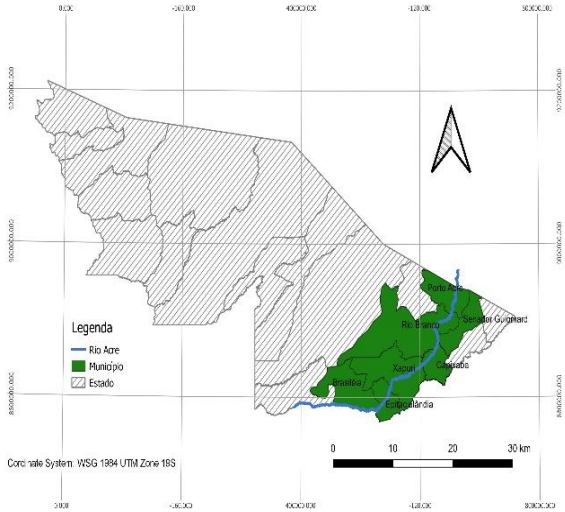


FIGURA 98: localização da *A. phalerata* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma palmeira encontrada em vários tipos florestais, de terras baixas a altitudes superiores a 1000 m nos Andes, tais como florestas de terra firme, várzeas, florestas semidecíduas, matas ciliares e no Pantanal.

A germinação é lenta e assim como a espécie *A. butyracea* é necessário tratamento de quebra de dormência, como a escarificação mecânica ou a imersão em água quente para retirada da polpa.

Os frutos são apreciados e comercializados nos mercados locais, além de serem consumidos pela fauna. O mesocarpo é consumido com farinha. As sementes, com sabor semelhante ao coco, também são consumidas, após trituradas. O palmito é considerado bom e comestível.

As folhas são usadas na confecção de cestas, vassouras, abanadores e cobertura de casas. O estipe é empregado em construções rurais. O óleo do fruto é usado em cosméticos capilares, pois tem reputação de prevenir calvície e crescimento de cabelos brancos.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, São Paulo, Rondônia e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Brasileia, Capixaba, Epitaciolândia, Porto Acre, Rio Branco, Senador Guiomard e Xapuri (Figura 98).

CARNAUBINHA – *Copernicia prunifera* (Miller.) H. E. Moore



FIGURA 99: palmeiras de *C. prunifera*. Fonte: PEREIRA (2011).





FIGURA 100 E 101: frutos e sementes de *C. prunifera.* Fonte: LORENZI (1992); PEREIRA (2011).



FIGURA 102: exsicata da inflorescência de *C. prunifera.* Fonte: REFLORA (2019).

TAXONOMIA

Classe	Liliopsida
Ordem	Arecales
Família	Arecaceae
Nome comum	Carnaubinha, carnaúba, carnaíva, carandaúba

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 15 metros
Tronco	10 a 25 centímetros
Casca	Acinzentada, parte em formato de espiral e outra lisa
Flor	Cor creme, dispostas em espigas ralas
Fruto	Ovóide, verde-escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Julho a outubro
Frutos maduros	Novembro a março
Dispersão	Quiropterocórica (morcegos)
Semente/kg	380 unidades
Germinação	96%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes para germinar em canteiros semi-sombreados, contendo substrato organo-arenoso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	120 dias
Plantio definitivo	Muda com 6 a 7 meses



FIGURA 103: produção de mudas de *C. prunifera.* Fonte: ARAÚJO et al., (2013).



Figura 104: exsicata da folha e sementes de *C. prunifera.* Fonte: REFLORA (2019).

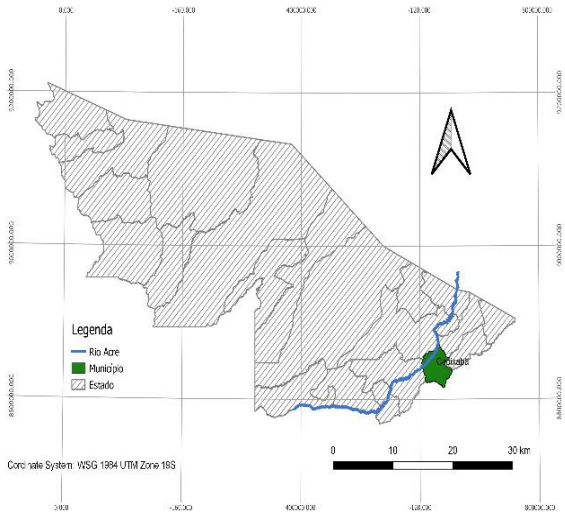


FIGURA 105: localização da *C. prunifera* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma palmeira perenifólia e heliófita. Vegeta socialmente, isto é, em populações puras ao longo de rios e vales, suportando alagamentos durante o período chuvoso.

Pode ocorrer também em associações com outras espécies, resistindo a elevados teores de salinidade do solo, o que é comum nas várzeas aluviais da caatinga.

A germinação e a emergência são lentas, sendo necessário a retirada do mesocarpo, fazer escarificação mecânica e deixar as sementes imersas em água destilada ou não, por 10 dias, trocando diariamente a água.

As folhas jovens fornecem a famosa “cera de carnaúba”, muito usada na confecção de velas, vernizes, lubrificantes, sabonetes e cosméticos.

A madeira inteira é utilizada como postes, moirões, construções rústicas e lenha. Fragmentada ou serrada é empregada para caibros, barrotes, ripas, confecção de artefatos torneados como bengalas, caixas, etc. A palmeira pode ser utilizada no paisagismo urbano.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie é disseminada em todos os Estados do território brasileiro.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Capixaba (Figura 105).

AÇAÍ-SOLTEIRO – *Euterpe precatoria* M.



FIGURA 106: palmeira de *E. precatoria*. Fonte: RABELO (2012).



FIGURA 107 E 108: frutos e sementes de *E. precatoria.* Fonte: RABELO (2012); BERNARDES (2010).



FIGURA 109: inflorescência de *E*. *precatoria* com inseto polinizador. Fonte: KUCHMEISTER et al., (1997).

TAXONOMIA

Classe	Liliopsida
Ordem	Arecales
Família	Arecaceae
Nome comum	Açaí-solteiro, açaizeiro, açaí-solitário, açaí do amazonas, açaí de terra firme

DESCRIÇÃO

Altura	20 metros
Tronco	20 centímetros
Casca	Acinzentada e lisa
Flor	Violeta-creme
Fruto	Globoso, cor roxa-escura

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Janeiro a março
Frutos maduros	Julho a dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	700 a 800 unidades
Germinação	66% a 80%
Mudas	Com as sementes recém despolpadas, colocar de 2 a 3 sementes em sacos de polietileno, com substrato rico em matéria orgânica, em local semi-sombreado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	10 a 20 dias
Plantio definitivo	Muda com 50 a 60 centímetros



FIGURA 110: muda de *E. precatoria* em tubete. Fonte: SILVA (2005).



FIGURA 111: exsicata da folha e frutos de *E. precatoria.* Fonte: REFLORA (2019).

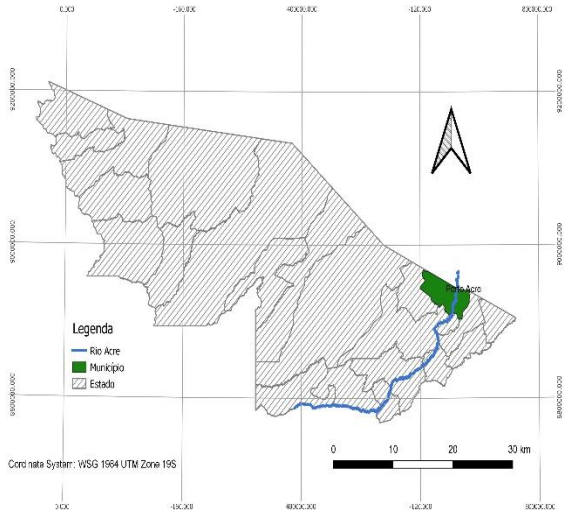


FIGURA 112: localização da *E. precatoria* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie perenifólia e esciófita, de clima tropical quente e úmido. Pode crescer em solos pobres e ácidos, desenvolvendo-se bem naqueles com maior fertilidade.

Deve-se colher os frutos que estão no cacho, com coloração escura e opaca, quase cerosos, na estação seca de sua região de origem.

É preciso despolpar os frutos para acelerar o processo de germinação. Para isso, acondiciona-se os frutos recém-colhidos em sacos plásticos umedecendo os mesmos, para depois fechar o saco, mantendo-o à sombra e à temperatura ambiente. Depois de 3 ou 4 dias, atritar os frutos sobre malhas de peneiras grossas, em água corrente, para separação da polpa.

O “vinho” ou suco proveniente da fruta é uma bebida energética de grande propriedade nutricional, apreciada pelos amazônidas. O consumo do palmito não é indicado por requerer a derrubada da planta e encerrar a produção de frutos. Deve-se higienizar os frutos após a colheita para evitar proliferação do mosquito barbeiro.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Pará e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Porto Acre (Figura 112).

INAJÁ – *Maximiliana maripa* (Aubl.) Drude



FIGURA 113: palmeira de *M. maripa*. Fonte: BEZERRA (2011).





FIGURA 114 E 115: frutos e sementes de *M. maripa.* Fonte: BEZERRA (2011); QUEIROZ (2011).



FIGURA 116: inflorescência de *M. maripa.* Fonte: FLORESTA ÁGUA DO NORTE (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Liliopsida
Ordem	Arecales
Família	Arecaceae
Nome comum	Inajá, anajá, anajax, coqueiro-anaiá, najá-coqueiro

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 18 metros
Tronco	15 a 25 centímetros
Casca	Acinzentada
Flor	Amarela-alaranjada
Fruto	Oblongo elipsoide, castanho-alaranjado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Julho
Frutos maduros	Novembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	55 unidades
Germinação	28% a 30%
Mudas	Colocar os frutos para germinar, logo que colhidos, em canteiros ou diretamente em sacos de polietileno, contendo substrato argiloso rico em matéria orgânica e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	180 dias
Plantio definitivo	Muda com 50 a 60 centímetros



FIGURA 117: folha de *M. maripa.* Fonte: RABELO (2012).



FIGURA 118: exsicata da inflorescência de *M. maripa.* Fonte: REFLORA (2019).

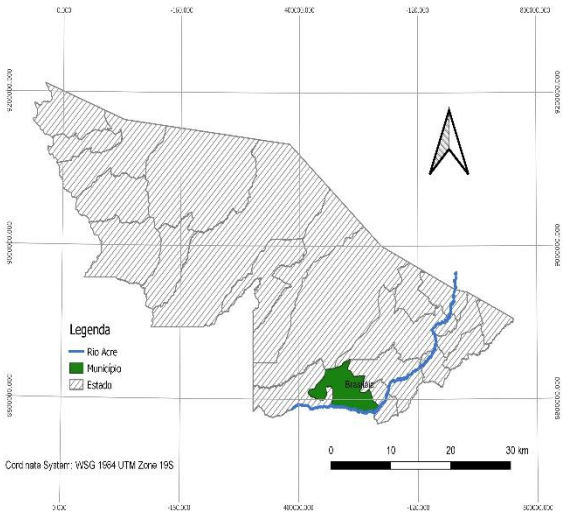


FIGURA 119: localização da *M. maripa* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie perenifólia e heliófita, característica da mata alta de terra firme, em solos areno-argilosos. Entretanto, é nas áreas de vegetação aberta secundária que sua frequência é maior.

Sua dispersão é descontínua, ocorrendo em determinados pontos em grandes agrupamentos e faltando em outros. É uma palmeira pioneira que é considerada praga pelos pecuaristas por se alastrar em pasto após a queimada. Produz grande quantidade de sementes, disseminadas por roedores.

Para a obtenção de sementes recolhe-se os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, ou recolhê-los do chão após a queda. Não há necessidade de despolpá-los.

Os frutos são comestíveis e comercializados nas feiras do Norte do país. A castanha contém óleo semelhante ao do babaçu. As folhas são usadas na cobertura temporária de casas. A palmeira é bastante ornamental, podendo ser empregada no paisagismo em geral. A madeira é empregada em construções rústicas, como esteios, caibros e ripas.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Brasiléia (Figura 119).

JARINA – *Phytelephas macrocarpa* Ruiz et Pav.



FIGURA 120: palmeira de *P. macrocarpa*. Fonte: BAKER (2016).



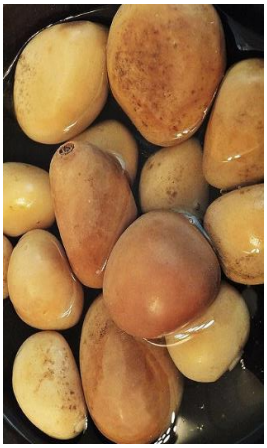


FIGURA 121 E 122: frutos e sementes de *P. macrocarpa.* Fonte: BEZERRA (2011); QUEIROZ (2011).



FIGURA 123: inflorescência de *P. macrocarpa.* Fonte: LEÃO et al., (2015).

TAXONOMIA

Classe	Liliopsida
Ordem	Arecales
Família	Arecaceae
Nome comum	Jarina, jarine, coco-jarina, corozo

DESCRIÇÃO

Altura	1,5 a 2 metros
Tronco	30 centímetros, acaule, ocasionalmente cespitoso
Casca	Coberto por bainhas de folhas persistentes no ápice
Flor	Amarela-creme, perfumada
Fruto	Drupa globosa, com 9 frutos concrescentes, marrom-cinza

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Maio a outubro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	40 sementes
Germinação	65% a 96%
Mudas	Após a seca natural das sementes (4 semanas a 4 meses), dispor as mesmas em canteiros, com substrato rico em matéria orgânica em local com 50% de sombreamento e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	Até 4 anos
Plantio definitivo	Não se sabe informação



FIGURA 124: muda de *P. macrocarpa.* Fonte: RIDER (20-?).



FIGURA 125: exsicata da folha de *P. macrocarpa.* Fonte: REFLORA (2019).

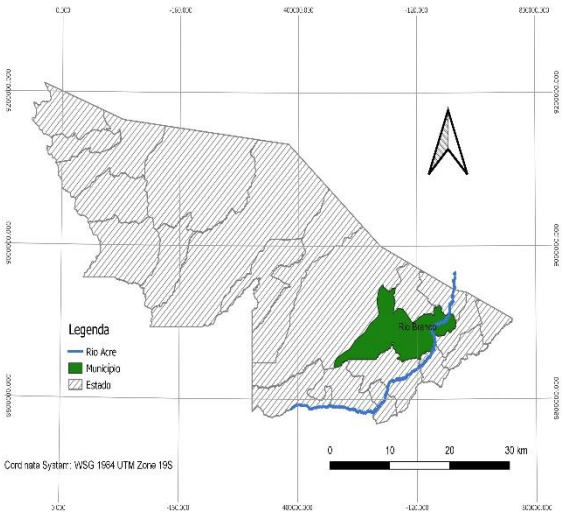


FIGURA 126: localização do *P. macrocarpa* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie perenifólia e esciófita que se desenvolve espontaneamente nas planícies de inundação, destacando-se os rios Purus, Juruá e seus afluentes. É típica de lugares úmidos, habitando socialmente no interior da terra firme, na sombra das árvores altas e em lugares frescos.

A germinação é lenta, ocorrendo em 3 ou 4 anos, no entanto, em cultivo de quintal na cidade de Rio Branco, Acre, observou-se que a semente germinou em um ano. A frutificação ocorre a partir do sétimo ano. Seus frutos são muito apreciados pela fauna.

A semente da jarina apresenta vantagens em relação a outras palmeiras, pois é de fácil manuseio e não quebra, sendo preferida pelos artesãos para confecção de biojóias, um mercado que cresce 20% ao ano. Vem daí sua denominação comercial de Marfim-vegetal. O mesocarpo do fruto maduro é consumido *in natura,* tendo sabor doce e aroma agradável. As folhas são empregadas para coberturas de casas e para tecer cinturões e cestos. Também é utilizada na pele contra picadas de insetos e o endosperma imaturo, no estado líquido é usado para controlar a diabete.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Estado do Acre, Amazonas e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Rio Branco (Figura 126).

PAXIÚBINHA – *Socratea exorrhiza* Mart.



FIGURA 127: palmeira de *S. exorrhiza.* Fonte: BRIAN (2012).





FIGURA 128 E 129: frutos e sementes de *S. exorrhiza.* Fonte: STEIN (2013); AGUILAR (2017).



FIGURA 130: inflorescência de *S. exorrhiza.* Fonte: BRIAN (2013).

TAXONOMIA

Classe	Liliopsida
Ordem	Arecales
Família	Arecaceae
Nome comum	Paxiúbinha, paxiúba, castiçal, boba, cuhaca

DESCRIÇÃO

Altura	6 a 25 metros
Tronco	15 a 16 centímetros
Casca	Castanha-acinzentada e lisa
Flor	Amarela-creme
Fruto	Ovóide, cilíndrico, verde-amarelado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Janeiro a dezembro
Frutos maduros	Maio a julho
Dispersão	Endozoocórica (fezes da fauna)
Semente/kg	320 unidades
Germinação	90%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em sacos de polietileno com substrato arenoso e irrigar 2 vezes por dia
Emergência das plântulas	45 a 70 dias
Plantio definitivo	Muda com 60 centímetros



FIGURA 131: muda de *S. exorrhiza.* Fonte: HERNANDES (2012).



FIGURA 132: exsicata da folha de *S. exorrhiza.* Fonte: REFLORA (2019).

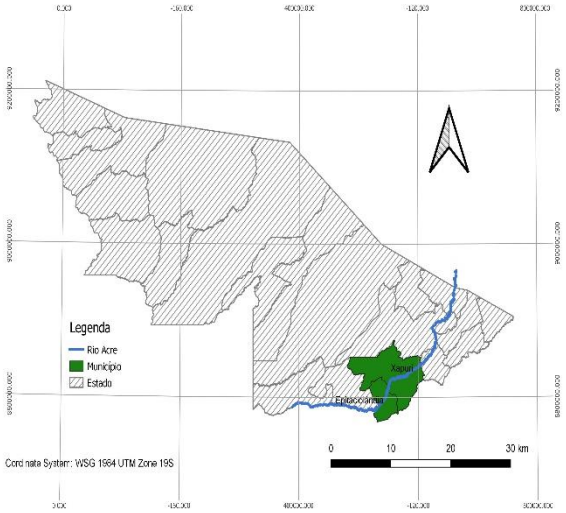


FIGURA 133: localização da *S. exorrhiza* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie perenifólia que pode ser encontrada em mata de transição, mata ciliar, em florestas secundárias. Na Amazônia é comum em floresta úmida, em solos aluviais que são periodicamente alagados pelos rios e também em florestas altas, em solos bem drenados.

É uma palmeira com sistema radicular aéreo do tipo suporte, que se multiplica por sementes, mas algumas mudas podem ser coletadas sob a planta-matriz e levadas para o viveiro, para que atinjam o porte de plantio.

O estipe da paxiúbinha possui lenho fibroso e resistente, sendo empregado para a fabricação de bengalas, flautas, violas, tambores, paredes e assoalhos de casas de populações ribeirinhas e outros usos. As folhas são empregadas para coberturas de casas e possui propriedades inseticida. A decocção do fruto e da casca do caule é um fitoterápico contra a febre. A espécie é rústica e ótima para o paisagismo urbano, como em praças e canteiros centrais de avenidas.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Epitaciolândia e Xapuri (Figura 133).

IPÊ-ROXO – *Tabebuia heptaphylla, Handroanthus heptaphyllus*



FIGURA 134: árvore de *T. heptaphylla.* Fonte: LEET DOC (2019).

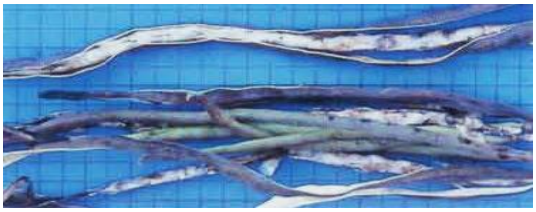




FIGURA 135 E 136: frutos e sementes de *T. heptaphylla.* Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 137: flores de *T. heptaphylla.* Fonte: NATUREZA BELA (2011).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Lamiales
Família	Bignoniaceae
Nome comum	Ipê-roxo, ipê, ipê-rosa, pau-d'arco-roxo, ipê-preto

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 20 metros
Tronco	40 a 80 centímetros
Casca	Acinzentado, pouco espessa
Flor	Roxa-violácea
Fruto	Seco, deiscente, linear e sinuoso

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Julho a setembro
Frutos maduros	Setembro a outubro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	13.500 a 35.000 unidades
Germinação	60%
Mudas	Dispor as sementes para germinar logo que colhidas, em canteiros ou embalagens individuais contendo solo argiloso rico em matéria orgânica, cobrindo levemente as sementes com substrato peneirado, mantendo-as em ambiente semi-sombreado
Emergência das plântulas	10 a 12 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 meses



FIGURA 138: folhas de *T. heptaphylla.* Fonte: IPEF (2005).



FIGURA 139: exsicata das folhas e flores de *T. heptaphylla.* Fonte: REFLORA (2019).

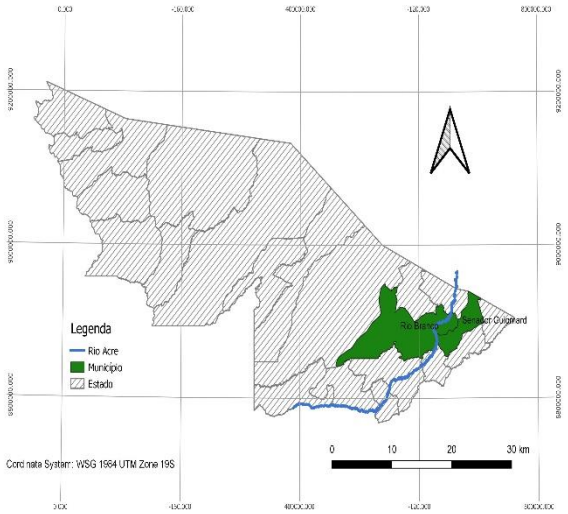


FIGURA 140: localização da *T. heptaphylla* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie decídua e heliófita, com dispersão ampla, porém, bastante esparsa, podendo ocasionalmente ocorrer também em formações abertas e secundárias, como capoeiras.

Produz anualmente razoável quantidade de sementes, disseminadas pelo vento.

Para a obtenção de sementes, é necessário colher os frutos diretamente da árvore quando os primeiros iniciarem a abertura espontânea.

A árvore é uma das mais populares para o paisagismo em geral. Também é ótima para reflorestamentos mistos destinados à recomposição de áreas degradadas e áreas de preservação permanente. Da entrecasca faz-se um chá que é usado no tratamento de gripes e depurativo do sangue. As folhas são utilizadas contra úlceras sifilíticas e blenorrágicas. A madeira é própria para construções internas, instrumentos musicais, portas, molduras de janelas, entre outros.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazônia, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Rio Branco e Senador Guiomard (Figura 140).

SAMAÚMA-ROSA – *Ceiba pentandra* (L.) Gaertn.

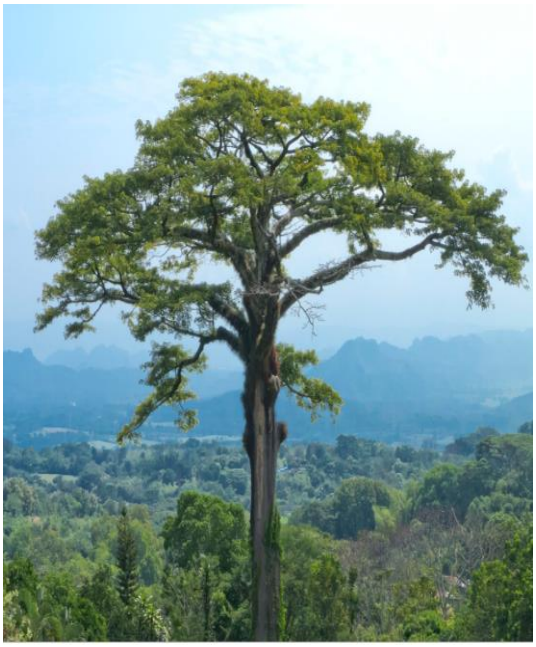


FIGURA 141: árvore de *C. pentandra.* Fonte: ORTIZ (2019).



FIGURA 142 E 143: frutos e sementes de *C. pentandra.* Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 144: inflorescência de *C. pentandra.* Fonte: GARG (2007).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malvales
Família	Bombacaceae/Malvaceae
Nome comum	Samaúma-rosa, samaúma, samaúma-da-várzea, samaumeira, mafumeira

DESCRIÇÃO

Altura	30 a 50 metros
Tronco	Até 2 metros
Casca	Verde-acinzentada, lisa, pouco espessa
Flor	Amarela-creme
Fruto	Cápsula, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Outubro a novembro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	7.500 unidades
Germinação	90% a 95%
Mudas	As sementes devem ser colocadas para germinar logo após a colheita e posteriormente serem cobertas com uma leve camada de substrato peneirado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	Até 21 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 145: produção de mudas de *C. pentandra.* Fonte: ROSSI (2005).



FIGURA 146: exsicata das folhas e inflorescência de *C. pentandra.* Fonte: REFLORA (2019).

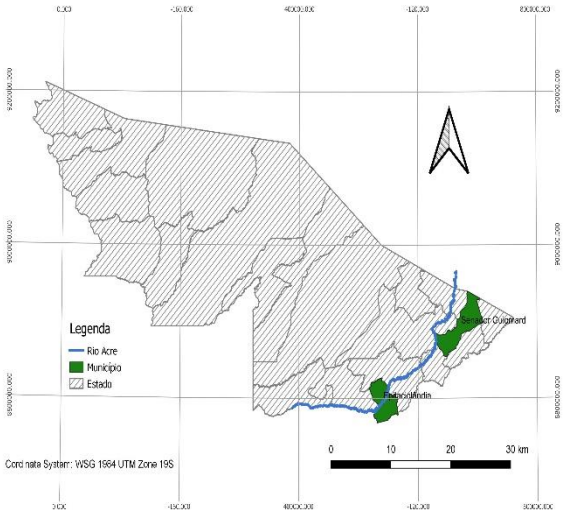


FIGURA 147: localização da *C. pentandra* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua durante o florescimento, característica de terrenos muito úmidos e de leito de rio, várzea e mata ciliar. É pioneira em área recém desmatada.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea. Em seguida, leva-los ao sol para completar a abertura. Pode-se recolher também no chão as plumas contendo sementes nas proximidades da árvore após sua queda.

A pluma que envolve as sementes é denominada “kapok” e muito utilizada industrialmente para confecção de bóias, salva-vidas, enchimento de colchões, travesseiros e como isolante térmico. A madeira leve e macia é usada na confecção de divisórias internas, caixas, na construção naval, jangadas, brinquedos, compensados, entre outros usos.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Maranhão, Pará e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Epitaciolândia e Senador Guiomard (Figura 147).

SAMAÚMA-PRETA – *Ceiba samauma* (Mart.) K. Schum.



FIGURA 148: árvore de *C. samauma.* Fonte: MARTÍNEZ (2008).



FIGURA 149 E 150: frutos e sementes de *C. samauma.* Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 151: flor de *C. samauma.* Fonte: MARTÍNEZ (2008).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malvales
Família	Bombacaceae/Malvaceae
Nome comum	Samaúma-preta, paineira-barriguda, huimba,-negra, huimba, lupuna

DESCRIÇÃO

Altura	5 a 25 metros
Tronco	60 a 90 centímetros
Casca	Cinza escura, rajada, com espinhos cônicos e fissuras
Flor	Solitária, grande, branca-creme
Fruto	Cápsula, elipsoide, deiscente, verde

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Dezembro a fevereiro
Frutos maduros	Abril a junho
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	3.000 unidades
Germinação	90% a 95%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros a pleno sol, contendo substrato organo-arenoso, cobri-las com uma camada de 0,5 cm do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	5 a 10 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 152: galho de *Ceiba sp.* com frutos. Fonte: CALIANDRA DO CERRADO (2009).



FIGURA 153: exsicata das folhas e flores de *C. samauma.* Fonte: REFLORA (2019).

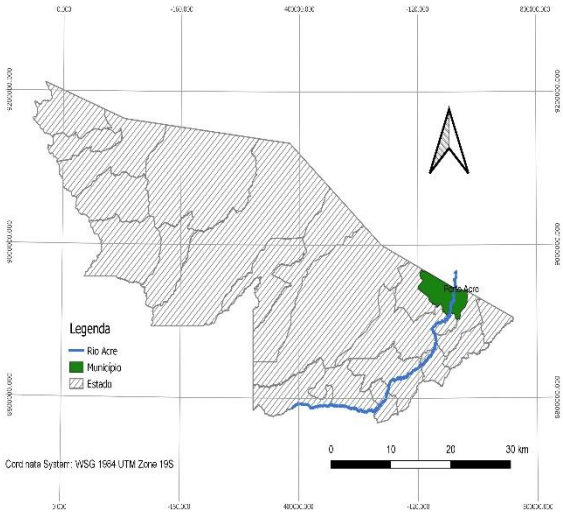


FIGURA 154: localização da *C. samauma* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, decídua e pioneira, característica da mata pluvial Amazônica de terra firme e do charco Matogrossense.

Ocorre predominantemente em matas primárias e secundárias de várzeas não inundáveis, fundos de vales e início de encostas, em terrenos argilosos profundos, férteis e ricos em cálcio. Produz anualmente abundante quantidade de sementes viáveis, facilmente disseminadas pelo vento.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea. Em seguida, deixá-los ao sol por alguns dias, para facilitar a remoção manual das sementes envoltas nas fibras.

As fibras das sementes são usadas para o enchimento de colchões, travesseiros, almofadas e na preparação de feltro para confecção de chapéus. A madeira é empregada na confecção de compensados, caixotaria, celulose e forros. A árvore pode ser utilizada no paisagismo urbano.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Piauí, Rondônia e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Porto Acre (Figura 154).

ALGODOEIRO – *Ochroma pyramidale* Urb.

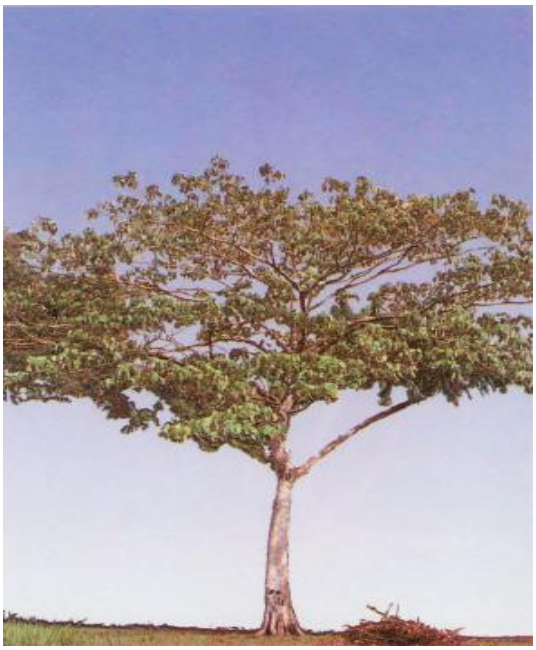


FIGURA 155: árvore de *O. pyramidale.* Fonte: LORENZI (1992).

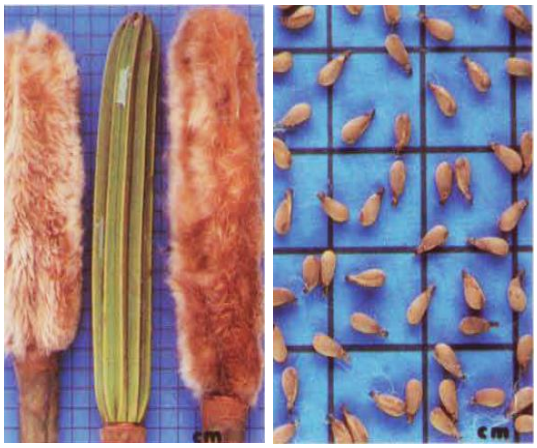


FIGURA 156 E 157: frutos e sementes de *O. pyramidale.* Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 158: flor de *O. pyramidale.* Fonte: MORES (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malvales
Família	Bombacaceae/Malvaceae
Nome comum	Algodoeiro, pau-de-balsa, pau-de-jangada, pata-de-lebre

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 30 metros
Tronco	60 a 120 centímetros
Casca	Parda-acinzentada, lisa, com manchas esbranquiçadas e estrias lineares
Flor	Solitária, branca-creme
Fruto	Cápsula, quase cilíndrica, lenhosa, marrom-avermelhada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Maio a agosto
Frutos maduros	Setembro a outubro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	142.000 unidades
Germinação	60% a 89%
Mudas	Após quebra de dormência, dispor as sementes em canteiros semi-sobreados, com substrato organo-arenoso, cobrir levemente as sementes com substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia.
Emergência das plântulas	5 a 8 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 159: produção de mudas de *O. pyramidale.* Fonte: MEIO AMBIENTE/CULTURA MIX (2013).



FIGURA 160: exsicata da folha e fruto de *O. pyramidale.* Fonte: REFLORA (2019).

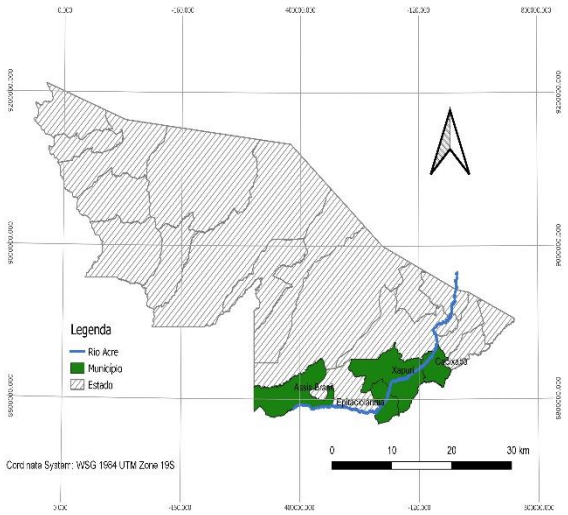


FIGURA 161: localização da *O. pyramidale* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, característica da floresta equatorial Amazônica de terra firme.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore com o auxílio de um podão, quando iniciarem a abertura espontânea.

As sementes apresentam dormência física pela impermeabilidade do tegumento. Assim, há a necessidade de tratamento pré-germinativo. A germinação varia entre 60 e 89% quando as sementes passam por escarificação manual ou imersão em água quente por 20 minutos. Sem tratamento, a germinação varia entre 11 e 20%.

A pluma que envolve a semente é empregada no enchimento de colchões e travesseiros. A madeira leve é usada na construção de barcos, jangadas, confecção de bóias salva-vidas, brinquedos, isolantes térmicos, forros, caixas e outros usos. A árvore é útil em plantios mistos destinados à recomposição de áreas degradadas e áreas de APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil, Capixaba, Epitaciolândia e Xapuri (Figura 161).

FREIJÓ – *Cordia alliodora* (R. F.) Chaw.



FIGURA 162: árvore de *C. alliodora.* Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2006).





FIGURA 163 E 164: frutos e sementes de *C. alliodora.* Fonte: STRI OBSERVATIONS (2003); LORENZI (2002).



FIGURA 165: inflorescência de *C. alliodora.* Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2006).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Lamiales
Família	Boraginaceae/Ehretiaceae
Nome comum	Freijó, lourinho, falso-louro, louro-alho, louro-amarelo

DESCRIÇÃO

Altura	6 a 15 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Fissurada longitudinalmente, escamamento em placas estreitas, amarela
Flor	Branca, perfumada
Fruto	Elipsóide, indeiscente, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Maio a setembro
Frutos maduros	Julho a novembro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	42.000 unidades
Germinação	80%
Mudas	Dispor as sementes (frutos) logo que colhidas em canteiros semi-sombreados contendo substrato organo-arenoso, cobrir levemente as sementes com substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia.
Emergência das plântulas	10 a 20 dias
Plantio definitivo	Muda com 7 meses



FIGURA 166: produção de mudas de *C. alliodora.* Fonte: TREESFTF (20-?).



FIGURA 167: exsicata das folhas e inflorescência de *C. alliodora.* Fonte: REFLORA (2019).

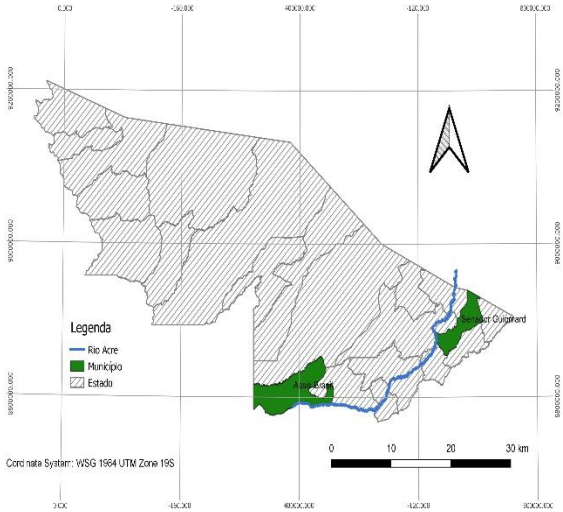


FIGURA 168: localização da *C. alliodora* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, semidecídua e secundária, característica de solos salinos e arenosos da floresta semidecídua.

Ocorre preferencialmente sobre terrenos de declive suave, de solos arenosos de boa fertilidade, profundos e bem drenados.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, o que ocorre algumas semanas após as flores secarem e adquirirem colocação marrom. Após isso, devem ser esfregados manualmente para a retirada dos remanescentes florais ainda aderentes.

As folhas em cataplasma e decocção servem para curar feridas, hemorragias e diarréias. A casca e as folhas podem ser utilizadas no lugar do alho. A madeira é usada na confecção de vigas, caibros, remos, barcos, móveis e outros. A árvore é muito ornamental, podendo ser empregada na arborização paisagística, além de ser indicada na restauração de áreas degradadas.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie é encontrada em todos os Estados do território brasileiro.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil e Senador Guiomard (Figura 168).

CAPA-BODE – *Bauhinia* sp.; *Bauhinia acreana*



FIGURA 169: árvore de *Bauhinia* sp. Fonte: LORENZI (2002).

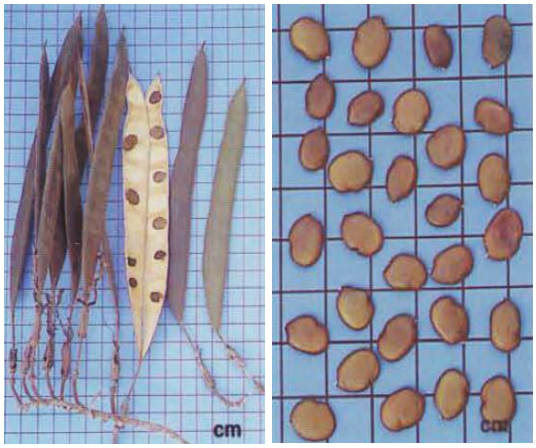


FIGURA 170 E 171: frutos e sementes de *Bauhinia sp.* Fonte: LORENZI (2002).



FIGURA 172: flor de *Bauhinia sp.* Fonte: WIKIWAND (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Caesalpiniaceae/Fabaceae
Nome comum	Capa-bode, pata-de-vaca, casco-de-vaca, pata-de-boi, pata-de-touro.

DESCRIÇÃO

Altura	9 a 10 metros
Tronco	10 a 20 centímetros
Casca	Cinza a marrom, presença de sulcos, estrias longitudinais
Flor	Solitária, branca
Fruto	Vagem, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Outubro a maio
Frutos maduros	Abril a dezembro
Dispersão	Barocórica
Semente/kg	3.000 a 15.000 unidades
Germinação	30%
Mudas	Após a quebra de dormência, dispor as sementes em canteiros a pleno sol, com substrato arenoso, cobrindo-as com uma leve camada de 0,5 cm de substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia.
Emergência das plântulas	35 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 a 6 meses



FIGURA 173: ramo de *B. acreana.* Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2007).



FIGURA 174: exsicata das folhas e flores de *Bauhinia sp.* Fonte: REFLORA (2019).

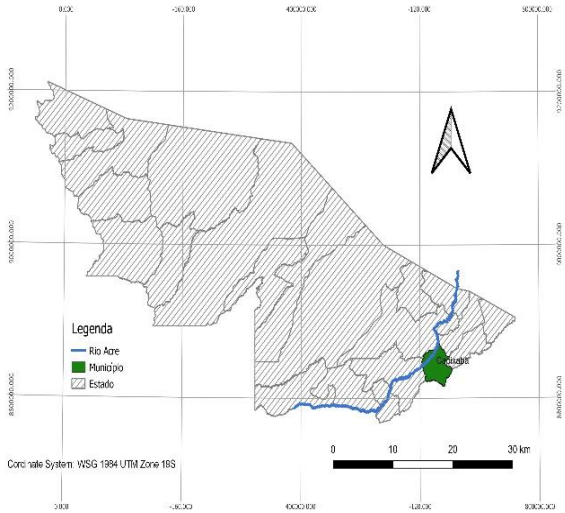


FIGURA 175: localização da *Bauhinia sp.* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, decídua ou semidecídua, que ocorre em terrenos muito úmidos, de leito de rio, várzea e mata ciliar, sendo frequente em capoeiras e em áreas antropizadas.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore quando mudarem de coloração e iniciarem a abertura espontânea. Em seguida deixá-los no sol para completar a abertura e liberação das sementes.

A taxa de germinação é baixa, de apenas 30% e a escarificação mecânica ou a imersão em água quente, com temperatura inicial de 80ºC, por 10 minutos para embebição, podem elevá-la.

As folhas são grandes fitoterápicos e seu uso mais conhecido é no combate a diabetes moderada, sendo considerada como a insulina natural. A espécie pode ser usada no paisagismo, arborização urbana, como cercas vivas e na recuperação de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Estado do Acre, Alagoas, Ceará, Piauí, Piauí, Pernambuco, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Capixaba (Figura 175).

COPAÍBA-PRETA – *Copaifera multijuga* Hayne.



FIGURA 176: árvore de *Copaifera sp.* Fonte: ÁRVORES DO BRASIL (2012).



FIGURA 177 E 178: frutos em diferentes estágios de maturação e sementes de *C. multijuga.* Fonte: FERRAZ (2009).



FIGURA 179: inflorescência de C*opaifera sp.* Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Caesalpiniaceae/Fabaceae
Nome comum	Copaíba-preto, amarante, bálsamo-de-copaíba, copaíba-verdadeira, copaíba-roxa

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 40 metros
Tronco	50 a 80 centímetros
Casca	Macia, pouco espessa
Flor	Branca
Fruto	Infrutescência, baga amarela a vermelha

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Dezembro a fevereiro
Frutos maduros	Julho a setembro
Dispersão	Barocórica
Semente/kg	374 a 669 unidades
Germinação	63% a 94%
Mudas	Dispor as sementes para germinar logo que colhidas e sem nenhum tratamento, em canteiros ou em sacos de polietileno, com substrato organo-arenoso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	14 a 35 dias
Plantio definitivo	Muda com 30 dias



FIGURA 180: muda de *C. multijuga.* Fonte: FERRAZ (2009).



FIGURA 181: exsicata das folhas de *C. multijuga.* Fonte: REFLORA (2019).

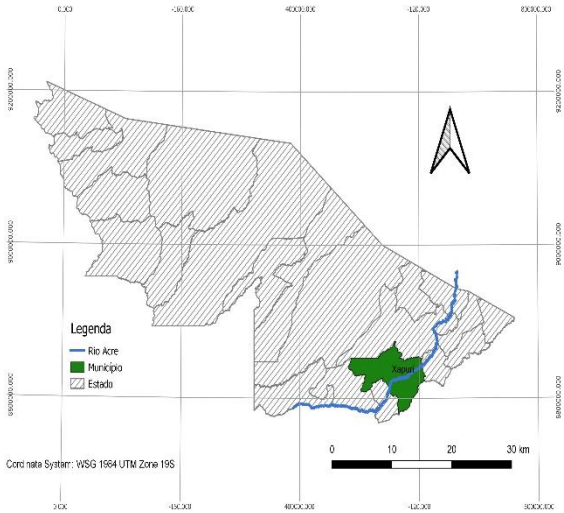


FIGURA 182: localização da *C. multijuga* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, decídua ou semidecídua, encontrada nas zonas altas e baixas da mata de terra firme, capoeiras, pastagens, margens arenosas de lagos e igarapés.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea. Em seguida deixá-los ao sol para completar a abertura e liberação das sementes.

A germinação das sementes recém coletadas é alta, tanto em laboratório, quanto em viveiro. Estas não possuem dormência.

Seu uso mais conhecido é o óleo-resina do tronco, que é utilizado como: combustível para lamparinas e automóveis, na indústria de vernizes e tinturas (como secativo), na indústria de cosméticos (fixador para perfume) e como fitoterápico, pelo efeito anti-inflamatório e anti-séptico. A madeira é própria para usos internos em construção civil, forros móveis, cabos de ferramentas, folhas faqueadas decorativas entre outros.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Bahia, Mato Grosso e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Xapuri (Figura 182).

JUTAÍ – *Hymenaea oblongifolia* Hub.



FIGURA 183: árvore de *Hymenaea sp.* Fonte: LORENZI (1992).





FIGURA 184 E 185: frutos e sementes de *Hymenaea sp.* Fonte: COSTA (2015); ÁRVORES DO BRASIL (20-?).



FIGURA 186: flor de *H. oblongifolia.* Fonte: ÁRBOLES EMBLEMÁTICOS DE YASUNÍ (2019).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Caesalpiniaceae/Fabaceae
Nome comum	Jutaí, jutaí-da-várzea, jutaí-do-alagado, jutaí-mirí, jutaí-miruim

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 40 metros
Tronco	Até 100 centímetros
Casca	Espessa, creme-acinzentada, com lenticelas
Flor	Branca-creme
Fruto	Drupa, cilíndrica, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Maio a outubro
Frutos maduros	Agosto a novembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	250 unidades
Germinação	100%
Mudas	Após escarificação química ou mecânica, semear as sementes em canteiros ou recipientes individuais, como sacos de polietileno, contendo substrato argiloso, cobrir as sementes com mais ou menos 1 cm de terra e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	12 a 18 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 meses



FIGURA 187: plântula de *Hymenaea sp.* Fonte: COSTA (2015).



FIGURA 188: exsicata das folhas de *H. oblongifolia.* Fonte: REFLORA (2019).

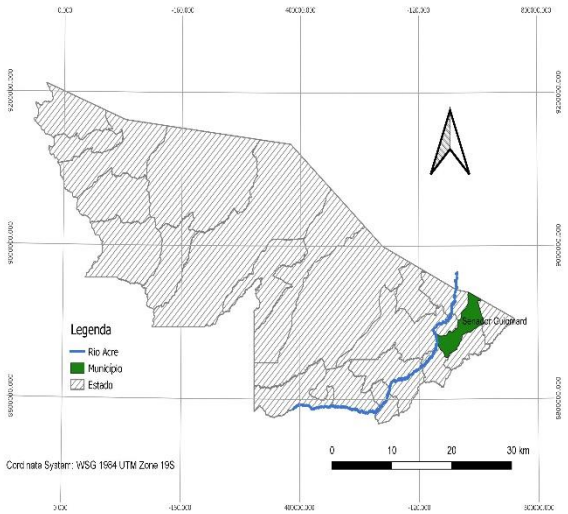


FIGURA 189: localização da *H. oblongifolia* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, frequente em várzeas e terra firme argilosa do Rio Solimões e seus tributários da calha esquerda do Amazonas, sobretudo rios Purus e Juruá.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea e deixá-los ao sol para facilitar a retirada das sementes.

As sementes possuem dormência, sendo necessário o uso da escarificação química com ácido sulfúrico por 30 e 60 minutos ou a escarificação mecânica por meio de lixamento da casca.

A polpa em pó é comestível e geralmente colocada em bebidas. A decocção da casca é empregada como anti-artrítico, anti-reumático, anti-diarréico e anti-helmíntico. A madeira é usada na confecção de molduras, móveis de luxo, cabos para ferramentas e etc. A árvore é considerada adulta com 5 anos de idade e resistente a elevados índices de poluição atmosférica, sendo indicada para arborização urbana.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amapá Amazonas, Bahia, Pará, Pernambuco e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Senador Guiomard (Figura 189).

PARICÁ – *Schizolobium amazonicum* Hub.



FIGURA 190: árvore de *S. amazonicum.* Fonte: FERREIRA (2010).





FIGURA 191 E 192: fruto verde e sementes de *S. amazonicum.* Fonte: LOPES (2014); IBF (20-?).



FIGURA 193: inflorescência de *Schizolobium sp.* Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2008).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Caesalpiniaceae/Fabaceae
Nome comum	Paricá, paricá-grande, canafista, canafístula, bandarra

DESCRIÇÃO

Altura	Até 40 metros
Tronco	Até 100 centímetros
Casca	Lisa, finamente fissurada, cinza-clara
Flor	Amarela-clara, perfumada
Fruto	Criptosâmara, espatulada, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Junho a julho
Frutos maduros	Agosto a setembro
Dispersão	Barocórica e anemocórica
Semente/kg	980 a 1.400 unidades
Germinação	80% a 100%
Mudas	Após o tratamento pré-germinativo, semeia-se uma a duas sementes diretamente em sacos de polietileno ou em tubetes tamanho grande, com substrato arenoso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	6 a 45 dias
Plantio definitivo	Muda com 2 meses



FIGURA 194: produção de mudas de *S. amazonicum.* Fonte: VIVEIRO DO ZÉ (2013).



FIGURA 195: exsicata das folhas de *S. amazonicum.* Fonte: REFLORA (2019).

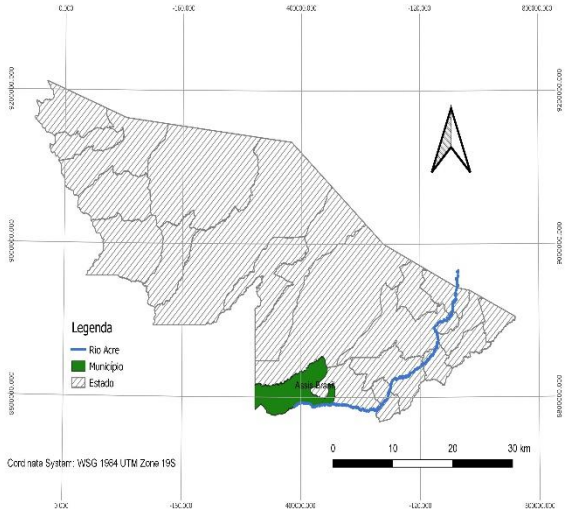


FIGURA 196: localização da *S. amazonicum* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, decídua e pioneira, que ocorre na Amazônia, em florestas primárias tardias e secundárias de terra firme.

Para a obtenção de sementes é necessário recolher os frutos no chão após sua queda espontânea. Em seguida retirar manualmente a semente de seu interior.

As sementes possuem dormência tegumentar e a escarificação mecânica e imersão em ácido sulfúrico durante 60 minutos proporcionam elevadas taxas de germinação.

O chá da casca batida é recomendado para curar a diarreia. É promissora para a produção de pasta para celulose, pelo fácil branqueamento e as excelentes resistências obtidas com o papel branqueado. A madeira é usada na produção de lâminas médias, miolo de compensados, brinquedos, caixotaria leve e portas. Por seu rápido crescimento e rusticidade, a árvore é indicada para restauração florestal de mata-ciliar e para a arborização e paisagismo urbano.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Mato Grosso, Pará e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Assis Brasil (Figura 196).

MAMUÍ – *Carica microcarpa* (Jacq.), *Vasconcellea microcarpa*



FIGURA 197: planta de *C. microcarpa.* Fonte: PLANTES BOTANIQUE (2009).



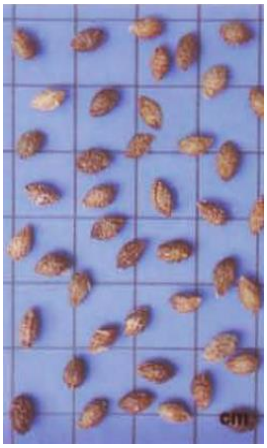


FIGURA 198 E 199: frutos e sementes de *Carica* sp. Fonte: GENTRY (1979); LORENZI (2000).



FIGURA 200: flor de *C. microcarpa.* Fonte: GENTRY (1979).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Brassicales
Família	Caricaceae
Nome comum	Mamuí, mamorana, papailla, mamarona

DESCRIÇÃO

Altura	2 a 3 metros
Tronco	20 a 30 centímetros
Casca	Cinza-claro, pouco fissurada, pouco espessa
Flor	Creme a amarelada
Fruto	Ovóide, vermelho a alaranjado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a outubro
Frutos maduros	Outubro a fevereiro
Dispersão	Autocórica e zoocórica
Semente/kg	120.000 unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros semi-sombreados, com substrato organo-argiloso, cobrindo-as com uma fina camada de substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	Não se tem informação
Plantio definitivo	Não se tem informação



FIGURA 201: detalhe da folha de *Carica* sp. Fonte: CAMPELO (2009).



FIGURA 202: exsicata das folhas de *C. microcarpa.* Fonte: REFLORA (2019).

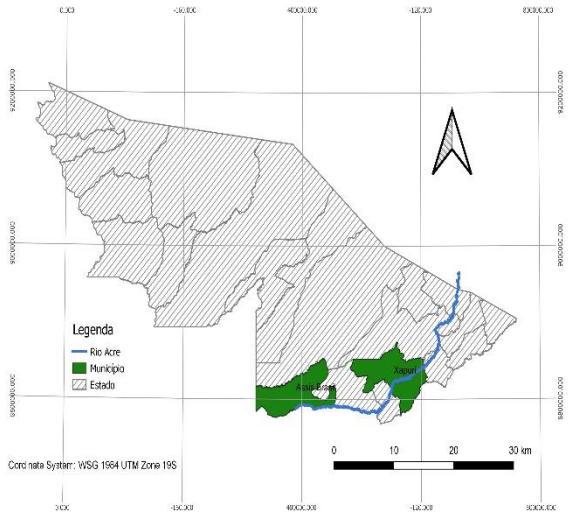


FIGURA 203: localização da *C. microcarpa* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, semidecídua e pioneira, frequente em áreas de várzea, terra firme, em matas ciliares e floresta primária. A espécie é sinônimo de *Vasconcellea microcarpa*.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore, quando iniciarem a queda espontânea, ou recolhê-los no chão após sua queda. Após isso, abri-los manualmente e retirar as sementes, lavando-as em água corrente dentro de uma peneira e dispor para secar à sombra, tendo o cuidado para não as deixar desidratar.

As informações sobre a etnobotânica da espécie são escassas, mas sabe-se que os frutos são comestíveis, quando maduros. Além disso, nos Andes, a espécie *Vasconcellea microcarpa* é utilizada para produção de cozidos, utilizando as folhas para isto.

Como a espécie ocorre principalmente em florestas de várzea, pode ser indicada para compor plantios para fins de recuperação de APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Pará, Rondônia e Sergipe.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil e Xapuri (203).

EMBAÚBA-BRANCA – *Cecropia leucocoma* Miq.



FIGURA 204: árvore de *C. leucocoma.* Fonte: COSTA (2014).



FIGURA 205 E 206: infrutescência e sementes de *Cecropia* sp. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 207: ramo com inflorescência de *Cecropia* sp. Fonte: LORENZI (2000).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Cecropiaceae
Nome comum	Embaúba-branca, ambaíba, ambaibatinga, imbaúba

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 35 metros
Tronco	15 a 30 centímetros
Casca	Lisa, cinza, marcada por cicatrizes de pecíolos antigos
Flor	Branca a esverdeada
Fruto	Cilíndrico, creme a marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a novembro
Frutos maduros	Novembro a fevereiro
Dispersão	Ornitocórica (aves)
Semente/kg	800.000 a 900.000 unidades
Germinação	15% a 98%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros semi-sombreados, com substrato argiloso, cobrindo-as levemente com substrato peneirado, cobrindo o canteiro com saco de estopa e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	20 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 2 a 3 meses



FIGURA 208: folha de *Cecropia* sp. Fonte: BERG et al., (1990).



FIGURA 209: exsicata das folhas e infrutescência de *C. leucocoma.* Fonte: REFLORA (2019).

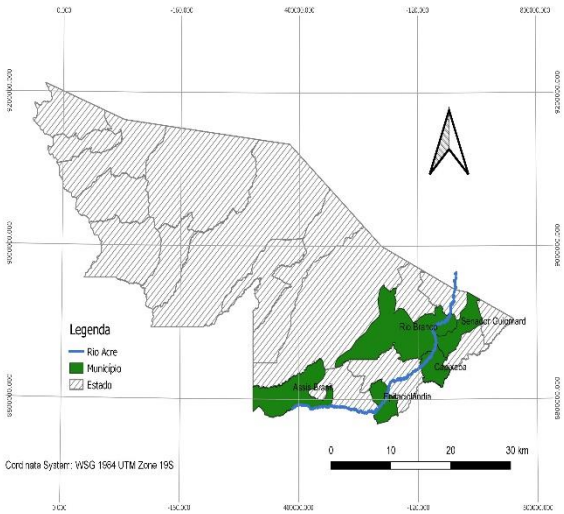


FIGURA 210: localização da *C. leucocoma* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, perenifólia e pioneira, muito característica das capoeiras e roçados abandonados, ocorrendo em matas ciliares, sobre terrenos arenosos.

Para a obtenção de sementes é necessário colher as infrutescências diretamente da árvore, quando aparecerem parcialmente comidas por aves. Em seguida, deixá-las em repouso por alguns dias para iniciar a decomposição e facilitar sua maceração em água. As sementes são separadas filtrando-se a suspensão de frutos e deixando-se o filtrado secar ao sol.

Os frutos adocicados são amplamente procurados por aves e outros animais silvestres, e as folhas são o alimento principal do bicho-preguiça. A madeira é empregada na confecção de caixotaria, forros, palitos de fósforo, pasta celulósica e balsa para transporte de madeira pesada nos rios amazônicos.

DISTRIBUIÇÃO

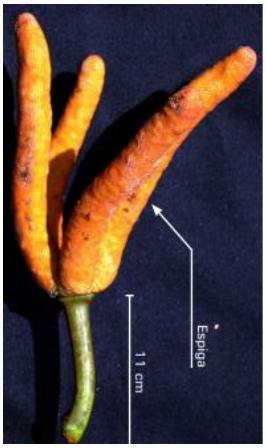
Ocorre nos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil, Capixaba, Epitaciolândia, Porto Acre, Rio Branco e Senador Guiomard (Figura 210).

EMBAÚBA-VERMELHA – *Cecropia sciadophylla* Mart.



FIGURA 211: árvore de *C. sciadophylla.* Fonte: LORENZI (2000).



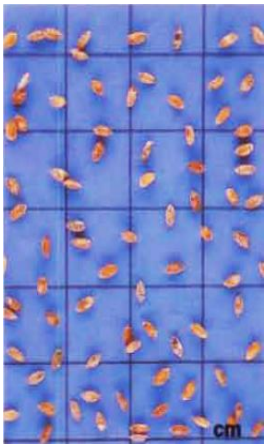


FIGURA 212 E 213: infrutescência e sementes de *C. sciadophylla.* Fonte: MARGALHO (2012); LORENZI (2000).

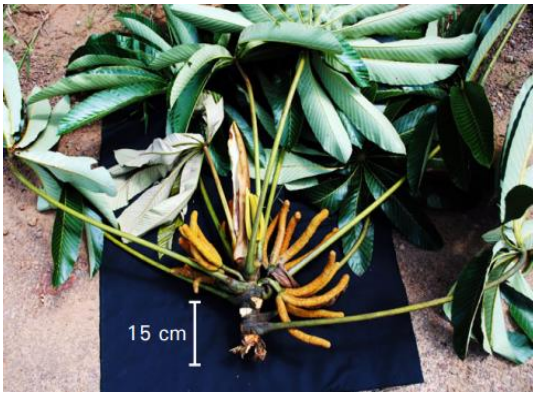


FIGURA 214: ramo com inflorescência de *C. sciadophylla.* Fonte: MARGALHO (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Cecropiaceae
Nome comum	Embaúba-vermelha, imbaúba, taurá, mataúba, sambacuim

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 15 metros
Tronco	20 a 30 centímetros
Casca	Lisa, cinza, marcada por cicatrizes de pecíolos antigos
Flor	Branca-pubescente
Fruto	Cilíndrico, carnoso, amarelo a marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a novembro
Frutos maduros	Novembro a fevereiro
Dispersão	Ornitocórica (aves)
Semente/kg	3.000.000 unidades
Germinação	15% a 98%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros semi-sombreados, com substrato argiloso. Não cobri-las, mas apenas irrigar o canteiro para enterrar as minúsculas sementes
Emergência das plântulas	20 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 2 a 3 meses

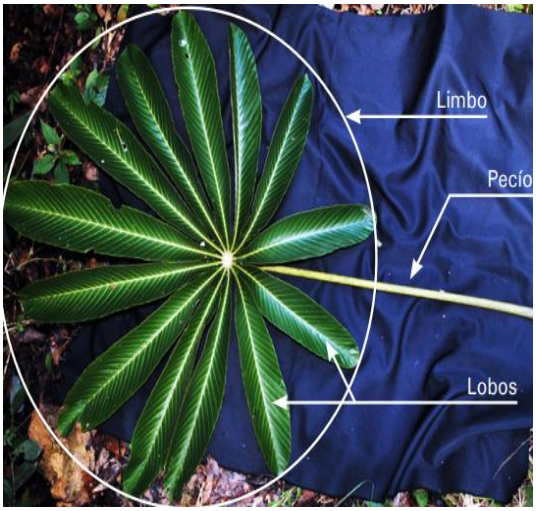


FIGURA 215: folha de *C. sciadophylla*. Fonte: MARGALHO (2012).



FIGURA 216: exsicata das folhas de *C. sciadophylla.* Fonte: REFLORA (2019).

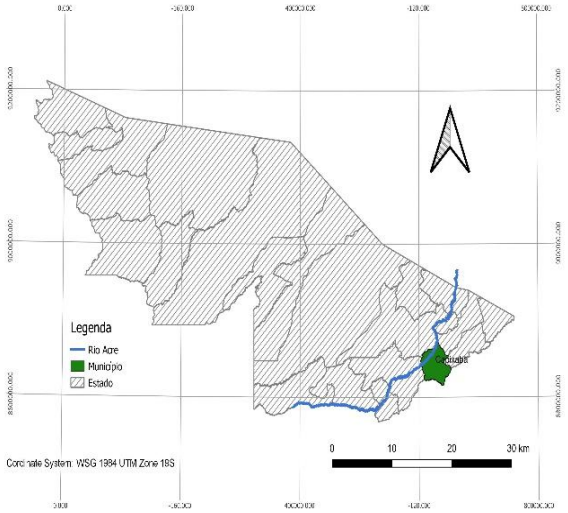


FIGURA 217: localização da *C. sciadophylla* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, perenifólia e pioneira, característica e exclusiva das capoeiras e capoeirões da região Amazônica, tanto de terra firme, quanto de várzeas inundáveis. Ocorre em matas ciliares, sobre terrenos arenosos de boa fertilidade em áreas derrubadas recentes, onde chega a formar populações puras.

Para a obtenção de sementes é necessário colher as infrutescências diretamente da árvore, quando aparecerem parcialmente comidas por aves. Em seguida, deixá-las amontoadas em saco plástico durante alguns dias até sua decomposição parcial e facilitar a remoção das pequenas sementes através de lavagem em água corrente dentro de uma peneira fina.

Os frutos são muito procurados por aves e outros animais e assim como a espécie *C. leucocoma*, as folhas são muito apreciadas pelo bicho-preguiça. É fitoterápico, sendo usado como diurético, anti-hemorrágico, adstringente, antiasmático, antigonorréico e outros. A madeira é empregada na confecção de caixotaria, forros, palitos de fósforo, pasta celulósica e balsa para transporte de madeira nos rios amazônicos.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Capixaba (Figura 217).

EMBAÚBA-TOREM – *Pourouma* sp. *Pourouma guianensis*



FIGURA 218: árvore de *P. guianensis.* Fonte: LORENZI (2000).





FIGURA 219 E 220: frutos e sementes de *P. guianensis.* Fonte: VERDI (2010); LORENZI (2000).



FIGURA 221: ramo com inflorescência de *P. guianensis.* Fonte: GAGLIOTI (2013).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Cecropiaceae/Urticaceae
Nome comum	Embaúba-torem, itararanga, taranga-branca, mapati, pau-de-jacu

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 30 metros
Tronco	20 a 30 centímetros
Casca	Quase lisa, lenticelada, cinza
Flor	Verde a amarela
Fruto	Drupa, ovóide, violáceo-preta

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	A partir de dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	1.700 unidades
Germinação	Inferior a 40 %
Mudas	Dispor as sementes em canteiros semi-sombreados, com substrato organo-arenoso, cobrindo-as com uma camada de 1 cm do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	3 a 6 semanas
Plantio definitivo	Muda com 10 a 12 meses



FIGURA 222: muda de *P. guianensis*. Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2008).



FIGURA 223: exsicata das folhas de *P. guianensis.* Fonte: REFLORA (2019).

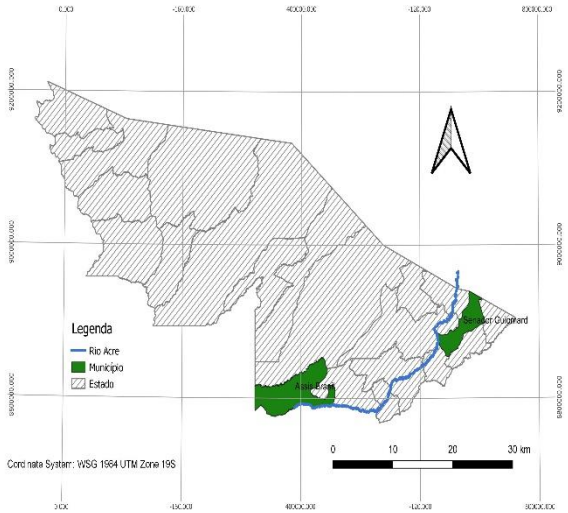


FIGURA 224: localização da *P. guianensis* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, perenifólia e pioneira, característica da floresta tropical amazônica e da mata pluvial atlântica. É encontrada nas matas secundárias, tanto de terra firme, como as de terrenos periodicamente inundados.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore, quando adquirirem coloração roxa ou preta e iniciarem a queda espontânea. Após isso, devem ser esmagadas para a retirada das sementes e deixá-las em água corrente para a retirada da mucilagem que as envolvem.

Os frutos são comestíveis e muito apreciados pela fauna. As folhas servem de alimento ao bicho-preguiça. A madeira é empregada na produção de polpa celulósica, confecção de brinquedos, palitos, caixas e pequenas embalagens. A árvore possui qualidades ornamentais e pode ser usada no paisagismo e arborização urbana. Também é recomendada para a composição de reflorestamentos mistos com fins preservacionistas.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil e Rio Branco (Figura 224).

CARIPÉ – *Hirtella* sp., *Hirtella excelsa* standl.



FIGURA 225: árvore de *Hirtella* sp. Fonte: LORENZI (2000).





FIGURA 226 E 227: frutos de *H. excelsa* e sementes de *Hirtella* sp. Fonte: PAINE (2013); LORENZI (2000).

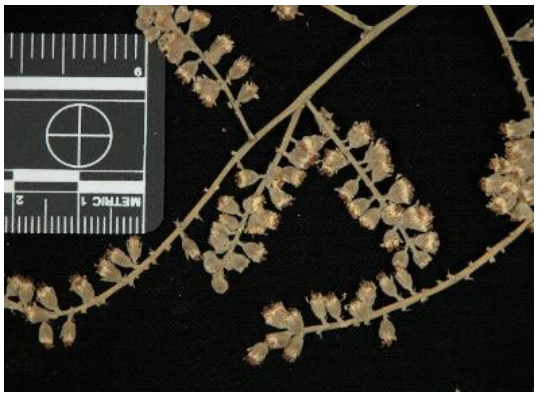


FIGURA 228: exsicata da inflorescência de *H. excelsa.* Fonte: ATRIUM (2010).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malpighiales
Família	Chrysobalanaceae
Nome comum	Caripé, caraipé, ajeurarana, chorão, Ajuru

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 35 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Lisa, marcada por cicatrizes das estípulas e pecíolos antigos
Flor	Verde-amarelada
Fruto	Drupa, ovóide, verde a marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Abril a junho
Frutos maduros	Julho a outubro
Dispersão	Ornitocórica (aves)
Semente/kg	8.200 a 9.500 unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, à pleno sol, com substrato organo-arenoso, cobri-las com uma camada fina do substrato peneirado e irrigar 2 vezes por dia
Emergência das plântulas	2 a 3 meses
Plantio definitivo	Não se tem informação



FIGURA 229: ramo com folhas e inflorescência de *H. excelsa*. Fonte: ATRIUM (2010).



FIGURA 230: exsicata das folhas e inflorescência de *H. excelsa.* Fonte: REFLORA (2019).

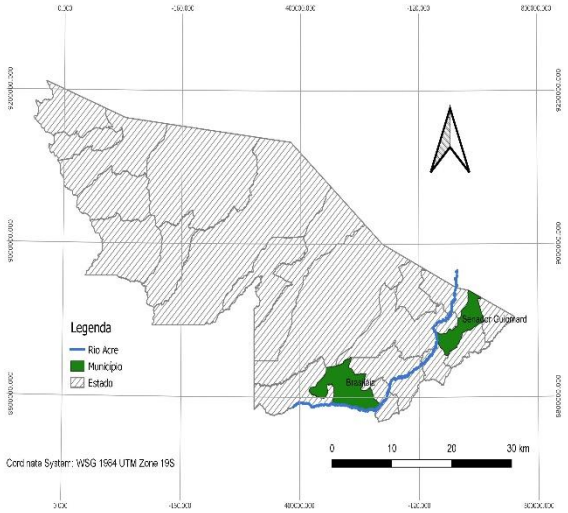


FIGURA 231: localização da *H. excelsa* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, característica da floresta de terra tirme e matas ciliares da região Amazônica.

Para a obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore, quando iniciarem a queda espontânea. Os frutos podem ser considerados como sementes na ocasião da semeadura, uma vez que a remoção desta é bastante trabalhosa.

As sementes do gênero *Hirtella* não possuem dormência, dispensando assim qualquer tratamento pré-germinativo.

As informações sobre a etnobotânica da espécie são bastante escassas, mas sabe-se que a espécie *Hirtella triandra*, que também ocorre na Amazônia, possui frutos comestíveis, a casca é utilizada na indústria de curtume, além de ser adstringente, sendo muito usada na medicina. Como a espécie em questão ocorre em matas ciliares, pode ser indicada para plantios com fins de recuperação de APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Mato Grosso, Pará e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Brasiléia e Senador Guiomard (Figura 231).

MIRINDIBA-BRANCA – *Terminalia* sp., *Terminalia dichotoma* G. Mey.

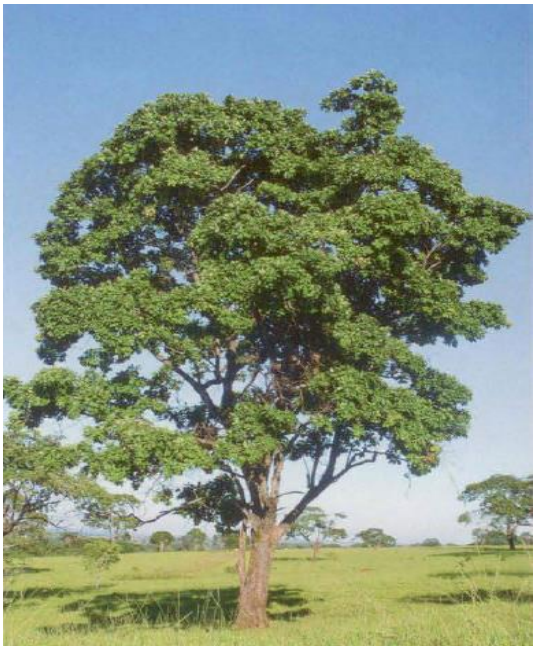


FIGURA 232: árvore de *T. dichotoma.* Fonte: LORENZI (2009).

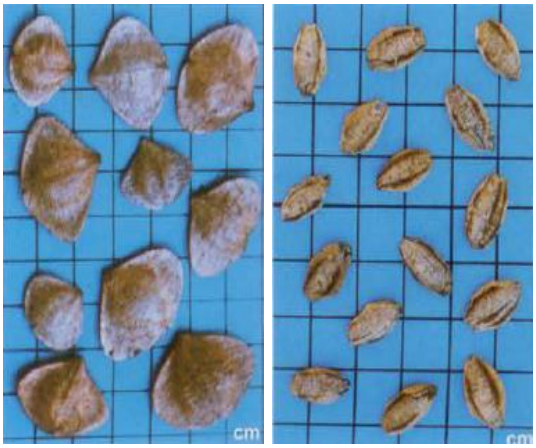


FIGURA 233 E 234: frutos e sementes de *T. dichotoma.* Fonte: LORENZI (2009).



FIGURA 235: ramo com inflorescência de *T. dichotoma.* Fonte: LORENZI (2009).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Myrtales
Família	Combretaceae
Nome comum	Mirindiba-branca, merendiba, capitão, tanibuca, cuiarana

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 18 metros
Tronco	30 a 40 centímetros
Casca	Acinzentada, fissurada
Flor	Verde a amarela
Fruto	Sâmara, achatada, laranja-queimado a marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a outubro
Frutos maduros	Fevereiro a março
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	3.300 unidades
Germinação	Inferior a 20%
Mudas	Dispor as sementes (frutos com ou sem as asas), em canteiros semi-sombreados preparados com substrato organo-arenoso, cobrindo-as com uma camada do substrato de espessura igual a sua altura e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	40 a 50 dias
Plantio definitivo	Muda com 6 a 8 meses



FIGURA 236: plântula de *Terminalia* sp. Fonte: HERNANDEZ (2009).



FIGURA 237: exsicata das folhas e fruto de *T. dichotoma.* Fonte: REFLORA (2019).

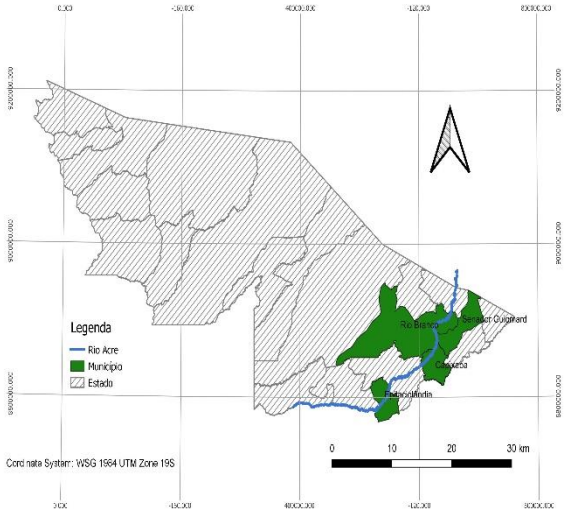


FIGURA 238: localização da *Terminalia* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita ou esciófita e semidecídua, característica e exclusiva da floresta pluvial amazônica de terra firme, onde apresenta ampla, porém descontínua e irregular dispersão. É mais frequente ao norte do rio Amazonas, desde sua parte oriental até ocidental, preferencialmente em terrenos argilosos.

Para a obtenção de sementes, os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore, quando iniciarem a queda espontânea, cortando-se as infrutescências e batendo-as sobre uma lona, por exemplo, para derriçar os frutos. Estes já podem ser considerados sementes para o efeito da semeadura, uma vez que a retirada das sementes é muito difícil.

A madeira, moderadamente pesada é indicada para construção civil, na confecção de vigas, esteios, caibros, ripas, tacos e tábuas para assoalhos e na confecção de móveis. A árvore, por ter um rápido crescimento, é recomendada para cultivo, paisagismo de parques e jardins e arborização urbana, como também na composição de reflorestamentos.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Capixaba, Epitaciolândia, Rio Branco e Senador Guiomard (Figura 238).

SERINGUEIRA – *Hevea brasiliensis* Muell. Arg.



FIGURA 239: plantio de *H. brasiliensis.* Fonte: ISTOCK IMAGENS (20-?).





FIGURA 240 E 241: fruto e sementes de *H. brasiliensis.* Fonte: GUILHERME (2019); INATURALIST (2019).



FIGURA 242: inflorescência de *H. brasiliensis.* Fonte: WIKIMEDIA (2018).

TAXONOMIA

Classe	Malpighiales
Ordem	Myrtales
Família	Euphorbiaceae
Nome comum	Seringueira, seringa, árvore-da-borracha, jebe, rubber

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	30 a 60 centímetros
Casca	Cinza a marrom-claro, fissurada, lactescente
Flor	Amarela
Fruto	Cápsula, lenhosa, deiscente

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Abril a julho
Frutos maduros	Novembro a fevereiro
Dispersão	Zoocórica, anemocórica
Semente/kg	250 unidades
Germinação	50% a 89%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-arenoso, com a carúncula virada para baixo, cobrindo-as até a metade de sua altura com substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	11 a 20 dias
Plantio definitivo	Muda com 10 meses



FIGURA 243: produção de mudas de *H. brasiliensis*. Fonte: BRITO (2017).



FIGURA 244: exsicata das folhas de *H. brasiliensis.* Fonte: REFLORA (2019).

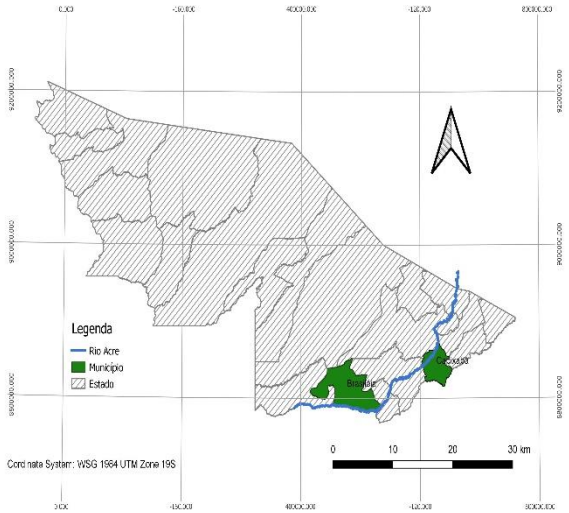


FIGURA 245: localização da *H. brasiliensis* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita ou esciófita e semidecídua, característica da floresta amazônica de terra firme e várzeas inundáveis. Ocorre preferencialmente em solos argilosos e férteis de matas ciliares.

Para a obtenção de sementes, deve-se recolhê-las no chão, próximo à árvore matriz, após a queda espontânea.

As sementes não possuem dormência, podendo ser semeadas logo após a coleta.

Seu maior valor reside no látex extraído de seu tronco, que é transformado em borracha de excelente e foi importante para produção de borracha até a década de 1980 quando os cultivos paulistas dominaram o mercado. As sementes fornecem óleo secativo usado na indústria de tintas e vernizes. A madeira pode ser empregada para tabuado, forros e caixotaria.

A espécie é uma boa opção para recuperação de áreas degradadas, por oferecer uma excelente cobertura vegetal ao solo.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Brasiléia e Capixaba (Figura 245).

AÇACÚ – *Hura crepitans* L.



FIGURA 246: árvore de *H. crepitans.* Fonte: LORENZI (1992).





FIGURA 247 E 248: fruto e sementes de *H. crepitans.* Fonte: WEST AFRICAN PLANTS (2007); CRUZ (2018).



FIGURA 249: inflorescência de *H. crepitans.* Fonte: MONTIEL (2011).

TAXONOMIA

Classe	Malpighiales
Ordem	Myrtales
Família	Euphorbiaceae
Nome comum	Açacú, assacu, assacuzeiro, ussacu, assaca

DESCRIÇÃO

Altura	30 a 40 metros
Tronco	50 a 100 centímetros
Casca	Cinza-escura, recoberta por acúleos grossos, lactescente
Flor	Vermelha a vinho
Fruto	Cápsula, achatada, lenhosa, marrom-escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Outubro a janeiro
Frutos maduros	A partir de fevereiro
Dispersão	Zoocórica e autocórica
Semente/kg	1.100 unidades
Germinação	85% a 90%
Mudas	Dispor as sementes em recipientes individuais com substrato organo-argiloso, em local semi-sombreado e cobri-las com camada de 0,5 cm do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	30 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 5 meses



FIGURA 250: folhas de *H. crepitans*. Fonte: INATURALIST (2016).



FIGURA 251: exsicata das folhas de *H. crepitans.* Fonte: REFLORA (2019).

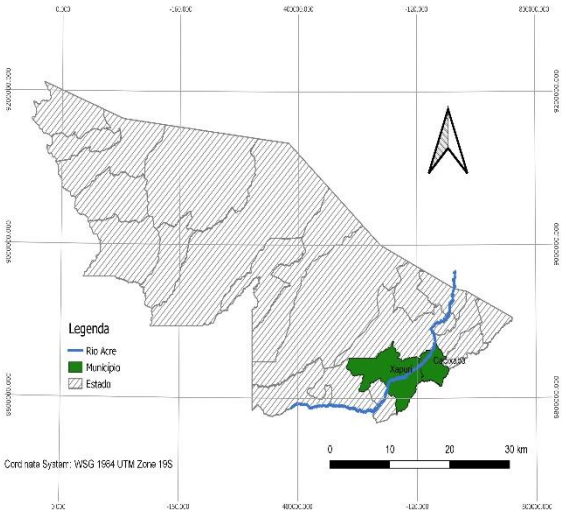


FIGURA 252: localização da *H. crepitans* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, característica da floresta amazônica de matas ciliares, ocorrendo em mata primária densa e em formações secundárias.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea em dias de sol quente. Em seguida, leva-los ao sol para completar a abertura e liberação das sementes. Devido à sua deiscência explosiva, cobri-los durante a secagem com tela ou peneira, para evitar a perda das sementes.

O látex extraído do tronco é venenoso e no interior do Estado do Amazonas é usado por populações indígenas para pescaria a partir do envenenamento de peixes. O chá da casca ajuda a combater o reumatismo e as flores são empregadas contra furúnculos. A árvore, apesar de aculeada, é ornamental e produtora de ótima sombra, podendo ser empregada na arborização e paisagismo e também na recuperação de áreas ciliares degradadas.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Capixaba e Xapuri (Figura 252).

BURRA-LEITEIRA– *Sapium marmieri* Hub.



FIGURA 253: árvore de *Sapium sp.* Fonte: LORENZI (2002).



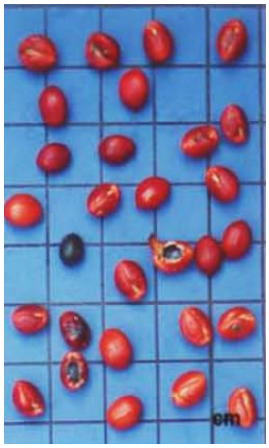


FIGURA 254 E 255: frutos de *S. marmieri.* e sementes de *Sapium sp.* Fonte: INATURALIST (2007); LORENZI (2002).



FIGURA 256: inflorescência de *Sapium* sp. Fonte: FIVEPRIME (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Malpighiales
Ordem	Myrtales
Família	Euphorbiaceae
Nome comum	Burra-leiteira, burra-leiteira-grande, lixa-vegetal, murupita

DESCRIÇÃO

Altura	5 a 20 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Cinza, com manchas verdes a marrom, espessa, lactescente
Flor	Verde a amarela
Fruto	Cápsula, deiscente, verde

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Novembro a dezembro
Frutos maduros	Janeiro a março
Dispersão	Barocórica e zoocórica
Semente/kg	18.200 a 22.000 unidades
Germinação	Inferior a 50%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros semi-sombreados, com substrato organo-arenoso, cobri-las com uma leve camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	3 a 4 semanas
Plantio definitivo	Muda com 5 a 6 meses



FIGURA 257: ramo com folhas de *Sapium* sp. Fonte: HERBÁRIO VIRTUAL AUSTRAL AMERICANO (20-?).



FIGURA 258: exsicata das folhas de *S. marmieri.* Fonte: REFLORA (2019).

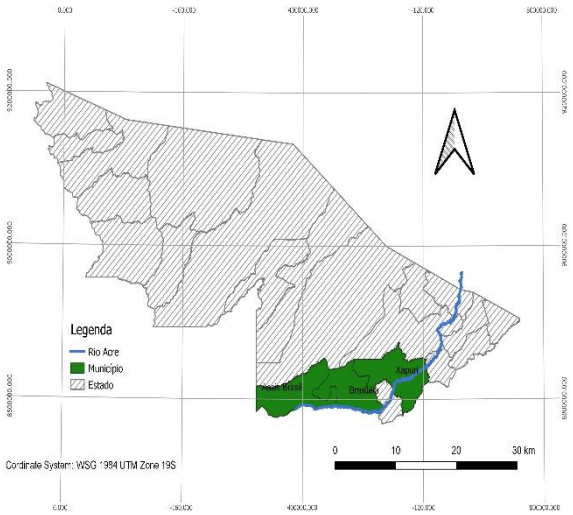


FIGURA 259: localização do *S. marmieri* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, que habita florestas de terra firme, várzeas, vegetação secundária, ao longo de estradas e pastagens, em solos arenosos, argilosos ou aluviais.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea, o que é facilmente notado pela exposição do arilo vermelho que envolve as sementes. Em seguida, é necessário deixa-las ao sol para completarem a abertura e liberação das sementes.

O látex extraído do tronco possui usos fitoterápicos, podendo ser misturado com água e ser usado como um purgativo, para tratar infecções parasitárias intestinais, além de tratar fraturas, distensões e doenças respiratórias. Também pode ser empregado (menos frequentemente do que a *H. brasiliensis*) para a produção de borracha. A madeira pode ser empregada na confecção de molduras, móveis, folheados, contraplacados, entre outros.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre e Amazonas, Amapá, Mato Grosso e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil, Brasiléia e Xapuri (Figura 259).

SERINGARANA– *Sapium* sp. *Sapium glandulosum* (L.) Morong

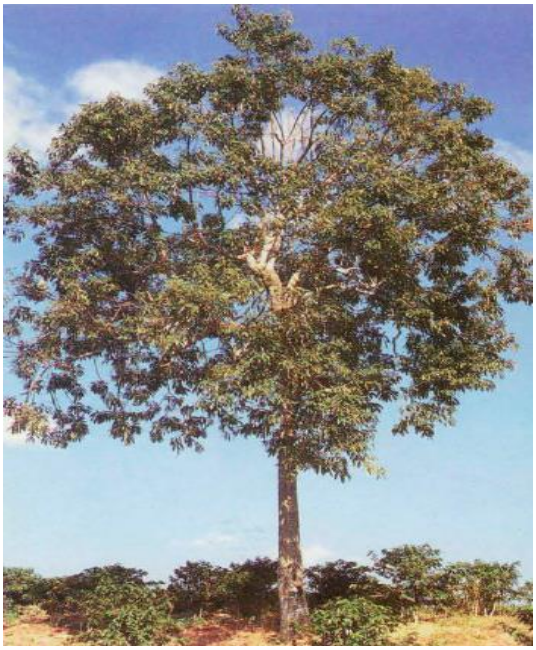


FIGURA 260: árvore de *Sapium* sp. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 261 E 262: frutos e sementes de *S. glandulosum.* Fonte: LOPES (2018); ROCHA (2013).



FIGURA 263: inflorescência de *S. glandulosum.* Fonte: FIVEPRIME (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Malpighiales
Ordem	Myrtales
Família	Euphorbiaceae
Nome comum	Seringarana, pau-de-leite, leiteiro-de-folha-graúda, mata-ôlho, pela-cavalo

DESCRIÇÃO

Altura	5 a 20 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Cinza a castanho, espessa, lactescente
Flor	Amarela
Fruto	Cápsula, deiscente, lenhosa, verde a roxo

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Novembro a dezembro
Frutos maduros	Janeiro a março
Dispersão	Barocórica e zoocórica
Semente/kg	18.200 unidades
Germinação	70%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros semi-sombreados (até 30%), com substrato organo-arenoso, cobrindo-as com uma leve camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	10 a 35 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 a 6 meses



FIGURA 264: folhas e frutos de *S. glandulosum*. Fonte: LOPES (2018).



FIGURA 265: exsicata das folhas de *S. glandulosum.* Fonte: REFLORA (2019).

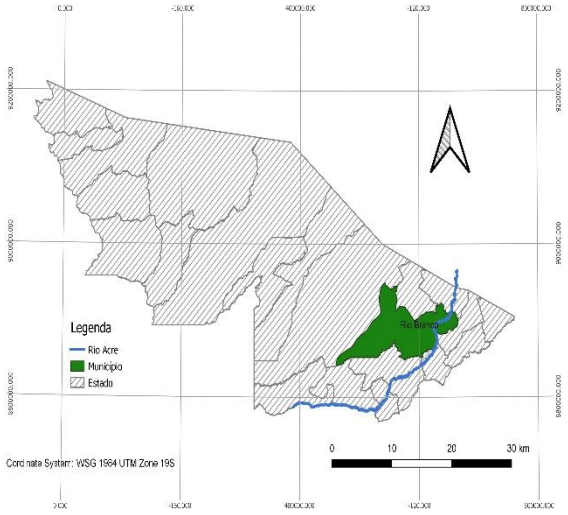


FIGURA 266: localização do *S. glandulosum* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, semidecídua e pioneira, encontrada em toda a área de abrangência do Cerrado, em florestas perenifólias e subcaducifólias, matas ciliares e cerradões, com maior frequência e abundância em áreas de vegetação secundária.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea, o que é facilmente notado pela exposição do arilo vermelho que envolve as sementes. Após isso, deixá-los ao sol para completarem a abertura e liberação das sementes.

O látex extraído do tronco produz borracha de qualidade inferior ao produzida pela *H. brasiliensis*. A madeira é empregada na confecção de caixotaria, ripas, chapas de partículas de madeira e outros. As flores são preferidas por abelhas do gênero Melipona. Por seu crescimento rápido e rusticidade, são indicadas para restauração florestal de áreas degradadas.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina e São Paulo.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Rio Branco (Figura 266).

MELANCIEIRA– *Alexa grandiflora* Ducke.



FIGURA 267: árvore de *A. grandiflora*. Fonte: LORENZI (2002).





FIGURA 268 E 269: frutos e sementes de *A. grandiflora.* Fonte: LORENZI (2002).



FIGURA 270: flores de *A. grandiflora.* Fonte: LORENZI (2002).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Fabaceae
Nome comum	Melancieira, sucupira pepino

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	60 a 120 centímetros
Casca	Marrom-acinzentada, lisa, ligeiramente rugosa
Flor	Vistosa, branca
Fruto	Vagem, lenhosa, achatada, deiscente, pardo-avermelhada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Outubro a novembro
Frutos maduros	Novembro a dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	1.100 unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	Dispor as sementes logo que colhidas em canteiros semi-sombreados ou diretamente em embalagens individuais, com substrato organo-arenoso, cobri-las com uma camada de 1 cm do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	1 a 2 semanas
Plantio definitivo	Muda com 6 a 7 meses



FIGURA 271: folhas e flores imaturas de *A. grandiflora*. Fonte: LORENZI (2002).



FIGURA 272: exsicata das folhas e flores de *A. grandiflora.* Fonte: REFLORA (2019).

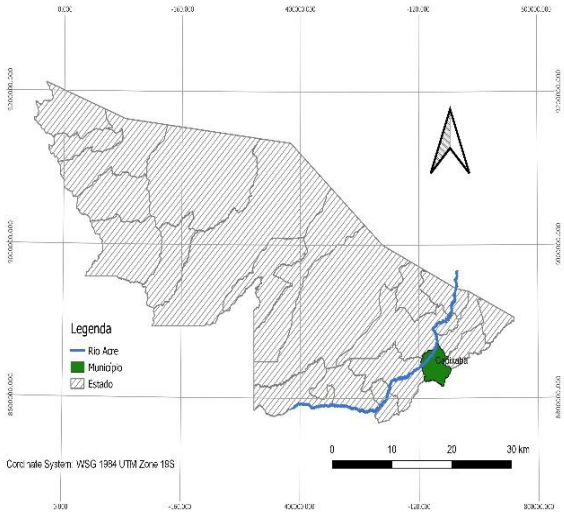


FIGURA 273: localização da *A. grandiflora* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, característica e exclusiva da mata pluvial amazônica de terra firme, da região do Baixo Amazonas, além de ocorrer preferencialmente no interior da mata primária de várzeas não inundáveis, de solos arenosos ou argilosos, mas bem drenados.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea, ou recolher as sementes no chão sob a planta-matriz, uma vez que as vagens se abrem antes de caírem.

As flores possuem potencial apícula. A madeira é empregada na confecção de vigas, caibros, ripas, marcos de portas e janelas, fabricação de móveis, esquadrias, lambris, tacos e objetos torneados. A árvore, de copa frondosa, fornece uma boa sombra e pode ser empregada na arborização paisagística urbana, de parques, praças e jardins.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Capixaba (Figura 273).

CUMARÚ-FERRO – *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd.



FIGURA 274: árvore de *D. odorata*. Fonte: ARBOREO NET (2012).





FIGURA 275 E 276: frutos e sementes de *D. odorata.* Fonte: LORENZI (2002); GRENME (2018).



FIGURA 277: flor de *D. odorata.* Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2006).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Fabaceae
Nome comum	Cumaru-ferro, cumaru-roxo, cumaru, cumbaru, serrapia

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	50 a 70 centímetros
Casca	Cinza-claro, pouco espessa, rugosa, descamante em placas irregulares
Flor	Branca-violácea, perfumada
Fruto	Vagem, drupáceo, ovalado, amarelo-alaranjado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Janeiro a fevereiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	245 unidades
Germinação	73% a 90%
Mudas	Dispor as sementes em embalagens individuais, com substrato organo-argiloso, cobri-las com uma camada de 1 cm do substrato peneirado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	3 a 8 semanas
Plantio definitivo	Muda com 30 centímetros



FIGURA 278: produção de mudas de *D. odorata*. Fonte: MERCADO LIVRE (2019).



FIGURA 279: exsicata das folhas de *D. odorata.* Fonte: REFLORA (2019).

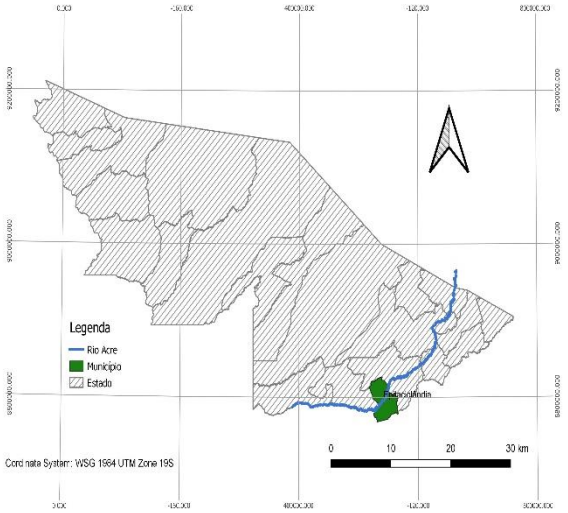


FIGURA 280: localização do *D. odorata* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie esciófita e perenifólia, indiferente quanto às condições de solo, frequente e exclusiva da floresta pluvial amazônica, ocorrendo preferencialmente no interior de floresta primária de terra firme.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos no chão, sob a planta-matriz, logo após sua queda espontânea. Estes já podem ser utilizados diretamente para semeadura, no entanto, sua taxa de germinação é geralmente baixa. A retirada da verdadeira semente é uma operação trabalhosa, mas compensada pela melhoria da taxa germinativa.

Os frutos entram na composição de licores. As sementes quando tostadas ou fervidas com sal, possuem sabor agradável. O óleo das amêndoas é usado na indústria de perfume e medicamentos devido à presença de cumarina. A madeira é empregada na fabricação de construções externas e internas, assoalhos, laminados decorativos, molduras, torneados, cabos de ferramentas e outros.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Epitaciolândia (Figura 280).

MULUNGU-DE-CAPOEIRA – *Erythrina mulungu* Mart. ex Benth.

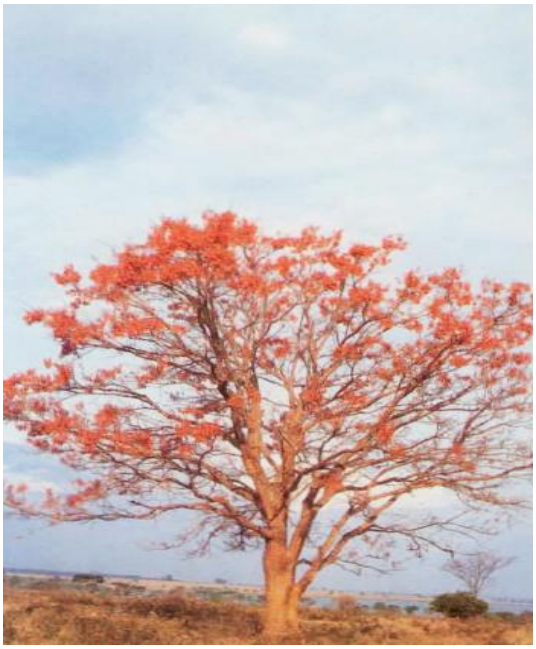


FIGURA 281: árvore de *E. mulungu*. Fonte: LORENZI (1992).

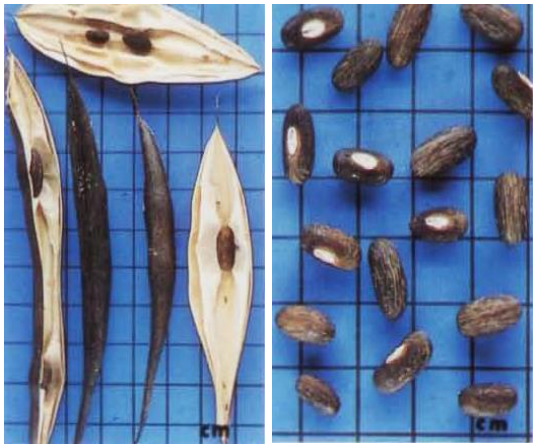


FIGURA 282 E 283: frutos e sementes de *E. mulungu.* Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 284: flor de *E. mulungu.* Fonte: CAMILO (2016).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Fabaceae
Nome comum	Mulungu-de-capoeira, mulungu, murungu, bico-de-papagaio, corticeira

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 14 metros
Tronco	40 a 50 centímetros
Casca	Revestido por camada de cortiça, marrom-avermelhada
Flor	Laranja-avermelhada
Fruto	Vagem, deiscente, marrom a preto

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Julho a setembro
Frutos maduros	Setembro a outubro
Dispersão	Anemocórica e zoocórica
Semente/kg	5.700 unidades
Germinação	83%
Mudas	Dispor as sementes diretamente em recipientes individuais, com substrato organo-arenoso, cobri-las com camada de 0,5 cm de substrato peneirado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	10 a 20 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 meses



FIGURA 285: ramo com folhas de *E. mulungu*. Fonte: MARTINS (2015).



FIGURA 286: exsicata das folhas e flores de *E. mulungu.* Fonte: REFLORA (2019).

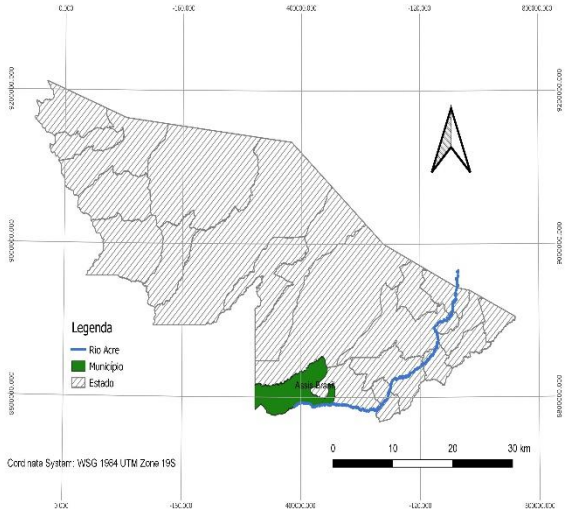


FIGURA 287: localização do *E. mulungu* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e pioneira, característica das partes mais secas da floresta semidecídua, ocorrendo preferencialmente em formações secundárias, como capoeiras.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, ou recolhê-los no chão após a queda. Em seguida, deixá-los ao sol para completar a abertura e liberação das sementes.

Pode ser cultivada por sementes ou estacas. Estudos indicam que a escarificação das sementes com ácido sulfúrico por 10 minutos propicia uma germinação de até 83%.

A madeira pode ser empregada apenas para caixotaria e fabricação de pasta celulósica. Suas flores são melíferas. A árvore em flor é extremamente ornamental, prestando-se para o paisagismo em geral. É muito utilizada para sombreamento de cacaueiros e, pode ser empregada nos reflorestamentos mistos, destinados à recomposição da vegetação de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazônia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, e São Paulo.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Assis Brasil (Figura 287).

FEIJÃO-BRAVO – *Ormosia* sp. *Ormosia amazonica* Ducke.

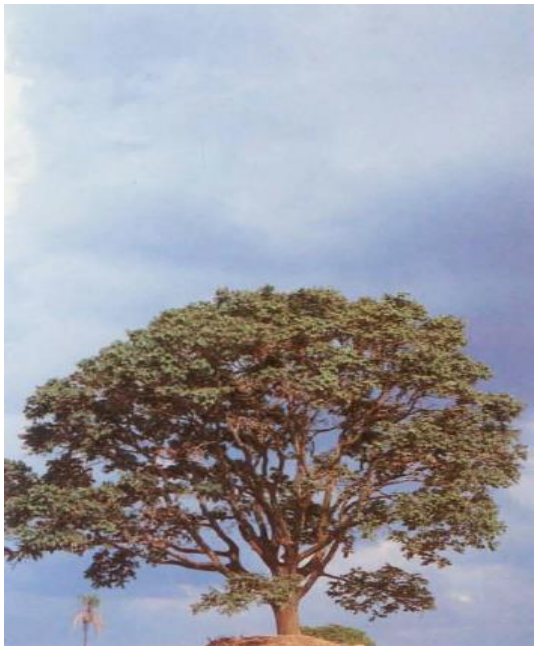


FIGURA 288: árvore de *Ormosia* sp. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 289 E 290: frutos e sementes de *O. amazonica.* Fonte: SMITHSONIAN TROPICAL RESEARCH INSTITUTE (2006).



FIGURA 291: inflorescência de *Ormosia* sp. Fonte: LORENZI (1992).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Fabaceae
Nome comum	Feijão-bravo, tento, tento-grande-da-várzea, mulungu

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 25 metros
Tronco	50 a 70 centímetros
Casca	Castanho-avermelhada, levemente fissurada
Flor	Violácea
Fruto	Deiscente, lenhoso, laranja-acastanhado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Outubro a novembro
Frutos maduros	Setembro a outubro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	800 unidades
Germinação	50%
Mudas	Após escarificação mecânica, dispor as sementes em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso, em local sombreado, cobrir com uma camada de 0,5 cm do substrato e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	20 a 50 dias
Plantio definitivo	Muda com 8 a 10 meses



FIGURA 292: ramo com folhas de *O. amazonica*. Fonte: PÉREZ (2006).



FIGURA 293: exsicata das folhas de *O. amazonica.* Fonte: REFLORA (2019).

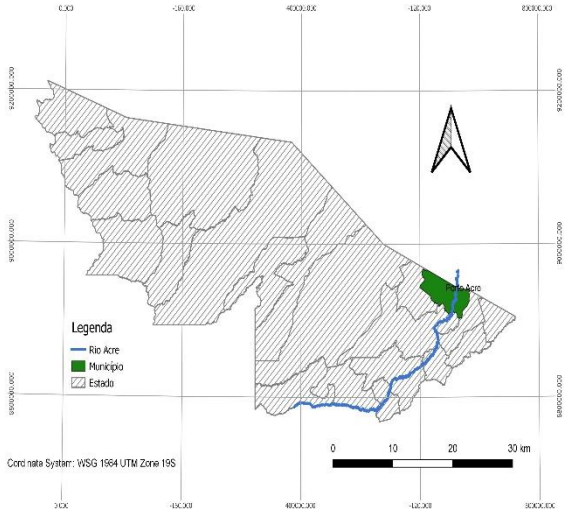


FIGURA 294: localização da *Ormosia* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, perenifólia e semidecídua, que habita em terra firme, em locais com clima tropical úmido e é frequente em floresta secundária da zona dos cacauais na várzea do Baixo Amazonas paraense.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea, que é notado pela exposição da cor vermelha das sementes. Os frutos obtidos devem ser levados ao sol para completar a abertura e liberação das sementes.

É necessário o uso da escarificação mecânica, para elevar a taxa de germinação.

As sementes são utilizadas no artesanato, na confecção de colares e cortinas. É empregado como cosmético, já que o extrato da casca é usado como esfoliante e antigorduroso. A casca é empregada ainda como analgésico, sedante e possui atividade ocitócico e adstringente. A árvore pode ser usada como cerca-viva e por proporcionar ótima sombra e por ser ornamental, pode ser indicada na arborização de ruas, avenidas e parques.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Amapá Amazônia e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Porto Acre (Figura 294).

PAU-SANGUE – *Pterocarpus rohrii* Vahl.



FIGURA 295: árvore de *Pterocarpus* sp. Fonte: LORENZI (1992).



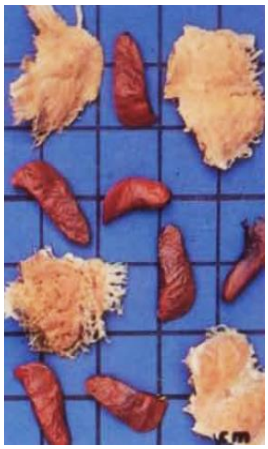


FIGURA 296 E 297: frutos e sementes de *P. rohrii.* Fonte: NTBG STEERE HERBARIUM (20-?); LORENZI (1992).



FIGURA 298: inflorescência de *P. rohrii*. Fonte: LOPES (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Fabaceae
Nome comum	Pau-sangue, aldrago, mututi, sangueiro, drangociana

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Acinzentada, áspera, espessa, coberta por lenticelas
Flor	Amarela e violácea
Fruto	Sâmara, laranja-acastanhada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Outubro a dezembro
Frutos maduros	Maio a julho
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	1.530 unidades
Germinação	30% a 70%
Mudas	Dispor os frutos, logo que colhidos, em canteiros ou em recipientes individuais, em local semi-sombreado, com substrato organo-argiloso, cobri-los com uma camada de 0,5 cm do substrato e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	30 a 50 dias
Plantio definitivo	Muda com 6 a 7 meses



FIGURA 299: ramo de folhas (face adaxial e abaxial) de *P. rohrii*. Fonte: LORENZI (2008).



FIGURA 300: exsicata das folhas de *P. rohrii.* Fonte: REFLORA (2019).

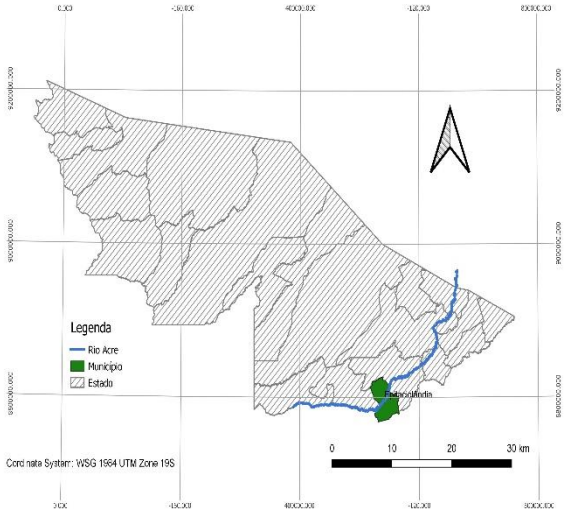


FIGURA 301: localização da *P. rohrii*. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, aparentemente indiferente às condições físicas do solo, sendo encontrada tanto em floresta primária densa, como em formações secundárias.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, ou coletá-los diretamente no chão após a queda. Os frutos obtidos, podem ser diretamente utilizados para a semeadura, uma vez que sua abertura e retirada da semente é muito difícil.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo após a coleta.

A madeira é indicada para confecção de artigos esportivos, caixotaria, molde para fundição, celulose e papel, caibros, esquadrias, portões, portas, entre outros. Como a árvore é adaptada à insolação direta e é de fácil multiplicação, é utilizada na restauração florestal e arborização urbana.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre em praticamente todo o Brasil, na Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Epitaciolândia (Figura 301).

CEREJEIRA – *Torresea acreana* Ducke., *Amburana acreana*



FIGURA 302: árvore de *A. acreana*. Fonte: CARVALHO (2007).



FIGURA 303 E 304: frutos e sementes de *A. acreana.* Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 305: inflorescência de *Amburana.* sp. Fonte: ROCHA (2013).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Família	Fabaceae
Nome comum	Cerejeira, amburana, imburana

DESCRIÇÃO

Altura	30 a 40 metros
Tronco	Até 150 centímetros
Casca	Fino ritidoma, esfolia-se em grandes placas vermelho-ferrugínea que, após a renovação, torna-se rósea e lisa
Flor	Branca a creme
Fruto	Vagem, deiscente, preta

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Maio a junho
Frutos maduros	Agosto a outubro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	800 unidades
Germinação	76% a 81%
Mudas	Dispor uma semente em saco de polietileno, tubete de propileno ou sementeira, com solo areno-argiloso, em local semi-sombreado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	15 a 33 dias
Plantio definitivo	Mudas com 2 meses



FIGURA 306: ramo de folhas de *Amburana* sp. Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2012).



FIGURA 307: exsicata das folhas de *A. acreana.* Fonte: REFLORA (2019).

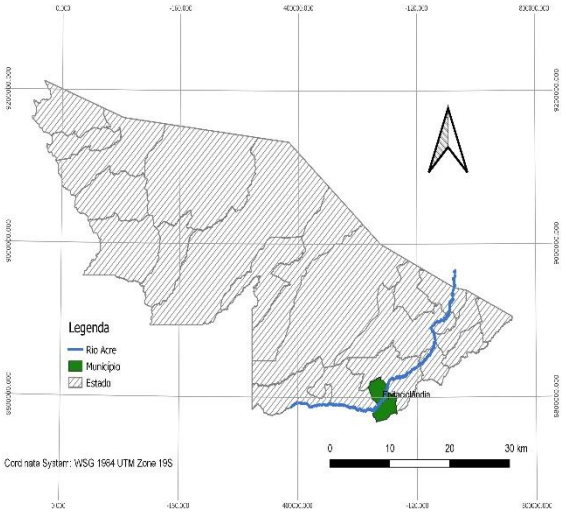


FIGURA 308: localização da *T. acreana* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita que perde as folhas em meados de julho, comum na floresta de terra firme do Acre, onde é considerada uma das 10 madeiras mais valiosas. É sinônimo da espécie *Amburana acreana*.

Para obter sementes, deve-se colher os frutos diretamente na árvore ou no chão em até 3 dias após iniciada a queda espontânea.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo após a coleta.

No Acre, sua casca é empregada contra anemia e gripe. A madeira é procurada pelas indústrias nacionais de móveis de luxo, que a utilizam como madeira serrada e compensada (lâminas faqueadas e decorativas), além de ser empregada na confecção de rodapés, molduras, cordões, esquadrias, portas, batentes, peças torneadas, entre outros.

A árvore é ornamental, pela característica do tronco e ramos, que são lisos e de cor exótica, sendo empregada no paisagismo e arborização urbana.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Mato Grosso e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Epitaciolândia (Figura 308).

CABELO-DE-COTIA – *Banara nítida* Spruce ex Benth.



FIGURA 309: árvore de *Banara* sp. Fonte: LORENZI (1992).





FIGURA 310 E 311: frutos de *B. nítida* e sementes de *Banara* sp. Fonte: ATRIUM (2008); LORENZI (1992).



FIGURA 312: inflorescência de *B. nítida*. Fonte: ATRIUM (2010).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malpighiales
Família	Flacourtiaceae/Saliaceae
Nome comum	Cabelo-de-cotia

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 25 metros
Tronco	30 a 60 centímetros
Casca	Lisa, com algumas cicatrizes lineares protuberantes, pardo-acinzentada
Flor	Solitária, amarela
Fruto	Cápsula, amarela

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Novembro a fevereiro
Frutos maduros	Março a maio
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	70.000 a 142.000 unidades
Germinação	50% a 70%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes em canteiros ou recipientes individuais, a pleno sol, com substrato organo-arenoso, cobri-las com uma camada fina do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	18 a 30 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 5 meses



FIGURA 313: folhas de *Banara* sp. Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2017).

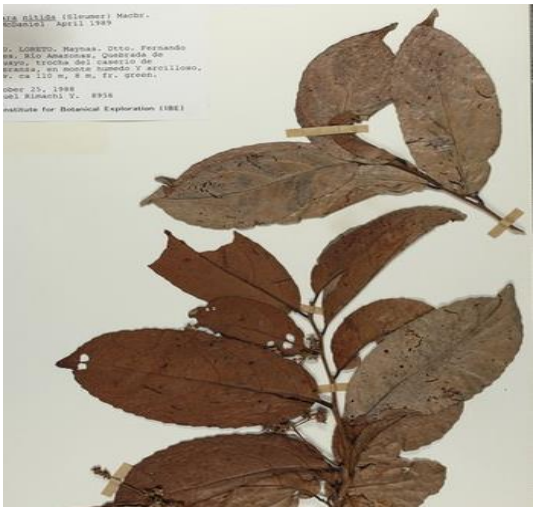


FIGURA 314: exsicata das folhas de *B. nítida.* Fonte: REFLORA (2019).

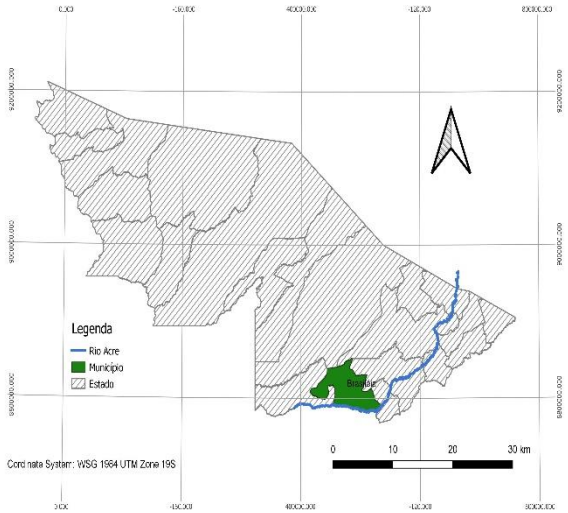


FIGURA 315: localização da *B. nítida* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita ou esciófita, semidecídua e pioneira, característica de floresta equatorial de terra firme, ocorrendo no interior de floresta primária densa e em matas secundárias.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, em seguida amassá-los e lavá-los em água corrente, dentro de uma peneira bem fina, deixando o filtrado secar à sombra.

As sementes possuem dormência tegumentar, devendo-se utilizar da escarificação mecânica, escarificação química com ácido giberélico a 50 ppm por 6 horas, ou ainda a imersão em água quente a 80 ºC por 20 minutos.

A paina encontrada no fruto é empregada no estofamento, colchoaria, e para fazer redes. A casca possui fibras que são extraídas para amarrar objetos e para fazer cordas. As folhas são usadas como anti-diarréico. As flores em infusão são expectorantes. A casca do caule e a casca da raíz são considerados diuréticos. A árvore é ornamental, podendo ser empregada na arborização urbana.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Brasiléia (Figura 315).

LARANJINHA – *Casearia gossypiosperma* Briq.



FIGURA 316: árvore de *C. gossypiosperma*. Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2018).



FIGURA 317 E 318: frutos e sementes de *C. gossypiosperma*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 319: inflorescência de *C. gossypiosperma*. Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malpighiales
Família	Flacourtiaceae/Saliaceae
Nome comum	Laranjinha, cambroé, pau-de-espeto, espeteiro

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 20 metros
Tronco	50 a 90 centímetros
Casca	Acinzentada, rajada com cinza-escuro, áspero, espesso
Flor	Branca e creme
Fruto	Globoso, amarelo

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Final de setembro a outubro
Frutos maduros	Outubro a novembro
Dispersão	Ornitocórica (aves)
Semente/kg	84.000 unidades
Germinação	10% a 50%
Mudas	Dispor 2 a 3 sementes, logo que colhidas, em canteiro ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso. cobri-las com uma camada fina do substrato peneirado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	15 a 30 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 320: ramos de folhas de *C. gossypiosperma.* Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2015).



FIGURA 321: exsicata das folhas de *C. gossypiosperma.* Fonte: REFLORA (2019).

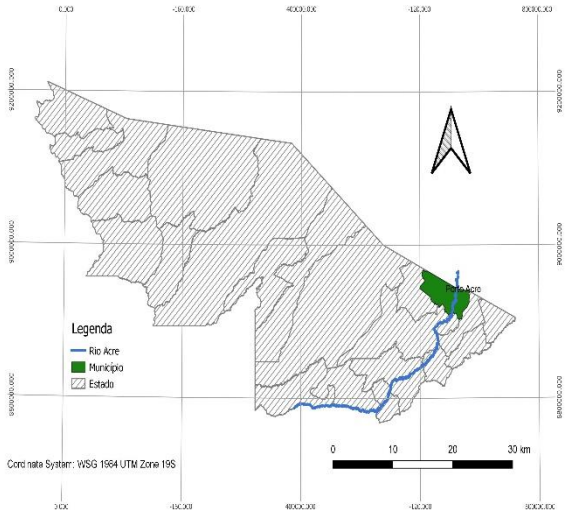


FIGURA 322: localização da *C. gossypiosperma* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita ou esciófita, decídua e pioneira, indiferente quanto às condições físicas do solo, característica da floresta estacional semidecídua da bacia do Paraná.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea. Em seguida expô-los ao sol para secagem e liberação das sementes. Devido à pequena densidade das sementes, cobrir com tela os frutos durante a secagem, para evitar que sejam levados pelo vento.

A madeira pode ser empregada na confecção de caibros, vigas, ripas, estrutura de móveis, fabricação de brinquedos e caixotaria. A árvore é muito ornamental, podendo ser empregada com sucesso no paisagismo e arborização urbana. Como é uma espécie pioneira, é indispensável em reflorestamentos mistos destinados à recomposição de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Porto Acre (Figura 322).

PAU-JACARÉ – *Laetia procera* (Poepp.) Eichl.



FIGURA 323: árvore jovem de *L. procera*. Fonte: MENEZES (2016).



FIGURA 324 E 325: fruto e semente seca de *L. procera*. Fonte: SMITHSONIAM TROPICAL RESEARCH INSTITUTE (2003).



FIGURA 326: inflorescência de *L. procera*. Fonte: REINALDO (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malpighiales
Família	Flacourtiaceae/Saliaceae
Nome comum	Pau-jacaré, guaxima-macho, periquiteira, camacã, maria-preta

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	30 a 60 centímetros
Casca	Escura, espessa, acanalada, áspera, desprende-se em placas retangulares
Flor	Branca e creme
Fruto	Baga, ovóide

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a outubro
Frutos maduros	Maio
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	Informação não encontrada
Germinação	60% a 80%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, a pleno sol, com substrato organo-arenoso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	6 a 14 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 meses



FIGURA 327: plântula de *L. procera.* Fonte: FLORA DE COSTA RICA (20-?).



FIGURA 328: exsicata das folhas de *L. procera.* Fonte: REFLORA (2019).

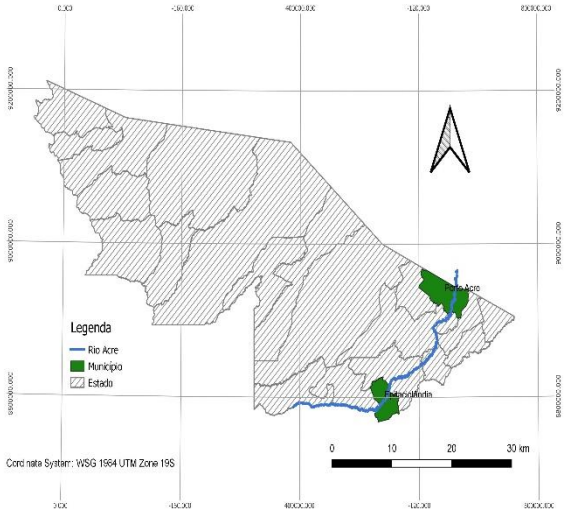


FIGURA 329: localização da *L. procera* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e pioneira, característica das matas secundárias e capoeiras abertas, sendo rara em floresta primária. Cresce em lugares abertos, margens de rios, florestas exploradas e ambientes alterados. Dessa forma, tem sido classificada como invasora indesejável.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea.

Na Costa Rica os frutos desta espécie são consumidos pela ave *Tachyphonus luctuosus*, Em Honduras é usado para lenha verde, postes e vigas. A madeira tratada pode ser utilizada em construções pesadas, carpintarias e construções internas e externas, e para implementos agrícolas, mourões, pisos e móveis, além de celulose para papel, entre outros usos.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Epitaciolândia e Porto Acre (Figura 329).

LOURO-ABACATE – *Ocotea myriantha* (Meisn.) Mez.



FIGURA 330: árvore de *Ocotea* sp. Fonte: LORENZI (2009).





FIGURA 331 E 332: frutos e sementes de *Ocotea* sp. Fonte: SASAKI (20-?); LORENZI (2009).



FIGURA 333: inflorescência de *Ocotea* sp. Fonte: SASAKI (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Laurales
Família	Lauraceae
Nome comum	Louro-abacate, louro-tucano, louro, louro-branco, louro-cagão

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 20 metros
Tronco	20 a 35 centímetros
Casca	Escuro
Flor	Branca, perfumada
Fruto	Baga, ovóide, verde a amarela

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Março a junho
Frutos maduros	Setembro a dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	650 unidades
Germinação	55%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor os frutos, após a colheita, em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso, cobrir os frutos com o substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	30 a 50 dias
Plantio definitivo	Muda com 8 a 9 meses



FIGURA 334: folhas e tronco de *O. myriantha.* Fonte: MENEZES (2016)



FIGURA 335: exsicata das folhas e frutos de *O. myriantha.* Fonte: REFLORA (2019).

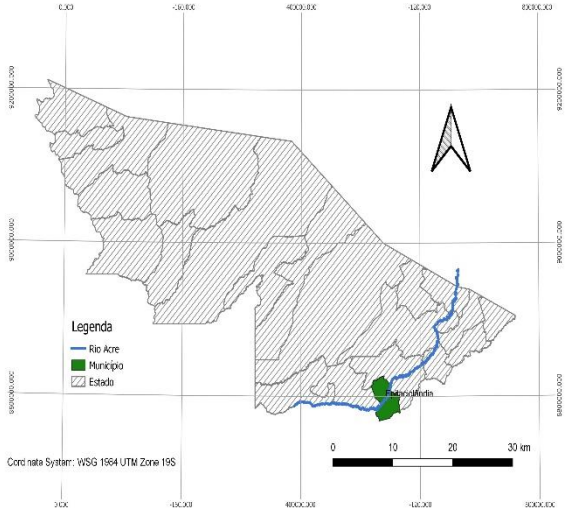


FIGURA 336: localização da *O. myriantha* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e pioneira, característica de terrenos firmes e arenosos, de mata secundária e floresta de várzea.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore logo quando iniciarem a queda espontânea. Retira-se a calota manualmente e macera-se a parte carnosa que envolve a semente. Após esta ficar limpa, ela é deixada em peneiras em ambiente ventilado para a secagem.

A semente, como a de outras espécies do gênero *Ocotea* possivelmente apresenta dormência, sendo necessário o uso da escarificação em ácido sulfúrico concentrado por 5 minutos, associada a estratificação em área úmida por 60 dias.

Sabe-se que a casca é tradicionalmente usada na medicina dos colonos, na Amazônia peruana, que o misturam com água e tomam como um purgativo, além de ser empregada no tratamento de infecções parasitárias intestinais. Como a árvore é pioneira e ocorre em matas ciliares, pode ser indicada em plantios para fins de recuperação de APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Epitaciolândia. (Figura 336).

LOURO-CHEIROSO – *Ocotea odorífera* (Vell.) Rohwer



FIGURA 337: árvore de *O. odorífera*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 338 E 339: frutos e sementes de *O. odorífera*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 340: ramo com inflorescência de *O. odorífera*. Fonte: LOPES (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Laurales
Família	Lauraceae
Nome comum	Louro-cheiroso, sassafrás, canela-funcho, canela-cheirosa

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 25 metros
Tronco	50 a 70 centímetros
Casca	Espessa, escura, rajada
Flor	Amarela-clara
Fruto	Drupa, carnosa, violáceo a marrom escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Abril a junho
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	650 unidades
Germinação	55%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor os frutos, após a colheita, em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso, cobrir os frutos com o substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	30 a 50 dias
Plantio definitivo	Muda com 9 meses



FIGURA 341: folhagem de *O. odorífera.* Fonte: BRAGA (2018).



FIGURA 342: exsicata das folhas de *O. odorífera.* Fonte: REFLORA (2019).

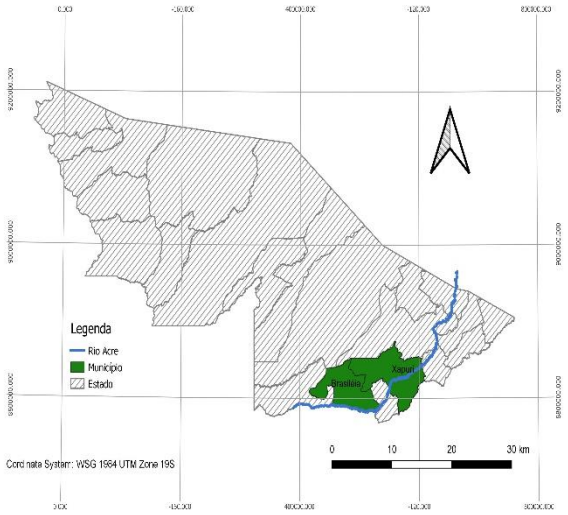


FIGURA 343: localização da *O. odorífera* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, que prefere o alto das encostas de solos rasos e de rápida drenagem, adquirindo nas formações campestres um tronco mais baixo (10 metros), com a copa arredondada.

Para a obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore logo quando aparecerem os primeiros com coloração escura e iniciarem a queda espontânea. Retira-se a calota manualmente e macera-se a parte carnosa que envolve a semente. Após a semente ficar limpa, ela é deixada em peneiras em ambiente ventilado para a secagem.

A semente apresenta dormência dupla, sendo necessário o uso da escarificação em ácido sulfúrico concentrado por 5 minutos, associada a estratificação em área úmida por 60 dias.

A madeira é indicada para a fabricação de folhas faqueadas para revestimentos decorativos, caixotaria, embalagens, painéis, caibros, rias, rodapés, molduras, entre outros. A árvore é ornamental e proporciona boa sombra, podendo ser empregada no paisagismo e arborização urbana.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Brasiléia e Xapuri (Figura 343).

TAUARI – *Couratari macrosperma* A. C. Sm.

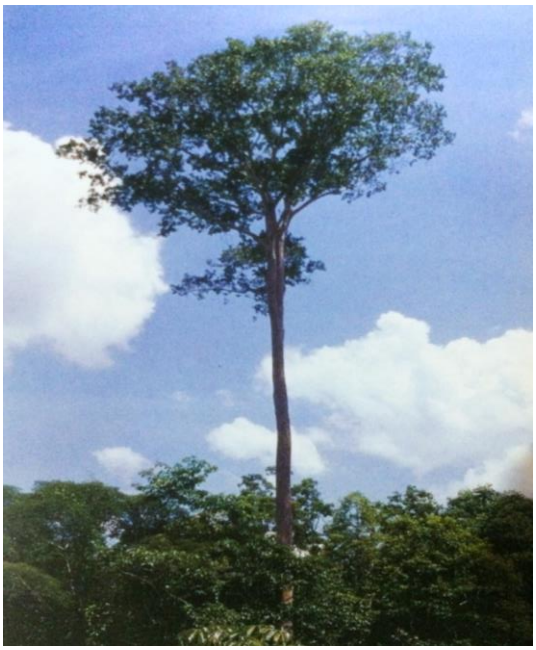


FIGURA 344: árvore de *Couratari* sp. Fonte: SOUZA et al., (1997).





FIGURA 345 E 346: fruto e semente de *C. macrosperma*. Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2006); COSTA (2009).



FIGURA 347: flor de *C. macrosperma*. Fonte: ATRIUM (2008).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Ericales
Família	Lecythidaceae
Nome comum	Tauari, imbirema, tauari-amarelo, tauari-morrão

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 50 metros
Tronco	50 a 60 centímetros
Casca	Fissurada verticalmente, escura
Flor	Amarela e branca
Fruto	Cilíndrico, arredondado, lenhoso, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Março a abril
Frutos maduros	Junho a setembro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	1.870 unidades
Germinação	Posicionar as sementes lateralmente no substrato argilo-arenoso, de forma semi-enterrada, em recipientes individuais, em local semi-sombreado e irrigar 2 vezes ao dia
Mudas	82%
Emergência das plântulas	24 a 105 dias
Plantio definitivo	Muda com 6 a 8 meses



FIGURA 348: folhas de *C. macrosperma.* Fonte: FOSTER (20-?).



FIGURA 349: exsicata das folhas e flores de *C. macrosperma.* Fonte: REFLORA (2019).

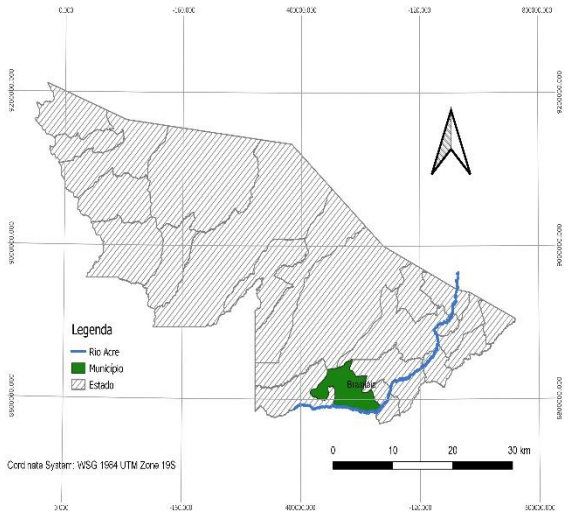


FIGURA 350: localização do *C. macrosperma* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e caducifólia em época de floração, expondo a copa plena de flores assimétricas, cor-de-rosa, ocorrendo em florestas de terra firme da Amazônia, em matas de várzea, igapó, em matas ciliares e igarapés.

Para obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea. Em seguida, leva-los ao sol para completar a abertura e liberação das sementes.

A entrecasca do caule é empregada na confecção de cordoaria grossa. A madeira é empregada na confecção de móveis, artigos decorativos, utensílios domésticos brinquedos, instrumentos musicais, caixas, engradados, embalagens, peças encurvadas, marcenaria, lâminas, compensados, entre outros. A árvore é frondosa e proporciona ótima sombra, podendo ser usada com sucesso no paisagismo e arborização urbana de parques e jardins.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Brasiléia (Figura 350).

ENGANA-MACACO – *Couroupita guianensis* Aubl.



FIGURA 351: árvore de *C. guianensis*. Fonte: LORENZI (1992).





FIGURA 352 E 353: frutos e sementes de *C. guianensis*. Fonte: INATURALIST (2019); LORENZI (1992).



FIGURA 354: flor de *C. guianensis*. Fonte: INATURALIST (2019).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Ericales
Família	Lecythidaceae
Nome comum	Engana-macaco, abricó-de-macaco, macacarecuia, castanha-de-macaco, amêndoa-dos-andes

DESCRIÇÃO

Altura	15 s 35 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Levemente fissurada, marrom
Flor	Vermelha-rosa e amarela, perfumada
Fruto	Globoso a ovóide, lenhoso, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a março
Frutos maduros	Dezembro a março
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	3.500 unidades
Germinação	73% a 86%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, em local semi-sombreado, com substrato organo-argiloso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	8 a 15 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 a 7 meses



FIGURA 355: folhas de *C. guianensis.* Fonte: INATURALIST (2019).



FIGURA 356: exsicata das folhas e flores de *C. guianensis.* Fonte: REFLORA (2019).

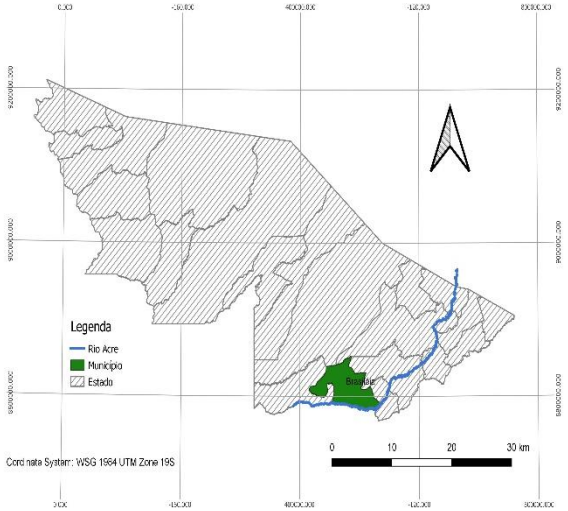


FIGURA 357: localização da *C. guianensis* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, característica de terrenos inundáveis de margens de igapós e matas ciliares de toda a região amazônica.

Para obtenção de sementes é necessário recolher os frutos no chão logo após sua queda espontânea, quebra-los manualmente para a retirada da massa mucilaginosa que contém as sementes e lavá-la em água corrente dentro de uma peneira. Após isso, deixar as sementes ao sol para secar.

A semente não possui dormência, podendo ser semeada logo após o processo de retirada do fruto.

A planta é empregada como contraceptivo, antálgico muscular, dental, anti-inflamatório, fungicida, entre outros usos fitoterápicos. A madeira pode ser empregada na confecção de brinquedos, embalagens leves, folhas faqueadas para compensados e outros. A árvore em florescimento é bastante ornamental, ótimo para o paisagismo, porém, seu único inconveniente é o grande tamanho e peso dos frutos, que podem causar acidentes na queda e produzem um mau cheiro forte no seu apodrecimento.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Goiás e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Brasiléia (Figura 357).

CASTANHARANA – *Eschweilera odora* Ruiz et Pav.



FIGURA 358: árvore de *Eschweilera* sp. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 359 E 360: frutos e sementes de *Eschweilera* sp. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 361: flores de *Eschweilera* sp. Fonte: INPN (1990).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Ericales
Família	Lecythidaceae
Nome comum	Castanharana, castanha-vermelha, matamatá, sapucaia

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 35 metros
Tronco	50 a 90 centímetros
Casca	Pouco fissurada, descamamento em placas irregulares, marrom escura
Flor	Branca a amarelada, perfumada
Fruto	Pixídio, lenhoso, deiscente, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a dezembro
Frutos maduros	Março a junho
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	420 a 550 unidades
Germinação	75%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em embalagens individuais, com substrato organo-argiloso, cobrindo-as com uma camada do substrato e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	30 a 50 dias
Plantio definitivo	Não se tem informação



FIGURA 362: folhas de *Eschweilera* sp. Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2008).



FIGURA 363: exsicata das folhas e fruto de *E. odora.* Fonte: REFLORA (2019).

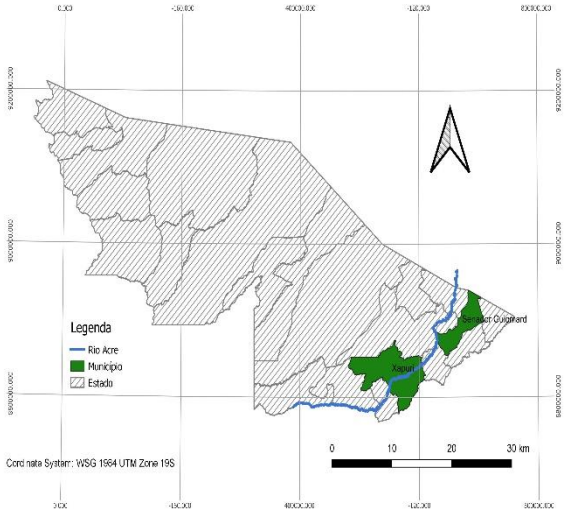


FIGURA 364: localização da *E. odora* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, indiferente quanto ás condições de umidade do solo, característica e exclusiva de floresta tropical úmida, onde apresenta frequência geralmente elevada.

Ocorre preferencialmente no interior de floresta primária de terra firme ou periodicamente inundada, situada em várzeas aluviais de solos argilosos férteis e é sinônimo da espécie *E. coriacea*.

Para obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore, quando iniciarem a abertura espontânea ou recolher as sementes no chão após a queda. Após isso, deixar os frutos ainda fechados expostos ao sol para completar a abertura e liberação das sementes.

As sementes são oleaginosas e bastante procuradas por animais selvagens. A madeira é indicada para confecção de caibros, vigas, postes, cabos de ferramentas, tacos para assoalhos e marcenaria em geral. A árvore, por ser característica de matas ciliares, pode ser indicada para restauração de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Senador Guiomard e Xapuri (Figura 364).

ANDIROBA – *Carapa guianensis* Aubl.



FIGURA 365: árvore de *C. guianensis.* Fonte: LORENZI (1992).





FIGURA 366 E 367: frutos e sementes de *C. guianensis*. Fonte: PÉREX (2014); EMBRAPA EASTERN AMAZON (2013).



FIGURA 368: flores de *C. guianensis*. Fonte: ITTO (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Meliaceae
Nome comum	Andiroba, iandirova, carapá, jandiroba, andiroba-branca

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	50 a 120 centímetros
Casca	Espessa, fissurada, desprende-se em placas, cinza a castanho claro
Flor	Creme
Fruto	Cápsula, deiscente e marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro e janeiro a fevereiro
Frutos maduros	Junho a julho e fevereiro a março
Dispersão	Autocórica e zoocórica
Semente/kg	55 unidades
Germinação	90%
Mudas	Dispor as sementes em recipientes individuais, com substrato rico em matéria orgânica, em local semi-sombreado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	25 a 35 dias
Plantio definitivo	Muda com 6 a 7 meses



FIGURA 369: produção de mudas de *C. guianensis*. Fonte: LIMA (2006).



FIGURA 370: exsicata das folhas e fruto de *C. guianensis.* Fonte: REFLORA (2019).

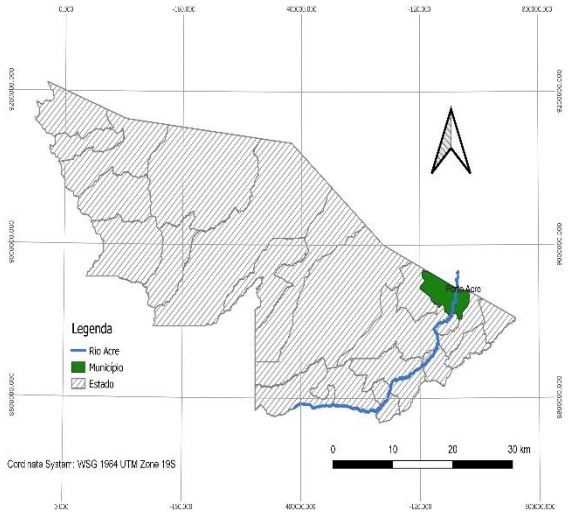


FIGURA 371: localização da *C. guianensis* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita com restrição ao sombreamento, prefere solos úmidos, mas não encharcados.

Para obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore, quando iniciarem a abertura espontânea ou recolhê-las do chão, logo após a queda, próximo à planta-matriz. Após isso, dispor os frutos ao sol para completar a abertura e liberação das sementes.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo após a coleta.

As sementes possuem 70% de óleo insetífugo e medicinal, com propriedades anti-sépticas, anti-inflamatórias, cicatrizantes, inseticidas, utilizado na preparação de sabão, cosméticos, entre outros. Embora sua madeira seja densa e boa para uso estrutural, o valor do óleo extraído da safra anual da semente supera o valor madeireiro da árvore. A árvore possui características ornamentais, podendo ser utilizada no paisagismo e arborização urbana e pode ser usada em restauração de área degradada de mata ciliar por apresentar regeneração natural abundante.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Porto Acre (Figura 371).

CEDRO-ROSA – *Cedrela odorata* L.

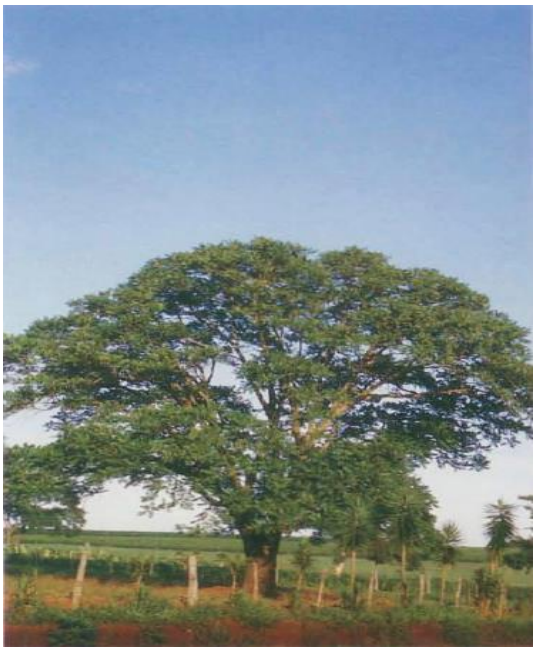


FIGURA 372: árvore de *C. odorata.* Fonte: LORENZI (2000).





FIGURA 373 E 374: frutos e sementes de *C. odorata*. Fonte: PÉREZ (2014); LORENZI (2000).



FIGURA 375: flores de *C. odorata*. Fonte: ITTO (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Meliaceae
Nome comum	Cedro-rosa, cedro-do-brejo, cedro-pardo, cedro, acujú

DESCRIÇÃO

Altura	25 a 35 metros
Tronco	90 a 150 centímetros
Casca	Espesso, fissurado, cinza escuro a claro
Flor	Branca a amarela
Fruto	Cápsula, deiscente, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Dezembro a fevereiro
Frutos maduros	Março a novembro
Dispersão	Anemocórica e zoocórica
Semente/kg	33.000 unidades
Germinação	80%
Mudas	Dispor duas a três sementes, logo que colhidas, em canteiros a pleno sol, com substrato organo-arenoso, cobri-las com um fina camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	5 a 72 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 meses



FIGURA 376: muda de *C. odorata*. Fonte: ÁRVORE DE NATAL: MUDAS E PLANTAS (2013).



FIGURA 377: exsicata das folhas e frutos de *C. odorata.* Fonte: REFLORA (2019).

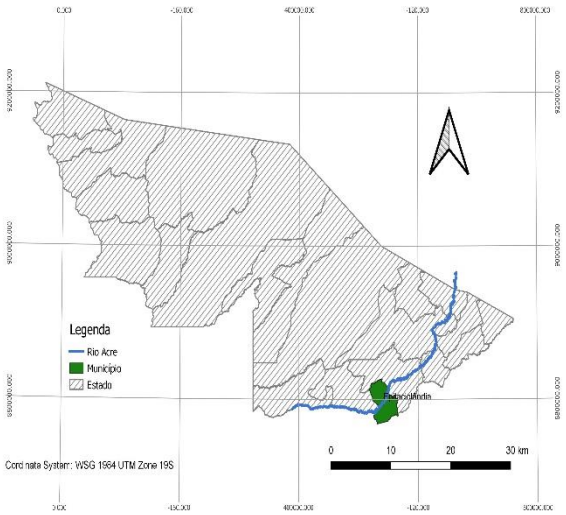


FIGURA 378: localização da *C. odorata* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, característica das matas primárias e secundárias de terra firme, ocorrendo em matas ciliares de Norte a Sul do país.

Para obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore, logo quando iniciarem a abertura espontânea, deixá-los ao sol para completar a abertura e liberação das sementes e cobrir os frutos durante a secagem com tela fina, para evitar que as sementes sejam levadas pelo vento.

A madeira é uma das melhores do país, com utilização para laminados, móveis, lambris, compensados e para tabuado em geral. A árvore possui copa com elevada biomassa o que fornece sombra ideal para arborização urbana. O tempo para formação de mudas superior a 5 meses exige investimentos em manutenção, mas a ampla aplicação da árvore pode compensar esse investimento.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Epitaciolândia (Figura 378).

JITÓ – *Guarea* sp., *Guarea guidonia* (L.)



FIGURA 379: árvore de *Guarea* sp. Fonte: ARAÚJO (2014).





FIGURA 380 E 381: frutos e sementes de *G. guidonia*. Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (20-?); LORENZI (1992).



FIGURA 382: inflorescência de *G. guidonia*. Fonte: PÉREZ (2014).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Meliaceae
Nome comum	Jitó, jataúba, pau-bala, marinheiro, guaré

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 20 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Espessa, fissurada, castanho
Flor	Branca a creme
Fruto	Cápsula, deiscente, marrom claro a laranja

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Dezembro a março
Frutos maduros	Novembro a dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	2.600 unidades
Germinação	41%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes em recipientes individuais, com substrato organo-arenoso, em local semi-sombreado, cobri-las com uma fina camada do substrato e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	30 a 50 dias
Plantio definitivo	Muda com 5 a 7 meses



FIGURA 383: ramo de *G. guidonia* com folhas e frutos. Fonte: ÁRVORES DO BRASIL (20-?).



FIGURA 384: exsicata das folhas e inflorescência de *G. guidonia.* Fonte: REFLORA (2019).

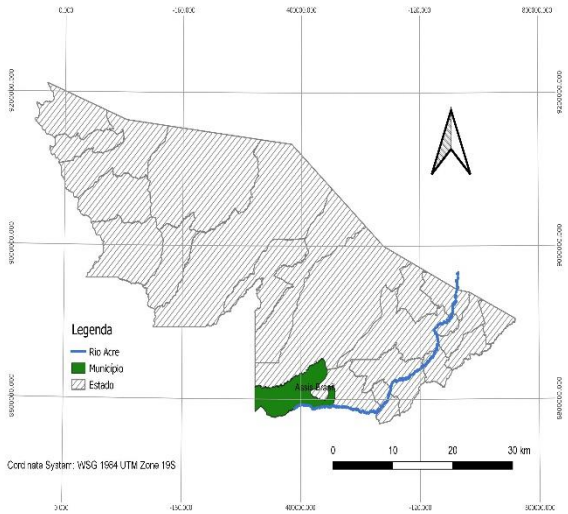


FIGURA 385: localização da *Guarea* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, características das matas de galeria. Sua dispersão é maior em formações secundárias localizadas ao longo de rios, planícies aluviais e fundo de vales. Sua frequência é menor em floresta primária

Para obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore, logo quando iniciarem a abertura espontânea, que é notado pela exposição do arilo vermelho que envolve as sementes. Após isso, os frutos devem ser levados ao sol para completar a abertura e liberação das sementes.

As sementes possuem dormência, sendo necessário o uso da escarificação mecânica ou a imersão em hipoclorito de sódio à concentração de 10%.

Os frutos são muito procurados por várias espécies da fauna A madeira é boa para construção civil e naval, carpintaria e obras internas, para confecção de vagões e carrocerias, caixotaria, forros, caixilhos de portas e janelas, entre outros. A árvore é ornamental e proporciona ótima sombra, podendo ser empregada na arborização e paisagismo urbano.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre em todo o território brasileiro.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Assis Brasil (Figura 385).

QUARI-QUARA-BOLIVIANA – *Acacia polyphylla* A. DC.



FIGURA 386: árvore de *A. polyphylla.* Fonte: LORENZI (1992).





FIGURA 387 E 388: frutos e sementes de *A. polyphylla*. Fonte: NETO et al., (2012); LORENZI (1992).



FIGURA 389: flores de *A. polyphylla*. Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2016).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Subfamília	Meliaceae (subfamília de Fabaceae)
Nome comum	Quari-quara-boliviana, maricá, monjoeiro, espinheiro-preto

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 20 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Lisa, desprende-se em placas, verde-escura a marrom-cinza
Flor	Creme a branca, perfumada
Fruto	Legume, achatado, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Dezembro a março
Frutos maduros	Agosto a outubro
Dispersão	Autocórica e anemocórica
Semente/kg	9.600 unidades
Germinação	90%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros semi-sombreados, com substrato organo-arenoso, cobri-las com uma leve camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	4 a 8 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 390: ramo com folhas de *A. polyphylla*. Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2016).



FIGURA 391: exsicata das folhas e inflorescência de *A. polyphylla.* Fonte: REFLORA (2019).

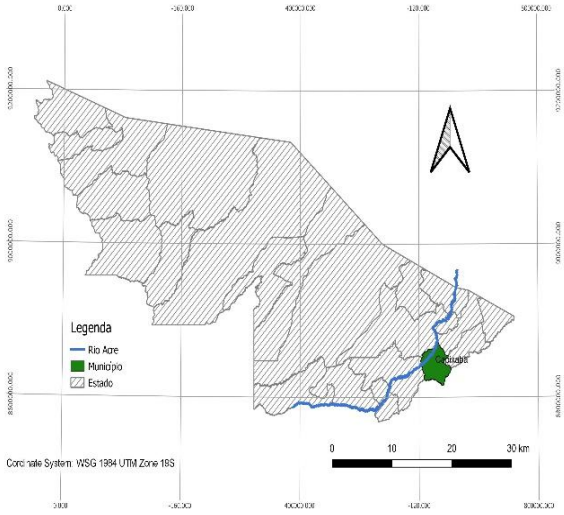


FIGURA 392: localização da *A. polyphylla* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, semidecídua ou decídua e pioneira, que nas formações secundárias, sua ocorrência é bastante expressiva em todos os estágios sucessionais, particularmente nas encostas e topos de morros, terrenos pedregosos e secos.

Para obtenção de sementes é necessário colher os frutos diretamente da árvore, logo quando iniciarem a abertura espontânea, e em seguida, leva-los ao sol para completar a abertura e libertação das sementes.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo após a coleta.

As flores possuem potencial apícola. A casca server para curtir couro. A madeira produz lenha e carvão de boa qualidade, além ser própria para marcenaria, torno e obras internas. A árvore possui copa frondosa, podendo ser empregada no paisagismo e arborização urbana. Também pode ser destinada à plantios para recuperação de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Roraima, São Paulo e Sergipe.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Capixaba (Figura 392).

ESPINHEIRO – *Acacia* sp., *Acacia farnesiana* (L.) Willd.

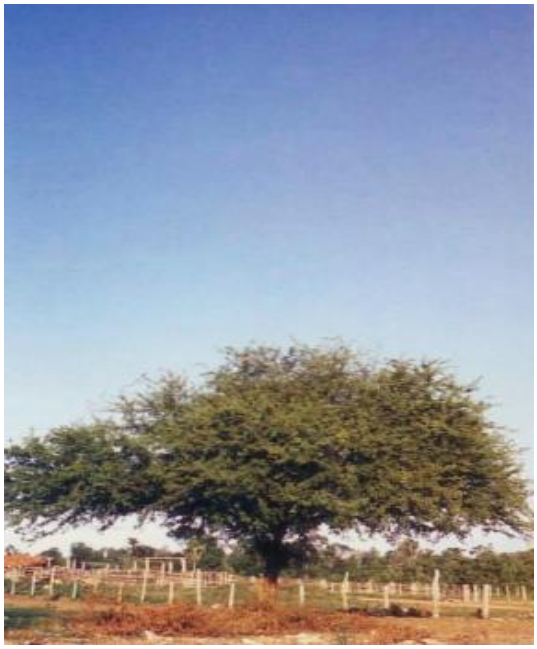


FIGURA 393: árvore de *A. farnesiana.* Fonte: LORENZI (2000).

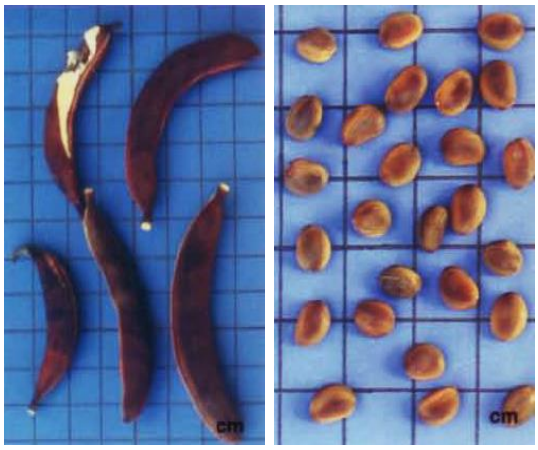


FIGURA 394 E 395: frutos e sementes de *A. farnesiana*. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 396: flores de *A. farnesiana*. Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2008).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Subfamília	Meliaceae (subfamília de Fabaceae)
Nome comum	Espinheiro, esponja, aromita, esponjinha, arapiraca

DESCRIÇÃO

Altura	4 a 7 metros
Tronco	15 a 35 centímetros
Casca	Quase lisa, lenticelada, marrom escuro
Flor	Amarela a laranja, perfumada
Fruto	Vagem, indeiscente, arqueado subcilíndrico, marrom-escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Junho a setembro
Frutos maduros	Outubro a janeiro
Dispersão	Autocórica e anemocórica
Semente/kg	11.500 unidades
Germinação	40%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes em canteiros a pleno sol, com substrato arenoso, cobri-las com uma fina camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	2 a 4 semanas
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 397: detalhe do ramo espinhento com folhas de *A. farnesiana*. Fonte: NAVIE (2016).



FIGURA 398: exsicata das folhas e fruto de *A. farnesiana.* Fonte: REFLORA (2019).

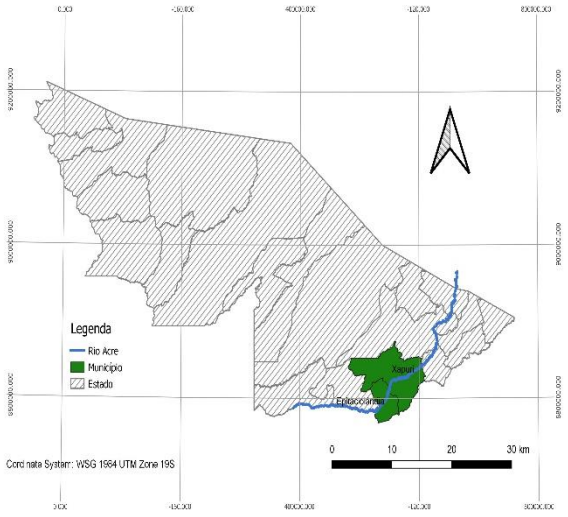


FIGURA 399: localização da *Acacia* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, que ocorre em formações secundárias, ao longo de estradas e em pastagens, sendo considerada pelos pecuaristas como planta daninha.

Para obtenção de sementes, deve-se colher as vagens diretamente da árvore, quando adquirirem a coloração marrom-escura e em seguida, deixá-los ao sol por alguns dias para facilitar sua abertura manual e retirada das sementes.

As sementes possuem dormência, sendo necessário o uso da escarificação química em ácido sulfúrico por 20 a 25 minutos ou a imersão em água a 80 ºC por 20 a 30 minutos.

A casca e folhas possuem usos medicinais e parasiticidas. As flores são inseticidas e podem ser utilizadas em perfumaria. Não é indicada para arborização urbana, tendo em vista a proporção da área da copa em relação à altura da árvore, devendo-se priorizar praças e parques urbanos.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná e Rio Grande do Norte.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Epitaciolândia e Xapuri (Figura 399).

FAVEIRA-AMARELA – *Albizia* sp., *Albizia inundata* (Mart.)

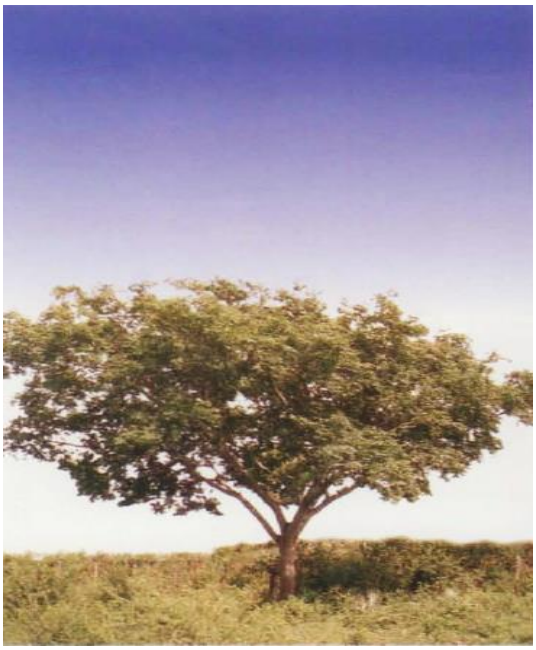


FIGURA 400: árvore de *A. inundata.* Fonte: LORENZI (2000).





FIGURA 401 E 402: frutos e semente de *A. inundata*. Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2018).



FIGURA 403: ramo com flores de *A. inundata*. Fonte: LOPES (2016).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Subfamília	Meliaceae (subfamília de Fabaceae)
Nome comum	Faveira-amarela, bigueiro, biguazeiro, canafistula

DESCRIÇÃO

Altura	5 a 8 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Fina, quase lisa, marrom claro
Flor	Branca
Fruto	Vagem, deiscente, reto, achatado, rugoso, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a outubro
Frutos maduros	Novembro a janeiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	890 unidades
Germinação	60% a 78%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais a pleno sol, com substrato organo-argiloso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	1 a 2 semanas
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 404: ramo com folhas de *A. inundata*. Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2018).



FIGURA 405: exsicata das folhas e inflorescência de *A. inundata.* Fonte: REFLORA (2019).

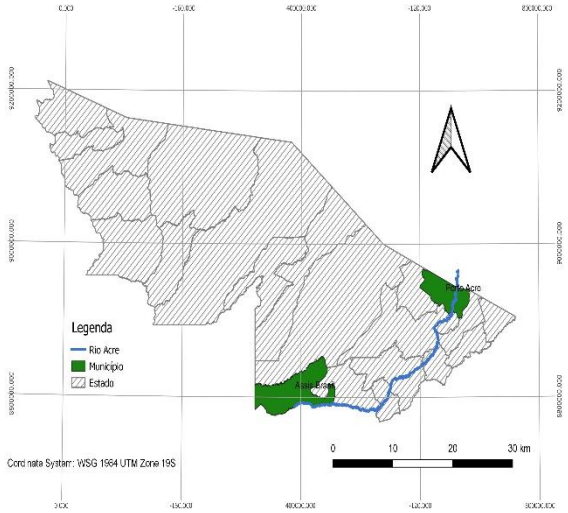


FIGURA 406: localização da *Albizia* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, que ocorre em capoeiras, terrenos argilosos de matas ciliares e de várzeas periodicamente inundáveis.

Para obtenção de sementes, deve-se colher as vagens quando iniciarem a abertura espontânea e em seguida, deixa-los ao sol por alguns dias para completar a abertura e liberação das sementes. Estas, envoltas por um pequeno envelope, já podem ser consideradas como “sementes”.

As sementes possuem dormência, que é superada por meio da escarificação mecânica ou tratamento por fotoperíodo de 12 horas.

A madeira é empregada para obras internas em construção civil, marcenaria leve, forros, caixotaria e lenha. Duas características a torna preferencial para restauração florestal de mata ciliar: rusticidade e rápido crescimento. Por isso a árvore é indicada para consórcios conservacionistas em área degradada, em especial, na mata ciliar de rios como o rio Acre.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, São Paulo e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil e Porto Acre (Figura 406).

INGÁ-FERRO – *Inga* sp1., *Inga capitata* Desv.



FIGURA 407: árvore de *I capitata.* Fonte: LORENZI (2009).





FIGURA 408 E 409: frutos e sementes de *I capitata*. Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2013); LORENZI (2009).



FIGURA 410: ramo com flores de *I capitata*. Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2013).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Subfamília	Meliaceae (subfamília de Fabaceae)
Nome comum	Ingá-ferro, ingá-costela, ingá-feijão, ingá-ferradura, ingapé

DESCRIÇÃO

Altura	4 a 14 metros
Tronco	20 a 30 centímetros
Casca	Rugosa, lenticelada, acinzentada
Flor	Branca
Fruto	Vagem, achatada, indeiscente, lenticelado, verde

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a novembro
Frutos maduros	Março a maio
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	440 unidades
Germinação	50% a 60%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros semi-sombreados, com substrato organo-argiloso, cobrindo-as com uma camada do mesmo substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	30 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 6 a 7 meses



FIGURA 411: ramo com folhas jovens de *I capitata*. Fonte: PLANTAS DO BRASIL (2013).



FIGURA 412: exsicata das folhas de *I capitata.* Fonte: REFLORA (2019).

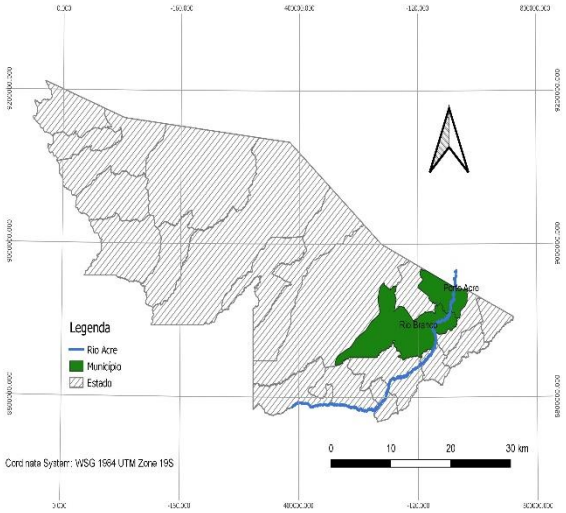


FIGURA 413: localização do *Inga* sp1. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e pioneira, característica das florestas pluvial Amazônica e pluvial Atlântica do litoral leste do Brasil, que ocorre com maior frequentemente em capoeirões.

Para obtenção de sementes, deve-se colher as vagens diretamente da árvore quando maduros, coloração amarelada e já iniciando a queda espontânea, em seguida, devem ser abertos manualmente para a retirada das sementes, que devem ter seu arilo branco envolvente removido ou seco antes da semeadura.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo após a coleta.

Seus frutos são comestíveis e a árvore, por essa razão, é ocasionalmente cultivada na região Amazônica em pomares domésticos. A madeira, de propriedades mecânicas baixas, pode ser usada apenas para a confecção de embalagens leves, lenha e carvão.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima, Sergipe e São Paulo.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Porto Acre e Rio Branco (Figura 413).

ANGICO-PÉ-DE-ARARA – *Parkia velutina* Benoist

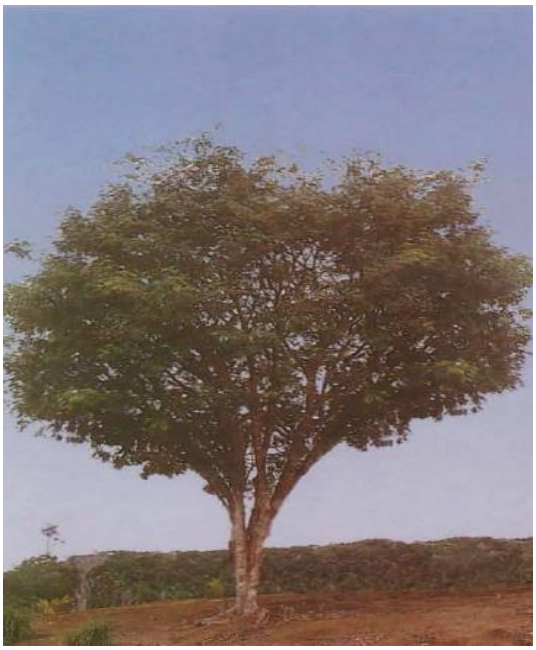


FIGURA 414: árvore de *Parkia* sp. Fonte: LORENZI (2000).

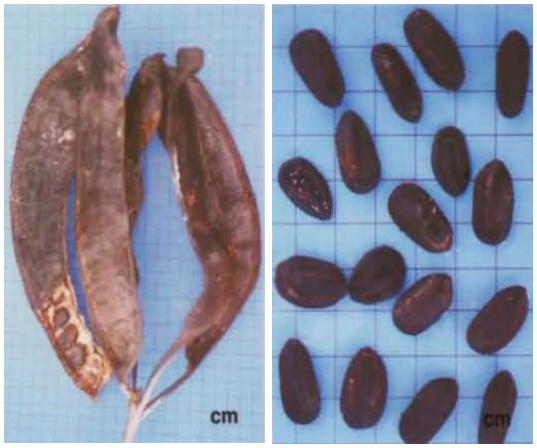


FIGURA 415 E 416: frutos e semente de *Parkia* sp. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 417: ramo com flores de *P. velutina*. Fonte: HOPKINS (2018).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Fabales
Subfamília	Meliaceae (subfamília de Fabaceae)
Nome comum	Angico-pé-de-arara, angico-pé-da-folha-pequena, visgueiro

DESCRIÇÃO

Altura	Até 42 metros
Tronco	70 a 120 centímetros
Casca	Rugosa, castanha a avermelhada
Flor	Rósea
Fruto	Vagem, indeiscente, achatada, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Maio a junho
Frutos maduros	Outubro a novembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	1.200 unidades
Germinação	50%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros em local semi-sombreado, com substrato organo-arenoso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	3 a 4 semana
Plantio definitivo	Muda com 7 meses



FIGURA 418: ramo com folhas de *Parkia* sp. Fonte: LOPES (2015).

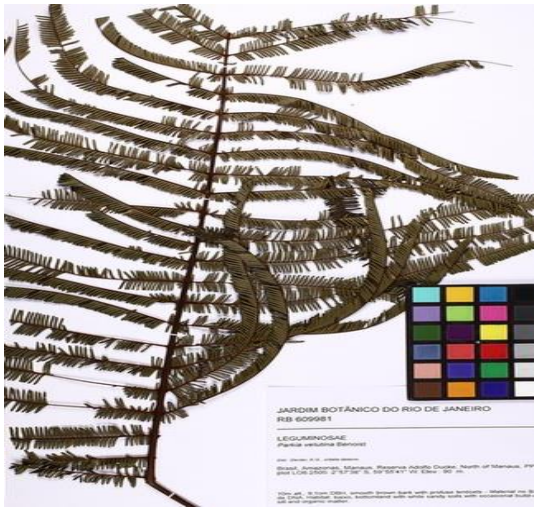


FIGURA 419: exsicata das folhas de *P. velutina.* Fonte: REFLORA (2019).

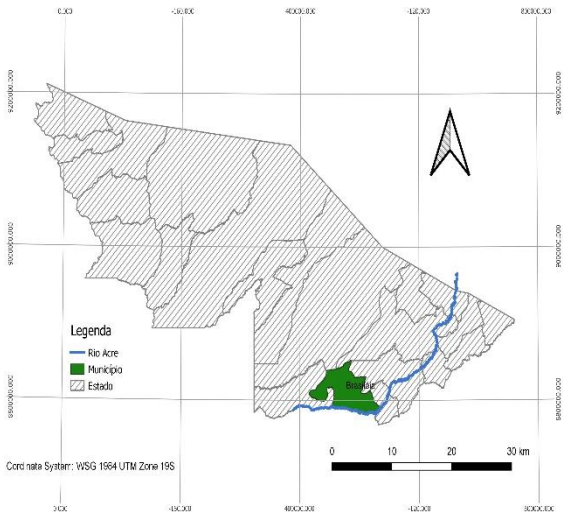


FIGURA 420: localização da *P. velutina* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, que ocorre em mata de terra-firme, frequentemente perto dos rios e córregos da região amazônica.

Para obtenção de sementes, deve-se colher as vagens diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea ou recolhê-los no chão sob a planta-matriz logo após a queda e em seguida, abri-los manualmente para a retirada das sementes.

As sementes possuem dormência, devendo ser superada por meio de escarificação mecânica do tegumento, imersão em água por 6 horas ou a imersão em ácido sulfúrico por 30 minutos.

A casca tem grande quantidade de óleo essencial e pode ser utilizada para combater dores de cabeça e reumáticas, resfriados, tosses, contusões e febre. A madeira pode ser empregada apenas para obtenção de lâminas desenroladas para a fabricação de compensados, embalagens leves, brinquedos, forros, bem colo para lenha. A espécie é indicada em programas de reflorestamentos em áreas de floresta tropical.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Brasiléia (Figura 420).

MURURÉ – *Brosimum acutifolium* Hub.



FIGURA 421: árvore de *Brosimum* sp. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 422 E 423: frutos e semente de *Brosimum* sp. Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 424: ramo com flores de *B. acutifolium*. Fonte: BOTÂNICA AMAZÔNICA (1999).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Mururé, moruré, congona, mapuré-pagê, mururê

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 25 metros
Tronco	40 a 80 centímetros
Casca	Fina, quase lisa, acinzentada, latescente
Flor	Creme a branca
Fruto	Infrutescência, globosa, vermelha

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Janeiro a dezembro
Frutos maduros	Novembro a dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	650 unidades
Germinação	Superior a 50%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros à pleno sol ou recipientes individuais, contendo substrato organo-arenoso, cobri-las com uma fina camada do substrato peneirado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	30 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 425: folhas de *B. acutifolium*. Fonte: JAIN (2015).

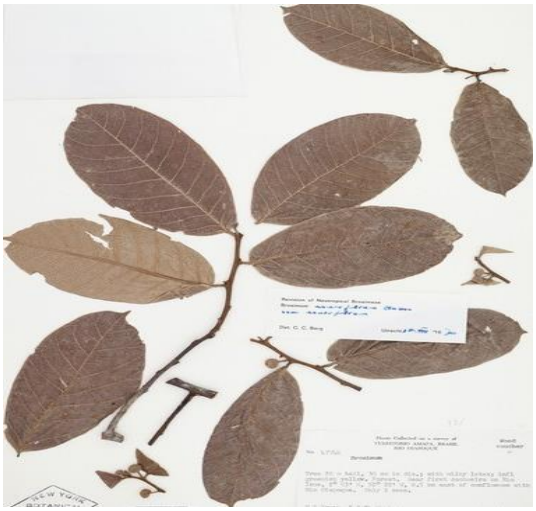


FIGURA 426: exsicata das folhas de *B. acutifolium.* Fonte: REFLORA (2019).

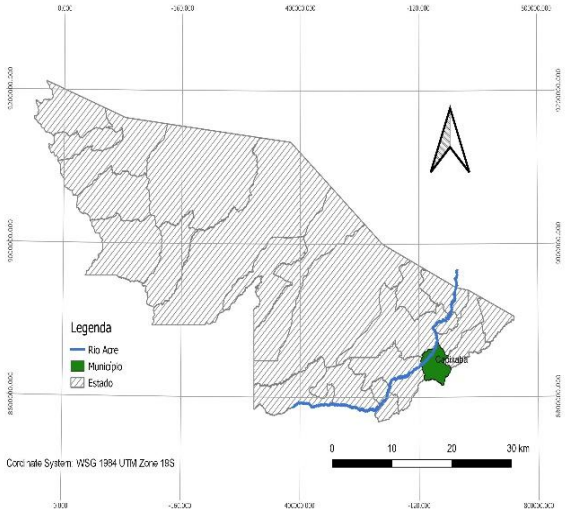


FIGURA 427: localização do *B. acutifolium*. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita ou esciófita e semidecídua, característica da floresta pluvial Amazônica. Apresenta boa regeneração em áreas abertas e em capoeiras, preferindo terrenos bem drenados e férteis.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore, quando adquirirem uma coloração vermelha, ou quando a árvore estiver sendo muito visitada por pássaros. Pode-se recolher no chão sob a árvore as sementes livres da polpa deixada pelos pássaros.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo após a coleta.

Seus frutos são comestíveis. A planta tem indicações de uso como antiasmático, anti-reumático, afrodisíaco, anti-inflamatório, depurativo, vermífugo, como estimulante do apetite, no tratamento contra sífilis, entre outros. Também tem uso cosmético coadjuvante no tratamento de lesões da pele, cirurgias, cortes e queimaduras.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Rondônia, Roraima, e São Paulo.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Capixaba (Figura 427).

INHARÉ – *Brosimum alicastrum* Sw.



FIGURA 428: árvore de *B. alicastrum*. Fonte: ROBERT (2015).



FIGURA 429: frutos e sementes de *B. alicastrum*. Fonte: COLECIONANDO FRUTAS (20-?).



FIGURA 430: flores de *B. alicastrum*. Fonte: PÉREZ (2014).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Inharé, guaimaro

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 40 metros
Tronco	100 a 150 centímetros
Casca	Fina, acinzentada, latescente
Flor	Solitária, amarela-esverdeada
Fruto	Baga, globosa, amarela-alaranjada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a dezembro
Frutos maduros	Fevereiro a abril
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	300 a 350 unidades
Germinação	50 %
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, com substrato 40% de terra vermelha, 40% de composto orgânico e 20% de areia, em local 50% sombreado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	20 a 35 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 431: plântula de *B. alicastrum*. Fonte: PÉREZ (2014).



FIGURA 432: exsicata das folhas de *B. alicastrum.* Fonte: REFLORA (2019).

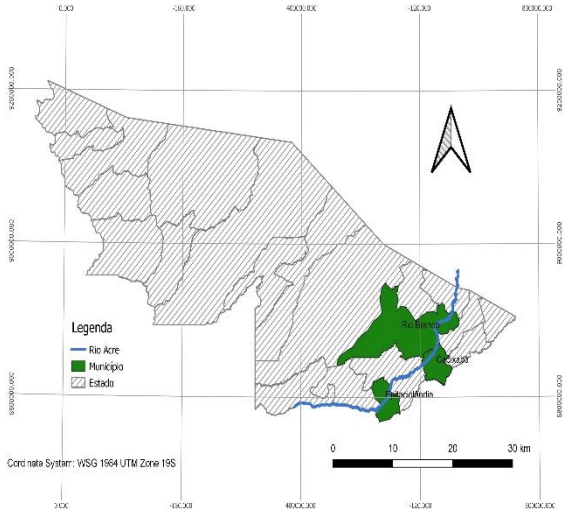


FIGURA 433: localização do *B. alicastrum* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita ou esciófita e semidecídua, característica da floresta tropical decídua. Embora costuma habitar locais úmidos, é extremamente tolerante à seca.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore, quando adquirirem uma coloração amarelo-alaranjada, sendo necessário remover a polpa, lavando sob uma peneira em água corrente.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo após a coleta.

Seus frutos são comestíveis, podendo ser consumidos *in natura*. As sementes também são comestíveis, apreciadas cozidas ou torradas. Do tronco é extraído o látex que pode ser dissolvido em água e consumido como substituto do leite de vaca, tornando-se uma especiaria entre as PANCS (plantas alimentícias não convencionais). A madeira pode ser utilizada na confecção de pisos, artesanato, cabos de ferramentas, tábuas, ripas e dormentes. A árvore proporciona boa sombra, sendo indicada ao paisagismo e arborização urbana.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Capixaba, Epitaciolândia e Rio Branco (Figura 433).

PAMA-VERMELHA – *Brosimum* sp., *Brosimum rubescens* Taub.



FIGURA 434: árvore de *B. rubescens*. Fonte: LORENZI (2009).

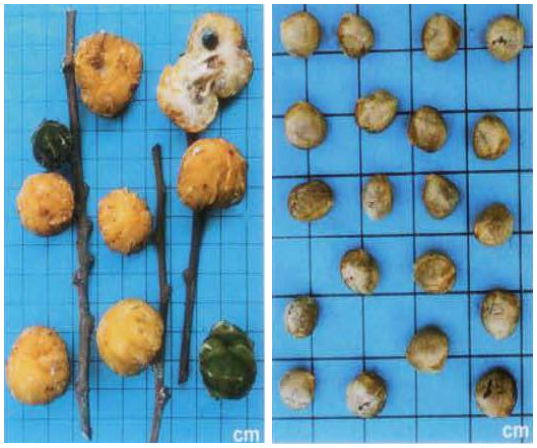


FIGURA 435 E 436: frutos e sementes de *B. rubescens*. Fonte: LORENZI (2009).



FIGURA 437: flores de *Brosimum* sp. Fonte: PÉREZ (2014).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Pama-vermelha, canduru, pau-vermelho, falso-pau-brasil

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	50 a 70 centímetros
Casca	Lisa, acinzentada, latescente
Flor	Amarela
Fruto	Infrutescência, globosa, amarela a avermelhada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Novembro a janeiro
Frutos maduros	Fevereiro a abril
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	300 a 650 unidades
Germinação	50%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em embalagens individuais, mantidas em local semi-sombreaado e preenchidas com substrato organo-argiloso, cobrindo-as com uma camada do substrato peneirado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	40 a 60 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 438: folhas e frutos imaturos de *B. rubescens*. Fonte: LORENZI (2009).



FIGURA 439: exsicata das folhas de *B. rubescens.* Fonte: REFLORA (2019).

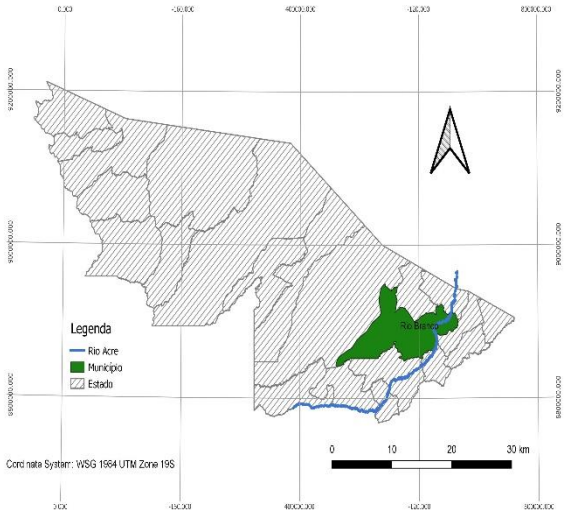


FIGURA 440: localização do *B. rubescens* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie climáx, perenifólia e esciófita característica e preferencial da floresta tropical Amazônica de terra firme e pluvial Atlântica da costa leste do Brasil, no qual sua frequência pode ser elevada, mas irregular no seu padrão de distribuição.

Para obtenção de sementes, deve-se recolher os frutos no chão, após a queda natural e em seguida, deixa-los em saco plástico até a decomposição parcial da polpa, para facilitar sua remoção em água corrente.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo após a coleta.

A madeira, de características mecânicas médias, pode ser empregada para confecção de instrumentos musicais, tacos para assoalhos, bengalas, macetas, mancais, móveis, objetos torneados, entre outros. A árvore é indicada para reflorestamentos de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima e Sergipe.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município Rio Branco (Figura 440).

MANITÊ – *Brosimum uleanum*, *Brosimum alicastrum* subsp*. bolivarense*



FIGURA 441: árvore de *Brosimum* sp. Fonte: ENKING (2011).



FIGURA 442 E 443: fruto imaturo e semente de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense*. Fonte: PATON (2004).



FIGURA 444: flores de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense*. Fonte: PATON (2004).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Manitê, ramamuri, tamanuri

DESCRIÇÃO

Altura	35 a 50 metros
Tronco	Até 120 centímetros
Casca	Lisa, acinzentada, latescente
Flor	Amarela a verde
Fruto	Infrutescência, subglobosa, amarelo a laranha-acastanhada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Novembro a maio
Frutos maduros	Maio a outubro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	300 a 650 unidades
Germinação	50%
Mudas	Dispor as sementes em embalagens individuais, mantidas em local semi-sombreaado e preenchidas com substrato organo-argiloso, cobrindo-as com uma camada do substrato peneirado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	20 a 35 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 445: ramo com folhas e flores masculinas de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense*. Fonte: PATON (2004).



FIGURA 446: exsicata das folhas e frutos de *B. alicastrum* subsp. *bolivarense.* Fonte: REFLORA (2019).

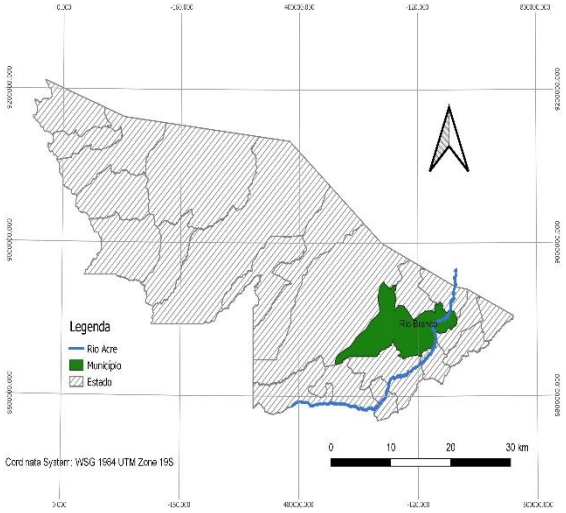


FIGURA 447: localização do *B. alicastrum* subsp. *bolivarense* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita ou esciófita e semidecídua, característica da floresta tropical decídua, mata primária, floresta de terra firme e de várzea. A espécie é sinônimo de B. *alicastrum* subsp. *bolivarense.*

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore, quando adquirirem uma coloração laranja-acastanhada, sendo necessário remover a polpa, lavando sob uma peneira em água corrente.

As sementes não possuem dormência, dispensando tratamentos pré-germinativos.

Seus frutos são comestíveis, podendo ser consumidos *in natura*, quanto por meio de geleias. As sementes podem ser consumidas assadas, fervidas, tostadas e moídas, podem ser consumidas no lugar do café, bebidas e pratos tanto doces quanto salgados. A madeira pode ser empregada na fabricação de painéis, cabo de ferramentas, caixas e móveis. Como a espécie ocorre em florestas de várzea, pode ser indicada em plantios para fins de recuperação de APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município Rio Branco (Figura 447).

APUÍ-AMARELO – *Ficus frondosa* S. Moore, *Ficus albert-smithii* Standl.

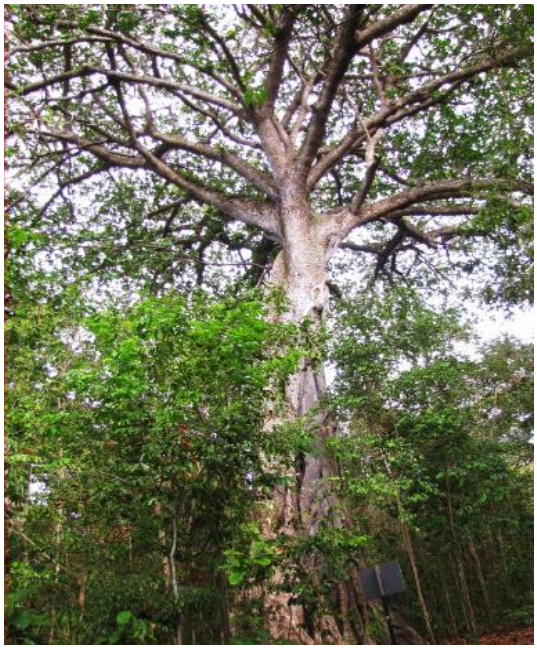


FIGURA 448: árvore de *Ficus* sp. Fonte: SOUZA (2011).



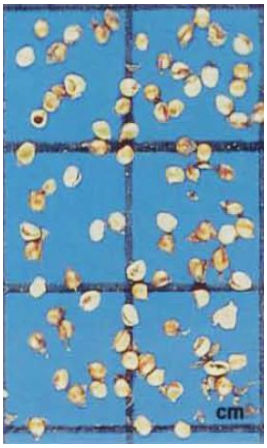


FIGURA 449 E 450: infrutescências de *F. albert-smithii* e sementes de *Ficus* sp. Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2008); LORENZI (2000).



FIGURA 451: inflorescências do tipo sicônio de *Ficus* sp. Fonte: BOTÂNICA AMAZÔNICA (1999).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Apuí-amarelo, gameleira-grande, gameleira, figueira

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	Superior a 120 centímetros
Casca	Rugosa, grisácea, acinzentada
Flor	Inflorescência do tipo sicônio, avermelhada
Fruto	Figo, globoso, indeiscente, castanho-avermelhada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Dezembro a janeiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	5.000.000 de unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	Irrigar a suspensão aquosa de sementes e polpa diretamente sobre o canteiro de semeadura semi-sombreado e rico em matéria orgânica, sem cobri-la
Emergência das plântulas	20 a 30 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 6 semanas



FIGURA 452: ramo com folhas e infrutescências de *F. albert-smithii*. Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2008).



FIGURA 453: exsicata das folhas de *F. albert-smithii.* Fonte: REFLORA (2019).

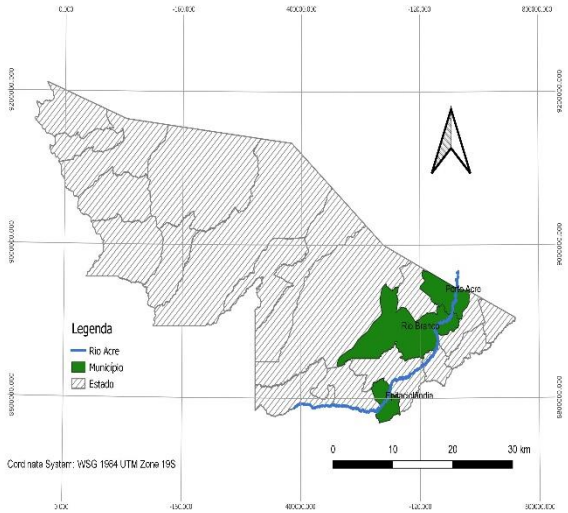


FIGURA 454: localização do *F. albert-smithii* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita ou esciófita e perenifólia, característica da mata pluvial Amazônica de terra firme, ocorrendo também em florestas de baixio e campinaranas. A espécie é sinônimo de *F. albert-smithii*.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea ou recolhê-las no chão, sob a árvore-matriz logo após a queda. Como suas sementes são muito pequenas para separá-las, recomenda-se deixar os frutos amontoados em saco plástico durante alguns dias até sua decomposição parcial e em seguida, amassá-los manualmente em mistura com água até formar uma suspensão aquosa.

Os frutos apreciados por várias espécies de pássaros, que ajudam na sua dispersão. A madeira é empregada localmente para a confecção de gamelas, recipientes e comercialmente para a caixotaria, miolo de portas e painéis, além da confecção de placas de partículas e contraplacados. A árvore fornece ótima sombra, podendo ser usada na arborização rural.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Mato Grosso e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Epitaciolândia, Porto Acre e Rio Branco (Figura 454).

GAMELINHA – *Ficus gameleira* Standl., *Ficus christianii* Carauta

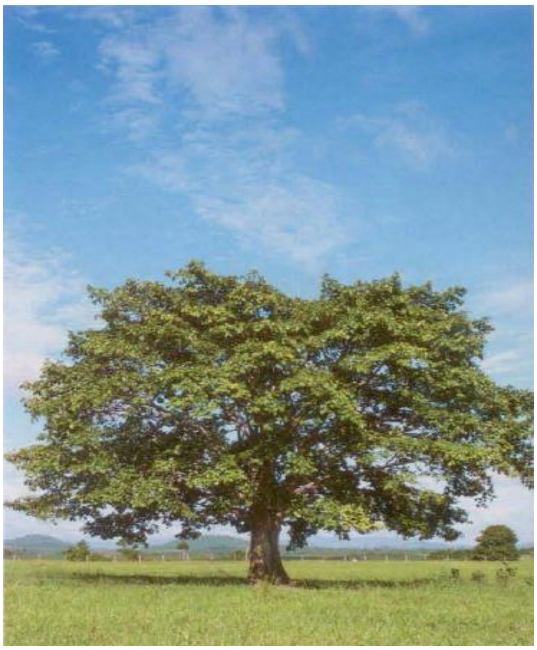


FIGURA 455: árvore de *Ficus* sp. Fonte: LORENZI (2009).



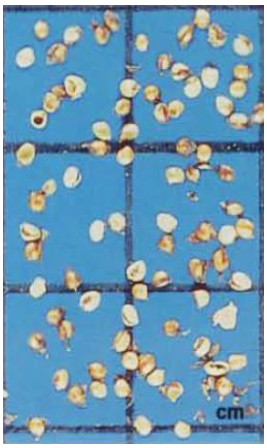


FIGURA 456 E 457: infrutescências e sementes de *Ficus* sp. Fonte: PAINE (2013); LORENZI (2000).



FIGURA 458: inflorescências do tipo sicônio de *Ficus* sp. Fonte: BOTÂNICA AMAZÔNICA (1999).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Gamelinha, caxinguba

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 35 metros
Tronco	Até 150 centímetros
Casca	Lisa, acinzentada, latescente
Flor	Inflorescência do tipo sicônio, verde a arroxeada
Fruto	Figo, globoso, indeiscente verde a arroxeada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Dezembro a janeiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	5.000.000 de unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	Regar a suspensão aquosa de sementes e polpa diretamente sobre o canteiro de semeadura semi-sombreado, preparado com substrato organo-arenoso bem fino e uniforme, deixando-a sem cobrir e irrigando 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	20 a 30 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 6 semanas



FIGURA 459: folhas de *Ficus* sp. Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2013).



FIGURA 460: exsicata das folhas e infrutescências de *F. gameleira.* Fonte: REFLORA (2019).

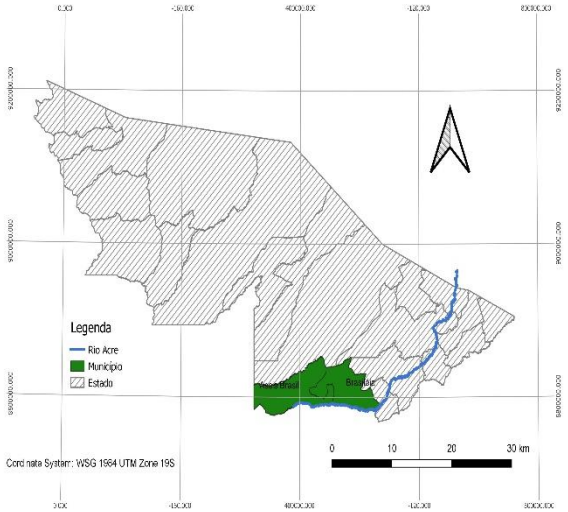


FIGURA 461: localização do *F. gameleira* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, característica da mata pluvial Amazônica de terra firme. A espécie é sinônimo de *F. christianii.*

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea ou recolhê-las no chão, sob a árvore-matriz logo após a queda. Como suas sementes são muito pequenas para separá-las, recomenda-se deixar os frutos amontoados em saco plástico durante alguns dias até sua decomposição parcial e em seguida, amassá-los manualmente em mistura com água até formar uma suspensão aquosa.

Os frutos apreciados por várias espécies de pássaros, que auxiliam na sua dispersão. A madeira é muito sensível ao ataque biológico e, portanto, não é indicada ao uso madeireiro. O látex das árvores de *Ficus* possui efeito vermífugo. A árvore fornece ótima sombra, podendo ser usada na arborização rural.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre nos Estados do Acre, Maranhão, Pará e Piauí.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil e Brasiléia (Figura 461).

APUÍ-VERMELHO – *Ficus* sp1., *Ficus clusiifolia* Schott ex Spreng.



FIGURA 462: árvore de *F. clusiifolia*. Fonte: LORENZI (2009).



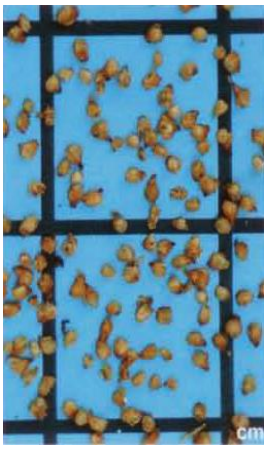


FIGURA 463 E 464: infrutescência e sementes de *F. clusiifolia.* Fonte: LORENZI (2009).



FIGURA 465: inflorescências do tipo sicônio de *F. clusiifolia*. Fonte: LORENZI (2009).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Apuí-vermelho, figueira-vermelha

DESCRIÇÃO

Altura	7 a 18 metros
Tronco	50 a 70 centímetros
Casca	Lisa, cinza-claro, latescente
Flor	Inflorescência do tipo sicônio, amarela a avermelhada
Fruto	Figo, globoso, indeiscente, amarelo a avermelhado

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Março a maio
Frutos maduros	Junho a julho
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	4.300.000 de unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	A suspenção aquosa de sementes e polpa deve ser regada sobre canteiro semi-sombreado e preparado com substrato organo-arenoso fino e uniforme, deixando-a sem cobrir e irrigando 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	15 a 25 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 6 semanas



FIGURA 466: folhas de *F. clusiifolia*. Fonte: LORENZI (2009).



FIGURA 467: exsicata das folhas e infrutescência de *F. clusiifolia.* Fonte: REFLORA (2019).

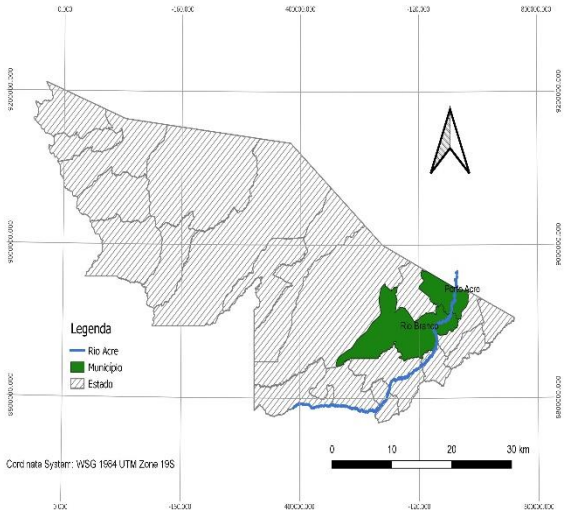


FIGURA 468: localização do *F. clusiifolia* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, pioneira e perenifólia, característica da mata pluvial Atlântica de restinga, de tabuleiro ou encosta, como também na região Amazônica.

Para obtenção de sementes, os frutos (figos) devem ser colhidos diretamente da árvore quando iniciarem a queda natural, deixando-os amontoados em saco plástico até sua decomposição parcial, para facilitar sua maceração em água e preparo de uma suspensão de sementes e polpa para semeadura.

Os frutos apreciados por várias espécies de pássaros, que ajudam na sua dispersão. A madeira possui características mecânicas baixas e é indicada apenas para miolo de portas e painéis. A árvore, de crescimento rápido e fornecedora de boa sombra, é indicada para reflorestamento de áreas degradadas e para o paisagismo.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Roraima, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Sergipe.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Porto Acre e Rio Branco (Figura 468).

GAMELEIRA – *Ficus* sp2., *Ficus gomelleira* Gard.

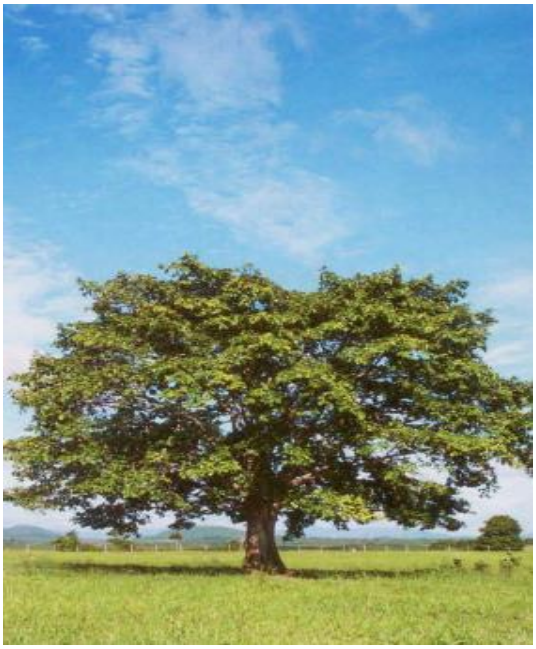


FIGURA 469: árvore de *F. gomelleira*. Fonte: LORENZI (2009).



FIGURA 470 E 471: infrutescências e sementes de *F. gomelleira.* Fonte: VERDI (2010); LORENZI (2009).



FIGURA 472: inflorescências do tipo sicônio de *F. gomelleira*. Fonte: LORENZI (2009).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Gameleira, gameleira-branca, guaporé, ibapol, figueira

DESCRIÇÃO

Altura	8 a 18 metros
Tronco	50 a 70 centímetros
Casca	Áspera, amarronzada, latescente
Flor	Inflorescência do tipo sicônio, verde
Fruto	Figo, verde a roxo, indeiscente

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Novembro a dezembro
Frutos maduros	Fevereiro a março
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	5.000.000 de unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	A suspenção aquosa de sementes e polpa deve ser regada sobre canteiro semi-sombreado e preparado com substrato organo-arenoso fino e uniforme, deixando-a sem cobrir e irrigando 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	20 a 30 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 6 semanas



FIGURA 473: folhas de *F. gomelleira*. Fonte: DUVAL (2016).



FIGURA 474: exsicata das folhas de *F. gomelleira.* Fonte: REFLORA (2019).

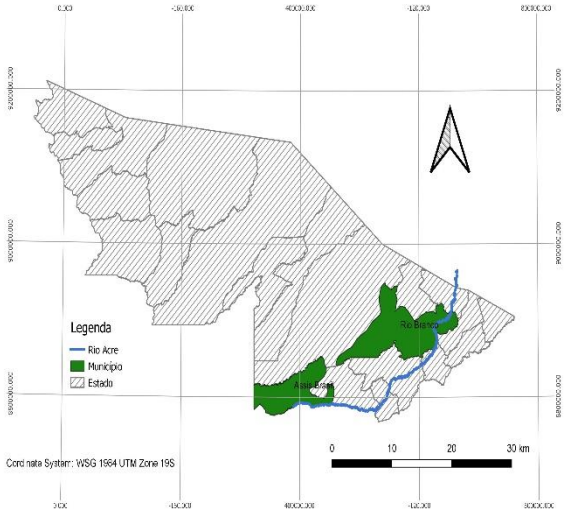


FIGURA 475: localização do *F. gomelleira* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, pioneira e semidecídua, característica da mata pluvial Atlântica de encosta de tabuleiro e de restinga, como também na região Amazônica.

Para obtenção de sementes, os frutos (figos) devem ser colhidos diretamente da árvore quando iniciarem a queda natural, deixando-os amontoados em saco plástico até sua decomposição parcial, para facilitar sua maceração em água e preparo de uma suspensão de sementes e polpa para semeadura.

Os frutos, assim como os de outras espécies do gênero *Ficus*, são apreciados por várias espécies de pássaros, que ajudam na sua dispersão. A madeira possui características mecânicas baixas e é indicada apenas para miolo de portas e painéis. A árvore, de rápido crescimento e produtora de boa sombra, é indicada para reflorestamentos de áreas degradadas, bem como para a arborização rural.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre em todo o território brasileiro, exceto no Estado de Rio Grande do Norte.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil e Rio Branco (Figura 475).

GAMELEIRA-DURA – *Ficus* sp3., *Ficus enormis* (Mart. Ex Miq.)



FIGURA 476: árvore de *F. enormis*. Fonte: LORENZI (2000).



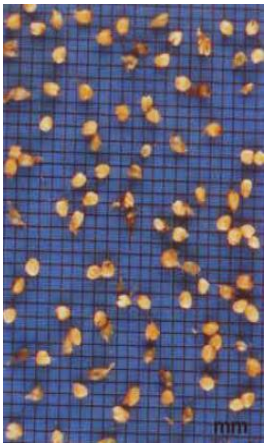


FIGURA 477 E 478: infrutescências e sementes de *F. enormis.* Fonte: COLECIONANDO FRUTAS (20-?); LORENZI (2000).



FIGURA 479: inflorescências do tipo sicônio de *F. enormis*. Fonte: LORENZI (2009).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Gameleira-dura, figueira, figueira-de-pedra

DESCRIÇÃO

Altura	6 a 14 metros
Tronco	40 a 80 centímetros
Casca	Quase lisa, grisácea, latescente
Flor	Inflorescência do tipo sicônio, avermelhada
Fruto	Figo, globoso, indeiscente, avermelhado a marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Dezembro a janeiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	5.000.000 de unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	A suspenção aquosa de sementes e polpa deve ser regada sobre canteiro semi-sombreado, com substrato rico em matéria orgânica, sem cobri-la e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	3 a 4 semanas
Plantio definitivo	Muda com 4 a 6 semanas



FIGURA 480: brotação de *F. enormis* em árvore. Fonte: LOPES (2012).



FIGURA 481: exsicata das folhas de *F. enormis.* Fonte: REFLORA (2019).

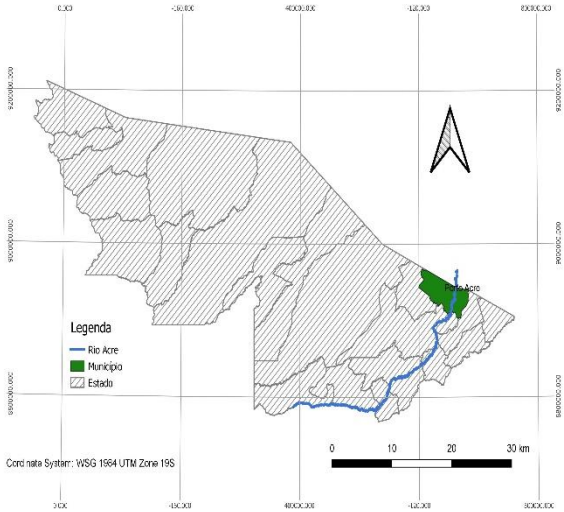


FIGURA 482: localização do *F. enormis* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita até mesófila e perenifólia, característica da mata pluvial Atlântica, ocorrendo também em outras formações florestais, como ao longo de formações secundárias, principalmente sobre fendas de pedras, onde desenvolve imenso sistema radicular.

Para obtenção de sementes, os frutos (figos) devem ser colhidos diretamente da árvore quando iniciarem a queda natural, deixando-os amontoados em saco plástico até sua decomposição parcial, para facilitar sua maceração em água e preparo de uma suspensão de sementes e polpa para semeadura.

Os frutos, assim como os de outras espécies do gênero *Ficus*, são procurados por várias espécies de aves, sendo muito recomendada para a composição de reflorestamentos mistos para fins ecológicos. A madeira possui características mecânicas baixas e é indicada apenas para miolo de portas e painéis, caixotaria e como matéria-prima para fabricação de chapas de partículas e de folhas faqueadas decorativas.

DISTRIBUIÇÃO

É uma das figueiras mais disseminadas, ocorrendo em todo o território brasileiro, com maior concentração na região sudeste e na mata Pluvial Atlântica.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Porto Acre (Figura 482).

TATAJUBA – *Maclura tinctoria* (L.) D. Don ex Steud.

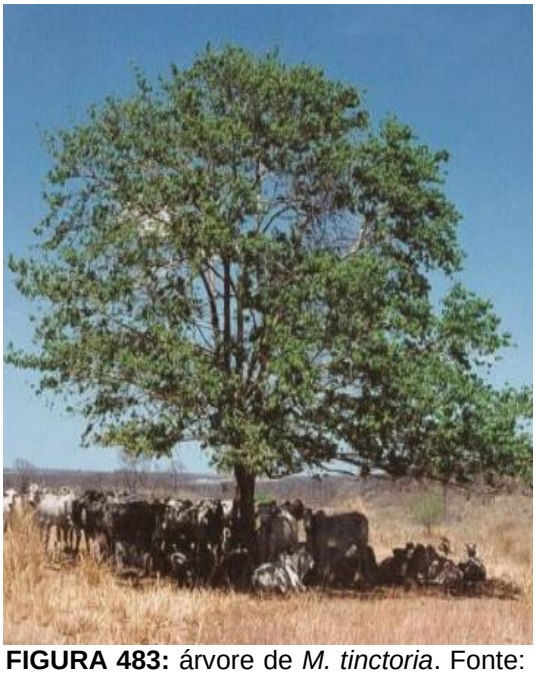


FIGURA 483: árvore de *M. tinctoria*. Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2017).





FIGURA 484 E 485: fruto e sementes de *M. tinctoria.* Fonte: RUIZ (2012); LORENZI (1992).



FIGURA 486: inflorescência de *M. tinctoria*. Fonte: RUIZ (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Tatajuba, taiúva, tajuva, tatajuva, tatajiba

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 30 metros
Tronco	50 a 100 centímetros
Casca	Espessa, cinza, grisácea, latescente, com lenticelas
Flor	Verde e branca
Fruto	Ovóide, indeiscente, verde

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Setembro a outubro
Frutos maduros	Dezembro a janeiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	384.000 unidades
Germinação	70%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, em local à pleno sol, contendo substrato organo-argiloso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	10 a 20 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 6 semanas



FIGURA 487: muda de *M. tinctoria*. Fonte: SEMENTES CAIÇARA (20-?).

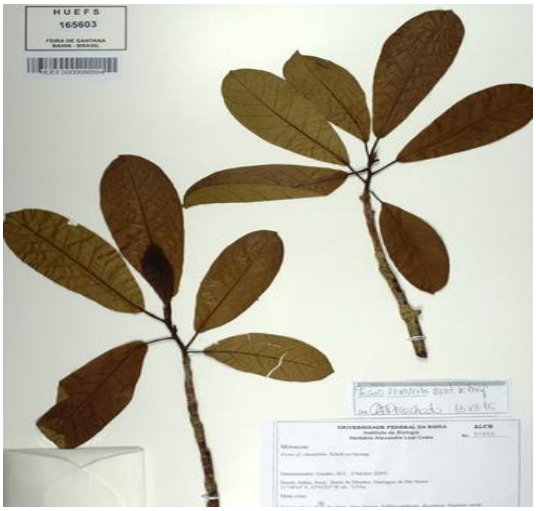


FIGURA 488: exsicata das folhas de *M. tinctoria.* Fonte: REFLORA (2019).

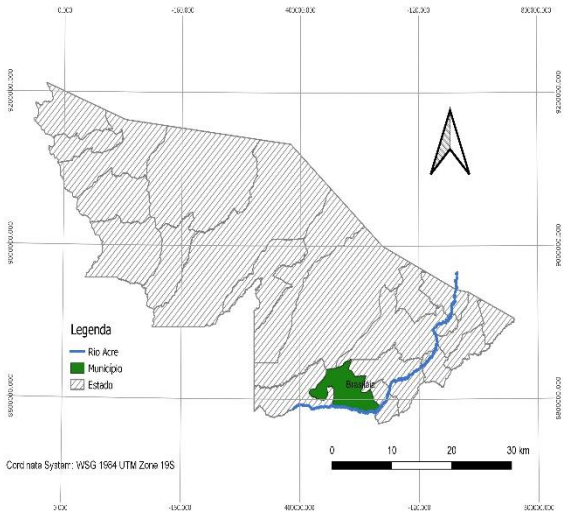


FIGURA 489: localização da *M. tinctoria* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, decídua e pioneira, característica da floresta latifoliada semidecídua da bacia do Paraná, ocorrendo também de maneira esparsa, na floresta pluvial, nas formações secundárias e matas abertas, sendo rara no interior da mata primária alta e sombria.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, ou recolhê-los no chão, sob a planta-matriz, logo após a queda. Em seguida, deixa-los em repouso por alguns dias para iniciar a decomposição e facilitar sua maceração em água. As sementes são separadas filtrando-se a suspensão de frutos e deixando-se o filtrado secar ao sol.

Os frutos são muito procurados pelas aves e outros animais. A madeira é própria para confecção de postes, esteios, vigamentos de pontes, dormentes, cruzetas, vigas, caibros, ripas, tacos e tábuas para assoalho, batente de portas e janelas, para confecção de móveis, entre outros. A árvore fornece ótima sombra e é indicada para plantios mistos em áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre em praticamente todo o território nacional, exceto, Roraima, Amapá e Rio Grande do Norte.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Brasiléia (Figura 489).

PAMA-AMARELA – *Pseudolmedia murure*, *Pseudolmedia macrophylla*



FIGURA 490: árvore de *Pseudolmedia* sp. Fonte: SASAKI (2007).





FIGURA 491 E 492: frutos e sementes *de P. macrophylla.* Fonte: SEMENTES DO XINGU (2013).



FIGURA 493: inflorescência masculina de *Pseudolmedia* sp. Fonte: BOTÂNICA AMAZÔNICA (1999).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Moraceae
Nome comum	Pama-amarela, uva da mata, pão-de-paca

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 30 metros
Tronco	20 a 55 centímetros
Casca	Lisa, acinzentada a esverdeada, latescente
Flor	Branca a creme
Fruto	Ovóide, arroxeado a marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Março a julho
Frutos maduros	Setembro a novembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	1.500 unidades
Germinação	50%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, de forma a não enterrar muito a semente no substrato rico em matéria-orgânica e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	30 dias
Plantio definitivo	Não se tem informação



FIGURA 494: ramo de *P. macrophylla*. Fonte: SASAKI (2006)



FIGURA 495: exsicata das folhas de *P. macrophylla.* Fonte: REFLORA (2019).

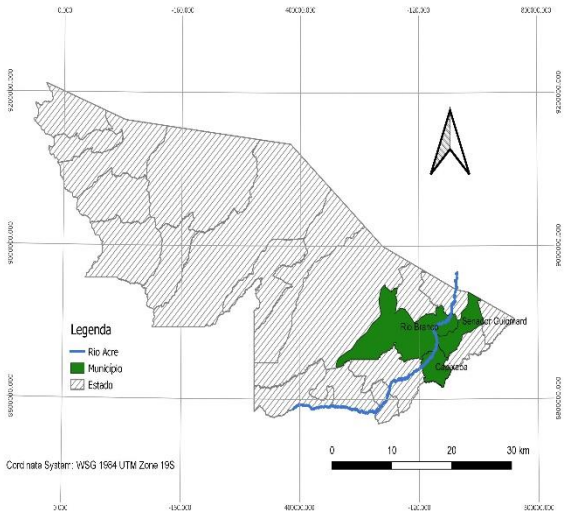


FIGURA 496: localização da *P. macrophylla* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e pioneira, característica da mata de transição, da floresta Amazônica aberta e matas ciliares. A espécie é sinônimo de *P. macrophylla.*

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a a queda espontânea, ou recolhê-los no chão, sob a planta-matriz, logo após a queda e em seguida, despolpá-los manualmente em uma peneira com água.

As informações sobre a etnobotânica da espécie são bastante escassas. No entanto, sabe-se que seus frutos são muito apreciados pela fauna, além de poder ser consumido tanto na versão *in natura*, quanto por meio de sucos, compotas e licores. Como a árvore ocorre em matas ciliares, possivelmente é indicada para compor plantios para fins de recuperação de APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Pará e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Capixaba, Rio Branco e Senador Guiomard (Figura 496).

UCUÚBA – *Virola pavonis* A. C. Sm.



FIGURA 497: árvore de *V. pavonis*. Fonte: FILHO (2015).





FIGURA 498 E 499: frutos de *Virola* sp. e sementes de *V. pavonis.* Fonte: KUHLMANN (2009); NETO (2008).



FIGURA 500: inflorescência de *V. pavonis* Fonte: ÁRBOLES EMBLEMÁTICOS DE YASUNÍ (2019).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Magnoliales
Família	Myristicaceae
Nome comum	Ucuúba, ucuúba-da-várzea

DESCRIÇÃO

Altura	20 metros
Tronco	20 a 35 centímetros
Casca	Quase lisa, acinzentada a castanho amarronzado
Flor	Branca a creme
Fruto	Vagem, deiscente, marrom-escura

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a novembro
Frutos maduros	Abril a dezembro
Dispersão	Autocórica e zoocórica
Semente/kg	3.000 a 15.000 unidades
Germinação	30% (sem tratamento pré-germinativo)
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes em canteiros ou recipientes individuais, com substrato rico em matéria orgânica, em local semi-sombreado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	5 a 35 dias
Plantio definitivo	Muda com 2 a 9 meses



FIGURA 501: folhas de *Virola* sp. Fonte: GRAZEL (2014).



FIGURA 502: exsicata das folhas de *V. pavonis.* Fonte: REFLORA (2019).

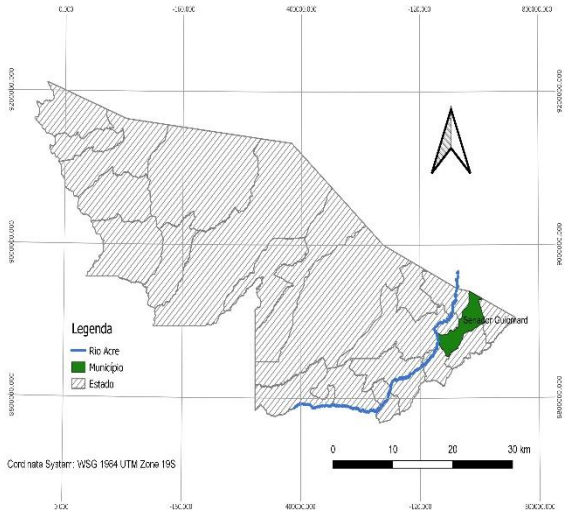


FIGURA 503: localização da *V. pavonis* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, que ocorre em áreas aluviais úmidas ou encostas, sendo frequente em formações secundárias e em áreas antropizadas.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea. Em seguida, é necessário expor os frutos ao sol ou submetê-los a uma simples pressão dos dedos para liberar as sementes.

As sementes possuem dormência e para superá-la deve-se utilizar a escarificação mecânica ou a imersão em água quente, com temperatura inicial de 80 ºC, por 10 minutos para embebição.

As folhas podem ser utilizadas como cicatrizante e antimicrobiano, em banhos ou aplicando diretamente sobre os ferimentos. Porém, seu uso mais conhecido é no combate à diabetes moderada, sendo considerada como a “insulina natural”. A planta é ornamental e pode ser usada em jardins, arborização urbana ou ainda como cercas vivas, quando cresce como arbusto espinhoso.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Mato Grosso e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Senador Guiomard (Figura 503).

ARAÇÁ – *Eugenia* sp., *Eugenia stipitata* McVaugh



FIGURA 504: árvore de *E. stipitata*. Fonte: VIANA et al., (2011).





FIGURA 505 E 506: frutos e sementes de *E. stipitata.* Fonte: GIACON (2016); CALVI (2018).



FIGURA 507: inflorescência de *E. stipitata*. Fonte: JARDINEIRO.NET (2017).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Myrtales
Família	Myrtaceae
Nome comum	Araçá, araçá-boi, goiaba-brasileira

DESCRIÇÃO

Altura	3 a 5 metros
Tronco	15 a 25 centímetros
Casca	Lisa, pardo-amarronzada
Flor	Solitária e branca
Fruto	Baga, globosa, amarelo-canário

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Novembro a abril
Frutos maduros	Janeiro a maio
Dispersão	Autocórica e zoocórica
Semente/kg	1.350 a 2.000 unidades
Germinação	100%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso ou carvão vegetal, em local semi-sombreado e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	48 a 91 dias
Plantio definitivo	Muda com 2 a 3 meses



FIGURA 508: plântula de *E. stipitata*. Fonte: CALVI (2018).



FIGURA 509: exsicata das folhas de *E. stipitata.* Fonte: REFLORA (2019).

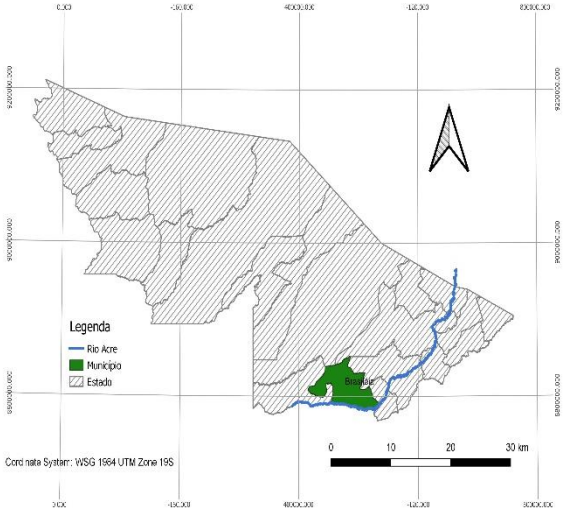


FIGURA 510: localização da *E. stipitata* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, bem adaptada às condições da região tropical, alta precipitação e solos pobres.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea. Em seguida, devem ser despolpados para a liberação das sementes, que se soltam com facilidade.

Para diminuir o tempo de germinação de 91 a 48 dias, deve-se retirar parte do tegumento das sementes, do lado da protusão da raiz e da parte aérea. No entanto, no INPA, as sementes sem escarificação, são semeadas em sacos plásticos com carvão vegetal quebrado, fino e umedecido e ainda assim, demonstram 100% de germinação aos 80 e 90 dias.

Os frutos comestíveis, são consumidos tanto *in natura* quanto por meio de compotas, doces, néctar, pastas, licores, sucos, geléias, sorvetes, cremes, entre outros usos culinários. Por possuírem cheiro agradável, também são usados na indústria de perfumes. A madeira é usada apenas como lenha.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Mato Grosso e Pará.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Brasiléia (Figura 510).

PAU-ALHO – *Gallesia gorazema* Moq., *Gallesia intergrifolia*



FIGURA 511: árvore de *G. intergrifolia*. Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2017).

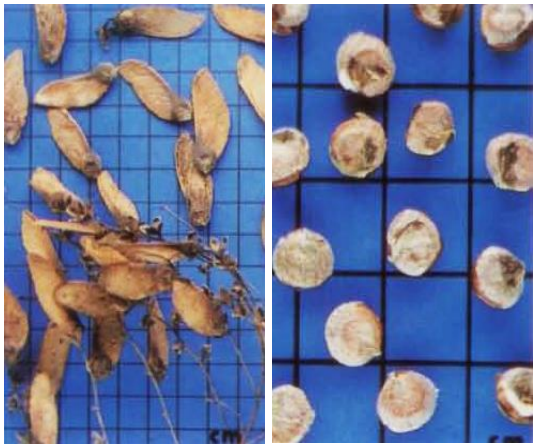


FIGURA 512 E 513: frutos e sementes de *G. intergrifolia.* Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 514: inflorescência de *G. intergrifolia*. Fonte: ATRIUM (2004).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Caryophyllales
Família	Phytolacaceae
Nome comum	Pau-alho, pau-d'alho, guararema, ibirarema

DESCRIÇÃO

Altura	15 a 30 metros
Tronco	70 a 140 centímetros
Casca	Quase lisa, levemente descamante, cinza a marrom
Flor	Branca a creme
Fruto	Alado, seco, marrom-claro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Fevereiro a abril
Frutos maduros	Setembro a outubro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	15.800 unidades
Germinação	80%
Mudas	Dispor os frutos em canteiros semi-sombreados ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso, cobri-los com uma leve camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	10 a 20 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 4 meses



FIGURA 515: ramo de *G. intergrifolia*. Fonte: LOPES (2012).



FIGURA 516: exsicata das folhas e inflorescência de *G. gorazema.* Fonte: REFLORA (2019).

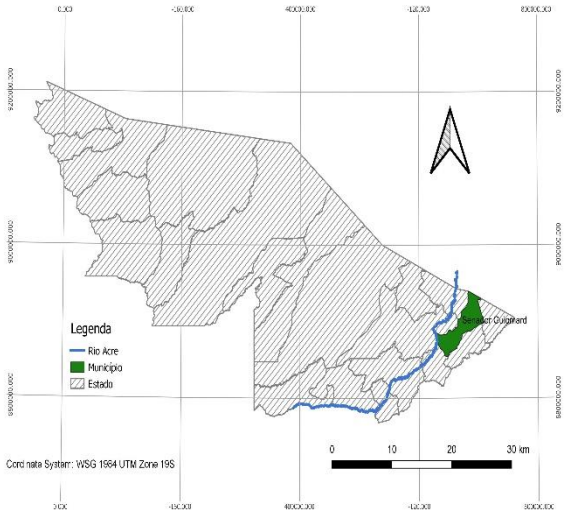


FIGURA 517: localização da *G. gorazema* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, característica da mata fluvial Atlântica e da floresta semidecídua da bacia do Paraná, que ocorre em terrenos profundos, úmidos e férteis. A espécie é sinônimo de *G. intergrifolia*.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea. Desse modo, os frutos obtidos podem ser utilizados como sementes na ocasião da semeadura, já que a retirada destas de seu interior é difícil.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo que colhidas.

A madeira pode ser empregada na confecção de tabuado em geral, sarrafos para construções temporárias, confecção de caixotaria e embalagens leves. A árvore frondosa, proporciona boa sombra, sendo indicada para o paisagismo de parques e grandes jardins. Como a planta é pioneira, pode ser empregada no reflorestamento de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Senador Guiomard (Figura 517).

TAXI-DO-BAIXO – *Triplaris* sp., *Triplaris americana* Cham.



FIGURA 518: árvore de *T. americana*. Fonte: ARQUITETURA & URBANIDADES (2008).





FIGURA 519 E 520: frutos e sementes de *T. americana.* Fonte: MUNDO DAS SEMENTES (20-?); LORENZI (1992).



FIGURA 521: inflorescência feminina de *T. americana*. Fonte: MELO (2019).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Caryophyllales
Família	Polygonaceae
Nome comum	Taxi-do-baixo, pau-formiga, formigueiro, pau-de-novato

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 20 metros
Tronco	30 a 40 centímetros
Casca	Levemente fissurado, marrom-avermelhado a cinza
Flor	Rosa e creme
Fruto	Alado, seco, marrom-claro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto-outubro
Frutos maduros	Novembro a janeiro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	17.600 unidades
Germinação	60%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso, cobri-las com uma camada de 0,5 cm de substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	15 a 25 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 5 meses



FIGURA 522: ramo com folhas de T. americana. Fonte: HERBÁRIO VIRTUAL: ANGIOSPERMAS NATIVAS DO SUL DO BRASIL (2015).



FIGURA 523: exsicata das folhas de *T. americana.* Fonte: REFLORA (2019).

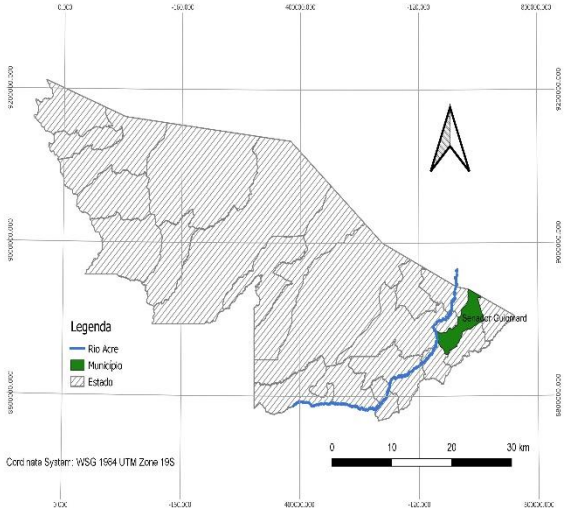


FIGURA 524: localização da *Triplaris* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, característica de matas ciliares e floresta latifoliada semidecídua, apresentando preferência por solos muito úmidos e até alagadiços, tanto em mata primária, quanto em secundária.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea. Desse modo, os frutos obtidos podem ser utilizados como sementes na ocasião da semeadura.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo que colhidas.

A madeira é utilizada apenas para confecção de tabuado em geral, caixotaria e embalagens leves. A árvore em florescimento é bastante ornamental, sendo indicada para arborização urbana e paisagismo de ruas estreitas desprovidas de rede elétrica. Como a planta possui rápido crescimento e é bem adaptada à solos úmidos, é útil em plantios para recuperação de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo e Santa Catarina.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Senador Guiomard (Figura 524).

CAPOEIRO – *Colubrina acreana*, *Colubrina glandulosa* Perk.

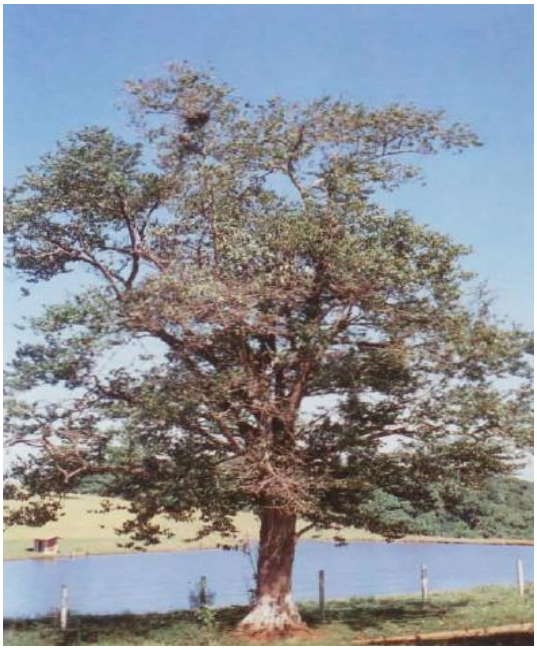


FIGURA 525: árvore de *C. glandulosa*. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 526 E 527: frutos e sementes de *C. glandulosa.* Fonte: LOPES (2012); LORENZI (1992).



FIGURA 528: inflorescência de *C. glandulosa*. Fonte: LOPES (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Rosales
Família	Rhamnaceae
Nome comum	Capoeiro, caçoca, saguaraji, saguari, sobrasil

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 20 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Sulcos longitudinais, áspera, rugosa, marrom-escura
Flor	Amarela-esverdeada
Fruto	Cápsula, globosa, seca, deiscente, roxo-escura

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Outubro a dezembro
Frutos maduros	Dezembro a janeiro
Dispersão	Autocórica
Semente/kg	47.000 unidades
Germinação	10% a 90%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as semente em canteiros ou recipientes individuais, em local semi-sombreado, com substrato organo-argiloso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	20 a 30 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 5 meses



FIGURA 529: muda de *C. glandulosa*. Fonte: PLANTAS NA WEB (20-?).



FIGURA 530: exsicata das folhas de *C. glandulosa.* Fonte: REFLORA (2019).

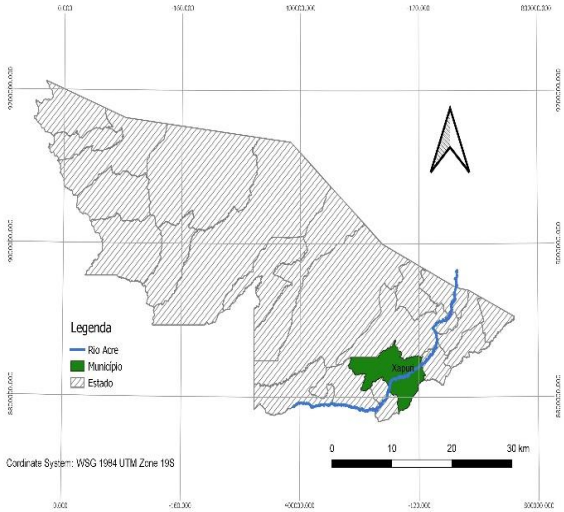


FIGURA 531: localização da *C. acreana* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, frequente da mata pluvial da encosta Atlântica, com preferência a matas secundárias. A espécie é sinônimo de *C. glandulosa*.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea e em seguida, leva-los ao sol para completar a liberação das sementes.

As sementes apresentam dormência tegumentar, superando-a por meio da escarificação química em ácido sulfúrico ou imersão em água quente a 90 ºC por 1 minuto.

A madeira é usada na confecção de postes, moirões, dormentes, estacas e pontes. Também pode ser utilizada em construção civil, naval e hidráulica. A árvore é ornamental, podendo ser empregada na arborização de ruas largas e parques. Como a planta é rústica, é recomendada em plantios para recomposição de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amazonas, Ceará, Distrito Federa, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Xapuri (Figura 531).

QUARI-QUARA-BRANCA – *Alseis* sp., *Alseis floribunda* Schott



FIGURA 532: árvore de *A. floribunda*. Fonte: ÁRVORES DO BRASIL (20-?).





FIGURA 533 E 534: frutos e sementes de *A. floribunda.* Fonte: LORENZI (2000).



FIGURA 535: inflorescências de *A. floribunda*. Fonte: LORENZI (2000).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Gentianales
Família	Rubiaceae
Nome comum	Quari-quara-branca, falsa-pelada, arma-de-serra

DESCRIÇÃO

Altura	6 a 14 metros
Tronco	30 a 60 centímetros
Casca	Fina, lisa, descamante, cinza-clara a marrom
Flor	Amarela-palha
Fruto	Cápsula, deiscente, amarelo

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a outubro
Frutos maduros	Novembro a janeiro
Dispersão	Anemocórica e autocórica
Semente/kg	3.000.000 unidades
Germinação	Inferior a 50%
Mudas	Dispor as minúsculas sementes, logo que colhidas, em canteiros à pleno sol, contendo substrato arenoso, irrigando-se em seguida, de maneira a não provocar o enterro superficial das sementes
Emergência das plântulas	4 a 6 semanas
Plantio definitivo	Não se sabe informação



FIGURA 536: ramos de A. floribunda. Fonte: VERDI (2010).



FIGURA 537: exsicata das folhas e inflorescência de *A. floribunda.* Fonte: REFLORA (2019).

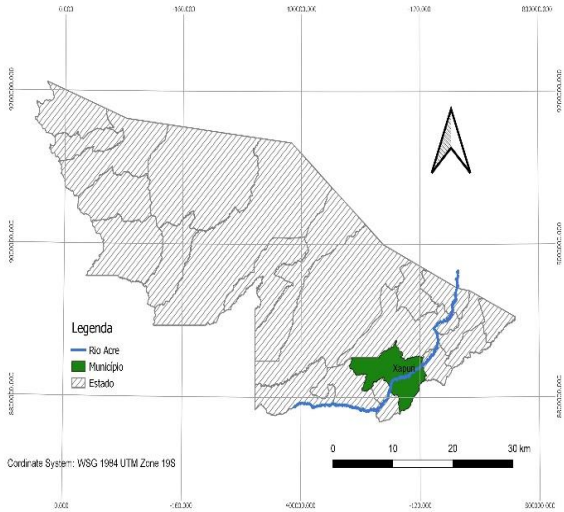


FIGURA 538: localização da *Alseis* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, que rebrota facilmente quando cortada ou queimada. É característica da mata pluvial Atlântica, sendo abundante no norte do Estado do Espírito Santo e Vale do Rio Doce de Minas Gerais. Sua incidência no norte do país é incomum, no entanto, existe indícios que ocorra no Acre.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore, quando adquirirem a coloração palha e iniciarem a abertura espontânea e em seguida, devem ser dispostas ao sol, para completar a abertura e liberação das sementes.

A madeira é indicada na marcenaria, confecção de armações de serras e cabos de ferramentas. A árvore é ornamental, podendo ser empregada no paisagismo em geral, além de ser recomendada também para a composição de reflorestamentos heterogêneos, para fins de recuperação de áreas degradadas.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Xapuri (Figura 538).

MULATEIRO – *Calycophyllum spruceanum* Benth.

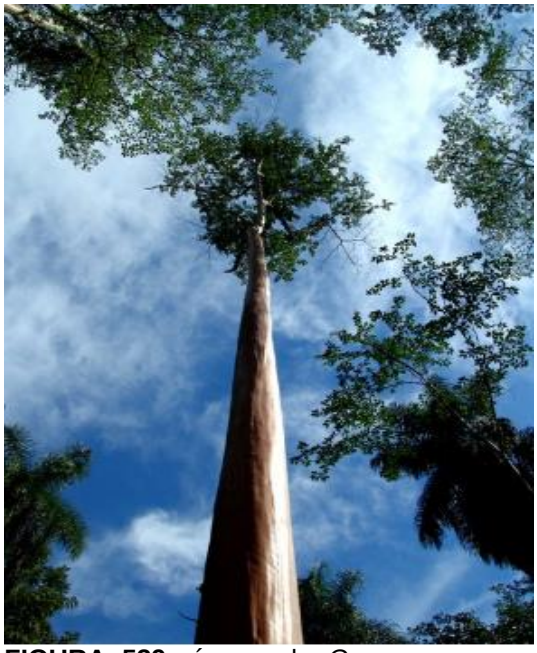


FIGURA 539: árvore de *C. spruceanum*. Fonte: MY BONSAI (2016).



FIGURA 540 E 541: frutos e sementes de *C. spruceanum.* Fonte: ÁRVORES DO BRASIL (20-?); LORENZI (1992).



FIGURA 542: inflorescência de *C. spruceanum*. Fonte: GENTRY (1987).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Gentianales
Família	Rubiaceae
Nome comum	Mulateiro, pau-mulato, mulateiro-da-várzea

DESCRIÇÃO

Altura	20 a 30 metros
Tronco	30 a 40 centímetros
Casca	Fina, descama em longas tiras, esverdeada a marrom-escura
Flor	Branca e vermelha
Fruto	Cápsula, elipsoide, deiscente, com lenticelas, marrom

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Abril a junho
Frutos maduros	Agosto a setembro
Dispersão	Anemocórica
Semente/kg	6.666.000 unidades
Germinação	60% a 70%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros ou recipientes individuais, em local semi-sombreado, com substrato organo-argiloso. Cobri-las com um saco de estopa para evitar o deslocamento das sementes durante a irrigação
Emergência das plântulas	20 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 7 a 8 meses



FIGURA 543: muda de *C. spruceanum*. Fonte: SAFARI GARDEN (20-?).



FIGURA 544: exsicata das folhas e inflorescência de *C. spruceanum.* Fonte: REFLORA (2019).

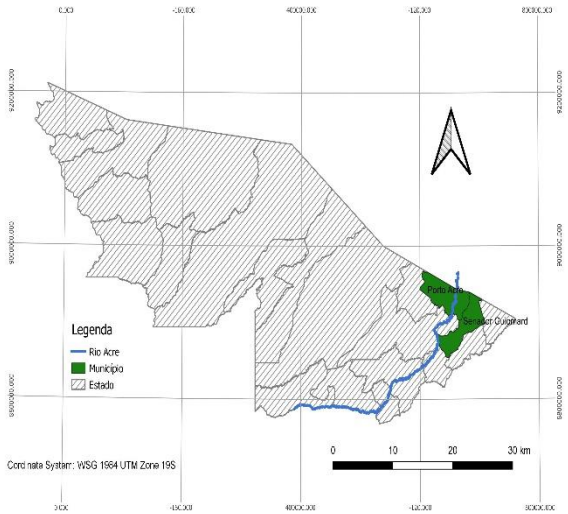


FIGURA 545: localização da *C. spruceanum* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, característica da mata de várzea permanentemente inundada da floresta pluvial amazônica, ocorrendo tanto no interior da mata primária densa, como em formações secundárias.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea e em seguida, leva-los ao sol para completar a abertura e liberação das sementes. Como as sementes são muito pequenas, dispor os ramos frutíferos ao sol sobre lona plástica e cobrir com peneira fina para evitar que sejam levados pelo vento.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo que colhidas.

A madeira é empregada na marcenaria, confecção de esquadrias, cabos de ferramentas, torneados, compensados, entre outros. A árvore é ornamental pelo seu tronco liso, podendo ser empregado com sucesso no paisagismo. É indicada também para plantios mistos em áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

Ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Porto Acre e Senador Guiomard (Figura 545).

JENIPAPO – *Genipa americana* L.



FIGURA 546: árvore de *G. americana*. Fonte: ÁRVORES DO BRASIL (20-?).



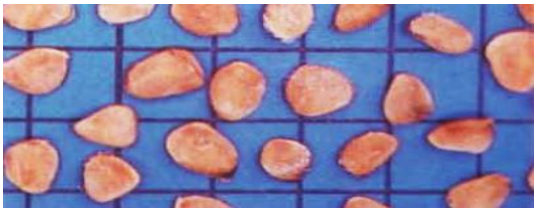


FIGURA 547 E 548: fruto e sementes de *G. americana.* Fonte: INATURALIST (2012); LORENZI (1992).



FIGURA 549: flores de *G. americana*. Fonte: INATURALIST (2018).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Gentianales
Família	Rubiaceae
Nome comum	Jenipapo, jenipá, jenipaba, jenipapeiro, janapabeiro

DESCRIÇÃO

Altura	8 a 14 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Lisa a áspera, presença de lenticelas, cinza-esverdeada, placas brancas
Flor	Amarela
Fruto	Ovóide, marrom-claro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Maio a setembro
Frutos maduros	Setembro a abril
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	14.280 unidades
Germinação	65% a 100%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, em local semi-sombreado, com substrato argiloso e irrigar diariamente
Emergência das plântulas	25 a 45 dias
Plantio definitivo	Muda com 7 a 9 meses



FIGURA 550: muda de *G. americana*. Fonte: AVN PLANTAS E MUDAS (20-?).

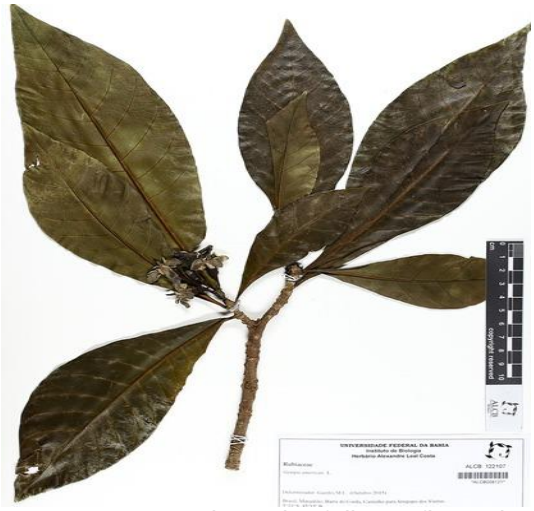


FIGURA 551: exsicata das folhas e flores de *G. americana.* Fonte: REFLORA (2019).

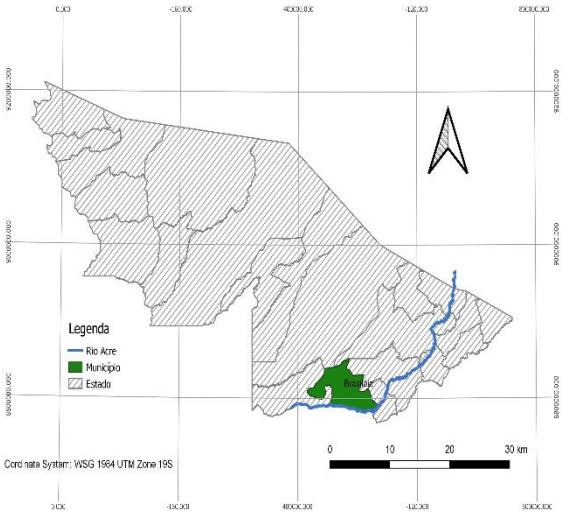


FIGURA 552: localização da *G. americana* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, característica de florestas pluviais e semidecíduas, localizadas em várzeas úmidas e brejosas, ocorrendo em outras florestas, sempre em terrenos muito úmidos.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, ou recolhê-los no chão sob a planta-matriz. A despolpa é manual sob água corrente dentro de uma peneira, deixando as sementes secar à sombra.

As sementes não possuem dormência, devendo ser semeadas logo que colhidas.

Os frutos quando verdes, fornecem suco de cor azulada que é consumido e usado como corante. Quando maduros, fornecem polpa aproveitada *in natura* e na forma de doces. A madeira é útil na marcenaria, construção civil, confecção de móveis, peças curvadas, batentes de portas e janelas, carrocerias e outros. A árvore é indicada para plantios mistos em áreas brejosas, degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie ocorre em todo o território nacional, exceto no Estado de Rio Grande do Sul.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Brasiléia (Figura 552).

LIMÃOZINHO – *Zanthoxylum rhoifolium* Lam.



FIGURA 553: árvore de *Z. rhoifolium*. Fonte: ÁRVORES DO BRASIL (20-?).



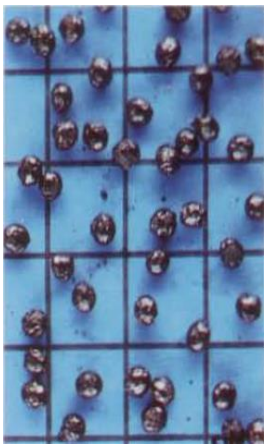


FIGURA 554 E 555: frutos e sementes de *Z. rhoifolium.* Fonte: GROPPE (2014); LORENZI (1992).



FIGURA 556: inflorescência de *Z. rhoifolium*. Fonte: LOPES (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Rutaceae
Nome comum	Limãozinho, tembetari, mamica, mamiqueira, guarita

DESCRIÇÃO

Altura	6 a 12 metros
Tronco	30 a 40 centímetros
Casca	Lisa, presença de acúleos e lenticelas, cinza
Flor	Esverdeadas a esbranquiçadas
Fruto	Cápsula, globosa, vermelha-vinho

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Outubro a novembro
Frutos maduros	Março a junho
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	84.700 unidades
Germinação	Inferior a 40%
Mudas	Dispor as sementes em canteiros com substrato arenoso rico em matéria orgânica, em local semi-sombreado, cobri-las com uma leve camada do substrato e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	30 a 60 dias
Plantio definitivo	Muda com 9 a 10 meses



FIGURA 557: ramo com folhas e frutos imaturos de *Z. rhoifolium.* Fonte: LOPES (2012).



FIGURA 558: exsicata das folhas e frutos de *Z. rhoifolium.* Fonte: REFLORA (2019).

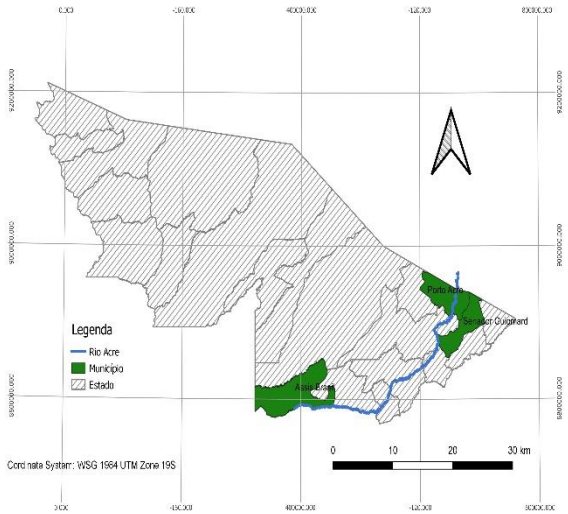


FIGURA 559: localização da *Z. rhoifolium* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, característica da mata pluvial Atlântica, sendo rara no interior da mata primária densa e mais frequente em clareiras de matas primárias e em vários estágios de sucessão secundária, preferindo terrenos íngremes e pedregosos, onde a drenagem é rápida.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea e em seguida, leva-los ao sol para completar a abertura e liberação das sementes.

As flores são melíferas. Os frutos são bastante procurados por várias espécies de aves. A madeira é usada na construção civil, marcenaria, carpintaria, na confecção de carrocerias, remos, cepas para escovas, calçados e cabos de ferramentas. A árvore é ornamental devido a forma e densidade da copa, fornecendo boa sombra, podendo ser empregada no paisagismo urbano e também na composição de reflorestamentos para restauração de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie é disseminada em todo o território nacional.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil, Porto Acre e Senador Guiomard (Figura 559).

ABIÚ-LETRA – *Micropholis cylindrocarpa* (Poepp. & Endl.) Pierre



FIGURA 560: árvore de *Micropholis* sp. Fonte: LORENZI (2009).



FIGURA 561 E 562: fruto de *M. cylindrocarpa* e sementes de *Micropholis* sp. Fonte: SILVA (2004); LORENZI (2009).



FIGURA 563: inflorescência de *Micropholis* sp. Fonte: MARTÍNEZ (2008).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Ericales
Família	Sapotaceae
Nome comum	Abiú-letra

DESCRIÇÃO

Altura	12 a 18 metros
Tronco	10 a 20 centímetros
Casca	Levemente fissurada, cinza-esverdeada a marrom, latescente
Flor	branca-rosada ou amarelada
Fruto	Ovóide, liso, vermelho-escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Julho a setembro
Frutos maduros	Junho a agosto
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	5.000 unidades
Germinação	Não se tem informação
Mudas	Dispor as sementes em canteiros ou recipientes individuais, em local semi-sombreado, com substrato organo-arenoso, cobrindo-as com uma fina camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	40 a 50 dias
Plantio definitivo	Não se tem informação



FIGURA 564: ramo com folhas e inflorescências de *Micropholis* sp. Fonte: LORENZI (2009).



FIGURA 565: exsicata das folhas de *M. cylindrocarpa.* Fonte: REFLORA (2019).

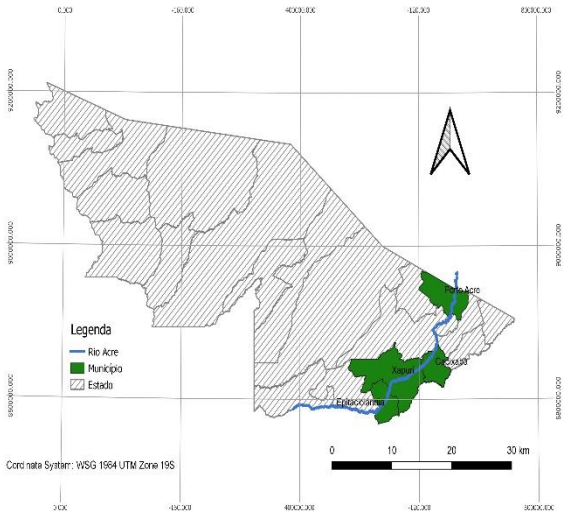


FIGURA 566: localização da *M. cylindrocarpa* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, característica e exclusiva da floresta de terra firme amazônica e várzeas úmidas.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, cortando-se os ramos frutíferos e batendo-se sobre uma lona para derriça-los. Após alguns dias em saco plástico, separar as sementes por meio de lavagem em água corrente.

Os frutos são comestíveis e avidamente procurados por várias espécies da fauna. O látex é utilizado para fabricação de goma de mascar. A madeira é indicada para construção civil. A árvore é rústica, sendo indicada para plantios de reflorestamentos, para recuperação de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie ocorre somente nos Estados do Acre e Amazonas.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Capixaba, Epitaciolândia, Porto Acre e Xapuri (Figura 566).

ABIÚ-ROSA – *Pouteria* sp3., *Pouteria caimito* (Ruiz & Pav.) Radlk.



FIGURA 567: árvore de *P. caimito.* Fonte: EMBRAPA: ÁRVORES NA AGRICULTURA (2017).





FIGURA 568 E 569: fruto e sementes de *P. caimito.* Fonte: GUILHERME (2018); LORENZI (2000).



FIGURA 570: inflorescência de *P. caimito*. Fonte: REBSKE (2012).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Ericales
Família	Sapotaceae
Nome comum	Abiú-rosa, abiu, abiurana, abiurana-vermelha, caimo

DESCRIÇÃO

Altura	6 a 24 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Fissurada, levemente sulcada, cinza-clara, latescente
Flor	Branca a amarela-esverdeada
Fruto	Baga, globosa, indeiscente, amarela

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Dezembro a janeiro
Frutos maduros	Abril a outubro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	240 unidades
Germinação	60% a 90%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, em local semi-sombreado, com substrato rico em matéria orgânica e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	28 a 50 dias
Plantio definitivo	Muda com 3 a 5 meses



FIGURA 571: muda de *P. caimito.* Fonte: FLORA PAULISTA (20-?).



FIGURA 572: exsicata das folhas e inflorescência de *P. caimito.* Fonte: REFLORA (2019).

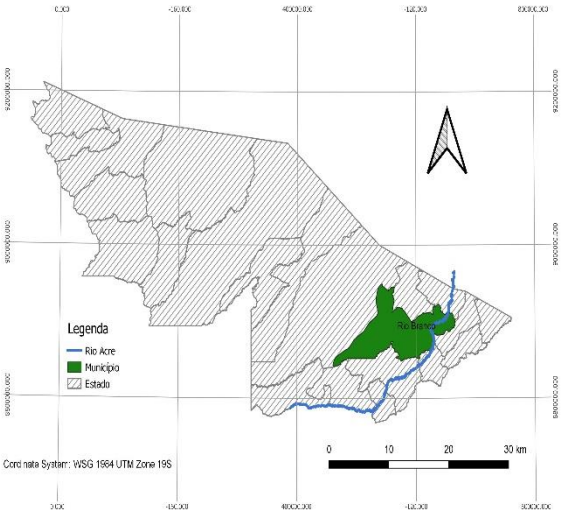


FIGURA 573: localização da *Pouteria* sp. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, característica e exclusiva das florestas pluviais Amazônica e Atlântica, sendo comum em matas de terrenos de várzeas periodicamente inundadas.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea ou recolhê-los no chão, sob a planta-matriz. Após isso, deve abri-los manualmente para a retirada das sementes. Não é necessário tratamento para quebra de dormência.

O fruto é comestível, podendo ser consumido *in natura*, sucos, iogurtes, geleias, sorvetes e outros. A casca da árvore é empregada como adstringente, antidisentérica, antidiarréica, febrífuga e antimalárica. As folhas em infusão podem ser usadas como contraceptivos. As folhas jovens maceradas e torradas desinfetam feridas.

A árvore pode ser usada em reflorestamentos heterogêneos para fins de recuperação de áreas degradadas e APPs.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie ocorre no Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Rio Branco (Figura 573).

MARUPÁ-PRETO – *Simarouba amara* Aubl.



FIGURA 574: árvore de *S. amara.* Fonte: ÁRVORES DO BIOMA CERRADO (2017).



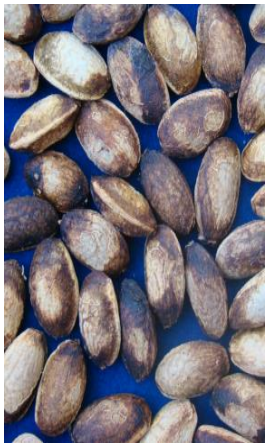


FIGURA 575 E 576: frutos e sementes de *S. amara.* Fonte: CAMPOS FILHO (2012); CRUZ (2016).



FIGURA 577: inflorescência de *S. amara*. Fonte: SMITHSONIAN TROPICAL RESEARCH INSTITUTE (20-?).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Sapindales
Família	Simaroubaceae
Nome comum	Marupá-preto, marupá, caixeta, arubá, marupaúba

DESCRIÇÃO

Altura	25 a 40 metros
Tronco	50 a 90 centímetros
Casca	Fissurada, descamante, cinza-escura a marrom
Flor	Amarelada
Fruto	Ovóide, elíptico, roxo-escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Agosto a setembro
Frutos maduros	Novembro a dezembro
Dispersão	Ornitocórica (aves)
Semente/kg	3.770 unidades
Germinação	51% a 86%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-arenoso, em local semi-sombreado, cobri-las com uma leve camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	20 a 40 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 5 meses



FIGURA 578: ramo de *S. amara.* Fonte: KEW NEOTROPICAL PLANTS (2008).



FIGURA 579: exsicata das folhas e frutos de *S. amara.* Fonte: REFLORA (2019).

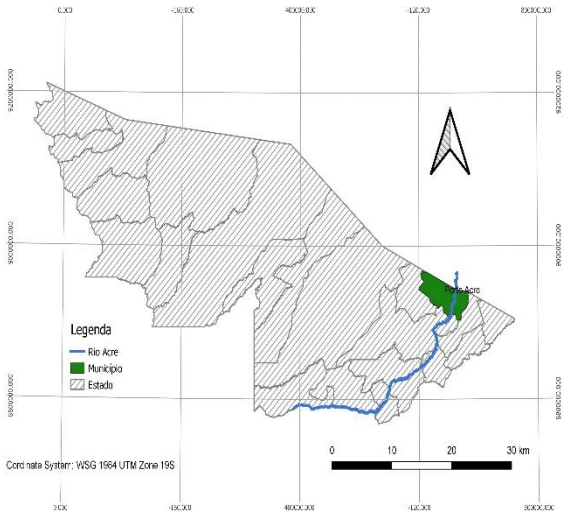


FIGURA 580: localização da *S. amara*. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e semidecídua, característica da floresta pluvial, sendo encontrada no interior da mata primária densa, como em formações abertas, e em mata secundária.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea. No ato da semeadura imediata, não é necessário despolpar os frutos. No entanto, caso necessite armazenar as sementes é conveniente despolpá-los logo após a colheita.

As sementes não possuem dormência, dispensando assim, qualquer tratamento pré-germinativo.

A casca da raiz é um tônico usada em cozimento ou extratos contra fluxos serosos, hemorroidas, disenterias, febre intermitente e outros. O xarope obtido das folhas é usado contra tosse. A madeira é usada na confecção de móveis, molduras, esquadrias e outros. A planta fornece lenha e sombra e é usada como cerca-viva.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie ocorre no Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Industrial, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada somente no município de Porto Acre (Figura 580).

MUTAMBA – *Guazuma* sp., *Guazuma ulmifolia* Lam.



FIGURA 581: árvore de *G. ulmifolia.* Fonte: CARVALHO (2006).

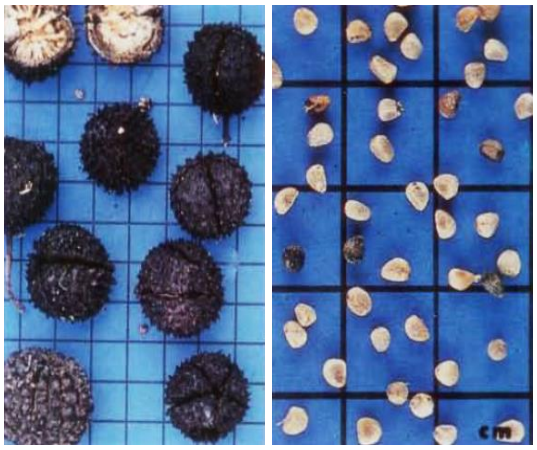


FIGURA 582 E 583: frutos e sementes de *G. ulmifolia.* Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 584: inflorescência de *G. ulmifolia*. Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2009).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malvales
Família	Sterculiaceae
Nome comum	Mutamba, mutambo, fruta-de-macaco, embira, embireira

DESCRIÇÃO

Altura	8 a 16 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Áspera, se desprende em tiras, marrom-escura
Flor	Amarela-clara
Fruto	Cápsula, subglobosa, seca, escuro quase preto

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Janeiro a agosto
Frutos maduros	Agosto a setembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	164.000 unidades
Germinação	50% a 80%
Mudas	Após quebra de dormência, dispor as sementes em canteiros ou recipientes individuais, com substrato organo-argiloso, em local com 40% de sombreamento e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	6 a 14 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 5 meses



FIGURA 585: muda de *G. ulmifolia.* Fonte: CLICK MUDAS (20-?).



FIGURA 586: exsicata das folhas de *G. ulmifolia.* Fonte: REFLORA (2019).

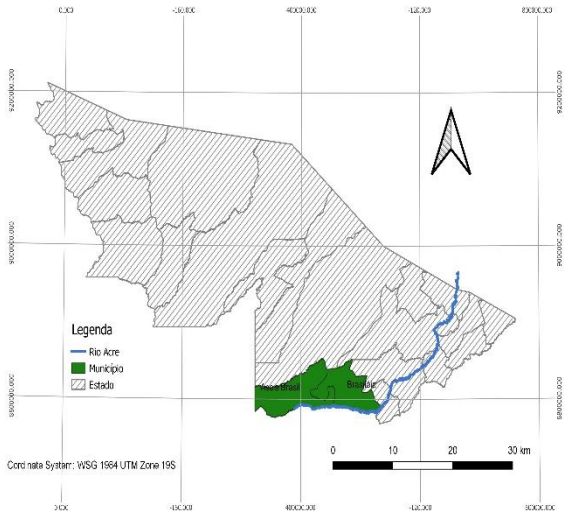


FIGURA 587: localização da *G. ulmifolia*. no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita, semidecídua e pioneira, que ocorre das formações secundárias, capoeiras abertas, margens de rios, florestas exploradas e ambientes alterados e devido a isto, tem sido classificada como espécie invasora e indesejável.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea ou recolhê-los no chão.

As sementes possuem dormência e para superá-la, deve-se realizar escarificação química com ácido sulfúrico por 15 a 50 minutos ou imersão em água quente a 80 ºC por 1 a 2 minutos, juntamente com água em movimento por 24 horas com lavagem manual posterior, para remoção da mucilagem que as cobre.

A forragem da mutamba apresenta 17% a 28% de proteína bruta, útil na alimentação do gado, cavalos e porcos. A espécie pode ser cultivada para fins energéticos, pois é considerada um ótimo combustível. A madeira pode ser empregada em obras internas, carpintaria, caixotaria, cabos de ferramentas e outros.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie é disseminada em todo o território brasileiro, ocorrendo em todos os Estados da Federação.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil e Brasiléia (Figura 587).

XIXÁ – *Sterculia pruriens* Aubl.



FIGURA 588: árvore de *Sterculia* sp. Fonte: LORENZI (1992).





FIGURA 589 E 590: frutos e sementes de *Sterculia* sp. Fonte: LORENZI (1992).



FIGURA 591: inflorescência de *S. pruriens*. Fonte: MARGALHO (2014).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malvales
Família	Sterculiaceae
Nome comum	Xixá, urucurana-branca, arixá-branco, axixá

DESCRIÇÃO

Altura	7 a 40 metros
Tronco	40 a 60 centímetros
Casca	Quase lisa, grisácea, marrom escuro a cinza
Flor	Rosa e branca
Fruto	Cápsula, lenhosa, indeiscente, marrom-alaranjada

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Janeiro a outubro
Frutos maduros	Abril a outubro e novembro a dezembro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	130 unidades
Germinação	60%
Mudas	Dispor as sementes, logo que colhidas, em recipientes individuais, com substrato organo-arenoso, em ambiente semi-sombreado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	20 a 30 dia
Plantio definitivo	Muda com 4 a 5 meses

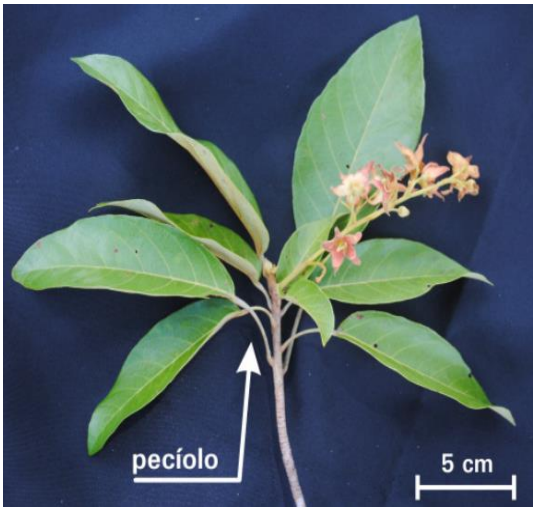


FIGURA 592: ramo de *S. pruriens.* Fonte: MARGALHO (2014).



FIGURA 593: exsicata das folhas de *S. pruriens.* Fonte: REFLORA (2019).

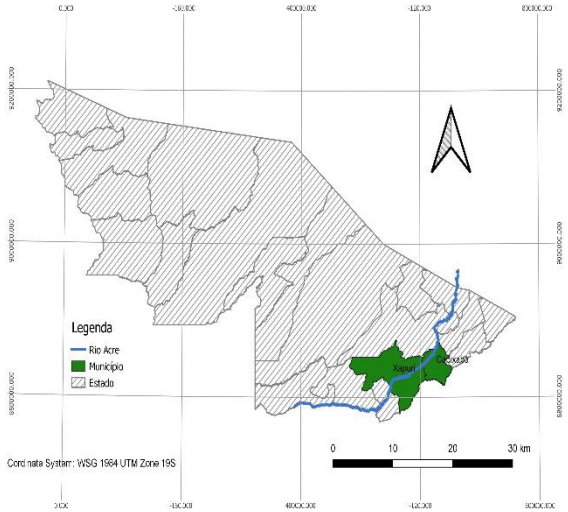


FIGURA 594: localização da *S. pruriens* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e perenifólia, que cresce espontaneamente em floresta de terra firme, em solo argilo-arenoso e ocorrendo ocasionalmente em capoeiras.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura dos frutos e queda espontânea das sementes.

As sementes não possuem dormência, dispensando assim, qualquer tratamento pré-germinativo.

Os frutos, além de fazer parte da alimentação da fauna, quando abertos, são utilizados como adornos, como cinzeiro, por exemplo. A madeira é usada na produção de caixa, carvão e lenha, sendo excelente matéria-prima para fabricação de celulose e papel, por sua elevada resistência à autorruptura, dobras, estouro e rasgo. A árvore pode ser usada no paisagismo em geral. Como planta heliófita, pode ser empregada em plantios mistos em áreas degradadas e em recuperação de APPs, além poder ser utilizada como cerca-viva.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará e Rondônia.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Capixaba e Xapuri (Figura 594).

PENTE-DE-MACACO – *Apeiba echinata* Gaertn.



FIGURA 595: árvore de *A. echinata.* Fonte: MORAIS (2016).





FIGURA 596 E 597: fruto de *A. echinata* e sementes de *Apeiba* sp. Fonte: MENEZES (2016); LORENZI (1992).



FIGURA 598: flor de *A echinata*. Fonte: BOTÂNICA AMAZÔNICA (1999).

TAXONOMIA

Classe	Magnoliopsida
Ordem	Malvales
Família	Tiliaceae
Nome comum	Pente-de-macaco, cuiarana, castanha-de-macaco

DESCRIÇÃO

Altura	10 a 15 metros
Tronco	30 a 50 centímetros
Casca	Com calos, quase lisa, marrom-acinzentada
Flor	Amarela, perfumada
Fruto	Globoso, achatado, espinhento, marrom-escuro

BIOLOGIA REPRODUTIVA

Floração	Outubro a dezembro
Frutos maduros	Dezembro a fevereiro
Dispersão	Zoocórica
Semente/kg	200.000 unidades
Germinação	58%
Mudas	Após tratamento pré-germinativo, dispor as sementes em canteiros semi-sombreados, com substrato organo-arenoso, cobri-as com leve camada do substrato peneirado e irrigar 2 vezes ao dia
Emergência das plântulas	15 a 20 dias
Plantio definitivo	Muda com 4 a 5 meses

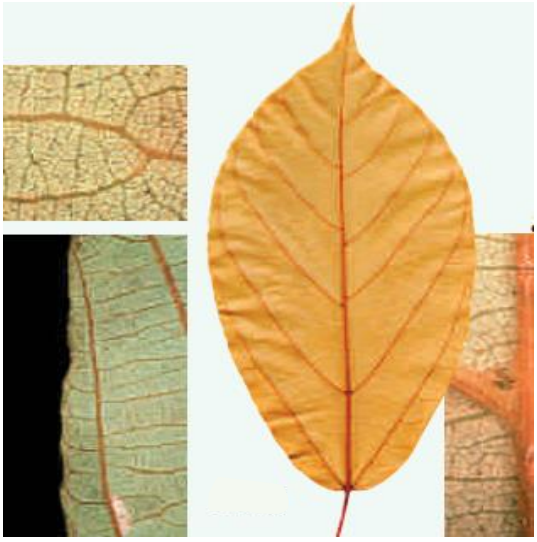


FIGURA 599: detalhe da folha de *A. echinata.* Fonte: BOTÂNICA AMAZÔNICA (1999).



FIGURA 600: exsicata das folhas de *A. echinata.* Fonte: REFLORA (2019).

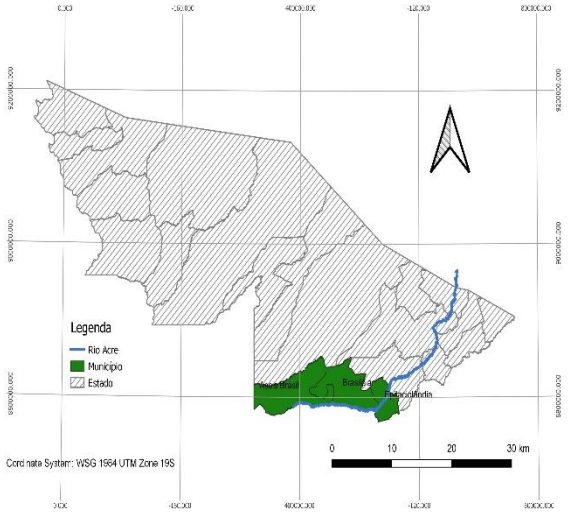


FIGURA 601: localização da *A. echinata* no Estado do Acre. Fonte: NASCIMENTO (2019).

INFORMAÇÕES ECOLÓGICAS E ETNOBOTÂNICA

É uma espécie heliófita e decídua, característica da floresta pluvial amazônica, ocorrendo em formações secundárias sendo pouco frequente no interior da mata primária densa.

Para obtenção de sementes, deve-se colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea, ou recolhê-los no chão após a queda.

As sementes possuem dormência e para superá-la, deve-se realizar a imersão em água quente a 80 ºC, a escarificação mecânica do tegumento, entre outros métodos.

As sementes são empregadas no artesanato, para confecção de colares, pulseiras e brincos. A madeira leve, pode ser usada em aglomerados, brinquedos, cabos de vassoura, caixotaria, carpintaria, entre outros. Por mais que a espécie seja ornamental, não é indicada ao paisagismo urbano, pois seus frutos são pesados, podendo danificar facilmente um veículo, além do mal cheiro durante o apodrecimento destes.

DISTRIBUIÇÃO

A espécie ocorre no Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Na mata ciliar do rio Acre é encontrada nos municípios de Assis Brasil, Brasiléia e Epitaciolândia (Figura 601).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das 90 espécies de maior IVI – mata ciliar propostas no estudo, 46 apresentaram informações suficientes e exclusivas da espécie, correspondendo a 51,1% do catálogo.

Por outro lado, 39 espécies apresentaram somente parte das informações necessárias para cumprir o objetivo do catálogo, correspondendo a 43,3%. Exemplo disso é a espécie *Astronium lecointei*, na qual não foi encontrada informações acerca de sua fenologia (floração e frutos maduros), sementes/kg, germinação, produção de mudas, emergência e plantio definitivo, sendo necessário buscar na literatura informações do gênero a qual a espécie pertence, para compor o catálogo.

Outras 5 espécies restantes, não apresentaram informações suficientes na literatura, tanto para a espécie, quanto para o seu gênero e por isso, foram excluídas do conjunto de descrições. São elas: *Oxychopetalum lucidum*, *Inga* sp4., *Neea* sp*., Perebea* sp. *Fleurya aestuans.* Estas, correspondem a somente 5,6 do catálogo.

As dificuldades no levantamento de informações previamente definidas para compor o catálogo, demonstram a carência de estudos relacionados à catalogação e descrição das espécies, muitas nativas, com potencial para recuperação de áreas degradadas e matas ciliares.

Espera-se que a elaboração desse estudo possa contribuir de forma significativa, principalmente aos gestores municipais dos 8 municípios acreanos que são cortados pelo rio Acre, na elaboração de projetos de recuperação/restauração das matas ciliares desta bacia hidrográfica.

Sugere-se, novos estudos, aprofundando-se nas espécies no qual suas informações são escassas na literatura livre.

Finalmente, a autora considera imprescindível a publicação do catálogo no formato de livro, no intuito de ser utilizado na rede escolar municipal das cidades cortadas e abastecidas pelo rio Acre.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. **Acre em Números.** Rio Branco: SEPLAN, Governo do Estado do Acre. 2017.

ACRE, Governo do Estado. **Atlas do Estado do Acre.** Rio Branco: FUNTAC, 2008. 200 p.

ACRE, **Política Estadual de Recursos Hídricos**. Lei nº 1.500 de 15 de julho de 2003. Disponível em: <http://www.al.ac.leg.br/leis/wp-content/uploads/2014/09/Lei1500.pdf>. Acesso em 03 de mar. 2019.

ACRE, Governo do Estado do Acre. **Zoneamento Ecológico-Econômico:** aspectos socioeconômicos e ocupação territorial. Rio Branco: vol. II, SECTMA, 2000.

ACRE. Governo do Estado do Acre. **Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE):** Fase II. Escala 1:250.000. Rio Branco: Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA), 2006.

ACRE. **Plano Estadual de Recursos Hídricos**. Rio Branco: SEMA-AC, 2012. 123 p.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. (2018). **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil**: Informe 2018. Brasília: ANA. 88 p.

AGUIAR, M. O.; MENDONÇA, M. S. 2001. Aspectos morfológicos da germinação e do desenvolvimento plantular em *Euterpe precatoria* Mart. (Açaí-do-Amazonas). **Acta Amazonica**, 31(4): 687-691.

ALBUQUERQUE, J. M. Identificação de plantas invasoras de cultura da região de Manaus. **Acta Amazônica**, Manaus, v. 10, n. 1, p. 47-95, 1980.

ARAUJO, G. M. **Matas ciliares da caatinga: florística, processo de germinação e sua importância na restauração de áreas degradadas**. 2009. 70 p. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Departamento de Botânica, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2009.

ARAUJO, L. E., SOUSA, F. A. S., MORAES NETO, J., SOUTO, J. S., E REINALDO, L. R. L. R. (2009). Bacias hidrográficas e impactos ambientais. **Qualitas Revista Eletrônica**, 8:1–18.

ARAÚJO, L. H. B.; SILVA, R. A. R.; DANTAS, E. X.; SOUSA, R. F.; VIEIRA, F. A. 2013. Germinação de Sementes da *Copernicia Prunifera*: Biometria, pré-embebição e estabelecimento de mudas. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, 9(17): 1517-1528.

ARCOS, F. O.; SANTOS, W. L.; LIMA, K. D. J. V. Processos erosivos às margens do Rio Acre: o caso área central do município de Rio Branco, Acre, Brasil. **Revista Geonorte**, Edição Especial 2(4): 622-633, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/revistageonorte/article/view/2112/198. Acesso em: 21 fev. 2019.

AZEVEDO, L. A. M. **Composição Florística e Fitossociológica das Florestas da Bacia do Rio Acre e indicação de espécies nativas para restauração**. 2018. 108 p. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Departamento de Engenharia Florestal, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BACKES, P.; IRGANG, B. **Mata Atlântica: as árvores e a paisagem**. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396 p.

BARBOSA, M. R. V.; PEIXOTO, A. L. Coleções botânicas brasileiras: situação atual e perspectivas. In: PEIXOTO, A. L. (org.) **Coleções biológicas de apoio ao inventário, uso sustentável e conservação da biodiversidade**. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

BATTILANI, J. L.; SREMIN-DIAS, E.; SOUZA, A. L. T. 2005. Fitossociologia de um trecho da mata ciliar do rio da Prata, Jardim, MS, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 19(3): 597-608.

BENTES-GAMA, M. M.; RIBEIRO, G. D.; FERNANDES, C. F.; MEDEIROS, I. M. **Açaí (*Euterpe* spp.): características, formação de mudas e plantio para a produção de frutos** (Série Embrapa. Circular Técnica, 80). Porto Velho, RO: Embrapa Rondônia, 2005 (Comunicado Técnico).

BEZERRA, V. S. **O Inajá (*Maximiliana maripa* (Aubl.) Drude) como fonte alimentar e oleaginosa**. Comunicado Técnico 129. Macapá, AP: Embrapa AMAPÁ, 2011. 6 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília**, DF, Senado, 1998. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 25 fev 2019.

BEZERRA, V. S. **Considerações sobre a palmeira murumuruzeiro (*Astrocarium murumuru* Mart.)** In: Comunicado técnico. Embrapa Amapá, 2012. 6 p.

BRASIL Código Florestal Brasileiro. **Lei 12.651**, de 25 de maio de 2012. Brasília, Diário Oficial da União, 2012.

BRASIL. **Política Nacional de Recursos Hídricos**. Lei nº 9.433 de 08 de janeiro de 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9433.htm>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRASIL. **Resolução CONAMA 357**, de 17 de março de 2005. Conselho Nacional de Meio Ambiente. Disponível em: <www.mma.gov.br/port/ conama/res/res05/res35705.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2019.

BRIGANTE, J.; ESPÍNDOLA, E. L. G. **Limnologia Fluvial:** Um Estudo no Rio Mogi-Guaçu. São Carlos: Editora RiMa. 278 p. 2003.

BRITO, P. F.; MARTINS, A. L. M.; LUCA, C. A.; GONÇALVES, E. C. P. **Produção de mudas de seringueira em bancada e substrato (viveiro suspenso**). Governo do Estado de São Paulo. Defesa agropecuária. São Paulo. 2017.

BRUM, H. D.; CAMARGO, J. L. C.; FERRAZ, I. D. K. Copaíba-roxa, *Copaifera multijuga* Hayne. In: **Manual de Sementes da Amazônia**. INPA: Manaus, Brasil, 2009. p. 12.

CARVALHO, P. E. R. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília: Embrapa informação Tecnológica; colombo, PR: Embrapa florestas, 2003. 1039 p.

CARVALHO, P. E. R. **Cerejeira-da-Amazônia: (*Amburana acreana*).** Colombo: Embrapa Florestas, 2007. 6 p. (Circular Técnica, 134).

CARVALHO, P. E. R. **Louro-freijó: (*Cordia alliodora*).** Colombo: Embrapa Florestas, 2007. 8 p. (Circular Técnica, 136).

CARVALHO, P. E. R. **Mutamba: (*Guasuma ulmifolia*)**. Colombo: Embrapa Florestas, 2007. 13 p. (Circular Técnica, 141).

CARVALHO, P. E. R. **Paricá: (*Schizolobium amazonicum*).** Colombo: Embrapa Florestas, 2007. 8 p. (Circular Técnica, 142).

CECONI, D. E.; POLETTO, I; SALVADOR, S. M.; PICCILLI, D, G, A. Composição florística e potencial de regeneração da mata ciliar remanescente de um tributário do Vacacaí-Mirim, Santa Maria – RS. **Ciência Florestal**, v. 28, n. 4, p. 1546-1558, 2018.

CHAPLA, T. E.; TAVARES, B.; TOILLIER, S. L. Conservação e recuperação da vegetação ripária na perspectiva de pequenos agricultores. **Scientia Agraria Paranaensis**, Marechal Cândido Rondon, v. 10, n. 3, p. 70-81, 2011.

COLECIONANDO FRUTAS. ***Brosimum alicastrum*** – família das Moraceae. Disponível em: <http://www.colecionandofrutas.org/brosimumalicastrum.htm>. Acesso em: 04 jun. 2019.

COLECIONANDO FRUTAS. ***Pourouma cecropiaefolia*** – família das Urticaceaes. Disponível em: <http://www.colecionandofrutas.org/pouroumacecropiaefolia.htm>. Acesso em: 15 jun. 2019.

CONFORTO, E. D. C.; FACINCANI, A.; LIMA, C. S.; NANYA, L. H.; TRALLI, M. P.; LIMA, N. M. M. D.; Andreoli, R. P. **Germinação de sementes e desenvolvimento inicial de *Erythrina mulungu* (Mart. ex. Benth).** Agrarian, 197-204. 2014.

CORBACHO, C.; SANCHEZ, J. M.; COSTILLO, E. Patterns of structural complexity and human disturbance of riparian vegetation in agricultural landscapes of a Mediterranean area. **Agriculture Ecosystems and Environment 95**: 495-507, 2003.

COSTA, B, G. **Catálogo de espécies florestais com maior IVI-Mata Ciliar do rio Acre no município de Capixaba – Acre - Brasil.** 2014, 57 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) – Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2014.

COSTA, M. L.; RODRIGUES, S. F. S.; HOHN, H. Jarina: o marfim das biojóias da Amazônia. Rem: **Revista Escola de Minas**, v. 59, n. 4, p. 367-371, 2006.

COSTA, C. J.; MARCHI, E. C. S. Germinação de sementes de palmeiras com potencial para produção de agroenergia. **Informativo Abrates**, vol. 18, n. 1, p. 39-50, 2008.

CROAT, T. B. **Flora of Barra Colorado Island**. Panamá: Stanford University Press, 1978.

CRUZ, E. D.; CORRÊA, J. F. **Germinação de sementes de espécies amazônicas: marupá (*Simarouba amara* Aubl.).** Belém: Embrapa Florestas, 2016. 4 p. (Comunicado técnico, 280).

EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL. **Sumaúma: *Ceiba pentandra* (L.) Gaerth. Família Bombacaceae.** Recomendações técnicas. 4 p.

FABRÍCIO, C. B. C. **Aspectos fisiológicos e bioquímicos da germinação da semente de inajá (*Maximiliana maripa* (Aublet) Drude)**. 2010. 48 p. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Centro de Ciências Biológicas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/Fundação Universidade do Amazonas, Manaus, 2010.

FARIAS, J. F. **Maturação e determinação do ponto de colheita de envira–caju (*Onychopetalum periquino*)**. 2009. 41 p. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2009.

FARIAS, M. S. **Inventário Florestal da Mata Ciliar do Rio Acre: de Porto Acre a Assis Brasil.** 2011. 114 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) - Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2011.

FERRAZ, P. A. **Germinação, desenvolvimento da plântula, variabilidade genética, morfoanatomia e mobilização de reservas em sementes de jarina (*Phytelephas macrocarpa* Ruíz & Pavón)**. 2017. 85 p. Tese (Doutorado em Ciências Florestais Tropicais) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2017.

FERREIRA, A. F. T. A; MIRANDA, I. P. A.; MELO, Z. L. O.; BARBOSA, E. M.; **Avaliação da Germinação de Sementes de *Euterpe precatoria* Martius**. 2012. 5 p. XX Jornada de Iniciação Científica PIBIC INPA - CNPq/FAPEAM.

FILHO, E. M. C. Plante as árvores do Xingu e Araguaia: guia de identificação. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009. 304 p.

FORZZA, R. C. et al. 2012. **New Brazilian Floristic List Highlights Conservation Challenges**. BioScience 62 (1): 39-45.

FRANCO, E. T. H.; FERREIRA, A. G. Tratamentos pré-germinativo em sementes de *Didymopanax morototoni* (Aubl.). **Ciência Florestal**, v. 12, n. 1, p. 1-10, jun. 2002.

FREITAS, A. R.; LOPES, J. C.; MATHEUS, M. T.; MENGARDA, L. H. G.; VENANCIO, L. P. CALDEIRA, M. V. W. **Superação da dormência de sementes de jatobá**. Pesquisa Florestal Brasileira, Colombo, v. 33, n. 73, p. 01-05, 2013.

FROTA, K. C. **Produção de sementes de espécies da mata ciliar: jaci (*attalea butyracea*) e ouricurí (*attalea phalerata***, 2013. 87 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) - Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.

GAGLIOTI, A. L.; CARVALHO, L. T.; MARGALHO, L. MARTINS-DA-SILVA, R. C. V.; GOMES, I. V.; COSTA, C. C. **Conhecendo Espécies de Plantas da Amazônia: Mapati (*Pourouma guianensis* Aubl. - Urticaceae).** Colombo: Embrapa Florestas, 2013. 4 p. (Circular Técnico, 240).

GARAY, I.; RIZZINI, C. M. A. **A Floresta Atlântica de Tabuleiros:** diversidade funcional da cobertura arbórea. Petrópolis: Vozes, 2003. 225 p.

GOMES, N. F. **Triagem fitoquímica e identificação de metabólitos por LC-MS do extrato hidroalcóolico das folhas da espécie vegetal *Annona exsucca* DC.** 2017, 57 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Química) - Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

GONÇALVES, P. S.; ORTOLANI, A. A; CARDOSO, M. **Melhoramento Genético da Seringueira**: Uma revisão, 1997, 55 p.

GUERRA, A. T. **Estudo geográfico do Território do Acre**. Rio de Janeiro: IBGE, 1955.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Brasil, Acre, Assis Brasil.** Panorama. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/assis-brasil/panorama>. Acesso em: 14 mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Monitoramento da Cobertura e Uso da Terra do Brasil 2014-2016**. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 2018. 32 p.

INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS FLORESTAIS. ***Ocotea odorífera***. Piracicaba, São Paulo. 2019. Disponível em: <https://www.ipef.br/identificacao/nativas/detalhes.asp?codigo=39>. Acesso em: 28 mai. 2019.

JACOBI, P. R.; FRACALANZA, A. P. **Comitês de Bacias Hidrográficas no Brasil - Desafios de fortalecimento da gestão compartilhada e participativa**. Meio Ambiente e Desenvolvimento, p.11-12, 2005.

KUNTSCHIK, D. P.; EDUARTE, M.; UEHARA, T. H. K. **Matas ciliares**. Secretaria do meio ambiente (SMA). São Paulo. 2ª Ed. 2014. (7 Caderno de Educação ambiental). Coordenadoria de biodiversidade e recursos naturais.

LATUF, M. O. **Modelagem hidrológica aplicada ao planejamento dos recursos hídricos na bacia hidrográfica do rio Acre**. 2011, 240 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

LEAO, N. V. M.; FREITAS, A. D. D.; CARRERA, R. H. A. 2008. **Pau-de-balsa *Ochroma pyramidale* (Cav. ex Lamb.) Urban.** Informativo Técnico Rede de Sementes da Amazônia. N. 13. Disponível em: <http://rsa.ufam.edu.br:8080/sementes/especies/especies.jsp>. Acesso em: 20 mai. 2019.

LIMA, E. **Fenologia de espécies florestais com maior IVI-Mata Ciliar em Rio Branco e Epitaciolândia, Acre.** 2011. 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) - Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2011.

LIMA, H. C. **Pterocarpus**. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013.

LIMA, W. P. **Hidrologia florestal aplicada ao manejo de bacias hidrográficas**. Piracicaba: ESALQ; 2008.

LIMA, W. P.; FERRAZ, S. F. B.; FERRAZ, K. M. P. M. **Interações bióticas e abióticas na paisagem**: uma perspectiva eco-hidrológica. In: CALIJURI, M. C.; CUNHA, D. G F. (Ed.) Engenharia ambiental conceitos tecnologia e gestão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. p. 215-44.

LOPES, G. L. ***Sapium glandulosum* (L.) Morong Pau-de-leite, leiteiro**. 2018. Compêndio Online Gerson Luiz Lopes (Laboratório de Manejo Florestal). Disponível em: <https://sites.unicentro.br/wp/manejoflorestal/8535-2/>. Acesso em: 25 mai. 2019.

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil**. Vol 1. Nova Odessa: Plantarum, 1992.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil** 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000.

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil.** Vol 3. Nova Odessa: Plantarum, 2009.

LUZ, E. O. V. ***Socratea exorrhiza*: potencial bioativo e teores de fenóis e flavonoides.** 2012, 105 p. Dissertação (Mestrado em Bioprospecção) - Centro de Recursos Naturais, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2012.

MARTINS-DA-SILVA, R. C. V.; HOPKINS, M. J. G.; THOMPSON, I. S. 2003. **Identificação botânica na Amazônia: situação atual e perspectivas**. Belém, Embrapa Amazônia Oriental. (Documento 169). 2003, 81 p.

MARTO, G. B. T.; MÜLLER, P. H. ***Hevea brasiliensis* (Seringueira).** Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais. Piracicaba, São Paulo. Disponível em: <https://www.ipef.br/identificacao/hevea.brasiliensis.asp>. Acesso em: 24 mai. 2019.

MARTO, G. B. T.; MÜLLER, P. H. ***Tabebuia heptaphylla* (Ipê-roxo).** Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais. Piracicaba, São Paulo. Disponível em: <https://www.ipef.br/identificacao/tabebuia.heptaphylla.asp>. Acesso em: 16 mai. 2019.

MELO, A. C. G.; MIRANDA, D. L. C.; DURIGAN, G. Cobertura de copas como indicador de desenvolvimento estrutural de reflorestamentos de restauração de matas ciliares do Médio do Paranapanema. **Revista Árvore**, São Paulo, v.31, n.2, p.321-328, 2007.

MELO, M. G. G. **Frutos, sementes e desenvolvimento plântular de três espécies de *Parkia* R. Br. (Fabaceae-Mimosoideae): uma abordagem morfoanatômica, histoquímica e tecnológica**. 2011, 180 p. Tese (Doutorado em Agronomia Tropical) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

MENDES, A. M. S.; MENDONÇA, M. S.Tratamentos pré-germinativos em sementes de araçá-boi (*Eugenia stipitata*). **Revista Brasileira de Fruticultura**, 2012. 34, 921–929.

MENEZES, B. C. **Catálogo de espécies florestais com maior IVI-Mata Ciliar do Rio Acre – Município de Epitaciolândia – Acre – Brasil**. 2016. 67 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) - Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2016.

MITCHELL, J.D.; DALY, D.C. A revision of Spondias L. (Anacardiaceae) in the Neotropics, New York, 2015. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/281340520_A_revision_of_Spondias_L_Anacardiaceae_in_the_Neotropics>. Acesso em: 01 mai. 2019.

MORI, E. S.; PINÃ-RODRIGUES, F. C. M.; FREIRAS, N. P.; MARTINS, R. B. **Sementes florestais:** guia para espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012, 159 p.

NEGREIROS, J. M. M.; FEITOSA, A. A. N.; OLIVEIRA, S. S.; FERREIRA, J. B.; NASCIMENTO, G. O. Superação de dormência em sementes de *Schizolobium amazonicum* Ducke. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 11, n. 22, p. 263. 2015.

NEVES, E. J. M.; MARTINS, E.; SANTOS, A. F. **Potencialidade de *Ceiba pentandra* (L.) Gaertn. para plantios na Amazônia brasileira.** Embrapa Florestas-Documentos (INFOTECA-E). 2003. 24 p.

NIN, C. S.; RUPPENTHAL, E. L.; RODRIGUES, G. G. Vegetação Ripária e suas Funções Ecológicas Referentes à Produção de Folhiço em Cursos de Água, São Francisco de Paula, RS. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, jul. 2007. p. 861-863.

NOVELLI, D. S. **Estaquia e enxertia de frutíferas da Amazônia.** 2017, 83 p. Tese (Doutorado em Produção Vegetal) - Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2017.

OLIVEIRA, A. T. S. **Largura técnica da mata ciliar do rio Acre em seu trecho acreano.** 2013, 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) - Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.

OLIVEIRA, L. R.; LIMA, S. F.; LIMA, A. P. L. Crescimento de mudas de cedro-rosa em diferentes substratos. **Pesquisa Florestal Brasileira**, 34:187-195. 2014.

PACHECO, M.V.; MATOS, V, P.; FERREIRA, R. L. C.; FELICIANO, A. L. P. Germinação de sementes de *Apeiba tibourbou* Aubl. em função de diferentes substratos e temperaturas. **Scientia Forestalis**, v.19, n.73, p.19-25, 2007.

PAINE, L. K.; RIBIC, C. A. Comparison of riparian plant communities under four land management systems in southwestern Wisconsin. **Agriculture Ecosystems Environment:** 92: 93-105, 2002.

PASTANA, D.; ISACKSSON, J.; COSTA, J.; LIRA-GUEDES, A. C.; GUEDES, M. 2017. **Germinação e desenvolvimento de plântulas de *Hevea brasiliensis* Willd ex A. Juss.) Müll. Arg. (Euphorbiaceae)**. In Embrapa Amapá-Resumo em anais de congresso (ALICE). In: JORNADA CIENTÍFICA DA EMBRAPA AMAPÁ, 3., 2017, Macapá. Resumos... Macapá: Embrapa Amapá, 2017.

PEREIRA, M. S. Manual técnico: conhecendo e produzindo sementes e mudas da caatinga.Fortaleza: **Associação Caatinga**, 2011. 86 p.

PEREIRA, M. P. R.; TENENWURCEL, M. A.; SILVA, E. F.; COSTA, A. M. **Participação popular nos comitês de bacia hidrográfica. Do discurso a prática na sub bacia do Ribeirão Jequitibá-MG**. Simpósio Nacional de Geografia e Gestão Territorial e Semana Acadêmica de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, v. 1, p. 492-502, 2018.

PILATI, R.; ANDRIAN, I. F.; CARNEIRO, J. W. P. Desempenho germinativo de sementes de *Cecropia pachystachya* Trec. (Cecropiaceae), recuperadas do trato digestório de Doradidae, *Pterodoras granulosus* Valenciennes, 1833, da Planície de inundação do Alto Paraná. **Interciência**, v. 24, n. 6, p. 381-388, 1999.

PORTO, M. F. A.; PORTO, R. L. L. **Gestão de bacias hidrográficas**. Estudos Avançados, v.22, p.43-60, 2008.

PROCÓPIO, L. C. **Auto-ecologia de espécies de *Couratari* (lecythidaceae):** uma abordagem para o manejo e conservação. 2010, 144 p. Tese (Doutorado Biologia (Ecologia)) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2010.

PRODES: **MONITORAMENTO DA FLORESTA AMAZÔNICA BRASILEIRA POR SATÉLITE**. 2017. Disponível em: http://www.obt.inpe.br/prodes/index.html. Acesso em: 14 mar. 2019.

QUEIROZ, J. A. L.; MOCHIUTTI, S. **Plantio de açaizeiros**. Macapá-AP. Embrapa Amapá. 8 p, 2001 (Comunicado técnico 55).

RAMIREZ, N. **Revision Taxonomica del Genero Alexa Moq. (Fabaceae, Sophoreae)**. Annals of the Missouri Botanical Garden 4: 549-569, 1995.

RANZI, C. M. D. **Raízes do Acre.** Rio Branco: EDUFAC, 2008. 331 p.

FLORA DO BRASIL 2020 EM CONSTRUÇÃO. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://floradobrasil.jbrj.gov.br/ >. Acesso em: 25 Jun. 2019.

REVILLA, J. **Plantas úteis da Bacia Amazônica**. Manaus: INPA; SEBRAE-AM, 2002. 454 p.

REGIS, A. C. D. **Aspectos morfológicos, anatômicos e bioquímicos intrínsecos ao desenvolvimento e dispersão de sementes e estabelecimento de plântulas de *Eschweilera ovata* (Cammbess.) Miers. Lecythidaceae.** 2008, 64 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Biomonitoramento) – Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ROCHA, E. C. **Qualidade de sementes de três espécies arbóreo – arbustivas da Floresta Ombrófila Mista**. 2013, 109 p. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal) – Centro de Ciências Agroveterinárias, Universidade do Estado de Santa Catarina, Lages, 2013.

RODRIGUES, E.; PAIVA, A. **Da floresta:** 100 artigos. Rio Branco: editora do autor, 2018. 264 p.

RODRIGUES, E et. al – **Ciliar Só-Rio: mata Ciliar no Rio Acre**. Rio Branco: CNPq/UFAC, 2013. 240 p.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. **As Matas de Galeria no Contexto do Bioma Cerrado** In: RIBEIRO, J.; FONSECA, CEL; SILVA, J.C.S (org.) Cerrado: Caracterização e Recuperação de Matas de Galeria –PLANALTINA- EMBRAPA - 2001.

SAMPAIO, B. D. S. **Análise das Áreas de Preservação Permanentes e do Uso da Terra na UGRHI–Pontal do Paranapanema**: uma ênfase na bacia do Ribeirão Vai e Vem, Santo Anastácio-SP. XVII Encontro Nacional de Geógrafos. 24-30 de julho de 2016. São Luís, Maranhão. Disponível em: < http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468275031_ARQUIVO_B.Sampaio-Trab.Eng-2016.pdf>. Acesso em: 08 de mar. 2019.

SANTANA, W. M. S., SILVA-MANN, R., FERREIRA, R. A., ARRIGONI-BLANK, M. F., BLANK, A., PODEROSO, J. C. M. Morfologia de flores, frutos e sementes de pau-pombo (Tapirira guianensis Aublet. - Anacardiaceae) na região de São Cristóvão, SE, Brasil. **Scientia Forestalis** 37: 47-54. 2009.

SANTAMARÍA-AGUILAR, D.; VILLALOBOS, N. Z.; FERNÁNDEZ, R. A. Sinopsis del género Laetia (Salicaceae) en Mesoamérica y la descripción de una nueva especie. **Phytoneuron**., v. 2015, n. 15, p. 1-19, 2015.

SANTIN, D. A. **Revisão taxonômica do gênero *Astronium* Jacq. e revalidação do gênero *Myracrodruon* Fr. Allem. (Anacardiaceae).** 1989, 187 p. Dissertação (Mestrado em Biologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

SANTOS, D. S.; SPAROVEK, G. Retenção de sedimentos removidos de área de lavoura pela mata ciliar, em Goiatuba (GO). **Revista Brasileira Ciência do Solo**, 35: p. 1811-1818, 2011.

SANTOS, J. G. D. **Germinação e desenvolvimento da plântula de murumuru (*Astrocaryum murumuru* Mart.).** 2015, 56 p. Dissertação (Mestrado em Agricultura no Trópico Úmido) – Programa de Pós-Graduação em Agricultura no Trópico Úmido, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2015.

SANTOS, O. A. **Taxonomia e Hipótese Filogenética da seção *Americana*, subgênero *Urostigma*, gênero *Ficus* (Moraceae)**. 2010, 112 p. Tese (Doutorado em Fisiologia Vegetal, Fitogeografia, Sistemática e Taxonomia Vegetal) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia, Manaus, 2010.

SCHLEIER, R.; QUIRINO, C. S.; RAHME, S. *Erythrina mulungu*: descrição botânica e indicações clínicas a partir da antroposofia. **Revista Arte Médica Ampliada**, v. 36, n. 4, p. 162-167, 2016.

SILVA, S. S. **Contribuição ao Estudo Morfo-Anatômico de espécies de *Micropholis* (Griseb.) Pierre (Sapotaceae. Juss) no Estado do Pará.** 2004, 115 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2004.

SILVA JÚNIOR, M. C.; PEREIRA, B. A. S. **100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria**: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009, 288 p.

SOUZA, C. E. M. D. 2016. **Composição florística e estrutura vegetacional da mata ciliar de um remanescente florestal em Paraguaçu Paulista, SP**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/138036>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SOUZA, C. R.; LIMA, R. M. B.; AZEVEDO, C. P.; ROSSI, L. M. B. **Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.)**. Embrapa Amazônia Ocidental, 2006. 26 p. (Documentos 48).

SHANLEY, P.; MEDINA, G. Frutíferas e plantas uteis na vida amazônica. Belém, CIFOR, 2005.

TEIXEIRA, D. F. F.; SIQUEIRA, B. S.; CATTANIO, J. H. Importância da Aninga (*Montrichardia linifera*) na retenção de sedimentos na Baia do Guajará, PA**. Revista de estudos ambientais**, Belém- PA, v. 16, n. 2, p. 6-19, 2014. Disponível em: <proxy.furb.br/ojs/index.php/rea/article/viewFile/4357/3006>. Acesso em: 09 mar. 2019.

TRINDADE, M. J. S.; LAMEIRA, O. A. Espécies úteis da família Euphorbiaceae no Brasil. RCPM (**Revista Cubana de Plantas Medicinales**) 19, 292-309, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE. **20 espécies de maior valor de importância da mata ciliar da bacia hidrográfica do rio Acre**. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2011. 8 p.

VASCONCELOS, M. C.; MOREIRA, F. J. C.; MESQUISTA, M. L. S.; NETO, L. P.; SOUZA, M. C. M. R. Caracterização morfobiométrica de frutos e sementes e superação da dormência em coronha (*Acacia farnesiana*). **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**. 2015.

ZERPA, D. **Comportamento meiótico de la descendência hibrida producida al transferor El character bisexual de *C. pubescens e C. stipulata***. Ver. Fac. Agronomia, Maracay, Venezuela, v.1, n.4, p.5-47, 1980.

7. APÊNDICES

APÊNDICE A: Lista de espécies florestais da mata ciliar da bacia do rio Acre.

Nº	FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	Assis Brasil	Brasiléia	Capixaba	Epitaciolândia	Porto Acre	Rio Branco	S. Guiomard	Xapuri
1	ANACARDIACEAE	*Anacardium giganteum* Hancock.	cajuí								X
2	ANACARDIACEAE	*Astronium lecointei* Ducke.	muiracatiara		X					X	
3	ANACARDIACEAE	*Spondias lutea* L.	cajá			X				X	
4	ANACARDIACEAE	*Spondias mombin* L.	taperebá						X	X	
5	ANACARDIACEAE	*Spondias testudinis* Mitchell & Daly	cajarana								X
6	ANACARDIACEAE	*Tapirira guianensis* Aubl.	pau-pombo						X		
7	ANNONACEAE	*Onychopetalum lucidum* R. E. Fries	envira-cajú		X						
8	ANNONACEAE	*Rollinia exsucca* (Dun.) DC.	ata-brava	X			X				
9	APOCYNACEAE	*Aspidosperma vargasii* A. DC.	amarelão			X		X			X
10	APOCYNACEAE	*Tabernaemontana* sp.	grão-de-galo					X			
11	ARALIACEAE	*Didymopanax morototoni* Dcne et Planch.	morototó	X	X			X			X
12	ARECACEAE	*Astrocaryum murumuru* Mart.	murmuru		X	X	X		X	X	X
13	ARECACEAE	*Attalea butyracea* (Mutis ex. L. F.) Gaertn.	jaci	X		X	X	X			
14	ARECACEAE	*Attalea phalerata* Mart. Ex Spreng.	ouricurí		X	X	X	X	X	X	X
15	ARECACEAE	*Copernicia prunifera* (Miller.) H. E. Moore.	carnaubinha			X					
16	ARECACEAE	*Euterpe precatoria* M.	açaí-solteiro					X			
17	ARECACEAE	*Maximiliana maripa* (Aubl.) Drude	inajá		X						
18	ARECACEAE	*Phytelephas macrocarpa* Ruiz et Pav.	jarina						X		
19	ARECACEAE	*Socratea exorrhiza* Mart.	paxiúbinha				X				X
20	BIGNONIACEAE	*Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toleto	ipê-roxo						X	X	
21	BOMBACACEAE	*Ceiba pentandra* (L.) Gaertn.	samaúma-rosa				X			X	
22	BOMBACACEAE	*Ceiba samauma* (Mart.) K. Schum.	samaúma-preta					X			
23	BOMBACACEAE	*Ochroma pyramidale* Urb.	algodoeiro	X		X	X				X
24	BORAGINACEAE	*Cordia alliodora* (R. F.) Chaw.	freijó	X						X	
25	CAESALPINIACEAE	*Bauhinia* sp.	capa-bode			X					

26	CAESALPINIACEAE	*Copaifera multijuga* Hayne.	copaíba-preta								X
27	CAESALPINIACEAE	*Hymenaea oblongifolia* Hub.	jutaí							X	
28	CAESALPINIACEAE	*Schizolobium amazonicum* Hub.	paricá	X							
29	CARICACEAE	*Carica microcarpa* (Jacq.)	mamuí	X							X
30	CECROPIACEAE	*Cecropia leucocoma* Miq.	embaúba-branca	X		X	X	X	X	X	
31	CECROPIACEAE	*Cecropia sciadophylla* Mart.	embaúba-vermelha			X					
32	CECROPIACEAE	*Pourouma* sp.	embaúba-torem	X					X		
33	CHRYSOBALANACEAE	*Hirtella* sp.	caripé		X					X	
34	COMBRETACEAE	*Terminalia* sp.	mirindiba-branca			X	X		X	X	
35	EUPHORBIACEAE	*Hevea brasiliensis* Muell. Arg.	seringueira		X	X					
36	EUPHORBIACEAE	*Hura crepitans* L.	açacu			X					X
37	EUPHORBIACEAE	*Sapium marmieri* Hub.	burra-leiteira	X	X						X
38	EUPHORBIACEAE	*Sapium* sp.	seringarana						X		
39	FABACEAE	*Alexa grandiflora* Ducke.	melancieira			X					
40	FABACEAE	*Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd.	cumaru-ferro				X				
41	FABACEAE	*Erythrina mulungu* Mart. ex Benth.	mulungu-de-capoeira	X							
42	FABACEAE	*Ormosia* sp.	feijão-bravo					X			
43	FABACEAE	*Pterocarpus rohrii* Vahl.	pau-sangue				X				
44	FABACEAE	*Torresea acreana* Ducke.	cerejeira				X				
45	FLACOURTIACEAE	*Banara nítida* Spruce ex Benth.	cabelo-de-cotia		X						
46	FLACOURTIACEAE	*Casearia gossypiosperma* Briq.	laranjinha					X			
47	FLACOURTIACEAE	*Laetia procera* (Poepp.) Eichl.	pau-jacaré				X	X			
48	LAURACEAE	*Ocotea myriantha* (Meisn.) Mez.	louro-abacate				X				
49	LAURACEAE	*Ocotea odorífera* (Vell.) Rohwer	louro-cheiroso		X						X
50	LECYTHIDACEAE	*Couratari macrosperm*a A. C. Sm.	tauari		X						
51	LECYTHIDACEAE	*Couroupita guianensis* Aubl.	engana-macaco		X						
52	LECYTHIDACEAE	*Eschweilera odorata* Ruiz et Pav.	castanharana							X	X
53	MELIACEAE	*Carapa guianensis* Aubl.	andiroba					X			
54	MELIACEAE	*Cedrela odorata* L.	cedro-rosa				X				
55	MELIACEAE	*Guarea* sp.	jitó	X							
56	MIMOSACEAE	*Acacia polyphylla* A. DC.	quari-quara-boliviana			X					
57	MIMOSACEAE	*Acacia* sp.	espinheiro				X				X
58	MIMOSACEAE	*Albizia* sp.	faveira amarela	X				X			

59	MIMOSACEAE	*Inga* sp1.	ingá-ferro					X	X		
60	MIMOSACEAE	*Inga* sp4.	Ingá-seco							X	
60	MIMOSACEAE	*Parkia velutina* Benoist	angico-pé-de-arara		X						
61	MORACEAE	*Brosimum acutifolium* Hub.	mururé			X					
62	MORACEAE	*Brosimum alicastrum* Sw.	inharé			X	X		X		
63	MORACEAE	*Brosimum* sp.	pama-vermelha						X		
64	MORACEAE	*Brosimum uleanum* Mildbr.	manitê						X		
65	MORACEAE	*Ficus frondosa* S. Moore	apuí-amarelo				X	X	X		
66	MORACEAE	*Ficus gameleira* Standl.	gamelinha	X	X						
67	MORACEAE	*Ficus* sp1.	apuí-vermelho					X	X		
68	MORACEAE	*Ficus* sp2.	gameleira	X					X		
69	MORACEAE	*Ficus* sp3.	gameleira-dura					X			
70	MORACEAE	*Maclura tinctoria* (L.) D. Don ex Steud.	tatajuba		X						
71	MORACEAE	*Perebea* sp.	pama-mão-de-gato								X
72	MORACEAE	*Pseudolmedia mururé* Standl.	pama-amarela			X			X	X	
73	MYRISTICACEAE	*Virola pavonis* A. C. Sm.	ucuúba							X	
74	MYRTACEAE	*Eugenia* sp.	araçá		X						
75	NYCTAGINACEAE	*Neea* sp.	joão-mole							X	
76	PHYTOLACACEAE	*Gallesia gorazema* Moq.	pau-alho							X	
77	POLYGONACEAE	*Triplaris* sp.	taxi-do-baixo							X	
78	RHAMNACEAE	*Colubrina acreana*	capoeiro								X
79	RUBIACEAE	*Alseis* sp.	quari-quara-branca	X							
80	RUBIACEAE	*Calycophyllum spruceanum* Benth.	mulateiro					X		X	
81	RUBIACEAE	*Genipa americana* L.	jenipapo		X						
82	RUTACEAE	*Zanthoxylum rhoifolium* Lam.	limãozinho	X				X		X	
83	SAPOTACEAE	*Micropholis cylindrocarpa* (Poepp. & Endl.) Pierre	abiú-letra			X	X	X			X
84	SAPOTACEAE	*Pouteria* sp3.	abiú-rosa						X		
85	SIMAROUBACEAE	*Simarouba amara* Aubl.	marupá-preto					X			
86	STERCULIACEAE	*Guazuma* sp.	mutamba	X	X						
87	STERCULIACEAE	*Sterculia pruriens* Aubl.	xixá			X					X
88	TILIACEAE	*Apeiba echinata* Gaertn	pente-de-macaco	X	X		X				
89	URTICACEAE	*Fleurya aestuans* L.	urtiga	X							

Fonte: Adaptado de FARIAS (2011) e RODRIGUES et al., (2013).